

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Gianluca Florenzano

O jogo das ruas: movimento de atletas contra o racismo

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo
2023



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Secretária Acadêmica de Pós-Graduação

Gianluca Florenzano

O jogo das ruas: movimento de atletas contra o racismo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob orientação da professora Vera Lúcia Michanally Chaia.

São Paulo

2023

Aprovação da Banca Examinadora

Banca Examinadora

FUNDASP

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Bolsa de Estudos da FUNDASP.

Agradecimentos

Agradeço a meus familiares, José Paulo Florenzano, Margarete Braz da Silva Florenzano e Giulia Catariana Florenzano, que durante toda minha vida deram todo o apoio possível para que pudesse alcançar meus sonhos.

Agradeço a todos os meus amigos. Com certeza o apoio de vocês é fundamental e faz toda a diferença na minha vida.

Agradeço, em especial, a minha orientadora, Vera Lúcia Michalany Chaia, que me deu confiança e todo o apoio preciso para que eu pudesse realizar esse trabalho.

Aproveito e agradeço ao professor, Laurindo Leal Filho, e a professora, Rosemary Segurado, por terem participado como avaliadores da minha banca e contribuído para o desenvolvimento da pesquisa.

Bem como, agradeço também aos professores, Plínio José Labriola de Campos Negreiros e Mariza Martins Furquim Werneck, por se disponibilizaram a serem suplentes em minha banca.

Por fim, agradeço a todos os professores e demais funcionários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que fizeram parte do meu processo de aprendizagem.

Resumo

Dia 25 de maio de 2020. Os Estados Unidos entram em ebulição. Manifestantes, sejam eles negros ou brancos, homens, mulheres e crianças tomam conta do país. A revolta dos estadunidenses, rapidamente, se espalha para o planeta. O mundo, que naquela altura encontrava-se paralisado por conta da pandemia da COVID-19, via multidões saírem de suas casas, enfrentarem de peito aberto o contágio do vírus e marcharem pelas ruas. O motivo do protesto: o assassinato brutal de um homem afro-estadunidense pelas mãos da polícia. Na visão das autoridades, o que deveria ser mais um simples caso de mais um negro qualquer morto, para muitos, era o sinal de basta. O corpo sem vida de George Perry Floyd Jr. estendido no meio da rua e em plena luz do dia se tornou o símbolo de uma revolução. Um levante antirracista global havia emergido.

O esporte, uma das principais ferramentas de mobilização social, não poderia ficar de fora desta luta. Com as ruas clamando pelo fim do racismo, os atletas, ao menos aqueles ligados ao campo progressista, passaram a se manifestar. Porém, não se restringiram a publicações protocolares nas redes sociais. Pelo contrário, os atletas entraram de corpo e alma na luta pela causa negra. Além de marcharem lado a lado com as multidões, nos EUA, muitos deles criaram e promoveram iniciativas de combate à discriminação racial que impactaram torcedores, o ramo da publicidade e até mesmo o resultado da eleição presidencial de 2020. As ações dos jogadores dos EUA inspiraram atletas das mais diversas modalidades e nacionalidades. Mais do que nunca, a bandeira antirracista era levantada dentro do esporte. Em outras palavras, pelas quadras e arenas ao redor do mundo, incluindo no Brasil, um movimento de atletas contra o racismo se formava.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar o caso George Floyd e os protestos que ocorreram nos EUA e em outras regiões. Além disso, também estudaremos as iniciativas promovidas pelos atletas e o movimento de combate ao racismo que surgiu dentro do esporte. Por fim, falaremos sobre o Brasil, analisando o contexto político-social que o País vivia e como os jogadores brasileiros se posicionaram diante deste levante antirracista que emergia pelo globo.

Palavras-chave: esporte; atletas; racismo; redes sociais; poder;

Summary

May 25, 2020. The United States boils over. Protest, whether black or white, men, women and children take over the country. The revolt of the Americans quickly spread to the planet. The world, which at that point was paralyzed due the COVID-19 pandemic, saw people leaving their homes, facing the contagion of the virus with an open heart and walking to the streets. The reason for the protest: the brutal murder of another African-American man by the hands of the police. For the authorities, what was supposed to be just another case of just another black person killed, for many, was enough. The lifeless body of George Perry Floyd Jr. in the middle of the street and in broad daylight became the symbol of a revolution. A global anti-racist uprising emerged.

Sport, one of the main social mobilization tools, could not be left out of this fight. With the streets screaming for the end of racism, athletes, at least those in the progress field, began to get involved with the cause. However, they didn't restrict themselves to protocol posts on social medias. On the contrary, the athletes fight with body and soul for the black cause. More than marching side by side with the people, in the US, many of them created and promoted campaigns to combat racism that impacted fans, the advertising business and even the results of the 2020 presidential election. The American athletes campaigns inspired athletes of most modalities and nationalities. More than never, the anti-racism flag emerged within the sport. In other words, on courts and arenas around the world, including Brazil, a movement of the athletes against racism was taking shape.

Therefore, the objective of this research is to analyze the George Floyd case and the protest that happened in the US and other regions. In addition, we will study the campaigns promoted by the athletes and the movement against racism that emerged within sport. Also, we will talk about Brazil, analyzing the Brazilian politico and social context, and how the Brazilian players faced the anti-racism uprising that was emerging across the globe.

Key words: sport; athletes; racism; social media; power

Sumário

Introdução	9
 Capítulo 1 - O Começo de Tudo	
1.0 - O Capítulo 1.....	16
1.1 - O Caso George Floyd	16
1.2 - Minneapolis: A revolução começa	35
1.3 - A tomada das ruas	37
1.4 - À beira do caos?	47
1.5 - Donald Trump: Valente no Twitter, assustado na Casa Branca	54
1.6 - A revolta se espalha pelo mundo	67
 Capítulo 2 - A Luta Contra o Racismo no Esporte	
2.0 - O Capítulo 2	72
2.1 - Palavras não bastam	72
2.2 - O jogo volta, mas a luta continua	85
2.3 - As urnas nas quadras	99
2.4 - Palavras não ditas	107
2.5 - Os cavaleiros solitários - Lewis Hamilton e Bubba Wallace	128
2.6 - A luta é árdua e contínua	144
 Capítulo 3 - Brasil: Um Paraíso Tropical e Racial	
3.0 - O Capítulo 3	162
3.1 - Uma nação e seu mito	162
3.2 - Atletas vão à luta	186
3.3 - O jogo é contra o racismo	196
3.4 - Histórias, represálias e lutas no futebol brasileiro	207
 Conclusão – Punhos Erguidos	255
 Bibliografia	268

Introdução

Fim de uma vida. Começo de uma revolta. Imobilizado no chão de uma calçada, em Minnesota, nos Estados Unidos (EUA), e sem nenhum poder de reação, George Floyd, de 46 anos, via aos poucos a sua vida sendo tirada. Com a pouca força que lhe restava, ele implorava: “I can’t breathe” (“eu não consigo respirar”). Tudo isso em vão. Ignorando a súplica e os gritos desesperados das testemunhas que acompanhavam a cena ao seu redor, o então policial Derek Chauvin pressionou por cerca de 10 minutos o seu joelho esquerdo contra o pescoço do detido. Este era o fim da vida de Floyd que deixava cinco filhos e uma esposa.¹

A morte de Floyd fez acender o pavio de pólvora que colocaria os EUA em um estado de ebulição. Em mais de 75 cidades espalhadas pelo país, brancos e negros, homens, mulheres e crianças, marchavam pelas ruas clamando pelo fim da discriminação e opressão racial contra a comunidade negra.² Nas passeatas, gritos de guerra e faixas deixavam um claro recado às autoridades: “Black Lives Matter” (“Vidas Negras Importam”). Essas três palavras, “Black Lives Matter”, na verdade, davam nome a um dos principais movimentos antirracistas estadunidenses e global. O referido movimento surgiu após uma onda de revolta em Sanford, na Flórida, provocada pelo caso de Trayvon Martin, um jovem afro-estadunidense de 17 anos, que foi confundido com um criminoso e morto pelo vigilante voluntário George Zimmerman. Por mais que tenha despertado a fúria de boa parte da população local, no julgamento do caso, depois de alegar legítima defesa, Zimmerman foi absolvido.³ Depois do resultado do júri, em forma de protesto, a ativista comunitária, Alicia Garza, postou uma simples hashtag no Facebook: #blacklivesmatter. Este simples gesto, posteriormente, daria vida ao movimento Black Lives Matter (TAYLOR,2020,p.294/295).

¹ George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida, Redação BBC News Mundo, 31 de Maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>

² Fiery Clashes erupt between police and protesters over George Floyd death, The New York Times, 30 de maio de 2020.

³ Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida, bbcnewsbrasil.com, 23 de março de 2012. Disponível no link a seguir: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc.

Se viajarmos ainda mais no tempo, contudo, podemos perceber que a luta da comunidade negra contra a opressão e a discriminação vem de longa data. Nos anos de 1950, emergia em solo estadunidense o Movimento Pelos Direitos Civis, liderado pelo pastor e ativista, Martin Luther King Jr., que, baseado no princípio da não violência, lutava pelos direitos políticos e sociais dos negros. O surgimento do movimento, considerado à luz da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), escancarava ao mundo a incoerência dos EUA. Se por um lado, a superpotência batalhava no exterior contra japoneses e nazistas em nome dos valores democráticos; por outro lado, dentro de seu próprio território consolidava-se o racismo sistêmico, no qual mantinha os negros segregados em moradias precárias nos guetos e sob vigilância constante do aparato repressivo do Estado, isto é, a polícia (KEYSSAR,2000,p.339). Em termos mais claros, o Movimento Pelos Direitos Civis mostrava que era uma falácia o *american dream* (“o sonho americano”), um discurso apoiado na ideologia da meritocracia, que dizia, resumidamente, que qualquer um poderia ser bem-sucedido nos EUA desde que trabalhasse para isso. Mas, como a maioria dos negros poderia ser bem-sucedida vivendo em uma sociedade regada pela segregação e discriminação racial? Não à toa, Malcolm X argumentava que o *american dream*, na verdade, para a comunidade negra, era o *american nightmare* (“pesadelo americano”) (in TAYLOR,2020,p.27). Entretanto, havia um sonho que valeria a pena lutar. Em 1963, diante de milhares de pessoas, no episódio conhecido como Movimento da Marcha sobre Washington, Luther King, iniciou o seu discurso com a frase que até hoje impacta os corações e as mentes das pessoas ao redor do mundo: “I have a dream” (“eu tenho um sonho”). Um sonho que pregava o fim da segregação e clamava por justiça e igualdade racial (KEYSSAR,2000,p332/333/352/353). Este sim, o verdadeiro *american dream*.

Por mais que o Movimento Pelos Direitos Civis conquistou vitórias importantes, os negros ainda sofriam com a violência e repressão policial. Casos semelhantes ao de Trayvon Martin, como vimos mais acima, se repetiam ao longo dos anos nos EUA. Para citarmos apenas alguns, em 2014, um levante tomou conta das ruas da cidade de Ferguson, no estado de Missouri, depois que o jovem Michael Brown, de 18 anos, que estava desarmado, foi alvejado pelo menos seis vezes e morto pelas mãos da

polícia.⁴ Mais tarde, em 2015, era a vez da cidade de Baltimore, em Maryland, ver a ira de sua população ser despertada depois que Freddie Gray, de 25 anos, foi morto brutalmente por guardas. O jovem foi interpelado por supostamente fugir em uma bicicleta após fazer “contato visual” com as autoridades. Ele foi colocado com as mãos amarradas por fitas plásticas no chão de uma van da polícia sem cinto de segurança. Durante o trajeto à delegacia, ele bateu a cabeça e ficou desacordado. Quando finalmente chegou ao hospital, já era tarde demais. Mesmo depois de duas cirurgias, Gray não resistiu à abordagem truculenta e faleceu.⁵ O caso mais emblemático, todavia, vem a seguir. Em Staten Island, no estado de Nova York, em 2014, ao discutir com policiais durante uma abordagem, Eric Garner, de 46 anos, foi morto após sofrer um golpe no pescoço aplicado por um dos policiais. Imobilizado no chão da calçada, com o guarda segurando o seu pescoço, ele dizia: “I can’t breathe” (“eu não consigo respirar”).⁶ Sim, Garner tinha a mesma idade e disse exatamente as últimas palavras de Floyd antes de perder a sua vida.

Martin, Brown, Gray e Garner retratavam a opressão sofrida pela comunidade negra. Em compensação, o policial Derek Chauvin podia ser caracterizado como a face do aparato repressivo do Estado. Segundo a ativista estadunidense, Keeanga-Yamahatta Taylor, diariamente, os negros eram vítimas da violência policial, incluindo homicídio ou a sua tentativa. E o que era mais agravante. A maioria dos assassinatos cometidos pelas forças de segurança pública passava impune. De fato, para efeito ilustrativo, os agentes responsáveis pelas mortes de Martin, Brown, Gray e Garner não foram punidos – pelo menos não da maneira que mereciam – pelo sistema de justiça. Além do mais, quando não mortos, uma parcela significativa da população afro-estadunidense encontrava-se atrás das grades. Para se ter uma ideia, nos EUA, os negros eram encarcerados numa proporção seis vezes maior do que brancos (2020,p.28/29). Dessa maneira, ainda de acordo com Taylor,

⁴ O jovem negro morto recebeu pelo menos seis disparos de um policial, por Joan Faus, El País, 18 de agosto de 2014. Disponível no link a seguir: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/18/internacional/1408393124_372696.html.

⁵ A brutal morte de Freddie Gray por policiais nos EUA, por Giovanna Gomes, uol.com.br, 13 de janeiro de 2021. Disponível no link a seguir: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-brutal-morte-de-freddie-gray-por-policiais-nos-eua.phtml>.

⁶ Passo a passo da prisão de Garner, oglobo.com. Disponível no link a seguir: <https://oglobo.globo.com/mundo/passos-da-prisao-de-eric-garner-14735161>.

a excessiva e sistemática prisão de pessoas negras, e de homens negros em particular, tem confundido raça com risco e criminalidade - o que legitima a inspeção minuciosa nas comunidades negras, bem como as consequências dessas inspeções (2020,p.29).

A morte de George Floyd, contudo, tomaria caminhos diferentes. Um levante antirracista, impulsionado pela crise de saúde e econômica provocada pela pandemia da COVID-19,⁷ não permitiria que Chauvin ficasse livre do crime que cometeu. Um dia atrás do outro, marchas, organizadas pelas redes sociais, aconteciam nas principais cidades do país. Além disso, viajando através das ondas da internet, não demoraria muito para que o levante alcançasse novos ares. Movidos pelos sentimentos de compaixão, solidariedade e indignação, Londres, Paris, Roma, Madrid, Karachi (Paquistão) e Pretória (África do Sul), apenas para mencionar alguns lugares, viram suas populações irem às ruas e protestar pelo fim do racismo e da violência policial. Gritos de “sem justiça, sem paz”, “vocês racistas são terroristas” e “eu não consigo respirar” ecoaram mundo afora.⁸

Não há dúvidas de que a internet foi peça-chave para que atos antirracistas se espalhassem pelo globo. Na verdade, o universo eletrônico desempenha um papel ambíguo na sociedade. Para o sociólogo estadunidense, Douglas Kellner, a mídia tradicional constitui-se como um falso espaço democrático, pois, a princípio parece contemplar um leque bastante diverso de representações culturais, no entanto, ela seleciona os discursos que serão exibidos ou publicados, exaltando as falas que estão ligadas ao poder e, em contrapartida, marginaliza as narrativas das minorias sociais que de alguma maneira buscam confrontar os poderes das instituições

⁷ No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada a respeito de um surto de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. No dia 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas declararam que haviam descoberto um novo tipo de coronavírus responsável por causar a doença da COVID-19. Posteriormente, no dia 11 de março de 2020, a OMS classificou a COVID-19 como uma pandemia. Informações retiradas do site oficial da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Disponível no link a seguir: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

⁸ Artigo da France Presse “Após morte de George Floyd, onda de manifestações contra o racismo chega à Espanha e à Itália”, publicado no site G1, em 07 de Junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/07/apos-morte-de-george-floyd-onda-de-manifestacoes-contra-racismo-chega-a-espanha-e-a-italia.ghtml>

estabelecidas. Em outros termos, os meios de comunicação tradicionais podem ser entendidos como órgãos fiscalizadores de discursos que atuam para minar as falas de grupos sociais que vão de encontro às posições tradicionais e hegemônicas na sociedade (2001,p.86). Entretanto, os tempos são outros. Se antes, as pessoas recebiam informações e formavam suas opiniões quase que única e essencialmente por intermédio da mídia; agora, com o advento de novas tecnologias de comunicação, as regras do jogo mudaram, isto é, a imprensa tradicional não mais tem o controle absoluto das pautas a serem debatidas pela sociedade (CASTELLS,1999,p.367/370/374). Sendo assim, sob essa perspectiva, a internet caracteriza-se como um instrumento a ser utilizado pelos movimentos sociais para desfrutarem “da visibilidade, do espaço e da voz” que lhes são negados pela imprensa (SEGURADO in CHAIA, COELHO e CARVALHO,2015,p.203). Esta visão é corroborada por uma das maiores tenistas estadunidense de todos os tempos, Serena Jameka Williams, conhecida popularmente como Serena Williams. Em entrevista à revista *Vogue*, ao ser perguntada sobre as redes sociais, ela disse: “Agora, nós, como negros, temos uma voz”.⁹

O universo eletrônico, todavia, tem o seu lado sombrio. Não são apenas os movimentos sociais que, graças às mídias digitais, conseguem potencializar suas falas e catalisar apoiadores para as suas causas (SEGURADO in CHAIA, COELHO e CARVALHO,2015,p.214). Os grupos de extrema-direita têm demonstrado serem hábeis, ágeis e articulados em busca de seus objetivos políticos e ideológicos. Escondidos atrás da máscara do anonimato, segundo o sociólogo, Sérgio Henrique Hudson de Abranches, discursos de ódio, difamação e ataques ferozes contra adversários podem ser propagados livremente por indivíduos raivosos e milícias digitais ligadas à extrema-direita (in MELO *et al.*,2019,p.19). Aliás, essa mistura de ataques, fake news, isto é, notícias falsas, e discursos de ódio, muitas vezes disfarçados de *memes* divertidos, possibilitaram que líderes autoritários e de agenda ultraconservadora, tais como, Donald Trump nos EUA, Jair Bolsonaro no Brasil e Viktor Orbán na Hungria, conquistassem o poder. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que as redes sociais podem ser utilizadas pelos movimentos sociais; por outro

⁹ Serena Williams afirma ser desvalorizada como mulher negra no tênis, Sonia Elks, Agência Brasil, 06 de Outubro de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-10/serena-williams-afirma-ser-desvalorizada-como-mulher-negra-no-tenis>.

ângulo, elas se constituem como uma espécie de “terras sem-lei”, onde falas racistas, xenófobas, misóginas e homofóbicas circulam sem empecilhos e atingem uma parcela significativa da população. Este papel duplo e ambíguo que a internet desempenha observaremos ao longo de nossa pesquisa. Atletas ligados à causa negra, como por exemplo, Le Bron James, Lewis Hamilton e Colin Kaepernick transformaram as suas mídias sociais em palcos para que o debate e a luta contra o racismo pudesse ser aprofundado. Em contrapartida, também veremos a contraofensiva lançada pela extrema-direita, com indivíduos raivosos, pegando emprestadas as palavras de Abbramson, disparando ataques racistas contra os jogadores.

Sendo assim, a pesquisa encontra-se dividida em três partes. O Capítulo 1 consiste em analisar o caso de George Floyd. Iremos demonstrar como ele morreu e como foram os protestos antirracistas que ocorreram nos EUA e no resto do mundo. Além disso, o referido caso joga luz no problema do racismo estrutural que há anos assola a sociedade estadunidense. Desse modo, argumentaremos que o seu assassinato não foi uma casualidade infeliz e pontual provocada pela ação das forças de segurança pública, ao contrário, Floyd revela-nos a existência de uma engrenagem social, política e histórica montada para oprimir, marginalizar e segregar os afro-estadunidenses. Esta engrenagem, aliás, como também veremos neste capítulo, foi fomentada ainda mais quando o republicano Donald Trump se sentou na cadeira de presidente dos EUA em 2016.

Já no Capítulo 2 entraremos no universo do esporte. O capítulo tem como objetivo analisar as manifestações contra o racismo realizado pelos atletas das mais diversas modalidades esportivas dentro e fora das quadras e campos. No começo, iremos estudar as ações promovidas pelos jogadores estadunidenses, no entanto, no decorrer do capítulo também viajaremos para outras partes do mundo. Importante destacar, contudo, que não nos restringiremos às publicações protocolares, longe disso, demonstraremos as ações sociais promovidas pelos atletas e seus impactos na sociedade. Em contrapartida, temos a contraofensiva da extrema-direita. De certa forma, autorizados principalmente pelo trumpismo e pelo movimento do Brexit, iremos também abordar como os ataques racistas aos jogadores se intensificaram ao longo dos anos.

Por fim, no Capítulo 3, depois de viajarmos pelo globo, nossa pesquisa chega ao Brasil. Neste capítulo, analisaremos o contexto social e político brasileiro. A esta altura, o País vivia um cenário bastante conturbado. Além de ser assolado brutalmente pela pandemia do coronavírus, o Brasil via ao horizonte surgir a possibilidade de um golpe político liderado pelo então presidente Jair Bolsonaro. Na tentativa de evitar que o pior acontecesse, forças progressistas e democráticas, enfrentando o risco do contágio do vírus, foram às ruas. Assim sendo, um dos objetivos deste capítulo é demonstrar como foram e como os atos antirracistas ao redor do mundo influenciaram esses protestos. Além disso, também iremos retratar como foram as manifestações realizadas pelos atletas brasileiros, passando pelas mais diversas categorias esportivas, incluindo o universo do *eSports*, isto é, dos jogos eletrônicos, contra o racismo.

A pesquisa, importante salientarmos, tem como ponto de partida o dia 25 de maio de 2020 (dia da morte de George Floyd) e se encerra no dia 20 de abril de 2021 (dia do julgamento do policial Derek Chauvin). Em determinadas partes, no entanto, com o objetivo de esclarecer e enriquecer a análise e o nosso argumento, também analisaremos alguns casos que ocorreram fora do período mencionado acima. Além do mais, a pesquisa tem como base as matérias produzidas pelo jornal estadunidense *The New York Times* e o pelo brasileiro *Folha de S. Paulo*, veículos de grande circulação nacional em seus respectivos países. Também, na parte relacionada ao esporte brasileiro, boa parte da pesquisa foi embasada nas reportagens realizadas pelo site especializado em notícias de esporte *GloboEsporte.com* (também conhecido como Ge), que pertence ao Grupo Globo.

O aparato repressivo do Estado pode ter silenciado George Floyd para sempre. Entretanto, ele seria incapaz de conter um levante antirracista que percorreria o mundo todo.

Capítulo 1

O Começo de Tudo

1.0 - O Capítulo 1

O primeiro capítulo abordará o caso de George Floyd. Iremos demonstrar como ele morreu e como foram os protestos contra o racismo e a violência policial que ocorreram nos Estados Unidos e no resto do mundo após o seu falecimento. Além do mais, comprovaremos que a morte de Floyd não foi um ponto fora da curva. Pelo contrário, ela simbolizava uma política de racismo estrutural que historicamente oprime, marginaliza e segrega os afro-estadunidenses e que, de certa maneira, foi fomentada ainda mais quando o republicano e líder da extrema-direita dos EUA, Donald Trump, assumiu o poder.

1.1 – O caso George Floyd

Dia 25 de maio de 2020. Segunda-feira à tarde. Cidade de Minneapolis, Minnesota, Estados Unidos da América (EUA). A revolta tomou conta do mundo. Tudo começou com o que deveria ser uma simples abordagem policial. Os guardas Thomas Lane, Tou Thao, J. Alexander Kueng e Derek Chauvin¹⁰ foram convocados para atender um chamado em uma loja de conveniência localizada na esquina da East 38th Street com a Chicago Avenue South. Segundo o relato dos oficiais, um homem tentou realizar uma compra com cédulas falsas de dinheiro.¹¹ Ainda conforme as autoridades, em uma nota policial intitulada “Homem morre após incidente médico durante interação policial”, o suspeito foi encontrado sentado em cima do capô de um carro azul e “parecia estar intoxicado”. Ao ser interpelado, o homem entrou em conflito físico com os guardas que mesmo assim conseguiram imobilizá-lo. Depois de algemá-

¹⁰ Protests continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

¹¹ George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida, BBC News, 31 de Maio de 2020. Disponível no link a seguir :<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>.

lo, os agentes notaram que ele “parecia estar sofrendo de problemas médicos” e, por conta disso, chamaram uma ambulância ao local. Mais tarde, às 21h25, o Centro Médico Hennepin County informou que o suspeito havia falecido.¹²

A história contada acima, no entanto, não se desenrolou dessa maneira. Longe disso, o vídeo produzido e disseminado nas redes sociais por uma das testemunhas que acompanhavam a abordagem policial mostrava uma cena completamente diferente. O homem não “sofria problemas médicos”, ele foi assassinado.

O vídeo da testemunha mostrava um afro-estadunidense, de 46 anos, imobilizado e deitado de bruços no chão da calçada. O homem em questão era George Perry Floyd Jr. Nascido em Fayetteville, na Carolina do Norte, ele se mudou ainda pequeno para a cidade de Houston, no Texas. Criado no Third Ward, um dos bairros mais pobres e predominantemente de moradores negros da cidade texana, Floyd se destacava na região por conta de suas habilidades no futebol americano e no basquete durante a sua época de colegial. Entretanto, como a sua carreira no mundo do esporte não decolou, ele tentou se aventurar no ramo musical como cantor de hip-hop. Sua vida, contudo, por volta dos seus vinte e poucos anos, tomaria um rumo diferente. Floyd passaria boa parte de seu tempo atrás das grades em razão de crimes relacionados às drogas. Um deles, em 2004, por vender substâncias ilícitas, o que lhe custou 10 meses de detenção no presídio estadual. Mais tarde, seria preso novamente, dessa vez ficando quatro anos na cadeia após se declarar culpado de um assalto à mão armada. Pai de cinco filhos e buscando retomar a sua vida, depois de cumprir a sua sentença, ele se mudou para Minneapolis, onde conseguiu um emprego como segurança no restaurante Conga Latin Bristo, trabalhando lá por quatro anos, até ser mandado embora devido à crise econômica global provocada pela pandemia da COVID-19.¹³

A história de George Floyd, especialmente com o seu envolvimento no submundo das drogas, não era nenhuma peculiaridade. Ao contrário, em razão da

¹² ‘I can’t breathe’: 4 minneapolis officers fired after black man dies in custody, por Christine Hauser, Derrick Bryson Taylor e Neil Vigdor, The New York Times, 26 de maio de 2020.

¹³ George Floyd, from ‘I want to touch the world’ to ‘I can’t breathe’, por Manny Fernandez e Audra D. S. Burch, The New York Times, 4 de abril de 2021.

crescente dificuldade em encontrar empregos, muitos jovens negros residentes dos bairros pobres e segregados dos EUA, ou seja, os guetos, recorriam ao tráfico de drogas que, segundo o sociólogo francês, Loïc Wacquant, era o único setor econômico dessas regiões

em expansão e o principal empregador de jovens sem trabalho - o único tipo de negócio que estes conhecem de perto e para o qual podem começar a trabalhar a partir dos seis ou oito anos de idade. Além disso, é também o único setor em que a discriminação racial não é uma barreira (2008,p.42).

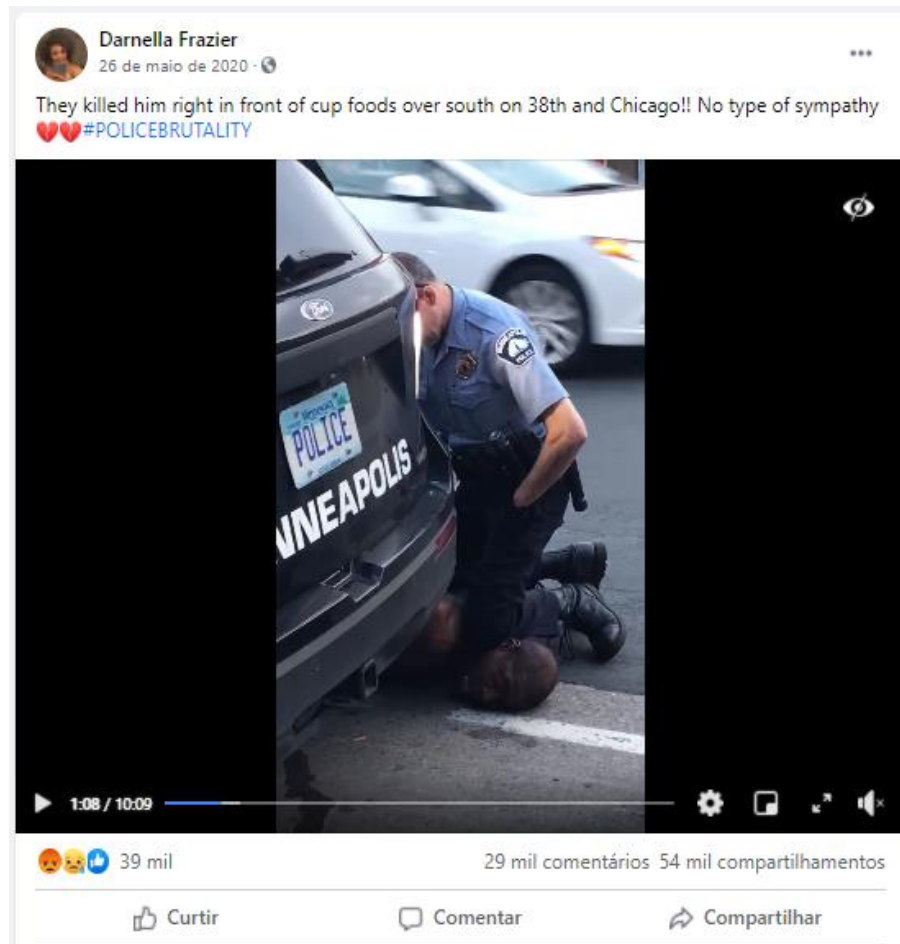
Sob esse prisma, nos bairros negros e segregados de East Harlem (Nova York), West Baltimore (Maryland), South Central (Los Angeles), dentre outros, a venda de entorpecentes, ainda de acordo com Wacquant, além de ser o primeiro e praticamente o único empregador regular de jovens afro-estadunidenses, também era responsável pelas altas taxas de encarceramento. Na verdade, a partir da década de 1980, com a substituição do Estado de bem-estar social voltado para programas de assistência pública para o Estado penal orientado para a repressão nos guetos, intensificaram-se as prisões em massa. Com efeito, houve um crescente número de todos os tipos de encarceramento: liberdade condicional, *probation*, monitoramento eletrônico, *boot camps* e toques de recolher, utilizados como forma de controle de parcela da população negra que se encontrava alijada do mercado de trabalho, vivendo sem qualquer perspectiva socioprofissional (2008,p.24/59). A substituição do Estado de bem-estar social pelo Estado penal se consolidou, segundo a ativista estadunidense, Keeanga-Yamahtta Taylor, através da campanha de “guerra às drogas” liderada pelo então presidente Ronald Wilson Reagan (1981-1989) que teve seu ápice em 1986 com a criação da Anti-Drug Abuse Act (Lei de Combate às Drogas). Dessa maneira, enquanto, por um lado, a população negra, especialmente as famílias das áreas mais pobres, sofria com a falta de oportunidades no mercado de trabalho e com os cortes orçamentários cada vez mais constantes dos frágeis programas de bem-estar social que, de certa forma, prestavam alguma assistência; por outro lado, cada vez mais recursos públicos eram destinados ao combate às drogas. Verdade seja dita, no entanto, não era apenas sob o comando dos republicanos que políticas que visavam, ou pelo menos tinham como consequência,

o encarceramento em massa dos negros eram implementadas. Na administração democrata de William Jefferson “Bill” Clinton (1993-2001), mais precisamente em 1994, a Violent Crime Control and Law Enforcement Act (Lei de Preservação da Ordem para o Controle de Crimes Violentos) que incluía o aumento da aplicação da pena de morte, sentenças de prisão perpétua para crimes não violentos, cem mil novos policiais nas ruas, uma eliminação arbitrária do financiamento federal para a educação dos detentos e, por fim, destinar US\$ 10 bilhões para a construção de novas prisões foi colocada em prática. Como resultado, no final do mandato de Bill Clinton, a taxa de encarceramento dos negros havia triplicado e os EUA prendiam proporcionalmente mais habitantes do que qualquer outro país do mundo. O reflexo dessa política, aliás, dura até os dias de hoje. Para efeito ilustrativo, em 2016, mais de um milhão de afro-estadunidenses estavam atrás das grades (TAYLOR,2016,p.29199/200/201/202). Não à toa, para a comunidade negra dos guetos, especialmente os mais jovens, a “face” do Estado mais familiar era “aquela do policial, do encarregado da liberdade condicional e do guarda da prisão” e, não por acaso, jovens negros encontravam-se mais nas prisões ou sob tutela judicial do que em cursos universitários com quatro anos de duração (WACQUANT,2008,p.24/59). O depoimento a seguir de um ex-líder da gangue que dominou a área de South Side, em Chicago, os Discípulos do Gângster Negro, nos anos de 1980, mostra como boa parte dos jovens dos bairros segregados via o sistema estadunidense:

Para muitos negros, pobres, a América é uma prisão. [...] A cadeia, a cadeia é só uma extensão da América, pelo menos para os negros. Mesmo na cadeia, os brancos têm os melhores empregos. É verdade! Eles dão para os brancos os empregos que pagam mais e dão para os negros os piores empregos da cadeia: limpar o porão, e todo tipo de coisa dura e maluca (in WANQUANT, 2008p.38).

Voltando ao encontro fatal. Apesar de já estar imobilizado no chão e não esboçar qualquer tipo de reação, o então policial Derek Chauvin pressionava constantemente o seu joelho contra o pescoço de George Floyd. Perdendo o ar aos poucos e desesperado, o detido suplicava pela sua vida: “I can’t breathe” (“Eu não consigo respirar”). Seu desespero era compartilhado pelas demais testemunhas que

também imploravam aos oficiais para pararem com a ação violenta. Tudo isso foi em vão. Ignorando completamente o clamor ao seu redor, Chauvin só retirou o seu joelho do pescoço de Floyd quando a ambulância chegou. Rapidamente, ele foi encaminhado ao hospital. Mas já era tarde demais. George Floyd já estava morto.¹⁴ A seguir imagem do vídeo compartilhado por uma das testemunhas mostrando o agente Derek Chauvin pressionando o seu joelho contra o pescoço de George Floyd:



Derek Chauvin violou por completo o código de conduta dos policiais. Sua atitude, na visão do ex-policia e professor de direito da Universidade da Carolina do Sul, Seth W. Stoughton, em entrevista ao jornal *The New York Times*, era incompreensível. De acordo com Stoughton, os agentes de segurança pública são treinados a manterem os suspeitos deitados enquanto são algemados o mais breve

¹⁴ 'I can't breathe': 4 Minneapolis officers fired after black man dies in custody, por Christine Hauser, Derrick Bryson Taylor e Neil Vigdor, *The New York Times*, 26 de maio de 2020.

¹⁵ Imagem retirada do Facebook de Darnella Frazier. Disponível no link a seguir: <https://www.facebook.com/100005733452916/posts/1425401580994277?sfns=mo>.

possível, pois esse tipo de posição pode provocar asfixia.¹⁶ A conduta de Chauvin, no entanto, não era incompreensível apenas para o professor. A opinião pública, de um modo geral, começava a pressionar as autoridades por uma explicação sobre o caso. Sendo assim, um dos primeiros a se pronunciar foi o então governador democrata de Minnesota (estado onde aconteceu a tragédia), Timothy James Walz, conhecido popularmente pelo apelido de Tim Walz, que prometeu obter “respostas” e “justiça”.¹⁷ Posteriormente, o então presidente republicano, Donald John Trump (2016-2020), classificou o episódio de “evento muito, muito triste”.¹⁸ A declaração mais incisiva, todavia, partiria do então prefeito democrata de Minneapolis, Jacob Lawrence Frey, que, um dia depois da fatalidade, em seu twitter, além de informar que os quatro guardas envolvidos no caso tinham sido demitidos, deixou a seguinte mensagem:

*Esse é o tipo de coisa em que você não esconde a verdade, você se debruça sobre ela, porque a nossa cidade ficará melhor com isso, não importa quão feio e horrível seja. Se isso aponta para o racismo institucional contra o qual ainda estamos lutando, bem isso significa que temos muito trabalho pela frente.*¹⁹

Sim, não há dúvidas de que havia muito trabalho a ser feito. A polícia de Minneapolis, por exemplo, possuía um longo histórico de acusações de abusos e discriminação. Inclusive, o então chefe da polícia, Medaria Arradondo, no começo de sua carreira, denunciou o departamento de segurança pública da cidade por tolerar o racismo. Ao assumir o cargo de chefe, Arradondo procurou efetuar mudanças estruturais e estabelecer um vínculo de confiança entre os guardas com a comunidade negra local.²⁰ Na prática, no entanto, as mudanças não surtiram o efeito

¹⁶ Bystander videos of George Floyd and others are policing the police, por Audra D. S. Burch e John Eligon, The New York Times, 26 de maio de 2020.

¹⁷ ‘I can’t breathe’: 4 Minneapolis officers fired after black man dies in custody, por Christine Hauser, Derrick Bryson Taylor e Neil Vigdor, The New York Times, 26 de maio de 2020.

¹⁸ Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, The New York Times, 27 de maio de 2020.

¹⁹ ‘I can’t breathe’: 4 Minneapolis officers fired after black man dies in custody, por Christine Hauser, Derrick Bryson Taylor e Neil Vigdor, The New York Times, 26 de maio de 2020.

²⁰ Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, The New York Times, 27 de maio de 2020.

esperado. A violência policial, contudo, não era uma particularidade de Minneapolis. Segundo Taylor,

não é exagero dizer que homens e mulheres de farda, patrulhando as ruas dos Estados Unidos, receberam licença para matar – e demonstraram consistentemente propensão a usá-la. A violência policial, incluindo homicídio e tentativa de homicídio, é frequentemente dirigida a afro-estadunidenses (2016,p.28).

Com efeito, a maioria dos negros, por um ângulo, compreendia a polícia como um aparato repressivo; por outro ângulo, boa parte dos policiais associavam os afro-estadunidenses, especialmente aqueles que moravam nas áreas mais pobres, com potenciais criminosos. Em termos mais claros, pode-se dizer que, sob uma perspectiva ampla, o racismo ainda imperava no meio dos agentes dos órgãos de segurança pública. Assim sendo, antes de qualquer coisa, precisamos elucidar esse conceito. Segundo o cientista político, Silvio Almeida, o racismo pode ser entendido como

uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (2019,p.32).

O racismo, portanto, caracteriza-se como uma forma sistemática de discriminação baseada na “raça” (entenda-se “raça” como uma construção social e histórica e não como uma categoria científica). Isso, por sua vez, nos conduz ao conceito de preconceito racial, que compreende-se como

o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias (ALMEIDA,2019,p.32).

Sob este ponto de vista, considerar os negros como violentos e inconfiáveis, como visto mais acima, de uma maneira geral, pelos agentes de segurança pública, corresponde a uma forma de preconceito racial. Entretanto, não era apenas na polícia que o racismo poderia ser encontrado, muito pelo contrário, ele estava presente em todas as esferas sociais. Dessa forma, entramos no conceito de discriminação racial. Ainda recorrendo às palavras de Almeida, entenda-se a discriminação racial como

o tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (2019,p.32).

A discriminação racial, ao longo do tempo, importante salientar, leva à *estratificação social*, um fenômeno *intergeracional*, no qual a vida de boa parte das pessoas de um determinado grupo social é afetada com a criação de obstáculos por parte dos segmentos dominantes que impedem, ou pelo menos dificultam a ascensão social, o reconhecimento e o sustento material deste grupo social (ALMEIDA,2019,p.32/33). A título de ilustração, pensemos na paisagem social de Minneapolis. Por mais que seja considerada uma cidade progressista, na eleição legislativa de 2017, por exemplo, dois transgêneros, Andrea Jenkins e Phillipe Cunningham, defendendo a bandeira da causa negra, foram eleitos como representantes para o Conselho da Câmara Municipal; ainda assim, o cenário, sob a ótica da comunidade afro-estadunidense local, era desalentador. A maioria dos negros, conforme os repórteres do *The New York Times*, Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Burch, em 2020, recebia um terço do que os moradores brancos ganhavam, completava o Ensino Médio em taxas bem menores, tinha mais chances de ficarem desempregados e vivia nas áreas mais pobres da metrópole.²¹ A paisagem social e desigual de Minneapolis, na verdade, equivalia-se ao horizonte nacional dos EUA. Como o racismo articula-se nos âmbitos das esferas econômica, política e da vida cotidiana, proporcionando privilégios a determinado grupo social em detrimento de outros, serviços e equipamentos públicos e privados, tais como, escolas, ônibus e

²¹ National guard called as Minneapolis erupts in solidarity of George Floyd, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Burch, The New York Times, 28 de maio de 2020.

hospitais, acabam, de certo modo, separados para brancos e negros (ALMEIDA,2019,p.34), isto é, por conta de sua condição financeira favorável, os brancos normalmente ingressam nas melhores escolas e frequentam os melhores hospitais da região; e, em compensação, os negros, em sua maioria, ficam relegados às escolas e hospitais públicos precários (isso sem contar quando a separação é formalizada nas letras das leis – **veremos mais adiante a respeito das Leis Jim Crow**). Logo, seguindo esta lógica, não era de se espantar que, salvo exceções, os brancos ocupassem os subúrbios de alta renda e os afro-estadunidenses morassem nos guetos das cidades.

Essa divisão econômica, social e urbana entre brancos e negros constitui-se no fenômeno histórico da segregação racial, presente até hoje nos EUA, no qual os guetos negros correspondem como um de seus principais símbolos. De acordo com Wacquant, há quem se engane que os guetos são meramente “um simples conglomerado de famílias pobres”, ou a expressão de condições sociais adversas, como por exemplo, “falta de renda, degradação das moradias ou criminalidade endêmica”. São bem mais do que isso. Eles são um “instrumento de enclausuramento e de poder etnorracial”, no qual uma população tida como perigosa é isolada e mantida sob controle (2008,p.65). Em outras palavras, os guetos são “a segregação forçada de negros norte-americanos em distritos compactos e degradados dos centros das cidades” (WACQUANT,2008,p.62/63). Formados a partir das grandes migrações de afro-estadunidenses dos estados do Sul ao Norte ocorridas na primeira metade do século XX e vivendo sob a vigilância constante da classe dominante branca, representada pelo aparato repressivo do Estado, os bairros pobres e segregados representam

uma verdadeira cidade negra dentro da cidade, com sua rede comercial, seus órgãos de imprensa, suas igrejas, suas sociedades de assistência mútua, seus locais de distração, sua vida política e cultural próprias (WACQUANT,2008,p.18/19).

Um mundo negro à parte dentro dos corações das metrópoles, as fronteiras dos guetos são claramente demarcadas pela mudança brusca de paisagem “de um bairro exclusivamente branco para outro totalmente negro sem a menor gradação”.

Em determinadas cidades, no entanto, verifica-se a existência de um bairro hispânico no meio que serve como uma espécie de “zona-tampão”. De fato, a segregação dos negros se revela tão ampla e difundida, atingindo praticamente todas as dimensões possíveis da divisão espacial e dos contatos entre os grupos sociais, que os demógrafos tiveram que forjar o termo “hipersegregação” para designá-la (WACQUANT, 2008,p.22). Com efeito, os guetos do Harlem (Nova York), South Side (Chicago) e Paradise Valley (Detroit) “nunca foram simples territórios de deterioração ecológica e de exclusão racial”. Eles foram – e continuando sendo – a expressão concreta de “uma relação de poder entre a sociedade branca dominante e sua casta negra subordinada”. Desse modo, valendo-se dos recursos do poder social, econômico e político, a elite branca buscava maximizar os lucros explorando uma mão-de-obra barata e abundantes nos guetos, ao mesmo tempo em que procurava minimizar os contatos, mantendo a segregação nos bairros, transportes, escolas e hospitais (WACQUANT,2008,p.65/66).

Ora, o local do trágico encontro entre George Floyd e o policial Derek Chauvin, a esquina da East 38th Street com a Chicago Avenue South, é um dos retratos dessa “hipersegregação”. Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, incentivado pelo governo federal e seus agentes locais e municipais, na tentativa de barrar a entrada dos afro-estadunidenses nos bairros brancos, várias casas, como por exemplo, as que circundam a referida esquina, possuíam em suas escrituras normas que impediam que negros as adquirissem ou morassem nelas. Essas barreiras imobiliárias que, perduraram por décadas, foram derrubadas judicialmente em 1968 (época do Movimento dos Direitos Civis) pela lei *Fair Housing Act*, que proibia a discriminação de moradia (WACQUANT,2008,p.25/26). Entretanto, isso não impediu que se estabelecesse um abismo econômico e urbano entre a comunidade branca e a negra. Para efeito ilustrativo, enquanto Floyd passou a sua vida em bairros pobres e perdia o seu emprego de segurança por conta da pandemia; Chauvin, por outro lado, além do seu trabalho de policial, era dono de duas casas localizadas em comunidades brancas, uma no subúrbio de Minneapolis e outra em Windemere, na Flórida. Não à toa, para a diretora do Mapping Prejudice, um projeto que pesquisa a

história das residências de Minneapolis, Kirsten Delegard, na cidade existia “um sistema invisível de apartheid estadunidense”.²²

O “apartheid estadunidense”, pegando emprestado o termo usado por Delegard, não atingia apenas a questão da moradia. Na educação, segundo Wacquant, durante o final da década de 1980 e começo da de 1990, em Chicago, 84% dos estudantes das escolas públicas pertenciam às minorias sociais negras ou latinas e cerca de 70% vinham de famílias que viviam abaixo da linha oficial da pobreza. Entretanto, o cenário que cercava esses jovens tornava-se praticamente impossível qualquer ascensão social: dos quatro estabelecimentos de ensino médio da cidade que reuniam estudantes afro-estadunidenses, três não ofereciam cursos que permitiam o acesso à universidade, a maioria das escolas carecia de estrutura básica, como por exemplo, salas, carteiras, lousas e bibliotecas, e, além do mais, havia uma enorme rotatividade de professores: quase um quarto do corpo docente de Chicago era formado por professores substitutos permanentes. Para agravar ainda mais a situação, a violência era uma marca do cotidiano dos bairros pobres e segregados da cidade. Basicamente, os perigos que as crianças estavam expostas nessas áreas eram tiroteios, extorsão por gangues e “escuridão - propícia a toda espécie de violência”. Logo, não era de se espantar que todos os anos, vários alunos desistiam de estudar por conta da insegurança que imperava nas escolas públicas. Para se ter uma ideia, embora não existissem exames para os alunos progredirem de série, em 1982, de cada 100 crianças que entraram na sexta série apenas 16 haviam alcançado o terceiro colegial. Na verdade, o que realmente as crianças aprendiam era a se jogar no chão quando ouviam tiros para escapar das balas perdidas e as meninas, em especial, a se proteger de estupradores. Diante disso, não era de se admirar que os colégios públicos localizados nos guetos da referida grande metrópole tenham se transformado em uma, nas palavras de Wacquant, “mera *instituição de custódia*, incapaz de cumprir suas funções pedagógicas”. Mais do que isso, porém, nesse ambiente bélico de incertezas, para muitos, “o simples fato de sobreviver, de alcançar a maturidade e a *fortiori* a velhice” era “considerado um feito digno de reconhecimento público” e “alguns analistas de problemas urbanos” chegavam “a

²² National Guard called as Minneapolis erupts in solidarity for George Floyd, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, The New York Times, 28 de maio de 2020.

falar abertamente sobre os jovens negros como uma ‘espécie em extinção’”, uma vez que “morrer por morte violenta e ir para a prisão” tornavam-se “eventos absolutamente banais” (2008,p.37/38/40). Por mais que Wacquant tenha abordado especificamente a cidade de Chicago, os seus argumentos podem ser compreendidos como um panorama nacional dos EUA que perdura até os dias de hoje. Para o professor de direitos civis da Universidade de Minnesota, Myron Orfield, nas “Cidades Irmãs”, ou seja, Minneapolis e a cidade vizinha Saint Paul, as escolas segregadas aumentaram de forma mais rápida do que em outras partes do país. Em 2000, havia 11 escolas consideradas profundamente segregadas, com um corpo de alunos composto por mais de 90% de não-brancos. Em 2019, este número de colégios segregados aumentou consideravelmente para 170.²³

Diante deste cenário todo, podemos entender que as Leis Jim Crow foram extintas nas letras da lei pelo Movimento pelos Direitos Civis, no entanto, continuam na prática regulando os múltiplos aspectos da vida cotidiana sendo recriadas mediante mil artifícios, inclusive jurídicos. De acordo com o sociólogo britânico, Ellis Cashmore, herdado de um nome comum de escravo e nome da canção de Thomas Rice, na qual ridicularizava os negros, as Leis Jim Crow eram uma série de estatutos sancionados pelos estados sulistas para segregar brancos e negros nas esferas sociais, tais como, educação, transporte, casamento e lazer. Essas leis surgiram décadas depois do término da Guerra Civil estadunidense (1861-1865), mais precisamente em 1883, quando a Suprema Corte estabeleceu que a Declaração dos Direitos Civis de 1875, que garantia a todos os cidadãos o mesmo acesso aos recursos públicos, não se aplicava a “atos pessoais de discriminação social”. Assim sendo, criou-se o conceito de “separados, porém iguais” que, por exemplo, permitiu que em 1896 o estado de Louisiana segregasse os assentos dos trens. Em 1910, ainda conforme Cashmore, havia um “verdadeiro sistema de castas em prática” que servia “para manter os negros em suas posições subordinadas, negando-lhes o acesso à níveis razoáveis de educação e emprego”. Mais tarde, em 1954, com o entendimento jurídico de que as escolas segregadas eram inconstitucionais, as Leis Jim Crow foram derrubadas (2000,p.284/285/286).

²³ National guard called as Minneapolis erupts in solidarity for George Floyd, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Burch, The New York Times, 28 de maio de 2020.

Esclarecidos os conceitos de racismo e discriminação racial, discutidos os aspectos mais característicos do gueto e ilustrada a existência renovada das práticas do Jim Crow, precisamos agora elucidar o conceito de racismo institucional apontado acima pelo então prefeito de Minneapolis, Jacob Frey. Segundo Silvio Almeida, o racismo institucional consiste no resultado do funcionamento das instituições que proporcionam desvantagens e privilégios baseados na “raça” (2019,p.37/38). Dessa maneira, a desigualdade racial, nas palavras de Almeida,

é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (2019,p.39/40).

O racismo institucional procura manter a hegemonia do grupo racial no poder e, em contrapartida, impedir a ascensão social de minorias, dentre elas, a comunidade negra. Sendo assim, a ocupação majoritária de homens brancos nas instituições de poder, tais como, o Legislativo, o Judiciário, o Ministério Público, reitorias de universidades, diretorias de empresas e etc., naturalizam a dominação dos homens brancos, cria empecilhos para que a questão da desigualdade racial e de gênero seja debatida nesses espaços e, além do mais, estabelece como horizonte civilizatório a cultura e a estética do grupo social dominante (ALMEIDA,2019,p.40/41). Mais do que isso, porém, para os ativistas da causa negra e autores do livro *Black Power: Politics of Liberation in America*, Charles Vernon Hamilton e Kwame Ture²⁴, o racismo institucional por se originar “na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade” recebe “muito menos condenação pública”, uma vez que esse tipo de racismo, aos olhos da opinião pública, se torna “muito mais sutil” e “menos identificável” em termos de responsabilização dos indivíduos que cometerem os atos racistas (in ALMEIDA,2019,p.43/44). Em outros termos, quando o racismo é praticado de forma individual e é repercutido nas mídias tradicionais e redes sociais, é fácil identificar e responsabilizar o sujeito que cometeu o ato discriminatório; em

²⁴ Nome africano adotado por Stokely Carmichael.

compensação, as desigualdades econômicas e sociais vividas diariamente pelos afrodescendentes passam, praticamente, despercebidas pela sociedade que, além disso, não conseguem apontar com exatidão os culpados por isso. Dessa maneira, de acordo com o sociólogo francês, Michel Wieviorka, o conceito de racismo institucional tem como finalidade, sobretudo, de ouvir aqueles que sofrem a discriminação e a segregação, reivindicando mudanças políticas e institucionais que retifiquem as desigualdades e as injustiças de que são vítimas (2007,p.32/33). Nas palavras de Wieviorka, o referido conceito é

um convite para debater, investigar, recusar uma cegueira que, em virtude da espessura e da opacidade dos mecanismos próprios ao funcionamento das instituições, permite a amplas parcelas da população beneficiar-se das vantagens econômicas ou estatutárias que o racismo ativo pode trazer, evitando ao mesmo tempo assumir seus inconvenientes morais. Ele preserva, dito de outra forma, a boa consciência daqueles que tiram proveito (2007,p.32/33).

O Movimento pelos Direitos Civis, de um lado, e a radicalização do Black Power, por outro lado, contribuíram para situar no centro do debate a existência de um racismo que se perpetua através das instituições sociais, econômicas, políticas e culturais, colocando-o como o principal responsável pela desigualdade da população negra. De fato, na introdução do relatório elaborado pela National Advisory Commission on Civil Disorders (Comissão Consultiva Nacional de Desordem Civil), também conhecida como Comissão Kerner, criada pelo então presidente democrata, Lyndon Baines Johnson (1963-1969), e encarregada de investigar as causas que levaram a “desordem civil” na década de 1960, deixava claro as desigualdades entre brancos e negros:

Nossa nação está se dividindo em duas sociedades, uma negra, uma branca - separadas e desiguais. A segregação e a pobreza criaram [...] um ambiente destrutivo totalmente desconhecido para a maioria dos brancos estadunidenses. O que os brancos estadunidenses nunca entenderam completamente – mas o que o negro nunca consegue esquecer

– é que a sociedade branca está profundamente implicada no gueto. Instituições brancas o criaram, instituições brancas o mantêm, e a sociedade branca compactua com isso. As condições sociais e econômicas nas cidades onde ocorreram as rebeliões evidenciam um padrão de grave desvantagem para os negros em comparação aos brancos, sejam os negros moradores da área onde a revolta aconteceu ou de outra vizinhança (COMISSÃO KERNER & WICKER, 1968 in TAYLOR, 2016, p.39).

Portanto, segundo Keeanga-Yamahtta Taylor,

o fato de o próprio Estado ter sido cúmplice do domínio sobre vidas negras legitimou que os negros exercessem seu direito de exigir que o Estado intervisse e desfizesse o que ele tinha evidentemente ajudado a criar. Mas essa demanda só se aplicava quando o movimento [Movimento pelos Direitos Civis] estava nas ruas. Como o movimento retrocedeu na década de 1970, e um ataque político bipartidário sobre o Estado de bem-estar social ganhou força, os mantras de “cultura de pobreza” e “responsabilidade pessoal” ressurgiram como explicações comuns para a carência da população negra (2016, p.39)

A morte de George Floyd, ao que tudo indicava, reacenderia a chama do debate do racismo institucional nos EUA. Para o ativista comunitário de Minneapolis, Mike Griffin, em entrevista ao *The New York Times*, a morte de Floyd representava a luta pelo progresso negro:

*Nós queremos justiça para George Floyd, mas isso também é sobre a dignidade negra. Nós temos que lutar com unhas e dentes por quase toda necessidade básica para viver. Se você for branco, essa é uma ótima cidade [Minneapolis]. Se for negro, você sofre todos os dias.*²⁵

²⁵ National guard called as Minneapolis erupts in solidarity for George Floyd, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Burch, *The New York Times*, 28 de maio de 2020.

Obter justiça, como ansiava acima o ativista, não seria tão fácil. Conforme os registros de Minneapolis, desde 2012, apenas por volta de 1% das reclamações julgadas contra policiais resultaram em punições disciplinares. O responsável pela morte de Floyd, Derek Chauvin, ao longo dos 19 anos em que dedicou a servir o departamento de polícia da cidade, acumulava em seu currículo uma longa lista de reclamações contra ele. Três delas eram sobre reprimendas pelo tipo de linguagem e tom utilizados por ele em suas abordagens.²⁶ O buraco, contudo, era bem mais embaixo do que o linguajar inapropriado de Chauvin. O Sindicato da Polícia de Minneapolis, historicamente, possuía uma grande força política. Fundado na década de 1970, o sindicato conseguiu eleger por três vezes um de seus representantes para prefeito: o político independente, Charles A. Stenvig, que comandou a cidade de 1969 a 1973 e 1976 a 1978 sob a plataforma da “Lei e da Ordem” usada para perseguir as minorias sociais (a mesma política que levou Donald Trump à Casa Branca em 2016). Por mais que tenha se passado bastante tempo, até os dias de hoje, no entanto, é possível ver resquícios dessa política. O então presidente do sindicato, o Tenente Robert J. Koll, popularmente conhecido pelo apelido de Bob Koll, por exemplo, foi acusado de chamar um congressista muçulmano de “terrorista”. Porém, este não foi o seu pior “deslize”. Em outro determinado momento, ele foi visto circulando com uma jaqueta com os dizeres “White Power” (“Poder Branco”).²⁷ A aproximação entre as forças de segurança pública com a extrema-direita, importante salientarmos, não era uma exclusividade de Minneapolis. Esse fenômeno, na verdade, abrangia os departamentos de polícia espalhados pelos EUA. A letra da canção “Killing in the Name”, da banda Rage Against the Machine, composta em 1991,²⁸ denunciava que alguns policiais eram membros, ou pelo menos simpatizantes, do grupo de supremacia branca Ku Klux Klan (KKK). A seguir os versos da música “Killing in the Name” que denuncia a aproximação entre a polícia e a Ku Klux Klan:

Some of those that work forces

(Aqueles que trabalham para o poder)

²⁶ Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, The New York Times, 27 de maio de 2020.

²⁷ Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, The New York Times, 27 de maio de 2020.

²⁸ A música foi composta seis meses depois do caso Rodney King, um taxista afro-americano que foi espancado por policiais em Los Angeles. A cena foi filmada por um civil e transmitida no canal de notícias local KTLA, provocando protestos ao redor dos EUA.

Are the same that burn crosses
(São os mesmos que queimam cruzes)²⁹

Não à toa, os guardas, de uma maneira geral, se sentiam autorizados a cometer abusos contra os negros. Nas palavras da presidente da Comunidade Unida Contra a Brutalidade Policial, Michelle Gross, em entrevista ao *The New York Times*, mesmo quando eram filmados pela população executando algum tipo de abuso de poder, os policiais se sentiam “ímmunes a qualquer tipo de responsabilidade”.³⁰ Não apenas se sentiam, eles praticamente eram ímmunes. Antes de George Floyd, outros casos semelhantes já haviam chocado os EUA. Em 2014, na cidade de Ferguson, no Missouri, o jovem Michael Brown, de 18 anos, estava desarmado, mas mesmo assim foi alvejado pelo menos seis vezes pela polícia.³¹ Em 2015, dessa vez na cidade de Baltimore, em Maryland, Freddie Gray, de 25 anos, teve suas mãos amarradas por fitas plásticas e colocado no chão de uma van policial, depois de supostamente fugir em sua bicicleta ao fazer “contato visual” com guardas. Durante o trajeto à delegacia, Gray bateu a cabeça e ficou desacordado. Quando chegou ao hospital, já era tarde demais. Ele não havia resistido à brutalidade policial.³² Novamente em 2014, em Staten Island, no estado de Nova York, depois de ser abordado e se desentender com policiais, Eric Garner, de 46 anos, foi morto após sofrer um golpe no pescoço por um dos agentes. Enquanto estava imobilizado no chão da calçada, com o policial segurando o seu pescoço, ele dizia as mesmas palavras de Floyd: “Eu não consigo respirar”.³³ Em todos os casos, houve passeatas em protesto às mortes, mas mesmo assim, todos os agentes envolvidos ficaram ímpunes. Assim sendo, apesar de violar os direitos dos negros à luz do dia, nas palavras de Taylor

²⁹ A cruz em chamas é um símbolo do grupo supremacista branco Ku Klux Klan.

³⁰ Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, *The New York Times*, 27 de maio de 2020.

³¹ O jovem negro morto recebeu pelo menos seis disparos de um policial, por Joan Faus, *El País*, 18 de agosto de 2014. Disponível no link a seguir: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/18/internacional/1408393124_372696.html.

³² A brutal morte de Freddie Gray por policiais nos EUA, por Giovanna Gomes, Portal Uol, 13 de janeiro de 2021. Disponível no link a seguir: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-brutal-morte-de-freddie-gray-por-policiais-nos-eua.phtml>.

³³ Passo a passo da prisão de Garner, *oglobo.com*. Disponível no link a seguir: <https://oglobo.globo.com/mundo/passos-da-prisao-de-eric-garner-14735161>.

(...) é praticamente impossível punir – muito menos indiciar, prender ou processar – a polícia por esse comportamento criminoso (2016,p.28).

Se por um lado, os policiais tinham uma espécie de passe livre para infringir os direitos e – por que não dizer - assassinar os afro-estadunidenses; por outro lado, quando estes eram flagrados cometendo crimes contra os brancos, a mão da Justiça era rápida e severa. O episódio que ilustra perfeitamente a discriminação racial presente, sob uma perspectiva ampla, no sistema de Justiça dos EUA é o Caso McCleskey vs Kemp de 1987. Warren McCleskey foi condenado pela Suprema Corte do país a pena de morte por assalto à mão armada e por assassinar o policial Frank Schlatt.³⁴ Na apelação, os advogados de defesa argumentaram que a decisão da Corte foi baseada em premissas discriminatórias, demonstrando um estudo realizado pelo então professor de direito da Universidade de Iowa, David Christopher Baldus. A pesquisa comprovava que indivíduos condenados por matar brancos tinham bem mais probabilidade de receber a pena de morte do que aqueles acusados de matar negros. Entretanto, esse argumento foi refutado pela Corte que manteve a sua decisão inicial.³⁵ Na visão de Almeida, esse caso

(...) é considerado a chancela do judiciário à reprodução do racismo, pois em nome da colorblindness - neutralidade racial - a Suprema Corte dos Estados Unidos proibiu que fossem levadas em conta alegações de preconceito racial em condenações criminais, mesmo que apoiadas em estatísticas confiáveis, a não ser que fossem comprovada a intenção de discriminação dos agentes do Estado (2019,p.142).

A impunidade dos policiais, a princípio, continuaria a reinar. Três dias depois de George Floyd falecer, os promotores que cuidavam do caso não tinham decidido se processariam ou não os policiais envolvidos, incluindo Chauvin.³⁶ Mas dessa vez, a população, ao menos a parcela identificada com os valores de justiça e igualdade racial, demonstraria que não deixaria passar impune a brutalidade policial. No

³⁴ https://en.wikipedia.org/wiki/McCleskey_v._Kemp

³⁵ https://en.wikipedia.org/wiki/McCleskey_v._Kemp

³⁶ Protest continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

decorrer dos protestos ocasionados pela morte de Floyd (**como veremos mais para frente**), um dos promotores do caso, Michael Orville Freeman, também conhecido como Mike Freeman, externou que o seu escritório chegou a receber cerca de mil ligações por dia com pedidos para processar os agentes. Mais do que isso, um grupo de manifestantes se dirigiu até a sua residência para pressioná-lo.³⁷ Posteriormente, os guardas foram levados à Justiça. Mas, não pense que os obstáculos acabaram por aí. Não demorou muito para que uma guerra de narrativas sobre os motivos que provocaram a morte do referido homem surgissem. A queixa criminal conduzida pelo Departamento de Polícia descartava asfixia traumática ou estrangulamento como possíveis causas da morte. Na nota oficial da polícia, a autópsia “não revelou nenhum fato físico que apoiasse o diagnóstico de asfixia traumática ou estrangulamento”. Em palavras mais claras, a nota inocentava Chauvin.³⁸ Como não poderia ser diferente, discordando por completo dos resultados apresentados pelas autoridades, a família de Floyd prontamente requisitou uma autópsia independente. A análise particular, comandada pela diretora de Autópsia e Serviços Forenses da Universidade de Michigan, a doutora Allecia Michelle Wilson, e pelo ex-legista-chefe de Nova York e então apresentador do programa de TV do canal HBO “Autopsy”, o doutor Michael M. Baden, concluiu que o que provocou o falecimento do detido foi asfixia mecânica, autorizando a hipótese de homicídio. Além disso, ambos os doutores afirmavam que a vítima não apenas veio a óbito por causa do joelho de Chauvin, mas também pela pressão nas costas sofrida pelos outros policiais.³⁹

Se dependesse das estruturas do aparato repressivo do Estado, não há dúvidas de que George Floyd seria apenas mais um número na estatística macabra de assassinatos cometidos pelas mãos das forças de segurança pública contra os filhos da comunidade negra estadunidense. Em entrevista ao canal de TV CNN, o irmão do falecido, Philonise Floyd disse em tom de desabafo que estava “cansado de ver pessoas negras morrendo”.⁴⁰ Não era apenas ele. A morte de seu irmão acarretou em uma onda de protestos pela cidade e que, posteriormente, tomou conta dos EUA.

³⁷ Protest continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

³⁸ How did George Floyd die? Here's what we know, por Frances Robles e Audra S. Burch, The New York Times, 2 de junho de 2020.

³⁹ How did George Floyd die? Here's what we know, por Frances Robles e Audra S. Burch, The New York Times, 2 de junho de 2020.

⁴⁰ Protests continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

Marchando pelas ruas, negros, brancos, homens, mulheres e crianças clamavam pelo fim do racismo e da violência policial. Os últimos suspiros de George Floyd não seriam em vão. Não poderiam ser em vão. Pelo contrário, eles se tornaram o sopro de esperança que daria novo fôlego a luta da causa negra. Era o fim da vida de Floyd. Mas também, era o começo de uma revolução.

1.2 Minneapolis: A revolução começa

Fúria, indignação e revolta. Essas são as palavras para descrever os sentimentos que as pessoas, pelo menos aquelas comprometidas com os valores democráticos de uma sociedade livre de preconceitos raciais, sentiam ao ver o então policial Derek Chauvin deixar estirado na calçada o corpo sem vida de George Floyd. Nas palavras do então prefeito democrata de Minneapolis, Jacob Frey, “ser negro na América não deveria ser uma sentença de morte”.⁴¹ Não deveria e já havia passado da hora de dar um basta nisso. Movidos, de maneira poética, pela letra da canção, “Get Up Stand Up”, da lenda do Reggae, Bob Marley:

Get up, stand up, stand up for your rights
(Levante, resista, lute pelos seus direitos)
Get up, stand up, don't give up the fight
(Levante, resista, não desista da luta)

Uma multidão invadiu as ruas da cidade. Longe do que as autoridades imaginavam, os dias iam se passando e nada das manifestações arrefecerem. Na verdade, parecia que a cada dia que se passava mais pessoas iam aderindo aos atos antirracistas. Era uma clara demonstração de que, de um modo geral, os estadunidenses, sobretudo os negros, parafraseando a música acima de Bob Marley, levantariam, resistiriam e não desistiram da luta contra o racismo.

Apesar do clima de união presente entre os manifestantes, os protestos, em determinados momentos, revestiam-se de um caráter violento. Na segunda noite

⁴¹ ‘I can’t breathe’: 4 minneapolis officers fired after black man dies in custody, por Christine Hauser, Derrick Bryson Taylor e Neil Vigdor, The New York Times, 26 de maio de 2020.

consecutiva de passeatas, houve relatos de saques e incêndios às lojas, além do habitual confronto entre indivíduos com a polícia.⁴² A violência se tornaria mais intensa com o passar do tempo. Na terceira noite seguida de manifestações, mais precisamente logo após às 22h, enquanto os guardas eram acionados para fiscalizar as marchas que aconteciam em Minneapolis, um grupo invadiu a Terceira Delegacia da cidade, responsável por investigar a morte de Floyd, e a incendiou.⁴³

Um campo de batalha esfumaçado entre policiais e manifestantes. Este era o cenário que Minneapolis havia se transformado, ou melhor dizendo, nas palavras do então governador de Minnesota, Tim Walz, era o “caos absoluto” (**iremos realizar uma análise a respeito desta frase dita pelo então governador mais para frente**).⁴⁴ Diante desta situação, Walz não viu outra saída a não ser declarar estado de emergência e, conseqüentemente, acionar o reforço da Guarda Nacional – que prontamente enviou 500 soldados para conter os protestos.⁴⁵ A Guarda Nacional, no entanto, não seria capaz de segurar a ira da população.⁴⁶ Muito pelo contrário, logo a revolta que tomou conta da cidade rapidamente se espalharia para outras regiões. Os EUA entrariam em estado de ebulição.

1.3 A tomada das ruas

Os Estados Unidos nunca mais seriam os mesmos. Logo após Minneapolis, uma onda de protestos tomou conta do país. Conforme um levantamento realizado pelo jornal *The New York Times*, pelo menos 75 cidades apresentaram atos pedindo justiça a George Floyd e clamando pelo fim do racismo e da violência policial – algo então nunca visto desde o assassinato do líder do Movimento pelos Direitos Civis, Martin Luther King Jr., em 1968.⁴⁷ Memphis (Tennessee), Houston e Dallas (Texas), Detroit (Michigan) e Nova York, apenas para citar alguns lugares, tiveram relatos de

⁴² Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, *The New York Times*, 27 de maio de 2020.

⁴³ Protest continue to rage after death of George Floyd, *The New York Times*, 28 de maio de 2020.

⁴⁴ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., *The New York Times*, 29 de maio de 2020.

⁴⁵ Protest continue to rage after death of George Floyd, *The New York Times*, 28 de maio de 2020.

⁴⁶ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., *The New York Times*, 29 de maio de 2020.

⁴⁷ Fiery Clashes erupt between police and protesters over George Floyd death, *The New York Times*, 30 de maio de 2020.

protestos.⁴⁸ Nem mesmo o estado da Califórnia, ligado tradicionalmente ao campo progressista, escapou da insatisfação popular. Tanto as pequenas como as grandes cidades, tais como, Los Angeles e San José, tiveram manifestações constantes contra o aparato repressivo do Estado. Isso obrigou o então governador democrata californiano, Gavin Christopher Nelson, a se comprometer publicamente a combater o racismo institucional no estado.⁴⁹ Em termos mais poéticos, recorrendo aos pensamentos do reverendo, ativista dos direitos civis e radialista, Alfred Charles “Al” Sharpton Jr., era como se a população inteira dos EUA estivesse gritando de maneira uniforme: “Tire seu joelho dos nossos pescoços”.⁵⁰

De fato, as manifestações viajavam por todo o país e, conforme os repórteres do *The New York Times*, John Eligon, Matt Furber e Campbell Robertson, ocorriam de maneira espontânea provindas de uma frustração crescente em vários setores da sociedade. Nas palavras do ativista de Minneapolis, Mike Griffin, em entrevista ao referido jornal nova-iorquino, as marchas contra o racismo estavam “acontecendo sem que o pastor negro nos diga para fazer isso. Isso é orgânico. Esses são protestos orgânicos”.⁵¹ Sim, eram orgânicos, no entanto, em todos eles estavam presentes as três palavras que formavam o nome de um dos principais movimentos antirracistas dos EUA e do mundo: “Black Lives Matter” (“Vidas Negras Importam”). O movimento surgiu após a revolta popular provocada pelo caso Trayvon Martin, um jovem negro de 17 anos, que, em 2012, ao voltar para a casa do seu pai, na cidade de Sanford, na Flórida, foi confundido com um criminoso e acabou morrendo após ser alvejado no peito pelo vigilante voluntário, George Zimmerman. O caso provocou a ira da população local e vários protestos aconteceram pela cidade. Entretanto, no julgamento, Zimmerman alegou que o jovem parecia estar “drogado” e “aprontando alguma coisa”. Além disso, ele contou que, após persegui-lo pelas ruas do bairro, Martin teria iniciado uma briga e, portanto, atirou nele em legítima defesa. Este argumentou bastou para convencer o júri de sua inocência. No veredito final,

⁴⁸ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., *The New York Times*, 29 de maio de 2020.

⁴⁹ From Sacramento to San Diego, californians join protests, por Jil Cowan, *The New York Times*, 1 de junho de 2020.

⁵⁰ George Floyd updates: 10th night of protest follows somber memorial, *The New York Times*, 4 de junho de 2020.

⁵¹ Appeals for calm as sprawling protests threaten to spiral out of control, por John Eligon, Matt Furber e Campbell Robertson, *The New York Times*, 30 de maio de 2020.

Zimmerman foi absolvido.⁵² Depois do resultado do júri, retratando a desumanização, a opressão, a desigualdade e a discriminação com que os filhos da comunidade negra eram tratados pelo sistema estadunidense, a ativista comunitária, Alicia Garza, postou uma simples *hashtag* no Facebook: #blacklivesmatter (TAYLOR,2016,p.294/295). Mal sabia ela que este simples gesto se converteria no potente slogan de uma das principais organizações que lutaria para “erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras” pelo Estado.⁵³ Segundo Garza, o Black Lives Matter é como

uma intervenção ideológica e política em um mundo onde as vidas negras são sistemática e intencionalmente levadas à morte. É uma afirmação das contribuições dos negros para essa sociedade: temos humanidade e resiliência diante da opressão mortal (in TAYLOR,2016,p.294/295).

Encabeçados pelo Black Lives Matter, as convocatórias para os atos antirracistas eram realizadas pela internet. De acordo com a cientista política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Rosemary Segurado,

as redes sociais potencializam determinadas questões do campo social e podem catalisar sentimento de protesto ou de indignação em algumas convocatórias, demonstrando uma capacidade que há muito tempo os partidos políticos e movimentos sociais tradicionais vêm perdendo (in CHAIA, COELHO e CARVALHO,2015,p.214).

Inúmeras marchas antirracistas foram organizadas através da internet. Nas redes sociais, eram anunciados os locais em que aconteceriam as passeatas e, cerca de uma hora depois, já aparecia um número considerável de pessoas.⁵⁴ Contudo,

⁵² Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida, [bbcnewsbrasil.com](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc), 23 de março de 2012. Disponível no link a seguir: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc.

⁵³ <https://blacklivesmatter.com/about/>

⁵⁴ Today's activism: Spontaneous, leaderless, but not without aim, por John Eligon e Kimiko de Freytas-Tamura, The New York Times, 3 de junho de 2020.

mais do que a capacidade de organizar e reunir rapidamente as pessoas, o universo digital desempenhava outro objetivo: desmascarar o conceito de daltonismo racial, também conhecido como sociedade pós-racial. Segundo Keeanga-Yamahtta Taylor, o conceito de daltonismo racial surgiu após a era dos Direitos Civis da década de 1960 e compreende-se como uma sociedade em que o racismo foi superado, ou seja, nos EUA, no passado, a “raça” poderia significar um obstáculo para alcançar uma vida bem-sucedida, no entanto, nos dias de hoje, com a suposta extinção da discriminação racial, a “raça” seria mais um fator determinante para se obter ou não sucesso (**analisaremos no capítulo 3 o conceito de democracia racial no Brasil**). Essa ideia, respaldada pelo Congresso e pelos tribunais que argumentavam que com a ausência do racismo na Legislação os negros não poderiam mais reivindicar danos raciais, possibilitou que o Estado de bem-estar social fosse substituído por cortes de gastos públicos a partir dos anos de 1970 (2016,p.31/117). Nas palavras de Taylor, a estrutura do daltonismo racial

permitiu que parte do poder político desvinculasse as dificuldades enfrentadas pelos negros das condições reais que as causavam, desmanchando uma relação que os ativistas [dos anos de 1960] tanto haviam se esforçado para expor. Era como se a promulgação das leis de direitos civis tivesse resolvido todos os problemas, dando aos negros estadunidenses a chance de um novo começo (2016,p.117).

O daltonismo racial caminhava lado a lado com o discurso do *american dream* (“o sonho americano”) que, apoiado na ideologia da meritocracia, colocava os EUA como supostamente sendo a Terra Prometida: onde, através do trabalho duro, os sonhos de todos dos cidadãos poderiam ser tornar realidade (TAYLOR,2016,p.67). Logo, sob este ponto de vista, os programas públicos que davam assistência à comunidade negra estavam

(...) fora da narrativa de livre mobilidade social estadunidense (a busca da felicidade e igualdade para todos), ou seja, uma maneira de tirar a culpa do sistema estadunidense e, simultaneamente, responsabilizar os afro-estadunidenses por suas próprias dificuldades (TAYLOR,2016,p.38).

Porém, como os afro-estadunidenses, ou pelo menos a sua maioria, poderiam ser bem-sucedidos em uma sociedade baseada na segregação e discriminação racial, e tendo o Estado como uma verdadeira máquina mortífera? Na realidade, o *american dream*, juntamente com o daltonismo racial, eram discursos propagados pela classe branca dominante que tinham como objetivos negar ou encobrir o racismo que regia a sociedade estadunidense, culpar os negros pelas suas próprias mazelas, colocando-os como indivíduos preguiçosos que não queriam trabalhar, mas sim viver à custa do governo, ou então, como figuras potencialmente perigosas e criminosas, justificando, portanto, o abandono do Estado de bem-estar social e a constante vigilância e repressão da polícia sobre as áreas pobres e segregadas. A internet, todavia, revelava que o *american dream*, aos olhos dos negros, recorrendo ao termo empregado por Malcom X, era o verdadeiro *american nightmare* (“pesadelo americano”) (in TAYLOR, 2020, p.27). Semanalmente, nas redes sociais, por exemplo, histórias de violência e até mesmo assassinatos cometidos por policiais contra os afro-estadunidenses eram contadas. Para Taylor, as câmeras dos celulares trouxeram à luz do debate público os abusos que as forças de segurança cometiam contra os negros e que a grande mídia, de certo modo, subestimava (2016, p.41/42).

Somado a violência policial, a pandemia da COVID-19, que atingiu em cheio os EUA, escancarou o abismo econômico e social que existia entre brancos e negros no país. Segundo o filósofo francês, Michel Foucault, o racismo estabelece uma

linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e os que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte pública, a expulsão e a rejeição (in ALMEIDA, 2019, p.115).

Partindo deste ponto, podemos entender que não era mera coincidência que os afro-estadunidenses liderassem os índices de contaminação e de morte pelo coronavírus. A maioria dos negros, segundo os repórteres do *The New York Times*,

Jack Healy e Dionne Searcey, em 2020, era mal remunerada e arriscava a sua saúde para trabalhar em supermercados, casas de idosos, fábricas, matadouros e outros empregos que não podiam ser realizados remotamente.⁵⁵ Para agravar ainda mais este quadro desigual, conforme uma pesquisa divulgada pelo Economic Policy Institute, também em 2020, a taxa de desemprego entre os negros era de 16,8%; enquanto a dos brancos girava em torno de 12%. Mesmo quando a economia dos EUA apresentou sinais de recuperação, o cenário para a comunidade negra manteve-se inalterado.⁵⁶ Logo, em uma perspectiva ampla, ao longo dos anos, pode-se dizer que os afro-estadunidenses vinham sendo, pegando emprestadas as palavras acima de Foucault, “deixados para morte”. Isso, na verdade, era reflexo da mudança brusca econômico-social que ocorreu nas áreas pobres e segregadas onde vivia boa parte dos negros. Os guetos, nas décadas do pós-guerra, de acordo com Wacquant, por mais que tinham como função principal manter os afro-estadunidenses afastados da comunidade branca, desempenhavam um papel econômico relevante, pois serviam como uma espécie de reservatório de mão-de-obra barata para as indústrias em expansão. Entretanto, com a reestruturação do capitalismo nos EUA, ocorrida entre 1965 e 1982, os bairros negros segregados deixaram de cumprir esta função, “já que a maioria de seus habitantes atuais é rejeitada pelo mercado de trabalho assalariado durante uma boa parte de suas vidas”. A vida social dos guetos, desse modo, passou por uma drástica mudança. Depois da década de 1960, essas áreas segregadas se transformaram em um “território-vazadouro”, onde eram colocados os membros mais necessitados da comunidade afro-estadunidense. Nesse sentido, para efeito ilustrativo, conforme os dados levantados por Wacquant, dos 1,2 milhão de negros que viviam em Chicago naquela época, um terço encontrava-se abaixo do patamar federal de pobreza. Com efeito, mais da metade das famílias do centro da cidade dependiam da assistência social, além de outras atividades, como o trabalho irregular e o roubo, para poderem sobreviver. De cada dez famílias, seis não possuíam a figura paterna do pai e recebiam assistência alimentar sob forma de vales ou refeições gratuitas distribuídas pelo Exército da Salvação, por alguma associação comunitária ou pela igreja do bairro. Curiosamente, nesse mesmo período em que a ajuda

⁵⁵ Two crises convulse a nation: a pandemic and police violence, por Jack Healy e Dionne Searcey, The New York Times, 31 de maio de 2020.

⁵⁶ ‘Pandemic within a pandemic’: coronavirus and police brutality roil black communities, por Sheryl Gay Stolberg, The New York Times, 7 de junho de 2020.

governamental se tornou cada vez mais necessária para os habitantes dos guetos, houve um recuo, se não um desaparecimento, do Estado, tanto no nível federal como estadual e municipal, deteriorando as estruturas sociais dessas regiões. Dessa maneira, as forças comunitárias dos bairros segregados, como as igrejas, por exemplo, foram levadas a compensar a omissão do poder público, refletida nas deficiências das escolas, na falta de oportunidades no mercado de trabalho, ou, ainda, na dificuldade de acesso aos serviços de saúde. No contexto do neoliberalismo, todavia, as forças comunitárias declinaram face ao avanço do desemprego estrutural e da violência estrutural do tráfico de drogas, combinação responsável pela transformação dos guetos em “um deserto organizacional”. Esse processo de *descivilização* descrito acima traduz a passagem que Loïc Wacquant denomina de “gueto comunitário” para “hipergueto” (2008,p.20/24/25/35/36/39/41/55). Embora extensa, a citação abaixo é importante para caracterizar a passagem histórica analisada pelo autor:

O hipergueto das décadas de 1980 e 1990 expressa uma exacerbação da histórica exclusão racial vista por um prisma de classe e exibe uma nova configuração espacial e organizacional. Por unir segregação de cor com a divisão de classe, não contém mais uma extensa divisão do trabalho e um leque completo das classes. Suas fronteiras físicas são mais fluidas e suas instituições dominantes não são organizações comunitárias (tais como igrejas, abrigos e a imprensa negra), mas sim burocracias de Estado (previdência social, escolas públicas e polícia), que têm como alvo as “populações problema” marginalizadas. Nesse sentido, o hipergueto serve não como uma reserva de trabalho industrial, mas como um mero depositário de categorias excedentes, que não têm uso político ou econômico para a sociedade circundante. Além disso, é tomado por uma insegurança crônica, seja econômica, social ou física, em virtude da erosão, mutuamente determinada, do mercado de trabalho assalariado e do apoio estatal. Assim, enquanto o gueto, em sua forma clássica, atuava parcialmente como um escudo protetor contra uma exclusão racial brutal, o hipergueto perdeu seu papel positivo

de amortecedor coletivo, tornando-se uma máquina mortal do mais puro banimento social. (2008, p.55/56).

A pandemia da COVID-19, como visto anteriormente e retomando agora ao contexto de 2020, evidenciou o abismo socioeconômico entre brancos e negros nos EUA. Na verdade, o coronavírus deixou a comunidade negra, ao menos uma grande parcela, diante de um dilema descrito nas palavras do ativista, Rajikh Hayes, em entrevista ao *The New York Times*: “Eu vou deixar uma doença me matar ou vou deixar o sistema?”.⁵⁷ Nenhum dos dois. Segundo Wieviorka,

quando a ação antirracista é conduzida por atores diretamente afetados por ela, sua força é capaz de arrastar uma poderosa mobilização, a ponto de eventualmente obter resultados substanciais (2007,p.143).

Basta viajarmos ao passado para vermos o argumento do sociólogo francês na prática. Em 1954, no caso *Brown vs Board of Education*, graças às manifestações não-violentas organizadas pelo Movimento pelos Direitos Civis, a Suprema Corte tornou inconstitucional a segregação racial nas escolas, abrindo caminho para o avanço do movimento liderado por Martin Luther King Jr. Dez anos depois, em 1964, o presidente Lyndon Johnson promulgou o Ato dos Direitos Civis, extinguindo-se formalmente o apartheid legal existente nos Estados sulistas (ALMEIDA, 2019,p.143). De fato, o passado serviria de aprendizado e motivação para o presente. Após a morte de George Floyd, a população tomou as ruas do país para enfrentar de peito aberto a “máquina mortal” que o Estado estadunidense havia se tornado.

Mas, ao mesmo tempo em que os protestos causavam um impacto social no país, surgia também uma pergunta pertinente: Por quanto tempo durariam? O professor de uma escola pública, Frank Portella, em entrevista ao *The New York Times*, tinha a resposta na ponta da língua: “Nós vamos ficar e protestar por quanto tempo for necessário”.⁵⁸ Não era apenas o professor que pensava dessa maneira.

⁵⁷ ‘Pandemic within a pandemic’: coronavirus and police brutality roil black communities, por Sheryl Gay Stolberg, *The New York Times*, 7 de junho de 2020.

⁵⁸ N.Y. protesters defy curfew, but 10th night of marches ends peacefully, *The New York Times*, 6 de junho de 2020.

Em uma das passeatas realizadas pelas ruas da capital de Washington, uma pessoa berrou a plenos pulmões que voltaria no dia seguinte. Outro indivíduo respondeu “e no dia seguinte”. A frase rapidamente se espalhou pela multidão que começou a gritar de forma uniforme “e no dia seguinte! E no dia seguinte!”⁵⁹ A manifestante Valerie Rivera, cujo filho foi morto pela polícia em 2017, não escondia a sua satisfação de ver os protestos cheio de gente: “Estávamos esperando esse dia chegar, em que as pessoas iriam tomar as ruas”.⁶⁰ Sim Rivera, esse dia chegou. As pessoas de todas as etnias, negros, brancos e latinos, aderiam às marchas para lutar contra o racismo.⁶¹ De acordo com Wieviorka,

quando ela é levada por outros atores, a força da ação antirracista é a de inscrever-se no espaço público pleiteando de maneira universal, em nome de princípios e de valores gerais, o que lhe permite tentar apoiar-se em partidos políticos, em sindicatos, em associações que podem muito bem não ter nada a ver com o grupo vítima que se pretende proteger (2007,p.143).

Em outras palavras, a luta contra o preconceito racial não era uma batalha apenas dos negros. Em entrevista ao referido jornal nova-iorquino, uma mulher branca identificada como senhora Stewart, externava que já estava na hora da comunidade branca marchar lado a lado com os afro-estadunidenses:

*Eu tenho mais medo das pessoas que não aparecem [nas manifestações antirracistas]. Essa é a última oportunidade que a América Branca tem de ouvir os problemas da comunidade negra, porque eles estão vivendo no inferno e estão prontos para mostrar a todos os seus problemas.*⁶²

⁵⁹ Other protests flare and fade. Why this movement already seems different, por Jack Healy e Kim Barker, The New York Times, 7 de julho de 2020.

⁶⁰ Other protests flare and fade. Why this movement already seems different, por Jack Healy e Kim Barker, The New York Times, 7 de julho de 2020.

⁶¹ Appeals for calm as sprawling protests threaten to spiral out of control, por John Eligon, Matt Furber e Campbell Robertson, The New York Times, 30 de maio de 2020.

⁶² Inside a huge Brooklyn protest: ‘The world is watching’, por Michael Wilson, The New York Times, 1 de junho de 2020.

Pegando emprestado o termo utilizado pela senhora Stewart, o segmento mais liberal (na acepção que a palavra possui no vocabulário político do país) da América Branca possuía um papel de extrema relevância na luta contra o racismo estrutural. Na verdade, a participação dos brancos, de certo modo, demonstra as diferenças que os protestos de 2020 tinham daqueles liderados por Martin Luther King. O Movimento pelos Direitos Civis possuía um caráter interracial, reunindo brancos liberais e negros moderados. Porém, à medida que a radicalização político-ideológica dos anos sessenta se consolidava, a aliança foi se tornando cada vez mais ameaçada pelas novas palavras de ordem, sintetizadas no célebre slogan “Black Power”. O poder reivindicado por uma nova geração de negros passava pela autonomia, o que implicava romper todas as formas de tutela, inclusive aquela representada pelos setores mais progressistas da comunidade branca. Mais de cinquenta anos depois, o caso George Floyd oferecia uma nova possibilidade de ação conjunta, revestida não de um caráter disfarçado de tutela, mas baseada em uma organização efetiva de igualdade. Para retratarmos a participação dos brancos nos protestos de 2020, podemos recorrer mais uma vez as palavras do reverendo Alfred Charles “Al” Sharpton Jr.:

*Quando eu olhei e vi manifestações em que, em alguns casos, jovens brancos superavam em número os negros marchando, eu soube que essa é uma época diferente [...]. Vá para casa, George. Descanse. Você mudou o mundo.*⁶³

A seguir tweet do repórter do *New York Times*, Derek M. Norman, mostrando uma passeata pacífica na Times Square composta por brancos e negros:

⁶³ Enquanto militares criticam Trump, atos ficam menores e mais pacíficos, por Marina Dias, Folha de S. Paulo, 6 de junho de 2020.



Derek M. Norman
@derek_m_norman

Hundreds of demonstrators move through Times Square, a hub that had been shocking empty just weeks ago.

[Traduzir Tweet](#)



7:26 PM · 31 de mai de 2020 de Manhattan, NY

64

1.4 À beira do caos?

A cena do filme “Do The Right Thing” (“Faça a Coisa Certa”) produzido e protagonizado pelo cineasta e ator Spike Lee, em 1989, simboliza perfeitamente o que veria a seguir. A película retrata as tensões raciais no bairro do Brooklyn. Na cena final, a personagem Radio Raheem, um afro-estadunidense, discute com o dono da pizzaria Sal, um descendente italiano. Não demorou muito para que a discussão ficasse acalorada e a polícia fosse chamada para intervir na situação. Ao chegar ao local, os guardas partem para cima e acabam aplicando um mata leão em Raheem, sufocando-o até a morte (algo semelhante ao que aconteceu com George Floyd). Se

⁶⁴ Imagem retirada do Twitter do jornalista Derek M. Norman. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/derek_m_norman/status/1267221055208337410?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1267221055208337410%7Ctwgr%5E199ca6b4b2fe757e2000111a40aad1ede84a82ae%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.nytimes.com%2F2020%2F05%2F31%2Fnyregion%2Fny-protests-george-floyd.html.

enchendo de fúria, os habitantes negros do bairro partem para cima da polícia e queimam a pizzaria, deixando um rastro de destruição no dia seguinte. Assim como no filme, após o falecimento de Floyd, indivíduos, aproveitando-se do anonimato proporcionado pelas multidões dos atos, imprimiram um rastro de violência e destruição nas cidades onde aconteciam as manifestações.

Antes de qualquer coisa, contudo, precisamos abrir um parêntese a respeito do papel dos meios de comunicação na questão do racismo. O preconceito racial, retomando o conceito sob o ponto de vista de Silvio Almeida, é o juízo baseado em estereótipos que se atribui à indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, podendo ou não resultar em práticas discriminatórias (2019,p.32). Dessa maneira, a imprensa tradicional dos EUA, por meio de estereótipos, fixou no imaginário social a ideia de que os negros eram pessoas potencialmente perigosas e criminosas. Para se ter uma ideia, segundo o sociólogo sueco, Karl Gunnar Myrdal, os afro-estadunidenses, por volta dos anos de 1940, eram praticamente considerados como “homens invisíveis”, sendo caracterizados nas páginas dos jornais apenas “sob a luz do assassino ou do violador” (in WIEVIORKA, 2007,p.130). O preconceito racial presente na grande imprensa, ou melhor dizendo, nas palavras de Loïc Wacquant, “a *demonização* do subproletariado urbano negro no debate público” passou a se dar através do termo *underclass*. Para Wacquant, o termo é designado para o grupo de excluídos ou subproletariados do mercado de trabalho que “supostamente” podem ser identificados por um conjunto de atributos interligados:

desordem: uma sexualidade fora de controle, famílias chefiadas por mulheres, altas taxas de absenteísmo e reprovação nas escolas, consumo e tráfico de drogas, além de propensão ao crime violento, “dependência” persistente em relação a auxílio público, desemprego endêmico (devido, de acordo com algumas versões, à rejeição ao trabalho e à recusa em ajustar-se às estruturas convencionais da sociedade), isolamento em áreas com alta densidade de famílias problemáticas etc. (2008, p.43/44).

O termo *underclass* foi forjado no que o referido sociólogo chama de “zona sombria situada na intersecção do campo político com o campo das ciências sociais” e, ao se propagar pela mídia tradicional, foi sendo empregado como “sinônimo não só de ‘pobre desmerecedor’, mas, sobretudo, de ‘negro pobre desmerecedor’” (2008,p.44/45). Desse modo, a sociologia e o jornalismo “descobriram” o surgimento de um novo grupo social, cuja racialização expressava-se por meio de um termo aparentemente neutro. O termo em questão passou a ganhar mais destaque na opinião pública com a publicação do livro *The Underclass*, escrito em 1982, pelo jornalista Ken Auletta. No livro, o autor identificava os membros dessa nova classe social a partir de quatro elementos: “o pobre passivo”, “os criminosos de rua hostis”, “os gigolôs” e “os alcoólatras traumatizados, os vagabundos, as mulheres desabrigadas com suas sacolas e os doentes mentais soltos na rua” e justificava que eles “rapina[vam] nossas comunidades” e eram os responsáveis pelos

crimes de rua, dependência de longo prazo em relação a auxílios sociais, desemprego crônico e comportamentos antissociais nos Estados Unidos hoje. (in WACQUANT, 2008,p.45/46).

Com o tempo, o termo *underclass* passou a girar em torno de duas figuras:

de um lado, as “gangues” de negros jovens, arrogantes e violentos, que se recusam a ocupar os postos escassos, não-qualificados e mal remunerados aos quais poderiam se candidatar e assim assumir a função que lhes cabe na base da escala social: de outro lado, as “mães adolescentes”, que vivem “à custa” dos contribuintes, em virtude do dinheiro que recebem da assistência social, e que moram em grandes conjuntos habitacionais, onde se deixam fotografar complacentemente sentadas, fazendo nada, com os filhos deitados sobre os joelhos, diante da televisão ligada. Essas figuras emblemáticas são, na verdade, apenas dois aspectos da mesma fantasia: a da ameaça que os negros “incivilizados” – aqueles que não têm lugar na nova divisão do trabalho entre as castas e as classes – representam para a integridade dos valores norte-americanos

e para a própria nação; os “estupradores” representam a dissolução moral e a desintegração social do lado público nas ruas; as “mães welfare” são portadoras dos mesmos perigos, mas no lado privado, no interior da esfera doméstica (WACQUANT,2008,p.48).

Sendo assim, não demorou muito para que o conceito de *underclass* contribuisse de forma decisiva para o estigma da comunidade negra, reiterando o discurso que legitima o abandono dos programas de assistência social e o encarceramento em massa dos afro-estadunidenses. Logo, não há dúvidas de que na grande imprensa os negros foram historicamente estereotipados como seres “selvagens”, “preguiçosos” e “potencialmente perigosos”. Para uma vertente teórica das Ciências Sociais, conforme explica Michel Wieviorka, as mídias,

exprimindo ou traduzindo fenômenos que provêm da sociedade em geral, fora de sua capacidade de intervenção, asseguram, mais inconscientemente que deliberadamente, a reprodução das relações sociais nas quais o racismo encontra seu lugar (2007,p.118/119).

Portanto, mesmo que de maneira inconsciente, os veículos de comunicação, de certo modo, perpetuam “os estereótipos e os preconceitos que trespasam a sociedade considerada” (WIEVIORKA,2007,p.118/119). Com efeito, embora haja no jornalismo atual, ou pelo menos parte dele, um esforço para rejeitar em suas produções conceitos como o de *underclass*, evitando estigmatizar os grupos minoritários, ainda assim as representações sociais secularmente inculcadas no imaginário da sociedade reaparecem nas manchetes e nos textos.

Partindo deste ponto de vista, portanto, podemos considerar que houve um erro por parte da redação do *The New York Times* em uma de suas reportagens. No título da matéria jornalística para descrever as passeatas que aconteciam pelos EUA, o jornal nova-iorquino destacou a frase do então governador de Minnesota, Tim Walz:

“Caos absoluto”.⁶⁵ Ao destacar a frase no título, o periódico, de certa maneira, transmitia aos seus leitores a imagem de que graças aos manifestantes a nação encontrava-se à beira do caos, quando, na verdade, o que se via era um levante histórico-social contra o fim da discriminação racial sofrida há anos pela comunidade negra. Sim, de fato, como visto anteriormente e como veremos mais para frente, havia cenas de “vandalismos” que deveriam ser divulgadas e repudiadas amplamente pela opinião pública. Entretanto, não se podia perder de vista que a causa que movia os protestos era a luta contra o fim do racismo. Além disso, por mais que o movimento desencadeado pela morte de George Floyd tenha seguido a política da não-violência preconizada por Martin Luther King Jr e pelo Black Lives Matter, nenhuma manifestação de massa consegue evitar infiltrações de grupos movidos por interesses alheios aos do protesto.

Voltando à cobertura do caso de George Floyd, é importante ressaltarmos que, obviamente, a intenção do *The New York Times* nunca foi reforçar qualquer juízo de valor negativo sobre a comunidade afro-estadunidense. O caso do jornal nova-iorquino insere-se na reflexão de Wieviorka, segundo a qual,

o papel de um órgão de imprensa ou de uma cadeia de televisão na ação antirracista pode corresponder a um projeto explícito de sua direção, até mesmo de uma intenção militante, e existem numerosas publicações animadas por militantes que se propõem, como objetivo principal, combater o racismo em geral (2007,p.134).

E era justamente dentro deste argumento que se encontrava o referido veículo de comunicação. Além do mais, a mídia estadunidense como um todo desde os anos de 1940 para cá vêm sofrendo mudanças profundas nas redações. Inclusive, de forma sistemática, procuram incluir “membros de minorias mais ou menos suscetíveis de serem vítimas de racismo no seio das redações”. Isso é decorrência da política de *affirmative action* (discriminação positiva),

⁶⁵ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., The New York Times, 29 de maio de 2020.

mas também de preocupação instrumental da direção a fim de dispor, para informações relativas às minorias envolvidas, contratos supostamente mais fáceis ou mais diretos e também mais bem informados (WIEVIORKA, 2007,p.134).

Por fim, devemos salientar mais um argumento do referido sociólogo francês a respeito do papel das mídias na produção e na reprodução do racismo e do antirracismo. Segundo o autor, não é justo eximi-las

de toda a responsabilidade na evolução do racismo, como se elas não fizessem senão repercuti-lo ou veiculá-lo; nem, ainda mais, imputar-lhes uma responsabilidade demasiado grande, como se elas funcionassem com toda a independência, fora das relações sociais (2007,p.136).

Fechamos parênteses sobre a análise das mídias e voltamos aos protestos. Por todo o país, o clima amistoso das manifestações dava lugar a cenas de depredação e violência. Em Nashville, capital do Tennessee, por exemplo, o prédio da prefeitura chegou a ser incendiado.⁶⁶ Em Atlanta, capital da Geórgia, alguns indivíduos queimaram carros de polícia pelo caminho enquanto se dirigiam ao CNN Center, a sede mundial do canal jornalístico da CNN, que, posteriormente, também foi danificado. Outras pessoas atiraram pedras na entrada do luxuoso Omni Hotel. Já um terceiro grupo, por sua vez, quebrou as janelas do Hall da Fama do College Football para roubar roupas esportivas de marca.⁶⁷ Diante desse cenário todo, a então prefeita democrata de Atlanta, Keisha Lance, fez um apelo público:

Chega! Vocês precisam ir para casa. Estamos todos com raiva. Isso machuca. Isso machuca todo mundo nessa sala. Mas o que iremos mudar destruindo a cidade? Vocês

⁶⁶ Fiery Clashes erupt between police and protesters over George Floyd death, The New York Times, 30 de maio de 2020.

⁶⁷ 'Absolute chaos', in Minneapolis as protests grow across U.S., The New York Times, 29 de maio de 2020.

*perderam toda a credibilidade agora. Não é assim que mudamos a América. Não é assim que mudamos o mundo.*⁶⁸

Quem ouviu os apelos da prefeita foi a filha mais jovem de Martin Luther King, Bernice King. Em uma declaração pública, invocando o legado do pai, ela disse que “violência, na verdade, cria mais problemas. Não é a solução”, e afirmou: “Têm pessoas [Donald Trump e seus discípulos] que tentaram incitar uma guerra racial nesse país. Não vamos cair nas mãos e na armadilha deles. Existe outro jeito”.⁶⁹ Apesar dos apelos, contudo, a violência continuou e se espalhou pelos EUA afora. Para efeito ilustrativo, na cidade de Portland, em Oregon, indivíduos atearam fogo no Multnomah County Justice Center. Já na cidade de Columbus, em Ohio, um grupo tomou as escadas do Capitólio do estado e quebraram as janelas do prédio.⁷⁰

Quando a noite caía na grande metrópole de Nova York, os confrontos entre pessoas e a polícia tomavam conta das ruas. Os embates aconteciam principalmente na Union Square, em Manhattan, e no Barclays Center. Além de saquear lojas, alguns sujeitos incendiavam latas de lixo pelo caminho e jogavam objetos nas forças de segurança pública que respondiam rapidamente com balas de borracha para dispersar a multidão.⁷¹

A polícia, contudo, não reprimia apenas as ações dos assim chamados “vândalos”. Ao contrário, repórteres e cinegrafistas que cobriam as manifestações passaram a ser alvo das ofensivas do aparato repressivo. Em um dos atos que aconteceram na capital de Washington, perto da Casa Branca, um policial foi visto batendo o seu escudo antimotim no peito de um cinegrafista. Já em Minneapolis, onde tudo começou, guardas atiraram projéteis em direção a uma equipe de TV, ameaçando-a posteriormente de prisão.⁷²

⁶⁸ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁶⁹ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁷⁰ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁷¹ Cities on edge as fires burn near White House, The New York Times, 31 de maio de 2020.

⁷² In turnabout, global leaders urge U.S. to protect reporters amid unrest, por Megan Specia, The New York Times, 4 de junho de 2020.

A cena mais emblemática, todavia, foi protagonizada pelo jornalista da CNN, Omar Jimenez. Junto com a sua equipe, Jimenez realizava uma cobertura ao vivo de um protesto que acontecia também em Minneapolis quando foi interpelado por agentes que afirmaram que ele não podia ficar no local. O jornalista então, de maneira calma e simpática, perguntou aos policiais onde então ele poderia ficar. Seu gesto simpático, no entanto, não foi correspondido. Longe disso, de forma totalmente arbitrária e sem lhe dar resposta à indagação, os guardas prenderam o profissional.⁷³ Sob à luz das câmeras, o mito da democracia dos Estados Unidos, conhecido pelos seus valores de igualdade, justiça e especialmente de liberdade de imprensa, algo garantido na Primeira Emenda da Constituição, ruía em parte diante dos olhos do mundo, levando diversos governos democráticos a condenarem publicamente as investidas contra jornalistas.⁷⁴

Com os rastros de destruição e as constantes cenas de depredações e saques, governadores e prefeitos não encontraram outra saída a não ser adotar o toque de recolher e chamar o reforço da Guarda Nacional, que passou a atuar em ao menos em 24 estados.⁷⁵ Essa paisagem de destruição e violência acabou sendo instrumentalizada pelo então presidente Donald Trump em favor de seu discurso conservador, autoritário e subliminarmente racista de “Lei e Ordem”. Obviamente, não se podia esperar dos organizadores um controle sobre os grupos que circundam as manifestações antirracistas. Poderia sim haver pessoas que, descompromissadas com a pauta política da passeata, iam para se aproveitar do anonimato da multidão para cometer furtos e saques. Ou, grupos de extrema-esquerda que viam nos protestos a oportunidade perfeita para “quebrar os símbolos do capital”, ou mais ainda, integrantes da extrema-direita, inclusive policiais, que se juntavam aos atos com o objetivo de “sabotá-los” espalhando o caos. De fato, em alguns momentos, houve relatos de que os guardas usaram força excessiva em situações desnecessárias e, em outros momentos, apenas observavam os saques às lojas

⁷³ In turnabout, global leaders urge U.S. to protect reporters amid unrest, por Megan Specia, The New York Times, 4 de junho de 2020.

⁷⁴ In turnabout, global leaders urge U.S. to protect reporters amid unrest, por Megan Specia, The New York Times, 4 de junho de 2020.

⁷⁵ Fiery Clashes erupt between police and protesters over George Floyd death, The New York Times, 30 de maio de 2020.

serem feitos. Na verdade, ninguém sabia ao certo quais eram os grupos responsáveis pelas cenas de violência.⁷⁶ Porém, uma coisa era certa, isso era o combustível ideal para que Trump desqualificasse o movimento antirracista do Black Lives Matter e reavivasse a sua base conservadora com o seu discurso bélico.

1.5 Donald Trump: Valente no Twitter, assustado na Casa Branca

Os Estados Unidos eram assolados pela pandemia da COVID-19. Os números de infectados e mortos pela doença cresciam exponencialmente a cada dia. Somado a isso, as ruas do país eram tomadas por um levante social que clamava pelo fim do racismo. Diante desse cenário todo, contudo, o líder da extrema-direita e então presidente estadunidense, o republicano Donald Trump, vivia no seu mundo paralelo das redes sociais. No primeiro momento, apesar de se recusar a condenar publicamente os policiais envolvidos no caso, ele adotou a cartilha do politicamente correto e declarou que a morte de George Floyd foi uma “visão muito chocante” e “um acontecimento muito, muito triste”.⁷⁷

A versão “Paz e Amor” de Trump, no entanto, não duraria muito. Assim que os protestos começaram a se desencadear pelos EUA e as cenas de violência passaram a ser noticiadas pelos veículos de comunicação, o republicano voltou a utilizar a sua habitual postura de combate. Como de praxe, através do Twitter, o então mandatário cobrou uma postura mais rígida do prefeito de Minneapolis, o democrata Jacob Frey, para reprimir os atos, caso contrário, ele não hesitaria em convocar a Guarda Nacional para assumir o controle das ruas. Porém, não parou por aí. Pouco tempo depois, chamou os manifestantes, sem procurar fazer distinção alguma, de “bandidos” e sugeriu às forças de segurança pública que atirassem nas pessoas que estavam cometendo delitos nas passeatas.⁷⁸

A ferocidade era a arma predileta do republicano. Segundo Max Weber, o Estado possui o monopólio legítimo da violência e, portanto, quando conflitos de

⁷⁶ Many claim extremists are sparking protest violence. But which extremists?, por Neil MacFarquhar, The New York Times, 31 de maio de 2020.

⁷⁷ Protest continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

⁷⁸ Protest continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

violência surgem na sociedade ele se torna o responsável pela sua extensão ou pela sua regressão (in WIEVIORKA,2007,p.72). No caso dos afro-estadunidenses a coerção nunca regredia. O aparato repressivo do Estado atuava de forma arbitrária, fora dos limites da lei, utilizando, como o episódio de George Floyd demonstra, uma violência ilegítima, pode-se mesmo dizer, criminosa. Trump, todavia, oferecia ao eleitorado conservador, especialmente aqueles mais assustados diante das proporções adquiridas pelos protestos, restabelecer a “Lei e a Ordem” por meio do uso da força necessária, deixando subtender o emprego inclusive da “brutalidade policial”, o mecanismo historicamente acionado para manter os negros sob o reino do terror do Estado. Na corrida presidencial de 2016, precisamos recordar, na qual superou a democrata Hillary Clinton, ele se mostrou um grande adepto da tática policial “stop and frisk” (“parar e revistar”), que permitia que policiais revistassem pessoas que considerassem suspeitas sem a necessidade de um mandato. À luz do exposto mais acima, não era de se surpreender que o alvo principal desse tipo de abordagem eram os afro-estadunidenses, em especial os jovens.⁷⁹ O líder da extrema-direita dos EUA, na verdade, desde que se aventurou no ramo político, de maneira muito clara, sempre procurou estigmatizar a comunidade negra e reprimir os movimentos antirracistas. Em determinado momento, para se ter uma ideia, ele chegou a dizer que o Black Lives Matter era uma “ameaça”.⁸⁰ Não à toa, ao longo da referida disputa presidencial, Trump criou um cenário apocalíptico de uma nação em ruínas. Explorando a “raiva” e a sensação da perda de espaço e de poder que muitos de seus seguidores tinham, especialmente os brancos das classes média e baixa e, sobretudo, aqueles que perderam os seus empregos, ele responsabilizava as minorias sociais pelas mazelas dos EUA, colocando-as até mesmo como uma ameaça a moral e a identidade nacional, e, além do mais, prometia o retorno da “América Grande” (“Make America Great Again”), ou seja, de um país em que a sua base eleitoreira voltaria a se sentir suficientemente “poderosa” e “privilegiada”.⁸¹ As palavras abaixo de Silvio Almeida são esclarecedoras para entendermos a manipulação promovida por Trump:

⁷⁹ Tensão racial e protestos elevam pressão sobre policiais dos EUA, por Marcelo Ninio, Folha de S. Paulo, 23 de setembro de 2016.

⁸⁰ Trump’s looting and ‘shooting’ remarks escalate crisis in Minneapolis, por Maggie Haberman e Alexandre Burns, The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁸¹ For whites sensing decline, Donald Trump unleashes words of resistance, por Nicholas Confessore, The New York Times, 13 de julho de 2016.

(...) nos momentos de crise, em que há aumento do desemprego e rebaixamento dos salários, o racismo desempenha um papel diversionista bastante importante, pois os trabalhadores atingidos pelo desemprego irão direcionar sua fúria contra as minorias raciais e sexuais, que serão responsabilizadas pela decadência econômica por aceitarem receber salários mais baixos, quando não pela “degradação moral” a que muitos identificarão como motivo da crise. O racismo será, portanto, a forma dos trabalhadores brancos racionalizarem a crise que lhes trouxe perdas materiais e de lidarem com as perdas simbólicas (2019,p.187).

Colocar as minorias sociais como bode expiatório para os problemas socioeconômico de um país, aliás, não era nenhuma novidade, muito pelo contrário, é algo que se perpetua há anos, inclusive nos EUA. De acordo com o sociólogo estadunidense Robert King Merton, para efeito ilustrativo, no sindicalismo estadunidense

(...) os operários brancos, até a época do New Deal, excluem comumente os trabalhadores negros de seus sindicatos e se esforçam para expulsá-los do emprego, afirmando que são furadores de greve; em assim agindo, eles os constituem efetivamente como tais (in WIEVIORKA,2007,p.77/78).

Voltando a 2020. Devemos nos atentar ao tweet de Trump em que ele pede para as forças de segurança pública atirarem nos manifestantes – sem fazer distinção alguma. Segundo Wieviorka, a violência racista pode “ser política, empregada, preparada, organizada ou orquestrada por atores políticos” (2007,p.73). Nesse caso, a violência não era planejada por qualquer autoridade pública, mas sim pelo presidente de uma das maiores potenciais mundiais, e pior, contra o seu próprio povo. Ademais, o que saltava aos olhos era que não era algo feito nos bastidores e/ou entre linhas, longe disso, o republicano incitava a barbárie de modo público e explícito. Como não poderia ser diferente, o tweet foi amplamente criticado pela opinião pública e a plataforma do Twitter não encontrou outra alternativa a não ser pré-censurar a

publicação, uma vez que violava as regras da rede social, pois “glorificava a violência”.⁸² Por fim, devemos destacar a seguinte frase utilizado por Trump no tweet: “when the looting starts, the shooting starts” (“quando o saque começa, o tiroteio começa”). Essa expressão foi cunhada em 1967, pelo então chefe de polícia de Miami, Walter E. Headley, conhecido por comandar as incursões violentas nos bairros negros da cidade.⁸³ Diante da revolta dos guetos no país, verificada de um extremo ao outro, Headley disse em uma conferência de imprensa:

*Nós não tivemos problemas sérios com desobediências civis e saques porque eu espalhei a ordem de que quando o saque começa, o tiroteio começa (...). Nós não nos importamos de sermos acusados de brutalidade policial. Eles não viram nada ainda.*⁸⁴

Após sofrer pressão pública em relação ao seu tweet, o então presidente dos EUA recorreu mais uma vez à rede social para fazer um mea culpa. Afirmou que havia sido mal interpretado, que, na verdade, o que ele quis dizer era que os saques que estavam ocorrendo nas manifestações eram o que causavam a violência. Além disso, explicou que não queria que isso acontecesse e era essa a mensagem que a expressão usada por ele passava.⁸⁵ Trump, contudo, nem sempre condenava manifestações que tinham algum tipo de conduta violenta. Em 30 de abril de 2020, por exemplo, em Michigan, parte de seus apoiadores “armados até os dentes” invadiram o Congresso do Estado para protestar contra as medidas de isolamento social adotadas pela então governadora democrata, Gretchen Whitmer. Na ocasião, o republicano disse que os indivíduos que invadiram o Congresso eram “pessoas muito boas”. Agora, em contraste, ele chamava os manifestantes de “bandidos” e pedia para que as forças de segurança atirassem neles.⁸⁶

⁸² Protest continue to rage after death of George Floyd, The New York Times, 28 de maio de 2020.

⁸³ ‘Looting’ comment from Trump dates back to racial unrest of the 1960s, por Michael Wines, The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁸⁴ ‘Looting’ comment from Trump dates back to racial unrest of the 1960s, por Michael Wines, The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁸⁵ ‘Looting’ comment from Trump dates back to racial unrest of the 1960s, por Michael Wines, The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁸⁶ TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. Artigo: “Of course there are protests. The State is failing black people, The New York Times, 29 de maio de 2020.

Mais tarde, importante salientar, os trumpistas invadiram o Capitólio de Washington, sede do Congresso estadunidense, durante a contagem de votos do Colégio Eleitoral para protestar contra o resultado da eleição presidencial de 2020. Na época, sem comprovação alguma, o republicano alegava que o pleito, em que havia perdido para o então candidato democrata, Joseph Robinette “Joe” Biden Jr., popularmente conhecido como Joe Biden, tinha sido fraudado e incitava seus seguidores a realizarem a invasão ao Congresso para tentar reverter a sua derrota.⁸⁷

Voltando às manifestações antirracistas. Em um evento oficial realizado na Casa Branca, o líder da extrema-direita estadunidense voltou a falar sobre o caso de George Floyd e dos atos que aconteciam pelos EUA. Dessa vez, ele condenou o policial Derek Chauvin, argumentando que “certamente, parece que não há desculpas para isso” e que as ações do agente eram “um insulto tremendo para a polícia e os policiais”. Ao ser questionado sobre as marchas, o republicano, à princípio, adotou um tom mais ponderado. Argumentou que “certamente havia pessoas boas” nas manifestações e que estavam protestando “pela causa certa”. Também enfatizou que aqueles que cometiam saques estavam prestando “um grande desserviço ao país”.⁸⁸ Tratando-se de Donald Trump, todavia, devemos sempre esperar a criação de uma cortina de fumaça para os reais problemas da nação. Assim sendo, se a entrevista coletiva promovida na Casa Branca havia começado com um tom ponderado, não demorou muito para que se transformasse em ataque. Ele afirmou - como de costume sem demonstrar comprovação alguma - que o Twitter buscava censurar “republicanos, conservadores e o presidente dos EUA”.⁸⁹

Enquanto Trump jogava as suas invencionices ao vento, que eram seguidas à risca pelos seus admiradores mais fiéis, as manifestações antirracistas tomavam conta dos EUA. E não demorou muito para que os atos batessem na porta da Casa Branca. Vídeos que circulavam pelas redes sociais, mostravam uma grande multidão avançando em direção à morada oficial do presidente. Chegando nas proximidades

⁸⁷ Apoiadores de Trump invadem Congresso dos EUA, G1, 6 de janeiro de 2021. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/06/manifestantes-pro-trump-invadem-congresso-americano.ghtml>

⁸⁸ Trump’s looting and ‘shooting’ remarks escalate crisis in Minneapolis, por Maggie Haberman e Alexandre Burns, The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁸⁹ Trump’s looting and ‘shooting’ remarks escalate crisis in Minneapolis, por Maggie Haberman e Alexandre Burns, The New York Times, 29 de maio de 2020.

da Casa Branca, os manifestantes foram recebidos com gás lacrimogêneo pelo policiamento local. Além do mais, como medida extrema de segurança, o Serviço Secreto Americano bloqueou todas as entradas, desligou as luzes internas da residência e conduziu o republicano a se refugiar em um bunker subterrâneo, utilizado antigamente pelos presidentes para se protegerem de ataques terroristas.⁹⁰ Infelizmente, contudo, o Serviço Secreto esqueceu-se de tirar o celular das mãos de Trump que, escondido no bunker, recorreu a sua arma predileta, o Twitter, para atacar os manifestantes. Em determinado momento, ele chegou a declarar que caso as pessoas tivessem furado o bloqueio policial, elas seriam recebidas pelos “cães mais cruéis e as armas mais ameaçadoras” que elas jamais tinham visto.⁹¹

Mostrando bravura no Twitter, o líder dos trumpistas, não esperava um contragolpe tão hábil quanto o da então prefeita democrata de Washington, Muriel Elizabeth Bowser. Através da referida plataforma digital, a prefeita lhe respondeu da seguinte maneira:

*Não há cães cruéis nem armas ameaçadoras. Há apenas um homem assustado. Enquanto ele [Donald Trump] se esconde atrás de uma cerca com medo/sozinho, eu fico com as pessoas exercendo pacificamente o direito [previsto] na Primeira Emenda após o assassinato de George Floyd e centenas de anos de racismo institucionalizado.*⁹²

Essa não seria a única vez que Trump tomaria um contragolpe tão letal. Quando protestos tomaram as ruas de Seattle, a então prefeita democrata da cidade, Jenny Anne Durkan, e o então governador do estado de Washington, Jay Robert Inslee, foram intimados pelo líder da extrema direita estadunidense a recuperarem a metrópole, caso contrário, ele tomaria ações federais. Ademais, pelo Twitter, classificou os manifestantes como terroristas domésticos e invocou a sua plataforma política predileta da “Lei e Ordem”. Durkan, também pelo Twitter, lançou uma

⁹⁰ ‘Absolute chaos’, in Minneapolis as protests grow across U.S., The New York Times, 29 de maio de 2020.

⁹¹ Reuters. Artigo “EUA chegam a 5º noite de atos contra racismo em estado de ebulição”, Folha de S. Paulo, 31 de maio de 2020.

⁹² Reuters. Artigo “EUA chegam a 5º noite de atos contra racismo em estado de ebulição”, Folha de S. Paulo, 31 de maio de 2020.

contraofensiva simples, porém eficaz contra o republicano: “Deixe todos seguros. Volte para o seu bunker”.⁹³

Apesar dos golpes sofridos, o então presidente estadunidense continuava lançando suas investidas por meio de tweets. Mais tarde, ele voltou a cobrar uma postura mais firme dos democratas em relação às marchas antirracistas que aconteciam no país:

*Sejam firmes prefeitos e governadores democratas. Essas pessoas [os manifestantes] são ANARQUISTAS. Chamem a nossa Guarda Nacional AGORA. O mundo está assistindo e rindo de vocês e do Joe Sonolento [Joe Biden]. É isso que a América quer? NÃO!!*⁹⁴

Apesar de Trump esbravejar nas redes sociais, um dia após o outro, as pessoas tomavam as ruas, especialmente de Washington. Assim como em Nova York, durante o dia, os atos que se desenrolavam pela capital dos EUA eram, na sua grande maioria, pacíficos. Os ativistas que comandavam as passeatas usavam megafones para puxar gritos de protestos como “queremos mudanças”, “queremos acusações” e “não mais absolvições”. Além disso, de tempos em tempos, eles gritavam os nomes de algumas vítimas da brutalidade policial como George Floyd, Breonna Taylor e Philando Castile.⁹⁵ Por mais que as suas falas fossem rebatidas, de certo modo, alguns prefeitos e governadores democratas seguiram a cartilha do republicano e implementaram toques de recolher. Entretanto, isso não foi capaz de conter a ira da população. Em determinado momento, enquanto se dirigia à Casa branca, uma multidão deixava pelo caminho rastros de um protesto irrefreável: incêndios foram provocados em vários pontos da capital e, um deles, inclusive, chegou bem perto da icônica igreja pentecostal de St. John, frequentada ao menos uma vez por todos os presidentes desde James Madison. Felizmente, os bombeiros

⁹³ America's reckoning on racism spreads beyond policing, The New York Times, 10 de junho de 2020.

⁹⁴ Cities on edge as fires burn near White House, The New York Times, 31 de maio de 2020.

⁹⁵ Protests near White House spiral out of control again, por Shawn McCreesh, The New York Times, 31 de maio de 2020.

conseguiram controlar as chamadas e a igreja não sofreu nenhum dano.⁹⁶ Ao chegarem em frente à Casa Branca, o grupo enfurecido foi recebido por uma enorme barreira policial. Na tentativa de dispersá-la, por vezes, a polícia jogava bombas de gás lacrimogêneo na multidão. Nada disso, no entanto, foi suficiente. Eles não arredavam o pé e a tensão entre civis e guardas só aumentava.⁹⁷ Não demorou muito para que o inevitável ocorresse. Por volta das 21h, a multidão furou o bloqueio policial tomando conta do gramado sul da residência oficial do presidente. Enquanto a batalha entre forças de segurança pública e civis se desenrolava do lado de fora, mais uma vez refugiado dentro de seu bunker, Trump fazia suas investidas pelas mídias digitais. Pelo Twitter, chamou o acontecimento de “terrorismo doméstico” e, obviamente, clamava por “Lei e Ordem”.⁹⁸

Mais ainda, posteriormente ao episódio descrito acima, na tentativa de demonstrar força política e fazer uma contraofensiva às manifestações contra o racismo, o líder da extrema-direita convocou seus seguidores a realizarem um ato também em frente à Casa Branca. Chamando o evento de “MAGA [abreviação do slogan “Make America Great Again”] NIGHT AT WHITE HOUSE” (“MEGA NOITE NA CASA BRANCA”), ele pedia para que as pessoas usassem os bonés vermelhos de sua campanha. A convocatória, todavia, foi um fracasso e, como era esperado, nenhum boné vermelho foi visto nas redondezas.⁹⁹ Se não tinha nenhum trumpista por perto, por outro ângulo, os simpatizantes do Black Lives Matter estavam em todos os lugares. Em outro momento, enquanto o então presidente discursava no Rose Garden (um jardim que fica entre o Salão Oval e a ala oeste da Casa Branca), do lado de fora, militantes antirracistas entoavam gritos de protesto.¹⁰⁰

Em seu discurso no Rose Garden, Trump subia o seu tom bélico. No primeiro momento, até que começou a sua arguição de maneira amena. Disse que se unia aos

⁹⁶ Protests near White House spiral out of control again, por Shawn McCreesh, The New York Times, 31 de maio de 2020.

⁹⁷ Protests near White House spiral out of control again, por Shawn McCreesh, The New York Times, 31 de maio de 2020.

⁹⁸ Protests swell in U.S. and beyond as George Floyd is mourned near his birthplace, The New York Times, 6 de junho de 2020.

⁹⁹ Protests near White House spiral out of control again, por Shawn McCreesh, The New York Times, 31 de maio de 2020.

¹⁰⁰ Tear gas clears path for Trump to visit church, The New York Times, 1 de junho de 2020.

estadunidenses que estavam “justamente enojados e revoltados” com a morte de George Floyd. Mas, sua complacência com as manifestações contra o racismo que ocorriam EUA afora parou por aí. Não demorou muito para que ele ameaçasse colocar uma presença maciça de policiais para “dominar as ruas” que responderiam com uma aplicação “esmagadora da lei até que a violência fosse encerrada”. Além do mais, afirmou que caso os governadores se recusassem

*(..) a tomar ações necessárias para defender a vida e a propriedade de seus moradores, então eu convocarei os militares dos EUA e resolverei o problema rapidamente para eles.*¹⁰¹

A cena mais emblemática protagonizada por Trump, contudo, viria a seguir. Assim que terminou o seu discurso, ele desceu do palanque e escoltado – como não poderia ser diferente – por uma enorme tropa de militares da Guarda Nacional e um contingente de policiais, caminhou em direção aos manifestantes. Para abrir passagem, os militares e os guardas jogavam bombas de gás lacrimogêneo e granadas de flash na multidão que, até então, estava pacífica. Tudo isso para que o então mandatário pudesse chegar à Igreja St. Joh, onde, exibindo-se para as câmeras dos jornalistas, segurou uma Bíblia na mão.¹⁰² Era uma clara manipulação religiosa e um ato desesperado para demonstrar poder. Trump, na verdade, estava perdendo capital político. Os EUA, sob o seu comando, encontrava-se em um cenário apocalíptico (de certa forma uma ironia, pois um dos motivos que o levou a conquistar a eleição presidencial de 2016 era justamente a ideia de que caso Hillary ganhasse os EUA viveriam um “apocalipse”): o país era assolado pela pandemia da COVID-19 que tirava a vida e o emprego de milhares de pessoas e, ao mesmo tempo, se deparava com o racismo estrutural e a violência policial contra os afro-estadunidenses. Dessa maneira, sentindo cada vez mais a constante pressão que era feita sobre a sua administração, seja em relação ao negacionismo na questão da pandemia, seja devido à falta de políticas públicas direcionadas à comunidade negra, o líder da extrema-direita estadunidense acenava cada vez mais para a sua base conservadora e fiel, e procurava, através da força bruta do aparato repressivo do

¹⁰¹ Tear gas clears path for Trump to visit church, The New York Times, 1 de junho de 2020.

¹⁰² Tear gas clears path for Trump to visit church, The New York Times, 1 de junho de 2020.

Estado, restabelecer a ordem sociorracial instituída no interesse dos grupos que ele representava. Não à toa, sempre que possível, ele fazia elogios aos policiais (um dos pilares da base trumpista), como por exemplo, em determinado momento, afirmou que 99,9% dos agentes de segurança pública do país eram “ótimas pessoas”.¹⁰³ Sim, claro, parafraseando os Rolling Stones na letra da canção “Sympathy For The Devil”: “assim como todo policial é criminoso, todo pecador é santo”, ou seja, obviamente, não podemos cair no erro de generalizar e considerar todos os agentes como maus profissionais, ou que, de algum modo, estão ligados à extrema-direita. Inclusive, em vários momentos nas manifestações contra o racismo, era possível ver certa união entre policiais e cidadãos. Em Nova York, um dos momentos mais simbólicos foi quando um guarda se ajoelhou com os manifestantes em sinal de respeito.¹⁰⁴

Entretanto, convém ressaltar que não podemos concordar com a afirmação de Trump. Mas sim, devemos analisar a real mensagem contida por trás de sua fala. Segundo Silvio Almeida, o racismo individual caracteriza-se por ser “um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados”. Assim sendo, quando concebido, ele é, ou pelo menos deveria ser, combatido no “campo jurídico por meio de aplicação de sanções civis - indenizações, por exemplo, - ou penais”. Em outras palavras, sob este ponto de vista, “não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo” (2019,p.36). Ora, ao afirmar categoricamente que 99,9% dos guardas eram “ótimas pessoas”, o republicano buscava transmitir a ideia de que os casos de racismo que aconteciam nas abordagens policiais não passavam de atos isolados de maus agentes. Com efeito, ele negava veementemente a existência do racismo institucional que persiste dentro das corporações de segurança pública dos EUA há anos. Michel Wieviorka, por sua vez, retrata o racismo institucional presente na polícia francesa. De acordo com o autor,

¹⁰³ Trump rebuffs protests over systemic racism and calls police ‘great people’, por Peter Baker e Maggie Haberman, The New York Times, 8 de junho de 2020.

¹⁰⁴ Informação retirada do Twitter do jornalista Derek M. Norman. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/derek_m_norman/status/1267279241177112576?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1267279241177112576%7Ctwgr%5E1f5b8f9689132ad35b1c95dae05b1148e6d21d60%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.nytimes.com%2F2020%2F05%2F31%2Fnyregion%2Fnyc-protests-george-floyd.html.

o comportamento dos policiais e militares que interpelam os jovens “com cara”, por exemplo, numa operação de combate ao terrorismo, explica-se pela maior probabilidade de que eles transportam um engenho explosivo, ação atribuída a esses jovens, de preferência às pessoas mais idosas e aparentemente “de cepa”; além disso, os policiais podem, nesse contexto, esperar que, mesmo se não houver bomba a descobrir, haverá sempre algumas gramas de haxixe ou a ausência de carta de permanência. A discriminação, aqui, está no fato de que são certas categorias de pessoas que são interpeladas, e não na própria interpelação, pelo menos se ela se efetua no respeito da lei (2007,p.69).

Apesar de estar se referindo a sociedade francesa, podemos aplicar o argumento acima de Wieviorka no cenário estadunidense. Em Minneapolis, por exemplo, palco da tragédia que desencadeou todo esse movimento antirracista, a comunidade negra representa 20% da população da cidade. Todavia, conforme uma pesquisa realizada pelo próprio Departamento de Polícia do município, os negros eram mais revistados, presos e sofriam mais com a abordagem policial do que os brancos. Não à toa, como elucidavam os dados de 2009 até maio de 2019, mais de 60% das vítimas de tiroteio envolvendo policiais eram afro-estadunidenses.¹⁰⁵ Projetadas para o contexto nacional, as estatísticas eram ainda mais alarmantes. Segundo o editor do *The New York Times*, Spencer Bokats-Lindell, em 2020, os negros eram três vezes mais propensos a morrerem por policiais do que os brancos.¹⁰⁶ Dessa maneira, podemos recorrer mais uma vez a música da banda Rage Against The Machine, “Killing in the Name”. Nos versos a seguir, a canção denúncia que as abordagens policiais sempre miram os negros e que em muitos casos acabam sendo mortos:

Those who died are justified

(Aqueles que morrem são justificados)

¹⁰⁵ Minneapolis police, long accused of racism, face wrath of wounded city, por Matt Furber, John Eligon e Audra D. S. Bruch, *The New York Times*, 27 de maio de 2020.

¹⁰⁶ Why is police brutality still happening?, por Spencer Bokats-Lindell, *The New York Times*, 28 de maio de 2020.

For wearing the badge
(Por usarem o distintivo)
They're the chosen whites
(Eles são os brancos escolhidos)
You justify those that died
(Você justifica aqueles que morrem)
By wearing the badge
(Por usarem o distintivo)
They're the chosen whites
(Eles são os brancos escolhidos)

Para Almeida,

em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade (2019,p.48/49).

E, de maneira não surpreendente, a plataforma política do então presidente estadunidense à comunidade negra era justamente a manutenção das práticas racistas que regiam o país, mantendo os negros confinados o máximo possível nos bairros segregados e recorrendo em muitos casos do aparato repressivo do Estado para oprimi-los e constrangê-los. Verdade seja dita, Donald Trump não era o primeiro mandatário a adotar uma linha política que prejudicasse a ascensão social e econômica dos afro-estadunidenses. Durante o mandato do republicano Richard Milhous Nixon (1969-1974), no começo dos anos de 1970, os programas sociais Great Society que haviam sido implantados pelo governo democrata de Lyndon Johnson, durante a onda dos protestos pelos Direitos Civis dos anos de 1960, foram gradualmente desmontados, impossibilitando que as cidades tivessem recursos para atender às demandas de sua população mais vulnerável. Contudo, foi durante a administração também republicana de Ronald Reagan, na década de 1980, como vimos anteriormente, que esse processo se acelerou. O orçamento destinado ao desenvolvimento urbano sofreu um corte de 68%, o programa habitacional federal

teve um corte de 70% e a assistência social caiu pela metade em 1977 e 1988. Além disso, outros serviços essenciais, tais como, transporte público, serviços médicos, escolas, coleta de lixo e inspeção de residências também sofreram cortes profundos em seus orçamentos (WACQUANT,2008,p.39/40). Segundo Wacquant, a “Guerra contra a pobreza”, promovida por Lyndon Johnson, dava lugar à “Guerra contra o Estado de bem-estar social” iniciada por Reagan e ampliada por seus sucessores. Sendo assim,

as políticas de Estado passaram do combate às disparidades etnorraciais e de classe ao acompanhamento de suas consequências pelo desenvolvimento de uma dupla estratégia de indiferença benévola nos escalões superiores da estrutura social e de repressão ativa na base dessa mesma estrutura. (WACQUANT,2008,p.72/73).

Voltando ao ano de 2020. Trump, além dos seus discursos bélicos para agitar a sua base radical conservadora, sempre que se sentia acuado de alguma forma, também recorria a uma de suas invencionices. Usando – como sempre – o Twitter, ele disse que “ninguém tinha feito mais pela comunidade afro-estadunidense que o ‘Presidente Trump’” e afirmou que o melhor estava por vir.¹⁰⁷ A mentira, nesse caso, era tão absurda e escancarada que não se fazia necessário o trabalho de uma agência de checagem de notícias.

De uma coisa – vejam só – Donald Trump estava certo. O melhor estava por vir. As manifestações contra o racismo não seriam vistas apenas nos Estados Unidos. Longe disso, de maneira surpreendente, elas alçaram voo e se espalharam para outras partes do globo. De forma poética, o mundo erguia seus punhos fechados para cima e gritava uniformemente: “Black Lives Matter” (“Vidas Negras Importam”).

¹⁰⁷ Trump’s false claim that ‘nobody has ever done’ more for the black community than he has, por Linda Qiu, The New York Times, 5 de junho de 2020.

1.6 A revolta se espalha pelo mundo

Basta. Era isso que as pessoas, ou pelo menos aquelas comprometidas com a luta contra o racismo, clamavam pelas ruas dos quatro cantos do mundo. Graças ao vídeo amador que circulou por toda a internet, o planeta pode testemunhar e se indignar com a morte de George Floyd. O levante antirracista que tomou conta dos EUA, agora buscava conquistar novos lugares. E assim fez. Bem como no país natal de Floyd, os atos duraram semanas em algumas nações, jogando luz ao problema do racismo estrutural presente em muitas sociedades.¹⁰⁸

Na capital francesa, os atos antirracistas eram organizados em frente à embaixada dos EUA e nas redondezas da Torre Eiffel. Se inspirando nos estadunidenses, os protestos na França duraram semanas e pediam Justiça também aos casos de racismo que aconteceram no país.¹⁰⁹ Outras regiões europeias, tais como, Copenhague (Dinamarca), Budapeste (Hungria) e Madrid (Espanha), apresentaram manifestações em frente às Embaixadas dos EUA.¹¹⁰ Apesar das advertências dadas pelo então primeiro-ministro, Scott John Morrison, sobre os perigos de contágio do coronavírus, os australianos tomaram as ruas de seus municípios. Aproveitando o clamor popular, ativistas locais passaram a denunciar as discriminações raciais que aconteciam contra a minoria dos aborígenes na Austrália.¹¹¹ Já no Canadá, as manifestações aconteceram nas cidades de Vancouver, Montreal e Toronto.¹¹² A seguir imagem de um tweet mostrando uma manifestação contra o racismo em Paris:

¹⁰⁸ Huge crowds around the globe march in solidarity against police brutality, por Damien Cave, Livia Albeck-Ripka e Iliana Magra, The New York Times, 6 de junho de 2020.

¹⁰⁹ Huge crowds around the globe march in solidarity against police brutality, por Damien Cave, Livia Albeck-Ripka e Iliana Magra, The New York Times, 6 de junho de 2020.

¹¹⁰ Enquanto EUA têm atos pacíficos, Europa registra protestos violentos, por Ana Estela de Souza Pinto, Folha de S. Paulo, 8 de junho de 2020.

¹¹¹ Huge crowds around the globe march in solidarity against police brutality, por Damien Cave, Livia Albeck-Ripka e Iliana Magra, The New York Times, 6 de junho de 2020.

¹¹² Global anger grows over George Floyd death, and becomes an anti-Trump cudgel, por Javier C. Hernández e Benjamin Mueller, The New York Times, 1 de junho de 2020.



FRANCE 24 English
@France24_en

...

Thousands in Paris protest racial injustice as George Floyd killing resonates beyond US f24.my/6Xhy.t

Traduzir Tweet



6:05 PM · 2 de jun de 2020

113

Oriente Médio e África também apresentaram atos antirracistas. Na cidade de Idlib, na Síria, dois artistas utilizaram as paredes de um prédio em ruínas para escrever “eu não consigo respirar” e “não ao racismo”. Já no Quênia, diversas pessoas segurando cartazes com os dizeres: “silêncio é violência” e gritando “fim da brutalidade policial” ficaram concentradas em frente à embaixada estadunidense do país.¹¹⁴ O continente asiático também mostrou solidariedade na luta contra o racismo. Em Tóquio, capital japonesa, os manifestantes, além de pedirem justiça a George Floyd, lembraram do caso local de um homem curdo que teria sofrido maus tratos de guardas. Já em Seul, capital da Coreia do Sul, ativistas usaram máscaras negras com os dizeres “Não Consigo Respirar” em coreano. A China também apresentou relatos de protestos.¹¹⁵ No Brasil também ocorreram manifestações, mas ao contrário dos

¹¹³ Imagem retirada do Twitter de France 24. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/france24_en/status/1267925348403929088.

¹¹⁴ Huge crowds around the globe march in solidarity against police brutality, por Damien Cave, Livia Albeck-Ripka e Iliana Magra, The New York Times, 6 de junho de 2020.

¹¹⁵ Reuters. Artigo “Atos antirracistas crescem no mundo e tentam recuperar fôlego nos EUA, Folha de S. Paulo, 7 de junho de 2020.

demais países, os atos apresentaram outras pautas além do combate ao racismo, como a luta em defesa da democracia e contra o então presidente Jair Bolsonaro (**os atos que aconteceram no Brasil serão abordados mais profundamente no capítulo 3**).¹¹⁶

As marchas não viviam apenas de cantorias. Ao contrário, mudanças estavam acontecendo. Enquanto o levante antirracista erguia cada vez mais a sua voz, símbolos de opressão eram postos abaixo. No Reino Unido, mais precisamente em Bristol, na Inglaterra, à estátua de Edward Colston foi derrubada por cordas. O monumento de bronze, erguido em 1895, era uma homenagem a um senhor de escravos do século XVII que fez fortuna transportando cerca de 80 mil homens, mulheres e crianças da África para o Caribe e as Américas.¹¹⁷ Assim que a estátua foi derrubada, pessoas começaram a dançar por cima dela. Posteriormente, rolaram-na rua abaixo em direção a um rio no qual, afinal, jogaram a estátua para ser esquecida. Além disso, conforme as autoridades locais, o monumento de Edward Colston não será repostado. Ao contrário, em seu lugar será construída uma estátua em homenagem a Paul Stephenson, um trabalhador negro que, em 1963, liderou boicotes contra a Companhia de Ônibus de Bristol para forçar a empresa a acabar com as práticas de discriminação na contratação de minorias.¹¹⁸ Na Bélgica, a estátua do Rei Leopoldo 2º, responsável pela morte de cerca de 10 milhões de africanos no século XIX, foi incendiada e, posteriormente, removida.¹¹⁹ Nos EUA, inclusive, o movimento que pedia a retirada de obras que glorificavam a escravidão ganhava força. Ao todo, eles conseguiram remover 10 monumentos de confederados ou de figuras controversas. Dentre eles, importante destacar a estátua do colonizador Cristóvão Colombo, em Richmond, no estado da Virgínia, que foi derrubada e atirada ao lago por manifestantes.¹²⁰

¹¹⁶ Convocação para ator pró-democracia ganham força, mas ideia divide grupos, por Joelmir Tavares, Folha de S. Paulo, 3 de junho de 2020.

¹¹⁷ Enquanto EUA têm atos pacíficos, Europa registra protestos violentos, por Ana Estela de Souza Pinto, Folha de S. Paulo, 8 de junho de 2020.

¹¹⁸ 'Get rid of them': A statue falls as Britain confronts its racist history, por Mark Landler, The New York Times, 8 de junho de 2020.

¹¹⁹ Enquanto EUA têm atos pacíficos, Europa registra protestos violentos, por Ana Estela de Souza Pinto, Folha de S. Paulo, 8 de junho de 2020.

¹²⁰ America's reckoning on racism spreads beyond policing, The New York Times, 10 de junho de 2020.

Se o movimento contra o racismo conquistava as suas vitórias, em contrapartida, não demoraria muito para que a extrema-direita desse a sua resposta. Na Inglaterra, na tentativa de proteger as estátuas de cunho racista, simpatizantes dessa ideologia começaram a se reunir em frente delas para protegê-las. Para se ter uma ideia, nacionalistas brancos, com a camiseta da seleção inglesa (percebem que, de certo modo, não era apenas no Brasil que a camiseta da seleção era capturada pela extrema-direita), se concentraram na Praça do Parlamento para proteger o Memorial de Guerra de Cenotaph (homenagem aos mortos em combate na Primeira e na Segunda Guerra Mundial). Se descrevendo como patriotas, eles cantavam “Inglaterra, Inglaterra” e “Winston Churchill é um de nós” (anteriormente, a estátua do ex-primeiro-ministro havia sido pichada com os dizeres: “Churchill racista”).¹²¹ Em outro dado momento, a praça Trafalgar Square, na capital londrina, foi palco de uma violenta briga entre os membros da extrema-direita contra os manifestantes dos atos antirracistas. Os grupos jogavam garrafas e latas uns nos outros e só foram separados após a chegada em massa da polícia de choque.¹²²

Por incrível que pareça, até as companhias de chá britânicas se encontraram no meio do debate racial. Como parte de sua contraofensiva, os nacionalistas iniciaram uma campanha de boicote às empresas que estivessem apoiando as manifestações antirracistas. Uma das principais influenciadoras da extrema-direita britânica, a youtuber Laura Towler, em seu Twitter, escreveu que estava feliz pela “Yorkshire Tea não apoiar o BLM [sigla do movimento Black Lives Matter]”. Ela, no entanto, não esperava uma resposta de tão alto nível da empresa: “Por favor, não compre o nosso chá. Estamos tomando um tempo para nos educar e para planejar ações antes de postar. Nós somos contra o racismo #BlackLivesMatter”. Na tentativa então de prejudicar a imagem da Yorkshire Tea, os adeptos da extrema-direita passaram a divulgar que comprariam os chás da empresa rival, a PG Tips. Mal sabiam eles que tomariam outra resposta amarga. Prontamente, a PG Tips escreveu a seguinte mensagem em seu Twitter: “Se você está boicotando chás que se opõem ao racismo, você terá que achar duas novas marcas agora”. Para não dar qualquer colher

¹²¹ Reuters Artigo. Manifestantes contra o racismo e extrema-direita se enfrentam em Londres, O Globo, 13 de junho de 2020.

¹²² Reuters Artigo. Manifestantes contra o racismo e extrema-direita se enfrentam em Londres, O Globo, 13 de junho de 2020.

de chá à extrema-direita – não resisti ao trocadilho -, uma terceira companhia, a Teapigs, respondeu o tweet da PG Tips da seguinte forma: “Muito bem pessoal. Agora são três”¹²³. Ao que tudo indicava, os adeptos da referida ideologia ficariam sem o seu tradicional chá inglês.

Além das fabricantes de chá, indústrias de outros ramos também se posicionaram em favor da luta contra a discriminação racial. As gravadoras Capitol Records, Warner e o aplicativo de música Spotify, por exemplo, se juntaram à campanha “The Show Must Be Pause” (“O Show Deve Parar”), que promove a interrupção das atividades das empresas para protestar contra a violência policial sofrida pela comunidade negra.¹²⁴

Com o mundo todo abraçando a luta antirracista, a poderosa ferramenta de mobilização social, o esporte, não podia ficar de fora. Surfando na onda dos protestos ao redor do planeta, atletas, dos mais variados esportes e de diversos países, se engajaram nas suas redes sociais, ou inclusive com ações concretas dentro e fora das arenas esportivas, para demonstrar apoio à causa. Como não se via há muito tempo, o esporte voltava a ser um grande palco para o debate das questões sociais.

¹²³ Top U.K. tea brands urge #solidaritea with anti-racism protests, por Megan Specia, The New York Times, 9 de junho de 2020.

¹²⁴ Asfixia, por Walter Porto e Gustavo Fioratti, Folha de S. Paulo, 02 de junho de 2020.

Capítulo 2

A Luta Contra o Racismo no Esporte

2.0 - O Capítulo 2

O Capítulo 2 abordará como foram as manifestações contra o racismo promovidas pelos atletas dos mais diversos esportes, nos EUA e em outros países, após a morte de George Floyd. O capítulo tem como objetivo analisar os protestos dos atletas dentro e fora das quadras, isto é, como, para além das arenas esportivas, os jogadores utilizaram as redes sociais e se aventuraram em outras áreas sociais para promover a luta antirracista.

2.1 - Palavras não bastam

A morte de George Floyd não foi em vão. Após o seu assassinato cometido pelo policial Derek Chauvin, multidões, das mais diversas regiões do mundo, tomavam as ruas de suas cidades para protestar pelo fim da violência policial contra a comunidade negra. No esporte não seria diferente. Mobilizados pelo clamor popular, atletas, das mais variadas modalidades esportivas, se juntavam ao coro antirracista. Tudo começou com pronunciamentos. Na National Basketball Association (NBA – Associação Nacional de Basquete dos Estados Unidos), o ex-jogador e então treinador do Los Angeles Clippers, Glenn Anton “Doc” Rivers, foi um dos primeiros a falar sobre o assassinato de Floyd. Em uma entrevista coletiva, ele se lembrou do seu pai policial e das discriminações raciais que sofreu ao longo da vida:

Meu pai era um veterano de 30 anos no Departamento de Polícia de Chicago e, se ele ainda estivesse aqui conosco agora, ficaria muito magoado e indignado com os atos sem sentido de injustiça racial que ainda continuam a assolar o nosso país. Ser negro na América é difícil. Eu pessoalmente fui chamado de mais calúnias raciais do que posso contar, fui

“puxado” para trás várias vezes por causa da cor da minha pele e até tive a minha casa queimada.¹²⁵

O então técnico do San Antonio Spurs, Gregg Charles Popovich, também utilizou os microfones da imprensa para abordar os problemas raciais do país. Crítico ferrenho do então presidente Donald Trump, em uma entrevista concedida à revista *The Nation*, ele cobrou uma posição do republicano:

Nós precisamos de um presidente que venha a público e diga simplesmente “Black Lives Matter” [Vidas Negras Importam]. Apenas dizer essas três palavras. Mas ele não vai e não pode. Não pode porque é mais importante para ele apaziguar o seu pequeno grupo de seguidores que validam a sua insanidade. Mas, isso é mais importante do que Trump. O sistema tem que mudar. Eu irei fazer tudo o que puder para ajudar porque é isso o que líderes devem fazer.¹²⁶

Os atletas, assim como os dois treinadores acima, se pronunciaram sobre George Floyd. Um dos principais nomes do basquete masculino da atualidade - seguindo uma tradição de posicionamento dos jogadores estadunidenses desde os tempos de Kareem Abdul Jabbar (**como será demonstrado mais para frente**) - o então jogador do Los Angeles Lakers, LeBron Raymone James, popularmente conhecido apenas como LeBron James, em uma entrevista coletiva, foi incisivo na sua posição contra o aparato repressivo do Estado:

Estamos assustados como negros na América. Porque você não sabe, você não tem ideia de como o policial saiu de casa naquele dia. Você não sabe se ele acordou no lado bom da cama, se ele acordou no lado ruim da cama... Ou talvez ele

¹²⁵ Athletes’ outpouring on civil unrest rekindles Kaepernick debate in N.F.L., por Ken Belson, The New York Times, 31 de maio de 2020.

¹²⁶ As protests spur posts from athletes, N.B.A. players take to the streets, por Sopan Deb, The New York Times, 1 de junho de 2020.

*apenas saiu de casa dizendo “hoje será o fim de uma dessas pessoas negras”. É assim que parece.*¹²⁷

Já um dos maiores – para não dizer o maior – jogador de basquete de todos os tempos, Michael Jeffrey Jordan, cobrado muitas vezes por não se posicionar sobre questões sociais, dessa vez não ficou calado. Ele se manifestou por meio de um pronunciamento oficial intitulado “Já Chega” através do Twitter da sua franquia Charlotte Hornets (**falaremos mais sobre Michael Jordan mais para frente**).¹²⁸

Não eram apenas as vozes masculinas que ecoavam no coro antirracista. A liga de basquete feminina estadunidense, embora não tivesse a mesma visibilidade midiática da liga masculina, não deixava de ser combativa em relação ao racismo. A equipe de basquete feminino da Universidade de Connecticut, para efeito ilustrativo, soltou um manifesto redigido por suas atletas. O time de Connecticut pregava uma maior mobilização por parte dos brancos, afirmando que “para aqueles que não são negros, o silêncio é a maior traição do momento”.¹²⁹

Nem todos eram entusiastas dos manifestos. Por mais que na NBA a maioria dos donos das franquias apoiava, ou ao menos não fazia nenhuma objeção, aos atos antirracistas organizados pelos atletas, o então dono do New York Knicks, o empresário James Lawrence Dolan, caminhava na direção contrária. Conforme o canal esportivo ESPN, o empresário enviou um e-mail para todos da equipe com a seguinte mensagem:

*Como companhia no ramo esportivo e de entretenimento, nós [New York Knicks] não estamos mais qualificados do que ninguém para oferecer a nossa opinião sobre questões sociais.*¹³⁰

¹²⁷ With walkouts, a new high bar for protests in sports is set, por Kurt Streeter, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

¹²⁸ Athletes’ outpouring on civil unrest rekindles Kaepernick debate in N.F.L., por Ken Belson, The New York Times, 31 de maio de 2020.

¹²⁹ Athletes’ outpouring on civil unrest rekindles Kaepernick debate in N.F.L., por Ken Belson, The New York Times, 31 de maio de 2020.

¹³⁰ Knicks won’t weigh in on George Floyd, Dolan tells employees, por Sopan Deb, The New York Times, 2 de junho de 2020.

Dolan, podemos dizer, via com maus olhos a causa negra como um todo. Não obstante de ser um dos principais doadores da campanha de Trump na corrida presidencial à Casa Branca de 2016, na letra de uma das canções de sua banda, JD & The Straight Shot, ele ironizava a maneira como os jovens afro-estadunidenses eram abordados pela polícia:

Who is that walking?

(Quem é aquele que está caminhando?)

A shadow in the street

(Uma sombra na rua)

Looks like trouble from a judgment seat

(Parece um problema vindo de uma cadeira de julgamento)

There's no good under that hood

(Não há nada de bom debaixo desse capuz).¹³¹

No mundo do esporte, o então dono do New York Knicks estava longe de ser o único a apoiar o então presidente dos EUA. Na National Football League (NFL - Liga Nacional de Futebol Americano dos Estados Unidos), a maioria dos proprietários de times se identificava com o republicano. Muitos deles, inclusive, assim como Dolan, se tornaram doadores de sua campanha em 2016. Na verdade, a NFL como um todo refletia, de certo modo, a visão de país que Trump pregava: os cargos de poder eram ocupados majoritariamente por brancos (até então, não havia nenhuma equipe cujo dono era negro) e, em compensação, as funções subalternas eram ocupadas em sua grande maioria pelos afro-estadunidenses. Aliás, ao olharmos para o passado, perceberemos que a ausência de negros em funções de comando vem de longa data. Para se ter uma ideia, foi apenas em 1989 que a NFL teve o seu primeiro treinador afro-estadunidense, posição esta que ainda hoje é exercida predominantemente por brancos. Se por um lado, a elite da Liga pertencia aos brancos; por outro lado, dentro de campo, o jogo mudava: 70% dos atletas do futebol americano eram negros. Logo, em maioria no gramado e desfrutando constantemente

¹³¹ Knicks won't weigh in on George Floyd, Dolan tells employees, por Sopan Deb, The New York Times, 2 de junho de 2020.

da atenção das câmeras de transmissão, os jogadores, ou pelo menos aqueles comprometidos com os valores de igualdade e justiça racial, conseguiam contrapor o discurso trumpista vindo dos camarotes (onde normalmente os dirigentes assistiam às partidas) e fomentavam a luta antirracista dentro do esporte.¹³² E, de fato, eles fizeram isso. Em um primeiro momento, abraçando o clamor popular que vinha das ruas após a morte de George Floyd, atletas de diversas equipes gravaram depoimentos cobrando uma postura mais firme da NFL em relação ao combate ao preconceito racial.¹³³

Ao falarmos sobre racismo no esporte estadunidense, sobretudo no futebol americano, não podemos deixar de mencionar o nome do ex-quarterback e hoje ativista Colin Rand Kaepernick. Líder de um grupo de atletas que começou a se rebelar e a protestar dentro de campo contra a brutalidade policial à comunidade negra, símbolo e, por que não dizer, em muitos casos, o porta-voz do movimento Black Lives Matter no esporte, Kaepernick garantiu que, através da sua organização Know Your Rights Camp, ofereceria assistência legal aos manifestantes, chamados por ele de “lutadores da liberdade”, que fossem presos nas marchas antirracistas. Além disso, pelas redes sociais, o agora ativista deixou a seguinte mensagem (**falaremos mais de Colin Kaepernick mais para frente**):¹³⁴

*Quando a civilidade leva à morte, revoltar-se é a única reação lógica. Os gritos de paz irão chover, e quando isso acontecer, eles irão cair em ouvidos surdos, porque a sua violência trouxe essa resistência. Temos o direito de revidar.*¹³⁵

Palavras não bastavam. Os, pegando emprestado o termo usado por Kaepernick, “lutadores da liberdade” no esporte, ou seja, os atletas comprometidos com a causa negra, logo perceberam isso. Dessa maneira, sem pestanejar, eles

¹³² In NFL, the same old line and verse about hiring black coaches, por Kurt Streeter, The New York Times, 1 de fevereiro de 2021.

¹³³ Drew Brees’s unchanged stance on kneeling is suddenly out of step, por Ken Belson, The New York Times, 4 de junho de 2020.

¹³⁴ Athletes’ outpouring on civil unrest rekindles Kaepernick debate in N.F.L., por Ken Belson, The New York Times, 31 de maio de 2020.

¹³⁵ Athletes’ outpouring on civil unrest rekindles Kaepernick debate in N.F.L., por Ken Belson, The New York Times, 31 de maio de 2020.

partiram para a ação. Retomando os pensamentos (visto anteriormente no Capítulo 1) da professora de Política e Mídia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Rosemary Segurado, as redes sociais catalisam e potencializam os sentimentos de protesto e indignação e, além do mais, possuem uma capacidade de mobilização social que há algum tempo os partidos políticos perderam (in CHAIA, COELHO e CARVALHO, 2015, p. 214). Sob este ponto de vista, se as agremiações estadunidenses não conseguiam estimular mais as suas bases, em contrapartida, os atletas, valendo-se do enorme número de seguidores que tinham, instigavam a população a ir às manifestações. Na realidade, eles deram um passo a mais, ou melhor dizendo, vários passos a mais, pois além de convocarem, os jogadores encararam de peito aberto o risco de contágio da COVID-19 e marcharam lado a lado dos manifestantes nas passeatas. Para efeito ilustrativo, no basquete, o então ala-armador do Boston Celtics, Jaylen Marselles Brown, e o então jogador do Indiana Pacers, Malcolm Moses Adams Brogdon, foram ao protesto de Atlanta, na Geórgia. Brown, para comparecer ao ato, teve que enfrentar uma viagem de 15 horas de carro de Boston, capital de Massachusetts, até Atlanta, cidade onde cursou o Ensino Médio. Apesar da longa viagem, em seu Twitter ele se mostrava cheio de energia: “Atlanta não me encontre lá, vença comigo lá, caminhe comigo e traga seus próprios cartazes”. Brogdon, por sua vez, pegou um megafone e discursou para a imensa multidão, lembrando-se da história de ativismo que havia na sua família: “Eu tenho um avô que marchou ao lado de Dr. [Martin Luther] King nos anos 60 e ele era incrível. Ele ficaria orgulhoso de ver todos nós aqui”.¹³⁶ A seguir imagem do tweet de Malcolm Moses Adams Brogdon:

¹³⁶As protests spur posts from athletes, N.B.A. players take to the streets, por Sapan Deb, The New York Times, 1 de junho de 2020.



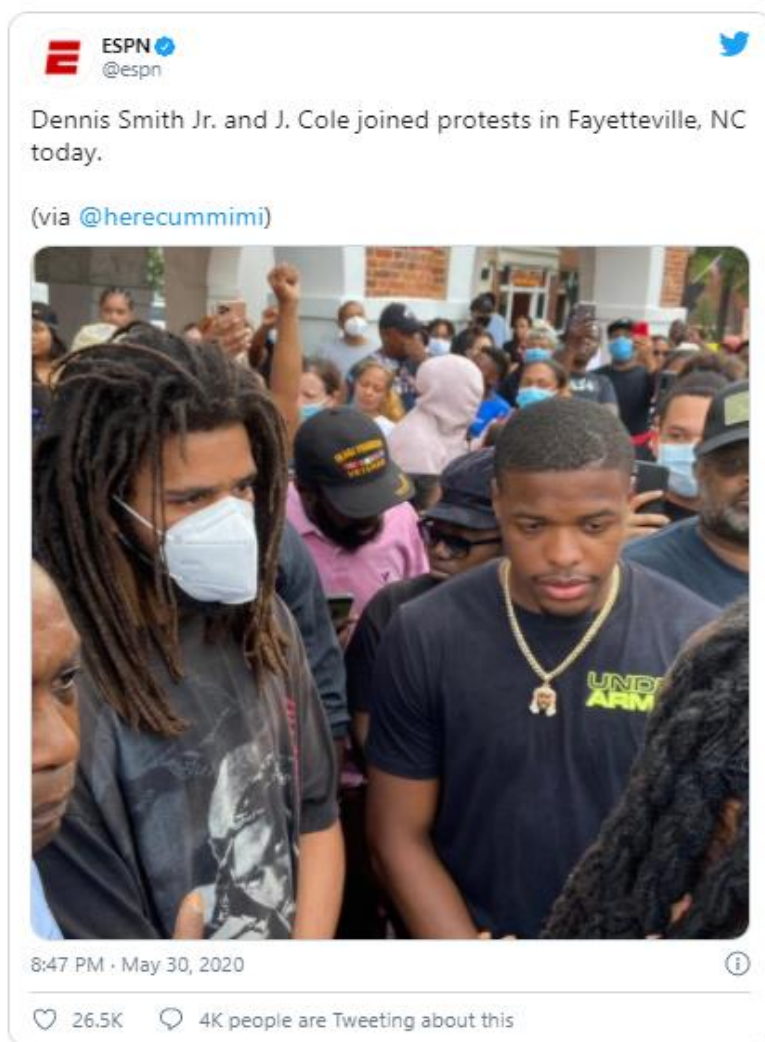
Mais atletas da NBA aderiram às manifestações. Para citarmos apenas mais alguns, o então jogador do Boston Celtics, Enes Kanter Freedom, se uniu à população na cidade que leva o nome do seu time para gritar “I can’t breathe” (“eu não consigo respirar”). O então atleta do New Orleans Pelicans, Lonzo Anderson Ball, compareceu ao protesto na cidade californiana de Chino Hills. O então ala-armador do Utah Jazz, Jordan Taylor Clarkson, foi a uma passeata em Los Angeles. Já a equipe do Minnesota Timberwolves postou um vídeo nas suas redes sociais de alguns de seus atletas discursando com um megafone em uma marcha¹³⁸ e a então jogadora do time feminino de Minnesota Lynx, Karima Christmas-Kelly, esteve em um ato realizado na esquina onde George Floyd morreu.¹³⁹ Apesar do posicionamento do então dono do

¹³⁷ Imagem retirada do Twitter de Bleacher Report. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/BleacherReport/status/1266912008672145409?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1266912008672145409%7Ctwgr%5E68c1fd737c578b1c26a07e8f30a27fc049c32f68%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.nytimes.com%2F2020%2F06%2F01%2Fsports%2Fbasketball%2Fgeorge-floyd-nba-protests.html.

¹³⁸ As protests spur posts from athletes, N.B.A. players take to the streets, por Sopan Deb, The New York Times, 1 de junho de 2020.

¹³⁹ As protests spur posts from athletes, N.B.A. players take to the streets, por Sopan Deb, The New York Times, 1 de junho de 2020.

New York Knicks, como mostrado mais acima, isso não impediu que os jogadores da franquia também agissem. Dennis Smith Jr., por exemplo, compareceu a um protesto realizado na cidade natal de Floyd, Fayetteville, na Carolina do Norte.¹⁴⁰ A seguir imagem do tweet de Dennis Smith Jr. (de cabelo raspado) no protesto na Carolina do Norte:



141

Não era apenas o mundo do basquete estadunidense que abraçava a causa negra. Longe disso, atletas das mais diversas modalidades também marcaram presença nos atos, como por exemplo, a então jogadora de vôlei da Universidade de

¹⁴⁰ Knicks won't weigh in on George Floyd, Dolan tells employees, por Sapan Deb, The New York Times, 2 de junho de 2020.

¹⁴¹ Imagem retirada do Twitter de ESPN. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/espn/status/1266878917509558278>.

Oklahoma, Ashlynn Dunbar,¹⁴² e a jovem tenista Cori “Coco” Gauff, vista em frente à prefeitura de sua cidade natal, Delray Beach, na Flórida, discursando para uma multidão sobre a importância do combate ao racismo.¹⁴³

Mais do que modalidades esportivas, a iniciativa antirracista dos atletas estadunidenses ultrapassou fronteiras e alçou voo para outras partes do planeta. Essa iniciativa, na verdade, fazia parte de um emaranhado de movimentos sociais que se tornaram ao mesmo tempo locais e globais. De acordo com o sociólogo espanhol, Manuel Castells, os movimentos sociais se iniciam conforme as demandas e contextos específicos de cada região, levando os manifestantes a ocuparem os espaços urbanos e a construir canais de comunicação digitais. Muito desses movimentos, todavia, adquirem um caráter global, pois, graças à internet, estão conectados com o mundo todo, podendo aprender e absorver experiências similares vivenciadas em outros países. Melhor dizendo, nas palavras de Castells,

ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a esperança da possibilidade de mudança (2013,p.162).

Além disso, em muitos casos, como visto mais acima, nas mídias digitais, é possível programar passeatas simultâneas em diferentes partes do globo para lutar por um mesmo tema. Mais uma vez, recorrendo aos pensamentos do referido autor, os manifestantes desses movimentos sociais, ou pelo menos boa parte deles,

expressam uma profunda consciência da interligação de questões e problemas da humanidade em geral e exibem claramente uma cultura cosmopolita, embora ancorados em sua identidade específica. (CASTELLS,2013, p.161).

No caso do movimento contra o racismo iniciado pelos atletas estadunidenses, o esporte permitiu que jogadores de outras nacionalidades interligassem os problemas raciais dos EUA com os de suas regiões. Hoje, importante destacar, o esporte e a globalização caminham lado a lado. Cada vez mais atletas de alto

¹⁴² College athletes, phones in hand, force shift in protest movement, por Alan Blinder e Bily Witz, The New York Times, 12 de junho de 2020.

¹⁴³ Coco Gauff was rising when tennis stopped. She plans on going higher, por Ben Rothenberg, The New York Times, 13 de agosto de 2020.

rendimento, principalmente de modalidades coletivas, como por exemplo, futebol, basquete e vôlei, fazem sucesso em equipes fora de seus países. No futebol, esse processo é mais marcante. As principais potências de clubes europeus, dentre eles, Real Madrid e Barcelona na Espanha, Manchester City e Liverpool na Inglaterra, Paris Saint-Germain (PSG) na França e Juventus na Itália, possuem em seus elencos mais estrangeiros do que propriamente jogadores de seus respectivos países. Na NBA, por mais que os estadunidenses sejam vistos como os melhores do mundo no basquete – no mesmo molde que os brasileiros são vistos no futebol – cada vez mais as franquias recorrem aos estrangeiros para elevar a capacidade técnica de suas equipes. Assim sendo, essa troca cultural comum hoje em dia foi um dos fatores que possibilitou que o movimento contra o racismo no esporte que se iniciou nos EUA pudesse viajar para outras fronteiras. Para retratarmos este argumento, mostraremos a seguir dois exemplos. O primeiro deles é do então jogador australiano do time de basquete dos EUA San Antonio Spurs, Patrick Sammie Mills. Além de se juntar aos seus companheiros de equipe nos protestos dentro das quadras da NBA, ele não se esqueceu de sua terra natal. Doou cerca de US\$ 1 milhão para os movimentos Black Lives Matter Austrália e Black Deaths in Custody, e foi um dos fundadores da campanha We Got You, formada por atletas negros e brancos que luta contra a discriminação racial dentro do esporte australiano.¹⁴⁴ O segundo exemplo é a então jogadora sueca de basquete do New York Liberty, Amanda Zahui Bazoukou. Inspirada nos atos antirracistas que aconteciam no esporte dos EUA, especialmente dentro das quadras da NBA, ela passou a abordar os problemas raciais enfrentados pela Suécia e, inclusive, por meio de suas redes sociais, chegou a organizar uma manifestação contra o racismo em seu país (**falaremos mais sobre Zahui mais adiante**).¹⁴⁵

O Black Lives Matter, contudo, era diferente de outros movimentos. Ao contrário de outras causas, tais como, o ambientalismo em que há uma grande adesão por parte de celebridades, nos protestos encabeçados pela referida organização que combate o preconceito racial, os atletas, como visto anteriormente, não se restringiram ao universo digital, mas sim se colocaram na linha de frente e marcharam lado a lado com os manifestantes. Entretanto, há quem se engane que

¹⁴⁴ The better I got in sports, the worse the racism got, por Marc Stein, The New York Times, 31 de julho de 2020.

¹⁴⁵ She found her voice in a WNBA locker room, then used it in Sweden, por Seth Berkman, The New York Times, 13 de julho de 2020.

isso ocorreu apenas nos EUA. O boxeador e medalhista de ouro na Olimpíada de Londres de 2012, Anthony Oluwafemi Olaseni Joshua, popularmente conhecido como Anthony Joshua ou apenas como “AJ”, por exemplo, no meio de uma multidão, em um protesto realizado na cidade inglesa de Watford, através de uma analogia com a pandemia do coronavírus, discursou a respeito de que o racismo era um problema global:

*Hoje, juntamos milhares de pessoas no Reino Unido, milhares de centenas de milhares em todo o mundo. Estamos unidos contra o vírus que tem sido fundamental em tirar vidas, vidas de jovens, idosos, ricos e até pobres. Um vírus que não se desculpa. Um vírus que se espalha por todos os setores de nossas comunidades, esportes, educação, igrejas, entretenimento, mídia e até o governo. Não apenas no Reino Unido, mas em todo o mundo. O vírus foi declarado uma pandemia. Está fora de controle e eu não estou falando da COVID-19, o vírus no qual estou me referindo é o racismo.*¹⁴⁶

Mais do que invadir as ruas mundo afora, a pauta da causa negra passou a dominar o debate público. Cada vez mais atletas se dispunham a contar as marcas profundas que o preconceito deixou neles ao longo de suas vidas. Um dos depoimentos mais marcantes, sem dúvidas, foi o da corredora ganense-britânica, Annie Tagoe, revelando que havia tentado clarear a pele por diversas vezes:

*Eu clareei a minha pele em cada fase da minha vida, mesmo no esporte. Fiz isso porque queria me sentir bonita o tempo todo. Eu fazia isso para me sentir incluída. Eu usei bases mais claras, tentei clareamento por um tempo. Fiz coisas loucas, muito loucas, para ficar mais clara.*¹⁴⁷

As “loucuras” de Tagoe para ficar “mais clara” não era uma exclusividade dela. Segundo o psiquiatra antilhano, Frantz Omar Fanon, “o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (2008,p.27). Ou seja,

¹⁴⁶ “O vírus é o racismo, e nós somos a vacina”, diz campeão mundial de boxe em protesto na Inglaterra, GloboEsporte.com, 06 de junho de 2020.

¹⁴⁷ Corredora britânica revela marcas do racismo: “Clareei a pele em cada fase da minha vida”, GloboEsporte.com, 26 de junho de 2020.

historicamente o homem branco (entenda-se o europeu) sempre foi representado como sinônimo de civilização e modernidade, portanto, seus costumes e sua estética deveriam ser seguidos pelas demais culturas, especialmente as africanas e as indígenas, vistas sob o olhar do homem branco como inferiores e atrasadas. Para esclarecermos melhor esse argumento, devemos destacar a seguinte citação de Fanon:

(...) Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade (...) (2008,p.94).

Sendo assim, no anseio de eliminar esse sentimento de inferioridade e de ser reconhecido como humano pelo europeu, ainda de acordo com o autor, o negro, a todo custo, buscará se tornar “poderoso como o branco”. Para isso, ele irá imitar o modo de vida dos europeus, usando roupas europeias, floreando a sua linguagem nativa com expressões europeias ou falando e escrevendo em um idioma europeu, “tudo calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência” (2008,p.27/40/60). Ou então, em casos extremos, como o da referida corredora, tentar clarear a sua pele. Não à toa, nas Antilhas Francesas, as antilhanas negras, de maneira geral, na hora de escolher o marido buscavam se relacionar com “o menos negro” possível, pois o pensamento que predominava entre elas era de que

(...) preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar “a originalidade da porção do mundo onde elas

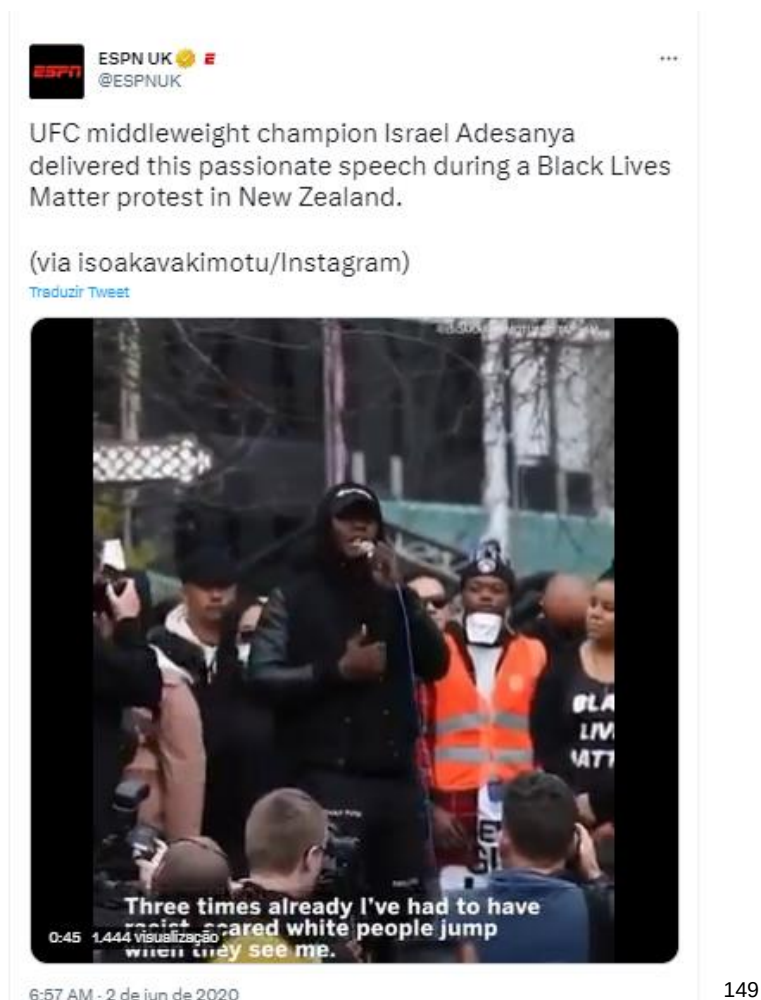
cresceram”, mas para assegurar sua brancura
(FANON,2008,p.57/58).

Além de ter a sua humanidade negada, ao longo da história, foi-se construindo uma diferença simbólica entre a figura do negro, sempre associado com o mal, e a do branco, sempre relacionado com a bondade (Cf. FANON,2008,p.160). Quem sentiu os duros golpes dessa diferença simbólica foi o então campeão da categoria peso médio do UFC, Israel Mobolaji Temitayo Odunayo Oluwafemi Owolabi Adesanya, mais conhecido apenas como Israel Adesanya, de origem nigeriana. Além de lutar contra os seus oponentes no ringue, ele teve que enfrentar o racismo diário que sofria na Nova Zelândia. Na manifestação antirracista na cidade neozelandesa de Auckland, Adesanya fez o seguinte desabafo:

*Quantos de vocês entram numa loja e têm de colocar as mãos nas costas para não acharem que você está roubando? Quantos de vocês andam na rua e têm de sorrir para que a pessoa que você já vê que está com medo de você se sinta confortável? Acabei de me mudar e moro na cobertura. Por três vezes já vi pessoas brancas racistas saltarem ao me verem no elevador, e sorrio para eles e dou passagem para que não tenham medo ao me verem. Por que? Porque sou negro. Só porque sou negro. O que eu fiz? Não tive escolha. Mas se tivesse, ainda assim seria negro.*¹⁴⁸

A seguir imagem de um tweet que mostra Israel Adesanya discursando na manifestação:

¹⁴⁸ Vídeo: Nigeriano Israel Adesanya se emociona e discursa em ato contra racismo na Nova Zelândia, GloboEsporte.com, 02 de junho de 2020.



149

Graças às manifestações depois da morte de George Floyd e o engajamento dos atletas no combate ao preconceito racial, o tema do racismo ganhava a atenção do mundo. Com o passar do tempo, no entanto, uma dúvida pairava no ar: os atletas, especialmente os estadunidenses, conseguiram se mobilizar na luta antirracista, pois a temporada encontrava-se paralisada por conta da pandemia da COVID-19. Mas e agora com a retomada dos jogos, será que era possível continuar com a luta?

2.2 O jogo volta, mas a luta continua

As arenas aguardavam os artistas. No momento em que os atletas se uniram às multidões para tomar as ruas, as atividades esportivas encontravam-se

¹⁴⁹ Imagem retirada do Twitter de ESPN UK. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/espnuk/status/1267757145409425409>.

paralisadas por conta da pandemia da COVID-19. Entretanto, nos bastidores, especialmente no da NBA, o movimento de retomar os jogos crescia cada vez mais. Os comissários que organizavam a liga de basquete estadunidense decidiram que a temporada continuaria dentro de uma “bolha” esportiva. Nela, os jogadores ficariam isolados de qualquer contato externo, seriam testados constantemente e a entrada e saída de pessoas seriam estritamente controladas para que se evitasse ao máximo a contaminação. O local escolhido para sediar a “bolha” seria o complexo esportivo da ESPN Wide World of Sports Complex, situado perto da cidade de Orlando, na Flórida.¹⁵⁰

Por mais que houvesse uma grande expectativa do público pela volta das disputas de basquete, e por mais que comissários e técnicos de saúde argumentassem sobre a segurança dos protocolos, alguns jogadores se mostraram relutantes em relação à retomada da temporada. Em primeiro lugar, externavam que não se sentiam 100% seguros sobre os protocolos de higienização para evitar a contaminação dentro do complexo esportivo. E, em segundo lugar, alguns, dentre eles, dos Los Angeles Lakers, Avery Antonio Bradley Jr. e Dwight David Howard II, e do Brooklyn Nets, Kyrie Andrew Irving, temiam que as partidas pudessem tirar o holofote do movimento de combate ao racismo dos atletas.¹⁵¹ (Kyrie Andrew Irving, aliás, é um personagem que simboliza perfeitamente a complexidade da mente humana. Se por um lado, demonstrava ter uma consciência social a respeito da luta contra o racismo; em contrapartida, em diversas oportunidades, ele deixava aflorar o seu lado negacionista, se colocando contra as vacinas da COVID-19. Postura esta que, mais tarde, obrigará a sua própria equipe a barrá-lo da temporada de 2021 até que ele tomasse as doses necessárias da vacina para poder competir novamente pelo seu time).¹⁵² A fala mais emblemática contra a volta dos jogos, contudo, ficaria a cargo do então armador do Portland Trail Blazers, Damian Lamonte Ollie Lillard Sr.,

¹⁵⁰ Player pushback emerges as NBA works to complete restart plans, por Marc Stein, The New York Times, 12 de junho de 2020.

¹⁵¹ Swabs and sensors: memos offer details of life in NBA ‘bubble’, por Marc Stein, The New York Times, 16 de junho de 2020.

¹⁵² NBA: Kyrie Irving não teria tomado vacina ‘em protesto pelos que perderam seus empregos’, diz site, ESPN Brasil, 12 de outubro de 2021. Disponível no link a seguir: https://www.espn.com.br/nba/artigo/_/id/9349155/nba-kyrie-irving-nao-teria-tomado-vacina-protesto-pelos-perderam-empregos-diz-site.

conhecido somente como Damian Lillard. Em entrevista à revista GQ, ele deu a seguinte declaração:

*Veja como vamos jogar uma partida de basquete quando há algo muito maior acontecendo - uma coisa bem mais significativa está acontecendo e que precisa da gente.*¹⁵³

Na Women's National Basketball Association (WNBA - Liga de Basquete Feminina dos Estados Unidos,) algumas atletas seguiam na mesma linha de raciocínio dos jogadores acima. A então jogadora do Seattle Storm, Breanna Mackenzie Stewart, por exemplo, afirmou que os EUA estavam “lutando contra dois vírus ao mesmo tempo”, o coronavírus e o racismo, e que se preocupava mais em enfrentar o segundo: “É o vírus do racismo que está mais em meus pensamentos agora”.¹⁵⁴

Se, sob o ponto de vista das relações raciais, a luta pelo fim da discriminação motivava os atletas a não voltarem às atividades esportivas; sob o prisma da indústria do entretenimento, dentro da qual se insere o espetáculo esportivo, havia a questão econômica. Caso a temporada não fosse retomada, a NBA teria um prejuízo de US\$ 1 bilhão de receita de televisão. Isso afetaria diretamente os jogadores, tanto no masculino como no feminino, pois sem os jogos a liga poderia encerrar o acordo coletivo de trabalho com o sindicato dos atletas, causando um impacto econômico enorme nas finanças dos jogadores em plena pandemia.¹⁵⁵ Dessa maneira, o dinheiro acabou falando mais alto e as partidas de basquete voltaram a acontecer dentro do complexo esportivo da ESPN Wide World of Sports Complex. A referida entidade que comanda o basquete estadunidense, contudo, estabeleceu uma norma para que os jogadores que optaram por não aderir ao reinício da temporada, seja por questões de saúde ou políticas, não sofressem qualquer tipo de punição. Para isso, bastava que os esportistas comunicassem seus times até o dia 24 de junho de 2020 e, por conseguinte, abrissem mão de receber o salário equivalente aos 14 jogos que ainda

¹⁵³ Swabs and sensors: memos offer details of life in NBA 'bubble', por Marc Stein, The New York Times, 16 de junho de 2020.

¹⁵⁴ Breanna Stewart pushes for change on and off the court, por Kurt Streeter, The New York Times, 14 de junho de 2020.

¹⁵⁵ Player pushback emerges as NBA works to complete restart plans, por Marc Stein, The New York Times, 12 de junho de 2020.

faltavam a serem disputados.¹⁵⁶ Além disso, para evitar que o holofote da luta contra a discriminação racial fosse completamente ofuscado pela competição, a NBA disponibilizou a sua plataforma para atos antirracistas. Nas quadras onde as partidas foram realizadas, para efeito ilustrativo, frases contra o racismo foram expostas.¹⁵⁷

Por mais que a NBA se mostrasse engajada na luta contra o racismo promovida pelo corpo de atletas, para alguns, isso não era o suficiente. A então jogadora do Atlanta Dream, Renee Danielle Montgomery, se recusou a voltar às quadras. Justificando a sua decisão, em uma entrevista coletiva, ela fez a seguinte afirmação:

*Não seria justo com minhas colegas de time e treinadores estar meio dentro e meio fora da bolha mentalmente quando sei que quero estar nas ruas me aproximando das comunidades necessitadas.*¹⁵⁸

Sua escolha contou com o apoio de suas colegas e do então presidente da franquia, Chris Sienk. Além disso, em um tweet que comunicava ao público sua decisão de não participar da temporada, Montgomery escreveu a seguinte mensagem:

*Tem trabalho a ser feito fora das quadras em várias áreas de nossa comunidade. A reforma da justiça social não irá acontecer da noite para o dia, mas sinto que agora é o momento.*¹⁵⁹

Renne Montgomery não seria a única a abandonar as quadras para lutar por justiça racial. Seguindo os seus passos, a então jogadora de basquete do Washington Mystics, Natasha Cloud, também optou por não participar da temporada. Nas suas redes sociais ela justificou a sua decisão:

¹⁵⁶ Swabs and sensors: memos offer details of life in NBA 'bubble', por Marc Stein, The New York Times, 16 de junho de 2020.

¹⁵⁷ For the NBA, a long, strange road trip to the finals, por Marc Stein, The New York Times, 27 de julho de 2020.

¹⁵⁸ WNBA guard Renne Montgomery will skip season to work on social causes, por Gillian R. Brassil, The New York Times, 18 de junho de 2020.

¹⁵⁹ WNBA guard Renne Montgomery will skip season to work on social causes, por Gillian R. Brassil, The New York Times, 18 de junho de 2020.

*Quando estou com os Mystics quero estar 100% focada em ganhar o campeonato, e com a comunidade é a mesma coisa. Eu quero estar na linha de frente, quero estar pessoalmente, estar lado a lado com a nossa comunidade, deixando-os saber que não estou com eles apenas como uma figura pública, mas como uma mulher negra.*¹⁶⁰

A grande maioria dos atletas não encontrava-se disposta a abandonar os torneios como fizeram Montgomery e Cloud – sacrifício este que realmente era para poucos (**abordaremos mais para frente o movimento do boicote aos Jogos Olímpicos realizado pelos atletas negros em 1968**). Entretanto, como prometido pelos comandantes da liga, os jogadores puderam usufruir da plataforma da NBA para realizar as suas manifestações. Durante as primeiras partidas que marcaram o retorno da temporada, como por exemplo, entre Utah Jazz e New Orleans Pelicans, os jogadores no aquecimento utilizaram camisas com os dizeres “Black Lives Matter”. Já com os uniformes de jogo, os nomes dos atletas nas camisas foram substituídos por slogans que remetiam à luta contra a discriminação racial. Na camisa do então ala-pivô do New Orleans Pelicans, Zion Lateef Williamson, no lugar de seu nome estava escrito a palavra “Peace” (“Paz”), já na camisa do então jogador do Utah Jazz, Michael Alex “Mike” Conley Jr., estava escrito “I am a Man” (“Eu sou um homem”). Antes do início da disputa, ambas as equipes e mais a comissão de arbitragem perfilaram lado a lado perto da frase “Black Lives Matter” grafitada na quadra e se ajoelharam durante a execução do hino nacional estadunidense (**falaremos mais sobre os atletas se ajoelhando no hino nacional dos EUA mais para frente**). O destaque do protesto, contudo, foi para o então ala-armador do time de Utah, Donovan Mitchell Jr. Ele entrou na quadra com um colete à prova de balas que tinha os nomes de algumas vítimas da violência policial.¹⁶¹

Mesmo com a promessa sendo cumprida pela NBA, os atletas sabiam da importância de estender os atos contra o racismo para fora das quadras. Assim sendo, os então jogadores do Portland Trail Blazer, Carmelo Kyam Anthony, do Oklahoma City Thunder, Christopher Emmanuel Paul, conhecido como Chris Paul, e o ex-

¹⁶⁰ A basketball friendship became a tag team for social justice, por Dorothy J. Gentry, The New York Times, 2 de setembro de 2020.

¹⁶¹ A momentous first night back for the NBA, por Marc Stein, The New York Times, 31 de julho de 2020.

jogador Dwyane Tyrone Wade Jr., popularmente chamado como Flash ou D-Wade, se reuniram para criar a iniciativa filantrópica Social Change Fund (Fundo de Mudança Social), cujo objetivo era investir em projetos voltados aos afro-estadunidenses para diminuir as desigualdades raciais nas áreas de habitação e educação, reformar a justiça criminal e expandir o direito ao voto.¹⁶² Em entrevista à revista esportiva *Slam*, Carmelo Kyam Anthony, ao ser perguntado sobre as manifestações dos atletas, formulou a seguinte resposta:

*Essa conversa não começa e para comigo sendo um jogador de basquete. Essa é uma jornada para toda a vida, uma luta para toda a vida, uma conversa para toda vida que eu vou continuar tendo. Não é que eu estarei “focando” nisso. Eu sou isso.*¹⁶³

De fato Carmelo, a luta antirracista era uma jornada por toda a vida e, ao que tudo indicava, seria árdua. Não demorou muito para que a crise vivida pelos EUA, não a pandemia da COVID-19, mas sim a crise do racismo estrutural, obriga-se os atletas a tomarem uma atitude mais drástica. Mais um episódio de violência policial contra um afro-estadunidense viralizava, isto é, se espalhava pela internet e chocava o país. Dessa vez, a vítima era Jacob Blake, um homem de 29 anos, que, na frente dos seus filhos, foi baleado sete vezes por um policial durante uma abordagem na cidade de Kenosha, em Wisconsin. Embora tenha sobrevivido aos tiros, Blake perdeu o movimento das pernas. O time de basquete do estado onde ocorreu a tragédia, Milwaukee Bucks, ao saber do caso, se recusou a entrar em quadra na disputa que estava prestes a começar contra o Orlando Magic. Faltando quatro minutos para dar o horário do jogo e nada da franquia de Wisconsin dar as caras, tanto o Orlando Magic quanto os árbitros se dirigiram aos vestiários. O jogo não aconteceu. Mais de três horas depois do cancelamento da partida, representando os Bucks, os atletas George Jesse Hill Jr. e Sterling Damarco Brown, leram um comunicado à imprensa, pedindo justiça por Jacob Blake e exigindo que os policiais fossem acusados:

¹⁶² Carmelo Anthny calls push for social justice a ‘lifelong fight’, por Sopan Deb, The New York Times, 11 de agosto de 2020.

¹⁶³ Carmelo Anthny calls push for social justice a ‘lifelong fight’, por Sopan Deb, The New York Times, 11 de agosto de 2020.

*Para que isso ocorra [justiça a Jacob Blake], é imperativo que o Legislativo do estado de Wisconsin se reúna após meses de inação e tome medidas significativas nas questões de brutalidade e responsabilidade policial e reformar a justiça criminal.*¹⁶⁴

Antes de qualquer coisa, devemos abrir um parênteses histórico aqui. Esta não era a primeira vez que atletas da NBA boicotavam um jogo por conta do racismo. Em 1959, um dos maiores jogadores do Los Angeles Lakers (na época a franquia se chamava Minneapolis Lakers), Elgin Gay Baylor, se recusou a entrar em quadra para enfrentar o Cincinnati Royals (que mais tarde se tornou o Sacramento Kings) após sentir na pele a discriminação racial. Na cidade de Charleston, Virgínia Ocidental, onde a disputa foi realizada, o hotel que hospedou a equipe dos Lakers, por conta das Leis Jim Crow que imperavam nos estados sulistas dos EUA (como vimos anteriormente no Capítulo 1) não prestou serviços aos atletas negros. Mesmo mudando de hotel, os jogadores negros foram obrigados a comerem separados do resto do time. Como forma de protesto, Baylor nem sequer colocou o uniforme de jogo e viu os Lakers perderem a partida. Dois anos depois, em 1961, foi a vez de o Boston Celtics desistir de participar de um amistoso na cidade de Lexington, em Kentucky, após um restaurante local se negar a atender os jogadores afro-estadunidenses.¹⁶⁵

Fecha parênteses e voltando para 2020. Depois da surpreendente atitude do Milwaukee Bucks em não entrar em quadra, uma reunião entre os jogadores de todas as franquias da NBA foi convocada. No encontro, ficou decidido que seria implementado um boicote aos jogos. Por mais nobre que o ato do time de Wisconsin fosse, o boicote, iniciado, de certo modo por eles, criou rugas, mais precisamente duas, dentro do corpo de atletas de basquete. A primeira delas foi reacender o debate se os jogadores deveriam ter aceitado retomar as atividades esportivas. Um dos atletas dos Bucks, George Jesse Hill Jr. (que representou o time ao ler o comunicado à imprensa descrito acima), demonstrou arrependimento por ter voltado a jogar:

¹⁶⁴Led by NBA, boycotts disrupt pro sports in wake of Blake shooting, por Marc Stein, The New York Times, 26 de agosto de 2020.

¹⁶⁵ NBA já teve outros boicotes nas décadas de 50 e 60 também ligados ao racismo, espn.com.br, 27 de agosto de 2020.

*Honestamente, nós não deveríamos ter vindo aqui para esse maldito lugar [o complexo esportivo da ESPN Wide World of Sports Complex]. Vir aqui tirou todo o foco de quais são os problemas.*¹⁶⁶

A segunda rusga era que na reunião entre os atletas, conforme o relato de duas pessoas que não foram identificadas pela reportagem do *The New York Times*, mas que participaram do encontro, alguns jogadores ficaram descontentes com o fato dos Bucks terem passado por cima do sindicato e da Liga na hora em que se recusaram a jogar contra o Orlando Magic. Além disso, posteriormente, para agravar ainda mais esta rusga, quando as demais franquias aderiram ao boicote e interromperam as atividades, a equipe de Wisconsin decidiu voltar a jogar, irritando profundamente – e com certa razão – os colegas das outras equipes, dentre eles, LeBron James.¹⁶⁷ Entretanto, de uma coisa era certa: para que o movimento de boicote aos jogos funcionasse, os atletas teriam que resolver as suas desavenças internas e, ao mesmo tempo, lidar com a pressão política externa. Não demorou muito – e como era de se esperar – o então presidente Donald Trump e o seu núcleo de governo disparassem críticas aos atletas. O republicano até que adotou um tom mais ameno e disse que as pessoas estavam ficando “um pouco cansadas da NBA”. O ataque mais feroz aos jogadores, na verdade, partiria do seu genro e conselheiro político, Jared Corey Kushner. Em entrevista ao canal de TV CNBC ele deu a seguinte declaração:

*Eu acho que os jogadores da NBA têm muita sorte por terem uma posição financeira onde eles possam tirar uma noite de folga do trabalho sem ter que encarar as consequências financeiras para si próprios.*¹⁶⁸

Acompanhando Kushner, o lutador da categoria de peso meio-médio do Ultimate Fighting Championship (UFC), Colby Covington, através do Twitter, desferiu um golpe contra o movimento dos atletas:

¹⁶⁶ Basketball and social justice: Bucks say ‘it’s harder to do both’, por Scott Cacciola, *The New York Times*, 9 de setembro de 2020.

¹⁶⁷ One NBA team walked out. A generation of athletes followed, por Marc Stein, Sopan Deb e Alan Blinder, *The New York Times*, 27 de agosto de 2020.

¹⁶⁸ One NBA team walked out. A generation of athletes followed, por Marc Stein, Sopan Deb e Alan Blinder, *The New York Times*, 27 de agosto de 2020.

*Nossa, vocês adiaram seus jogos?! Querem provar que vocês realmente querem mudar? Abandonem seus empregos multimilionários e suas vidas privilegiadas jogando um jogo infantil, aceitem um corte de pagamento pesado e executem o trabalho mais difícil da América. Tornem-se policiais!!!!.*¹⁶⁹

A ofensiva trumpista teria a sua resposta. Pelo Twitter, LeBron James de forma curta, porém precisa, encaminhou a seguinte mensagem a Donald Trump, mas que poderia ser estendida para os demais integrantes de sua cúpula política: “[sic] Foda-se este homem. Nós exigimos mudança. Estamos cansado disso”.¹⁷⁰

De qualquer modo, uma contracorrente havia se formado. Segundo o sociólogo francês, Michel Wieviorka, “aqueles aos quais se pode corretamente acusar ou suspeitar de racismo se puseram a devolver a suspeita ou a acusação”, ao denunciarem um suposto “racismo antitirras” (2007,p.138). Pois bem, era este o argumento usado por Trump e seus seguidores mais fervorosos contra os atletas engajados na causa negra e o Black Lives Matter. Para se ter uma ideia, diante das manifestações antirracistas espalhadas pelos EUA, também ganhava força o contramovimento Blue Lives Matter (Vidas Azuis Importam ou Vidas dos Policiais Importam).¹⁷¹ Não obstante afirmarem publicamente que o movimento objetivava a defesa da vida dos policiais, por trás das cortinas, por assim dizer, podemos supor que o objetivo principal do movimento era mesmo gerar controvérsias em torno do termo “racismo”, fazendo com que aquele que, nas palavras de Wieviorka, “acreditava agir pela boa causa”, passasse “a ser suspeito dos piores preconceitos” e que a ação antirracista viesse a ser “acusada de alimentar o mal que pretende combater” (2007,p.138).

Por mais pressão que a contracorrente trumpista fizesse, o movimento do boicote aos jogos dos atletas da NBA seguia a todo vapor, inclusive, passou a ser englobado pelas demais modalidades esportivas. Para efeito ilustrativo, no futebol americano, os times do New York Jets, Indianapolis Colts, Green Bay Packers e

¹⁶⁹ Covington critica boicotes na NBA e MBL: “Executem o trabalho mais difícil. Tornem-se policiais”, GloboEsporte.com, 27 de agosto de 2020.

¹⁷⁰ One NBA team walked out. A generation of athletes followed, por Marc Stein, Sopan Deb e Alan Blinder, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

¹⁷¹ A seguir link da página da organização Blue Lives Matter: <https://www.policelivesmatterusa.org/#days-of-crisis>

Washington Football Team interromperam as suas atividades.¹⁷² Já no tênis, Naomi Osaka declarou que não disputaria a semifinal do Western & Southern Open (torneio preparatório para o US Open) em Nova York. Osaka, devemos salientar, havia se engajado de corpo e alma na luta contra o preconceito racial. Depois da morte de George Floyd, a tenista não pensou duas vezes e pegou um voo para Minneapolis para se juntar aos protestos.¹⁷³ Além disso, nas partidas do US Open, ela entrava em quadra usando máscaras com nomes de vítimas da violência policial e nas redes sociais abordava constantemente pautas relacionadas à discriminação racial. Inclusive em uma delas, ela convocou as pessoas a participarem de uma manifestação contra o racismo na cidade japonesa que leva o seu nome, Osaka.¹⁷⁴ Em seu twitter ela deixou a seguinte mensagem a respeito de dar uma pausa nos torneios:

*Antes de ser uma atleta, eu sou uma mulher negra. E, como uma mulher negra, sinto que há assuntos mais importantes que precisam de atenção imediata, em vez de me verem jogar tênis.*¹⁷⁵

No beisebol, os arremessos e as rebatidas também dariam um tempo. O beisebol, importante destacar, era um esporte cuja história era marcada pelo racismo. Dois de seus principais nomes, o arremessador Leroy Robert “Satchel” Paige, e o apanhador Joshua Gibson, conhecido popularmente como Josh Gibson, na primeira metade do século XX, por conta da segregação racial, jogaram na liga destinada apenas aos atletas afro-estadunidenses. Este passado, de certa maneira, ainda permanecia vivo na referida modalidade esportiva. Indo na contramão da NBA e da NFL, nas quais a maioria dos jogadores eram negros, na Major League Baseball (MLB - Liga de Beisebol Estadunidense), por volta de 2020, 60% dos atletas eram brancos e, a cada ano, a participação dos negros caía. Não à toa, a MLB promovia poucas ações para combater o racismo dentro de seus estádios e foi uma das últimas

¹⁷²One NBA team walked out. A generation of athletes followed, por Marc Stein, Sopan Deb e Alan Blinder, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

¹⁷³ Naomi Osaka returns after protest prompts tournament’s pause, por Matthew Futterman, The New York Times, 28 de agosto de 2020.

¹⁷⁴ How putting on a mask raised Naomi Osaka’s voice, por Elena Bergeron, The New York Times, 16 de dezembro de 2020.

¹⁷⁵Led by NBA, boycotts disrupt pro sports in wake of Blake shooting, por Marc Stein, The New York Times, 26 de agosto de 2020.

entidades a se pronunciar sobre o caso de George Floyd.¹⁷⁶ Porém, com os atos antirracistas fervilhando nas ruas, o cenário de alienação social no beisebol estadunidense, ao que tudo indicava, parecia mudar. Atletas, em especial os brancos, que declinavam em participar – ao menos ativamente – da luta contra a discriminação racial, passaram a se engajar de forma mais incisiva e pública. No jogo entre o New York Mets e Miami Marlins, por exemplo, os jogadores permaneceram em campo por apenas 42 segundos e depois retornaram aos vestiários. O ato foi uma homenagem ao atleta Jack Roosevelt “Jackie” Robinson, que usava o número 42 e foi o primeiro a romper a barreira racial do beisebol em 1947. Já na partida entre San Diego Padres e Seattle Mariners, os times nem sequer entraram em campo.¹⁷⁷ Além do mais, o então jogador do New York Yankees, James Alston Paxton, conhecido pelo apelido de “The Big Maple”, deixou a seguinte mensagem em seu Instagram:

*Meu privilégio branco me permitiu ignorar a verdadeira magnitude da opressão que a comunidade negra enfrenta. Meu silêncio até este ponto também é produto do meu privilégio branco. Estou começando a perceber meu privilégio e ignorância. Hora de escutar, aprender e agir.*¹⁷⁸

O boicote aos jogos, como previam patrocinadores e donos de franquias esportivas, não sobreviveria por muito tempo. E, de fato, após certo período de paralisação, as atividades foram retomadas.¹⁷⁹ O boicote havia se encerrado, mas o seu legado, ou seja, o engajamento político dos atletas continuaria a figurar nas arenas. Na NBA, alguns jogadores, dentre eles, do time do Denver Nuggets, Houston Jerami Grant, e do Los Angeles Lakers, LeBron James, em suas entrevistas coletivas, se recusavam a falar de basquete e abordavam apenas assuntos relacionados ao racismo e à violência policial contra a comunidade afro-estadunidense. Nas palavras de Grant, “nós [atletas] temos mais poder do que imaginamos”. Ele estava coberto de razão. Aos poucos, eles passaram a mudar a regra do jogo da imprensa. Se antes, a

¹⁷⁶ MLB took 9 days to address George Floyd. Was it too late?, por James Wagner, The New York Times, 3 de junho de 2020.

¹⁷⁷ One NBA team walked out. A generation of athletes followed, por Marc Stein, Sopan Deb e Alan Blinder, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

¹⁷⁸ MLB took 9 days to address George Floyd. Was it too late?, por James Wagner, The New York Times, 3 de junho de 2020.

¹⁷⁹ With walkouts, a new high bar for protests in sports is set, por Kurt Streeter, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

visão que imperava na mídia esportiva, especialmente nas emissoras que gastavam milhões para comprar os direitos de transmissão das partidas, era “manter a política fora do esporte”; agora, os atletas exigiam cada vez mais espaço para abordar pautas sociais.¹⁸⁰ Em seu Twitter, para efeito ilustrativo, a tenista Naomi Osaka deixou a seguinte mensagem:

*Todas as pessoas que me diziam para “manter a política fora dos esportes” (o que não era nada político) realmente me inspiram a vencer. É melhor você acreditar que vou tentar ficar na sua TV o máximo de tempo possível.*¹⁸¹

Os atletas, de um modo geral, ansiavam por mais espaço na grande imprensa para falar a respeito de causas sociais, mas em compensação, nos veículos de comunicação tradicionais, não apenas dos EUA como também de outros países, ainda havia certas resistências. A então jogadora de basquete do New York Liberty, a sueca Amanda Zahui Bazoukou, se deparou com estes obstáculos criados pela grande mídia em sua terra natal. Encorajada pelo movimento iniciado pelos jogadores estadunidenses e pelas pessoas que tomaram as ruas da Suécia em protesto contra o racismo, Zahui, como é mais conhecida, procurou os principais canais de notícias suecos para dar entrevistas sobre os problemas raciais que o seu país enfrentava. Em resposta aos seus pedidos, os canais propuseram apenas que ela falasse sobre basquete. Aqui temos um bom ponto para analisarmos a transformação do poder de influência e de comunicação social na era contemporânea. Tempos atrás, segundo Manuel Castells, os cidadãos recebiam informações e formavam suas opiniões políticas “essencialmente por intermédio da mídia”, nos dias atuais, em contrapartida, com o advento de novas tecnologias, as pessoas passaram a buscar ou receber informações através de outros meios, especialmente pelas redes sociais, diminuindo significativamente o poder de influência que a grande imprensa tinha sobre a sociedade (1999,p.367/370/374). Sendo assim, voltando ao caso de Zahui, para driblar as barreiras restritivas dos veículos de comunicação suecos, ela tomou a iniciativa de recorrer às redes sociais. E não deu outra. Suas postagens ganharam tanta repercussão que a referida jogadora de basquete, através do Instagram, foi

¹⁸⁰ ‘One of the worst, strangest years’: an NBA season like no other, por Scott Cacciola, 30 de setembro de 2020.

¹⁸¹ Naomi Osaka responde a quem pediu para não misturar esporte e política: “Vou ficar na sua TV”, GloboEsporte.com, 15 de setembro de 2020.

capaz de organizar uma passeata antirracista na cidade de Estocolmo, capital da Suécia.¹⁸²

Nem todas as portas do mundo corporativo da comunicação se fecharam para os atletas. No ramo da publicidade, algumas marcas buscaram se associar com grandes nomes do esporte para promoverem causas sociais. Isso retrata a mudança de direção que a publicidade tomou ao longo dos anos. Para demonstrarmos essa mudança de direção, iremos analisar a figura de Michael Jordan, considerado por muitos o melhor jogador de basquete de todos os tempos. De acordo com o sociólogo estadunidense, Douglas Kellner, Jordan é um dos ícones mais bem sucedidos da cultura da mídia da história. Graças às suas performances incríveis dentro das quadras, o jogador se tornou a ferramenta principal para exportar a marca da NBA ao mundo todo. Em algumas partes do globo, inclusive, ele era mais famoso do que o próprio presidente dos EUA. Desse modo, não era de se surpreender que Jordan começasse a assinar contratos milionários de publicidade com várias marcas, sendo a principal delas a empresa de calçados esportivos Nike. As propagandas o colocavam como um herói que simbolizava a excelência profissional, a moralidade e os valores estadunidenses. Em uma das propagandas da fabricante de bebidas isotônicas Gatorade, para se ter uma ideia, o slogan era “be like Mike” (“seja como Mike [Jordan]”). Sendo assim, para muitos, ele se tornou o primeiro negro a romper as barreiras raciais da publicidade, pavimentando o caminho para que outros atletas afro-estadunidenses pudessem assinar contratos tão lucrativos quanto os seus. Na verdade, nas palavras de Kellner, Jordan

representava a fantasia de que qualquer um pode ser bem sucedido em uma sociedade competitiva e de status, que todos podem ascender de classe e superar as limitações da raça e da classe (in MILLER & WIGGINS, 2003, p.310/311).

Se, por um lado, Jordan era o símbolo dos valores dos EUA, ou melhor dizendo, a cara do *american dream* (conceito que vimos anteriormente no Capítulo 1); por outro lado, ainda segundo o referido sociólogo, ele deixava muito a desejar em relação às questões de cunho político/social. Em 1992, no caso de Rodney King, por

¹⁸² She found her voice in a WNBA locker room, then used it in Sweden, por Seth Berkman, The New York Times, 13 de julho de 2020.

exemplo, um taxista de Los Angeles que foi confundido com um bandido e espancado brutalmente por policiais (que, mais tarde, foram inocentados pela Justiça), o jogador não fez nenhuma declaração de repúdio contra o caso e/ou contra a violência policial à comunidade negra estadunidense. Na verdade, ele se mostrou mais preocupado em aprimorar o seu arremesso. Em outros momentos, o atleta se recusava a responder perguntas sobre as acusações de exploração de trabalho que a Nike sofria ao redor do mundo, especialmente na Ásia. Dessa maneira, Jordan tinha o tipo de comportamento desejado pelas marcas da época, ou seja, não se envolvia em nenhuma questão política. Mais uma vez recorrendo aos pensamentos de Kellner, podemos afirmar que

Michael Jordan, assim como muitos atletas corrompidos pelo espetáculo do esporte e da cultura comercial, revogou suas responsabilidades políticas e sociais básicas em favor de roupas caras, comodidades, e um portfólio de megastock (in MILLER & WIGGINS, 2003, p.315).

Hoje em dia, no entanto, o jogo se inverteu. As grandes empresas procuram cada vez mais atrelar as suas imagens às causas sociais suprapartidárias, dentre elas, a luta contra o racismo e contra o sexismo. Em um dos comerciais da fabricante de calçados e roupas esportivas Adidas, curiosamente a principal concorrente da Nike, o então quarterback do Kansas City Chiefs, Patrick Lavon Mahomes II, popularmente conhecido como Patrick Mahomes, aparece dizendo as seguintes palavras: “Vamos continuar praticando esportes. Mas, ao mesmo tempo, nós vamos agir e nós vamos mudar o mundo”.¹⁸³

Sim, como visto acima, os atletas venceram as barreiras impostas pela mídia tradicional e conseguiam cada vez mais inserir, principalmente na publicidade, pautas sociais. Entretanto, se, de fato, eles queriam “mudar o mundo”, pegando emprestadas as palavras de Mahomes no comercial da Adidas, os atletas teriam que entrar em um terreno traiçoeiro: a política.

¹⁸³ NFL season kicks off with players’ protesting racism, por Ken Belson, The New York Times, 10 de setembro de 2020.

2.3 As urnas nas quadras

A mudança estava por vir. Segundo Michel Wieviorka, o problema da discriminação racial não se encontrava mais na existência de doutrinas ou ideologias, uma vez que estas, de certa maneira, foram derrubadas pelas ciências tempos atrás. O problema, atualmente, estava no funcionamento da sociedade,

da qual o racismo constitui uma propriedade estrutural inscrita nos mecanismos rotineiros, assegurando a dominação e a inferiorização dos negros sem que ninguém tenha quase a necessidade de os teorizar ou de tentar justificá-los pela ciência (2007,p.30).

Sendo assim, ainda recorrendo às palavras de Wieviorka,

nos Estados Unidos, o racismo institucional é descrito como algo que mantém os negros em uma situação de inferioridade por mecanismos não percebidos socialmente (2007,p.30).

Despercebidos não mais. Os atletas não apenas perceberam os artifícios discriminatórios raciais que regiam a sociedade, como fizeram questão de escancará-los. Mais do que isso, porém, eles sabiam que só havia uma via capaz de provocar uma mudança profunda na sociedade: a política. Historicamente, contudo, a política, sob o ponto de vista da comunidade afro-estadunidense, especialmente em relação ao direito ao voto, sempre foi marcada por obstáculos. Antigamente, de acordo com o historiador estadunidense, Alexander Keyssar, nos EUA, os negros eram considerados como “inferiores e carentes das potencias virtudes republicanas”, sendo, portanto, impedidos de votar. Nas convenções públicas, aliás, quando o debate girava em torno da extensão ou não do sufrágio aos afro-estadunidenses, eram comuns declarações racistas dos então representantes do povo para impedir que os negros fossem às urnas, tais como: “Nenhum negro puro tem desejos e necessidades como as outras pessoas”; “a raça negra foi marcada e condenada à servidão pelo decreto da Onipotência (...)”; e “um povo peculiar, incapaz, na minha

opinião, de exercer esse privilégio [direito ao voto] com algum tipo de critério, prudência ou independência” (2000,p.101/102).

Os argumentos racistas acima, somado com a campanha de restrição do sufrágio, se intensificaram nas primeiras décadas de 1800, quando o medo da migração em massa de escravos alforriados ou fugitivos do Sul escravagista tomou conta dos corações e mentes da região Norte dos EUA. Para efeito ilustrativo, um representante de Wisconsin, durante uma comissão pública da época, afirmou categoricamente que caso o direito ao voto fosse estendido aos negros, isso “faria que o nosso estado fosse infestado de escravos fugidos do Sul”. Os afro-estadunidenses, por sua vez, resistiam e lutavam para conquistar e assegurar os seus direitos. Com o fim da Guerra Civil (1861-1865), a comunidade negra passou a escrever petições e a organizar marchas pelas ruas do país para derrubar as barreiras raciais de voto. Na Carolina do Norte, por exemplo, foi fundada a Liga da Igualdade de Direitos que exigia que os negros possuíssem “todos os direitos sociais e políticos” dos brancos. Na cidade de Nova Orleans, em Louisiana, os negros simularam uma eleição para demonstrar o poder de sua força política. Já em Maryland, convenções e manifestações foram promovidas em busca de seus direitos (KEYSSAR,2000,p.103/104/142/143). Assim, nas palavras de Keyssar,

para os afro-americanos, a conquista do direito de voto não só constituía um meio de autoproteção, mas um símbolo e uma expressão fundamentais de sua posição na sociedade americana (2000,p.142/143).

Voltando ao contexto de 2020. A autoproteção dos negros, recorrendo aos pensamentos acima de Keyssar, ou seja, o direito ao voto se fazia mais do que necessária. Na verdade, a organização liderada por LeBron James, More Than A Vote (Mais Do Que Um Voto), na eleição presidencial de 2020, tinha uma missão bem clara: mobilizar a comunidade afro-estadunidense e as pessoas comprometidas com a causa negra para derrotar a extrema-direita personalizada em Donald Trump nas urnas. Para isso, LeBron sabia que teria que usar do seu prestígio e influência social para vencer essa disputa. Em entrevista ao *The New York Times*, o jogador de basquete deu a seguinte declaração:

*Por causa de tudo o que está acontecendo [os protestos antirracista após a morte de George Floyd], as pessoas finalmente estão começando a nos ouvir - nós sentimos que finalmente estamos entrando pela porta. Por quanto tempo isso dependerá de nós? Não sabemos. Mas nós sentimos que estamos ganhando atenção, e esse é o momento para a gente finalmente vai fazer a diferença.*¹⁸⁴

Uma andorinha só não faz verão, como já dizia o ditado. LeBron, portanto, necessitava da ajuda de mais atletas. E a ajuda veio. Os jogadores do time de futebol americano do Atlanta Falcons, localizado no estado da Geórgia, para estimular as pessoas a irem às urnas no dia da eleição, nos aquecimentos dos jogos, entravam em campo com camisetas escritas “Vote”.¹⁸⁵ Além do mais, pelas redes sociais ou através de vídeo-chamadas, uma das quais o *The New York Times* teve acesso, os jogadores falaram com a população local, especialmente com estudantes, sobre a importância do voto e do pleito presidencial que estava por vir.¹⁸⁶

O movimento dos atletas do Atlanta Falcons contou com o respaldo do então dono da franquia, Arthur M. Blank, que, de maneira surpreendente, aceitou o pedido dos jogadores e transformou o seu estádio em um local de votação no dia da eleição presidencial (algo inédito na história do esporte dos EUA). Além disso, Blank doou quantias significativas de dinheiro para organizações que promovem o direito do voto e lutam por igualdade social e econômica, especialmente aquelas que atuam nos bairros pobres da cidade. Importante ressaltar, que, para evitar qualquer tipo de polarização, os Falcons não apoiaram publicamente nenhum dos candidatos.¹⁸⁷ Seguindo o exemplo da referida franquia de Atlanta, outros times de futebol americano, dentre eles, Minnesota Vikings, localizado em Minneapolis, onde tudo começou, e o Kansas City Chiefs, realizaram ações semelhantes. Segundo o então

¹⁸⁴ LeBron James and other stars form a voting rights group, por Jonathan Martin, *The New York Times*, 10 de junho de 2020.

¹⁸⁵ Georgia is a political battleground. The Falcons want more voters, por Ken Belson, *The New York Times*, 3 de novembro de 2020.

¹⁸⁶ Inside one NFL team's attempt to turn protest into action, por Ken Belson, *The New York Times*, 17 de setembro de 2020.

¹⁸⁷ Inside one NFL team's attempt to turn protest into action, por Ken Belson, *The New York Times*, 17 de setembro de 2020.

quarterback do Kansas City Chiefs, Patrick Mahomes, a ideia era “conseguir registrar o maior número de pessoas para votar para que possam tentar realizar as mudanças de todas as maneiras que acharem necessário”.¹⁸⁸

Se, por um lado, alguns preferiam adotar uma postura mais neutra; por outro lado, outros chegaram a vestir a camisa dos seus candidatos. O então jogador de basquete do Golden State Warriors, Wardell Stephen Curry II, conhecido apenas como Stephen Curry, participou de um vídeo de campanha da Convenção Nacional Democrata em apoio ao então candidato Joseph R. Biden Jr, conhecido popularmente como Joe Biden.¹⁸⁹ As atletas dos times de basquete do Atlanta Dream, por sua vez, adotaram uma postura mais agressiva. Uma das proprietárias da franquia, Kelly Loeffler, que disputava uma cadeira do Senado do estado da Geórgia pelo lado republicano, criticou-as por apoiarem o movimento Black Lives Matter. Em resposta a Loeffler, as jogadoras fizeram campanha pelo seu adversário, o democrata Reverendo Raphael G. Warnock.¹⁹⁰ Para se ter uma ideia do ato de desafio, nos aquecimentos das partidas, elas usaram camisetas com os dizeres “Vote Warnock” (“Vote em Warnock”), alavancando a candidatura do reverendo e fazendo com que ele conquistasse a vaga do Senado.¹⁹¹

Para rebater o apoio democrata no esporte, uma contracorrente de atletas que aderiu ao Partido Republicano, ou mais precisamente a Donald Trump se formava. Personalidades históricas, tal como o ex-jogador e renomado técnico de futebol americano de colegial, Louis Leo Holtz, de 83 anos, em seu discurso de campanha para Trump, invocava o *american dream*, descrevendo um EUA utópico liderado pelo republicano onde qualquer um poderia ser bem-sucedido desde que trabalhasse para isso. Há quem se engane, contudo, que eram apenas brancos que se encantavam com o então presidente do país. Os ex-jogadores de futebol americano, Herschel Walker e Jack Brewer, afirmavam que o seu candidato era, nada mais nada menos, que um enviado dos céus para comandar uma cruzada contra o racismo e a injustiça

¹⁸⁸ The NFL embraces progressive action, but not yet Kaepernick, por Ken Belson, The New York Times, 12 de junho de 2020.

¹⁸⁹ One NBA team walked out. A generation of athletes followed, por Marc Stein, Sopan Deb e Alan Blinder, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

¹⁹⁰ How the most socially progressive pro league got that way, por Jonathan Abrams e Natalie Weiner, The New York Times, 16 de outubro de 2020.

¹⁹¹ In Georgia, pro teams dive into senate races with different playbooks, por Ken Belson, The New York Times, 4 de janeiro de 2021.

social.¹⁹² Este, aliás, é um ótimo ponto para analisarmos como a história é repleta de reviravoltas. De acordo com Alexander Keyssar, entre o fim e os primeiros anos subsequentes da Guerra Civil dos EUA, “a ala mais militante e igualitária do Partido Republicano” pregava o sufrágio universal, ou seja, que o direito de voto fosse estendido aos negros, algo que os Democratas, naquela época, eram veementemente contrários. A aprovação da Décima Quarta Emenda, em 1866, garantiu que os afro-estadunidenses se tornassem cidadãos e que, portanto, poderiam votar. Dessa maneira, cada vez mais os republicanos buscavam assegurar que a comunidade negra fosse às urnas, pois assim eles não apenas salvaguardavam os alforriados, como também era uma ótima oportunidade para estabelecer uma base eleitoral no Sul e conquistar mais estados naquela região (2000,p.143/144/145/146). Sim, o Partido Republicano que outrora sonhava com uma base eleitoral negra, em especial no Sul; agora servia de abrigo para a extrema-direita liderada, ou pelo menos personificada, por Trump que, apesar da visão messiânica dos ex-jogadores acima exposta, caminhava na direção contrária da trilha da justiça social e racial, e, além do mais, possuía como uma de suas principais bases justamente os brancos raivosos e saudosistas do Sul que, de certa forma, buscavam retomar os tempos dos Estados Confederados e das Leis Jim Crow, ou seja, do racismo explícito e da segregação racial.

Voltando ao contexto de 2020. Escolhas ideológicas à parte, os jogadores estadunidenses rompiam a barreira entre esporte e política. Era diferente, todavia, se engajar politicamente como jogador da NBA, uma liga que, de um modo geral, apoiava os seus atletas em causas sociais, do que em outras modalidades esportivas. Antes na NFL, para analisarmos um quadro específico, era inimaginável colocar qualquer mensagem de cunho político atrelada a sua marca, mesmo aquelas mensagens consideradas suprapartidárias, como “fim do racismo”.¹⁹³ Também, como vimos anteriormente, boa parte dos donos das franquias do futebol americano apoiava Trump que atacava constantemente jogadores que se posicionavam de maneira contrária a sua plataforma política, especialmente aqueles que se ajoelhavam durante o hino nacional dos EUA. Isso gerava certo receio nos atletas, especialmente sobre o

¹⁹² With walkouts, a new high bar for protests in sports is set, por Kurt Streeter, The New York Times, 27 de agosto de 2020.

¹⁹³ Georgia is a political battleground. The Falcons want more voters, por Ken Belson, The New York Times, 3 de novembro de 2020.

aspecto econômico. Poucos tinham a garantia de que o seu contrato seria estendido e os times, muitas vezes, precisavam de apenas uma pequena desculpa para dispensá-los. No Atlanta Falcons, por exemplo, apesar de todo o engajamento político dos atletas, como mostrado mais acima, muitos deles fizeram cálculos financeiros antes de embarcar no movimento. Em uma entrevista ao *The New York Times*, o então jogador do Falcons, Ricardo Jamal Allen, afirmou que, de fato, a parte econômica era preponderante para que muitos não se engajassem na luta antirracista: “Eu sei que essa é uma das grandes razões pela qual vários jogadores não falam nada”. Na verdade, em termos mais claros, o que pairava na NFL era o medo de se tornar o próximo Kaepernick (**Colin Kaepernick será abordado mais para frente**).¹⁹⁴

Mesmo com esse temor todo, passos importantes foram dados. Seguindo os passos dos Falcons e de outros times da NFL, tais como, Kansas City Chiefs, Detroit Lions, Green Bay Packers e Seattle Seahawks, franquias do futebol americano e do basquete transformaram as suas arenas esportivas em locais de votação para o pleito presidencial de 2020.¹⁹⁵ Pela primeira vez na história do esporte estadunidense, as cestas de basquete e as *end zones* (parte do campo no futebol americano onde se marca o *touchdown* – a principal forma de pontuar no jogo,) davam lugar às urnas. Não à toa, o então jogador do Oklahoma City Thunder e presidente da National Basketball Players Association (NBPA - Associação Nacional de Jogadores de Basquete), algo semelhante a um sindicato de jogadores, Christopher Emmanuel Paul, popularmente conhecido como Chris Paul, afirmou à imprensa que nunca tinha visto algo parecido durante os seus 15 anos de liga.¹⁹⁶

A campanha dos atletas deu resultado. O alto comparecimento às urnas e, consequentemente, a vitória do democrata Joe Biden na corrida presidencial à Casa Branca, sem dúvidas, se deu graças aos esforços feitos pelos jogadores. Não demorou muito, contudo, para que o problema mudasse de cara. Se, antes, os atletas buscavam mobilizar a população para ir às urnas; em compensação, agora, após a

¹⁹⁴ In Georgia, pro teams dive into senate races with different playbooks, por Ken Belson, *The New York Times*, 4 de janeiro de 2021.

¹⁹⁵ Georgia is a political battleground. The Falcons want more voters, por Ken Belson, *The New York Times*, 3 de novembro de 2020.

¹⁹⁶ NBA and players’ union agree to resume play, por Sopa Deb, *The New York Times*, 28 de agosto de 2020.

eleição de 2020, o desafio era fazer com que a população, ou pelo menos as minorias sociais, em especial a comunidade negra, continuasse a ter acesso às urnas. Com efeito, inflamados pelo discurso falso de que o pleito presidencial foi fraudado para que Trump perdesse, os estados de maioria republicana, principalmente aqueles localizados no Sul, começaram a estabelecer projetos de lei que impunham normas mais rígidas de identificação na hora de votar, além de ampliarem o poder do Legislativo local. O objetivo era claro: impedir as minorias de votar. Para efeito ilustrativo, na cidade de Atlanta, na Geórgia, sede do Atlanta Falcons e considerada a cidade berço do Movimento pelos Direitos Civis, uma lei com esse objetivo foi aprovada. Rapidamente, organizações que lutam pelos direitos civis, dentre elas, a National Black Justice Coalition (Coalizão Nacional de Justiça Negra), se pronunciaram contrárias ao decreto. Ademais, de maneira um tanto quanto surpreendente, a MLB lançou um comunicado anunciando que o evento do All-Star Game não seria mais realizado em Atlanta (a cidade também é conhecida como a casa do beisebol e é sede do Hall da Fama de Henry Louis “Hank” Aaron - um homem que teve que superar as barreiras da discriminação racial para se tornar um dos melhores jogadores de beisebol de todos os tempos) até que a lei fosse revogada.¹⁹⁷ Outras entidades, tais como, a Players Alliance (Aliança de Jogadores) e a More Than A Vote, saíram em defesa da decisão da MLB. Enquanto a Players Alliance dizia que não recuaria “na luta por igualdade racial. Nós sempre iremos quebrar as barreiras das urnas”, a More Than A Vote chamava atenção para outros 24 estados que buscavam tomar medidas semelhantes à da Geórgia.¹⁹⁸

Manobras políticas como essas não eram nenhuma novidade na história dos EUA. Viajando novamente para o passado, além da velha estratégia da intimidação, personificada na fala do então senador reacionário do Mississippi, Theodore Gilmore Bilbo, do Partido Democrata: “A melhor maneira de fazer a [sic] ‘negrada’ parar de votar é visitá-los na noite anterior à eleição”,¹⁹⁹ segundo Keyssar, tempos atrás,

¹⁹⁷ Sports officials criticize voting law, but take little action, por Joe Drape, The New York Times, 2 de abril de 2021.

¹⁹⁸ Activism was unusual for baseball, but not for sports, por James Wagner, The New York Times, 3 de abril de 2021.

¹⁹⁹ Na corrida presidencial de 2016, vencida por Donald Trump, estratégia semelhante foi tomada. Grupos nacionalistas e supremacistas prometeram fazer vigílias nos locais de votação para “evitar que o pleito fosse fraudado”, quando, na verdade, era uma clara tentativa de intimidação para que os afro-americanos não fossem votar, ou pelo menos que não votassem na adversária democrata Hillary

alguns estados, com a justificativa de eliminar a corrupção, implementaram medidas para restringir o acesso às urnas, como testes de alfabetização, aumento do período de residência, restrição das eleições municipais aos proprietários ou contribuintes e a criação de procedimentos complexos e incômodos de registro, tornando praticamente impossível que alguns setores sociais, dentre eles, os negros, pudessem votar (2000,p.188/189/336). A comunidade afro-estadunidense, por sua vez, sempre se mostrou resistente a esse tipo de manobra. Na segunda metade dos anos 1950 surgia o Movimento Pelos Direitos Civis, liderado pelo pastor e ativista Martin Luther King Jr., que lutava através da não-violência pelos direitos políticos dos negros. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que aconteceu anos antes do movimento emergir, desempenharia um papel fundamental para fomentar a luta negra pelos seus direitos, uma vez que expunha ao mundo a incoerência do discurso dos EUA. Na Carta do Atlântico, assinada pelo então presidente estadunidense democrata, Franklin Roosevelt (1933-1945), e pelo então primeiro-ministro britânico, Winston Churchill (1940-1945 e 1951-1955), em 1941, ambos declaravam que o objetivo da guerra era restabelecer a democracia em todos os países e acabar com a discriminação racial e étnica. Entretanto, a presença do racismo sistêmico em solo estadunidense, como muitas vezes apontavam os nazistas e japoneses, nas palavras de Keyssar, “era o calcanhar de Aquiles da reivindicação americana de representar valores realmente democráticos”. Desse modo, os ativistas da causa negra invocavam a propaganda antinazista e antirracista produzida pelo próprio governo para acabar com a discriminação racial dentro dos EUA (2000,p.339).

O auge do Movimento Pelos Direitos Civis, contudo, se deu nas décadas de 1960, mais precisamente em 1963, quando foi realizado o Movimento da Marcha sobre Washington, que atraiu diversas pessoas para protestar contra a injustiça social e a segregação racial. Foi nesta ocasião, inclusive, que Martin Luther King abriu o seu discurso com as quatro palavras que até hoje impactam o mundo: “I have a dream” (“Eu tenho um sonho”). De fato, a comunidade negra encontrava-se mobilizada para lutar pelos seus direitos. Para se ter uma ideia da mobilização, neste período, a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP - Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor), aumentou de 50 mil para mais de 400

Clinton (Informação retirada em: Fear is driving voting rights advocates and vigilantes to watch polling stations, Jonathan Mahler e Michael Wines, New York Times, 7 de Novembro 2016).

mil membros. Para os negros, estava claro que a “guerra pela liberdade” tinha duas frentes: no exterior e dentro dos EUA. Assim sendo, importante destacarmos a seguinte declaração de um soldado afro-estadunidense da época: “Se eu tenho que morrer pela democracia, posso muito bem morrer por ela aqui [nos EUA] e agora”. A comunidade negra teria a sua maior vitória em 1965, quando a *Voting Rights Act* (Lei de Voto Nacional) foi sancionada pelo então mandatário democrata Lyndon Johnson, derrubando, aparentemente, as barreiras raciais do voto (KEYSSAR,2000,p.331/332/333/352/353).

Se não era mais possível retirar o direito do voto dos afro-estadunidenses, pelo menos pela via direta, isto é, pela Constituição, voltando para 2020, a extrema-direita então procurava utilizar uma via alternativa. Restringir o acesso às urnas com a justificativa de evitar fraudes, como fez o estado da Geórgia, nada mais era do que uma forma indireta, eficaz e, de certa maneira, legalizada para impedir que os negros e outras minorias pudessem votar. Infelizmente para a extrema-direita, contudo, as organizações negras da sociedade civil estavam atentas para combater qualquer tipo de injustiça racial e social. Isso se devia, sem dúvida alguma, ao movimento dos atletas, em geral, mas, sobretudo, a um atleta em especial, Colin Kaepernick, o qual, mais do que por palavras, mas através de um gesto simples (como veremos a seguir), jogou luz na luta antirracista para o mundo todo.

2.4 Palavras não ditas

À princípio um gesto simples, porém que ganhou um simbolismo enorme. Tudo começou em 2016, entre os últimos dias do governo democrata de Barack Obama e o começo da administração republicana de Donald Trump. Um grupo de jogadores afro-estadunidenses, liderados pelo então quarterback do San Francisco 49ers, Colin Rand Kaepernick, iniciaram o movimento de se ajoelhar durante a execução do hino nacional dos EUA nos jogos. O objetivo da ação era um chamado para acabar com a injustiça racial e a violência policial contra a comunidade negra. O gesto, no entanto, não foi bem acolhido por todos. Ao contrário, irritou profundamente Trump que chegou a dizer para os donos das franquias da NFL, que em grande parte eram seus

apoiadores, para tirar “[sic] esses filhos da puta do campo agora mesmo!”.²⁰⁰ Mesmo com os insultos e ameaças lançados pelo então presidente, alguns jogadores persistiram com o gesto e, de maneira um tanto quanto surpreendente, a NFL não fez nenhum tipo de ação para puni-los. Exceto com um jogador. A punição ao movimento dos atletas negros recaiu toda sobre os ombros de seu líder, Kaepernick, e de forma perversa. Com a justificativa de que era por questões técnicas (e não políticas), o quarterback que, em 2013 liderara os 49ers na final do Super Bowl, perdendo para o Baltimore Ravens, desde 1 de janeiro de 2017 não encontrava mais espaço em nenhuma franquia.²⁰¹ O que a princípio parecia ser um problema resolvido, uma vez que com Kaepernick fora dos gramados, conforme acreditava a NFL, o gesto de se ajoelhar não seria mais reproduzido, voltaria com força máxima após o assassinato de George Floyd.

Antes de qualquer coisa, precisamos desvendar a seguinte questão: como surgiu a ideia de se ajoelhar durante a execução do hino nacional, gesto que, como descreveu o colunista de esportes do *The New York Times*, Kurt Streeter, atingiu em cheio o “coração do esporte que mais personifica a América e seus mitos”?²⁰² Para respondermos a essa pergunta devemos voltar no tempo. Em uma conversa entre Kaepernick, o seu então colega de time do San Francisco 49ers, Eric Todd Reid Jr., e o ex-militar, que serviu no Iraque e no Afeganistão antes de se aventurar no futebol americano, Nate Boyer, discutiam o que poderiam fazer para chamar atenção do público sobre a brutalidade policial contra os afro-estadunidenses. Boyer, segundo o seu relato em entrevista por telefone ao *The New York Times*, durante a conversa com os dois jogadores, se lembrou que, nas suas pesquisas, ele tinha visto uma foto do Martin Luther King Jr. ajoelhado em um protesto na cidade de Selma, no Alabama, nos anos 1960, e então disse: “Se vocês não vão ficar de pé, então eu diria que a sua única opção é ficar de joelhos”. E eles compraram a ideia. Mais tarde, naquele mesmo dia em que tiveram a conversa, os 49ers jogaram contra o San Diego Chargers e, na execução do hino dos EUA, Kaepernick e Reid se ajoelharam, recebendo uma chuva

²⁰⁰ Kneeling, fiercely debated in the NFL, resonates in protests, por Kurt Streeter, *The New York Times*, 5 de junho de 2020.

²⁰¹ Kneeling, fiercely debated in the NFL, resonates in protests, por Kurt Streeter, *The New York Times*, 5 de junho de 2020.

²⁰² The talk of the Super Bowl is quarterbacks, except one, por Kurt Streeter, *The New York Times*, 25 de janeiro de 2021.

de vaia do público.²⁰³ A seguir imagens do tweet de Nate Boyer mostrando a imagem de Martin Luther King Jr. ajoelhado em um protesto no Alabama e de um tweet mostrando Kaepernick e Reid ajoelhados pela primeira vez durante a execução do hino nacional e ao lado deles de pé e de camiseta preta Nate Boyer:



204

²⁰³Kneeling, fiercely debated in the NFL, resonates in protests, por Kurt Streeter, The New York Times, 5 de junho de 2020.

²⁰⁴ Imagem retirada do Twitter de Nate Boyer. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/nateboyer37/status/952948496818085889>



205

A década de 1960, aliás, foi uma época revolucionária para a comunidade negra dos EUA. Além do Movimento dos Direitos Civis liderado por Martin Luther King (como visto mais acima), durante este período, mais precisamente nos seus últimos anos, surgia um dos movimentos mais marcantes dentro do esporte estadunidense conhecido como “A Revolta do Atleta Negro”. Segundo o sociólogo estadunidense, Douglas Hartmann, tudo começou em uma reunião formada por jovens ativistas negros no dia 23 de novembro de 1967, Dia de Ação de Graças nos EUA, na Second Baptist Church (Segunda Igreja Batista) em Los Angeles. Esta seria a primeira das várias reuniões regionais organizadas pela National Black Power Conference (Conferência Nacional do Poder Negro) que procurava estruturar os próximos passos na luta contra a injustiça racial no país. Entretanto, o que tornou essa reunião notícia nacional foi quando aproximadamente 200 pessoas do movimento Olympic Project for Human Rights (Projeto Olímpico para os Direitos Humanos), formado por ativistas e atletas, se manifestaram unanimemente para boicotar os Jogos Olímpicos do México de 1968 (2003,p.29/30). A ideia de um boicote olímpico, todavia, já estava

²⁰⁵ Imagem retirada do Twitter de Los Angeles Times. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/latimes/status/1041796109620801536>

sendo ventilada há um tempo. Antes da Olimpíada do Japão de 1964 começar, por exemplo, o corredor estadunidense e três vezes campeão olímpico, Malvin “Mal” Greston Whitfield, em uma entrevista para a revista *Ebony*, disse as seguintes palavras:

Eu defendo que todo atleta negro elegível para participar dos Jogos Olímpicos no Japão no próximo outubro boicote os jogos se até lá os afro-americanos não tiveram garantido todos os direitos de um cidadão de primeira classe (in HARTMANN,2003,p.29/30/31).

Ainda de acordo com Whitfield, por um lado, estava na hora dos atletas negros “se juntarem a luta dos direitos civis”; e, por outro lado, a

América deveria cumprir as promessas de Liberdade, Igualdade e Justiça para todos, ou então ser vista pelo mundo como uma nação onde a cor da pele tem precedência sobre a qualidade de pensamento e caráter de uma pessoa. (in HARTMANN, 2003,p.29/30/31).

De fato, sob o ponto de vista dos afros-estadunidenses, as promessas de uma sociedade justa e igualitária estavam longe de serem cumpridas. Para efeito ilustrativo, um dos maiores velocistas de todos os tempos e um dos principais organizadores da Olympic Project for Human Rights, Thomas “Tommie” Smith, em uma entrevista, afirmou que era “desencorajador competir com atletas brancos. Nas pistas você é Tommie Smith, o homem mais rápido do mundo, mas fora delas você é apenas mais um negro” (in HARTMANN,2003,p.56). Entretanto, o depoimento mais marcante encontrava-se nas palavras de um dos maiores jogadores de basquete de todos os tempos, Ferdinand Lewis “Lew” Alcindor Jr., que mais tarde adotaria o nome árabe de Kareem Abdul-Jabbar. Na primeira reunião da National Black Conference em Los Angeles (mencionada acima), em determinado momento, o atleta pediu a palavra e deu o seguinte depoimento:

Eu sou uma grande estrela do basquete, o herói do final de semana, todos somos americanos, bem, no verão passado,

eu fui quase morto por um policial racista que estava atirando em um gato preto no [bairro do] Harlem. Ele estava atirando na rua - onde várias pessoas negras estavam por perto ou apenas conversando na calçada. Mas ele nem ligou. Afinal de contas nós éramos apenas negros. Eu descobri no verão passado que nós não vivemos no inferno porque não somos estrelas do basquete ou porque não temos dinheiro. Nós vivemos no inferno porque somos todos negros. Em algum momento, alguns de nós precisamos tomar uma posição contra esse tipo de coisa. É assim que eu irei tomar a minha posição - usando o que tenho. E eu tomo a minha posição aqui. (in HARTMANN, 2003,p.56).

Sim, tanto Smith, Abdul-Jabbar e tanto outros atletas percebiam que não importava o quanto se destacavam dentro do esporte, eles ainda assim iriam sofrer os males do preconceito racial. Entretanto, os atletas e também alguns ativistas da causa negra compreenderam que o esporte poderia ser utilizado como uma poderosa ferramenta de combate na luta contra o racismo. Graças aos holofotes que os jogadores conquistavam com as suas performances dentro das arenas esportivas, a mensagem de “basta!” conseguiria ser transmitida de forma clara e precisa para todo o país. Com o ativismo negro inserindo-se no universo esportivo, aos poucos, o movimento de abandonar os Jogos Olímpicos de 1968 foi ganhando cada vez mais força. Com efeito, líderes da National Black Power Conference enviaram uma resolução para os desportistas afro-estadunidenses pedindo que eles se recusassem a participar da Olimpíada e, em especial aos boxeadores, que não disputassem qualquer partida profissional. Nesse período, importante enfatizar, o lendário boxeador, Cassius Marcellus Clay Jr., que mais tarde se tornaria no famoso Muhammad Ali, teve seu título de campeão mundial de peso-pesado retirado pela World Boxing Association (Associação Mundial de Boxe) depois que ele se recusou a servir o exército dos EUA na Guerra do Vietnã (1955-1975). Sendo assim, os ativistas da referida organização, em suas reivindicações, pediam que nenhum boxeador negro lutasse até que o título de Ali fosse devolvido (HARTMANN,2003,p.29/30/31/50). Em uma declaração feita à época, Smith explicou o quão importante era abandonar os Jogos Olímpicos de 1968:

Eu não acho que esse boicote das Olimpíadas parará o problema, mas penso que as pessoas verão que nós não vamos ficar parados e aguentar esse tipo de coisa. Nosso objetivo não será apenas melhorar as condições para nós mesmos e nossos colegas, mas sim melhorar as coisas para toda comunidade negra... Talvez a discriminação não irá acabar nos próximos 10 anos, mas isso representará um outro desenvolvimento importante [nesta direção] (in HARTMANN, 2003,p.41).

Fazer os EUA encarar o seu racismo sistêmico perante o globo. Esse, na verdade, era um dos principais objetivos que os membros do Olympic Project for Human Rights tinham em mente para avançar na luta por igualdade e justiça racial em solo estadunidense. O boicote aos Jogos Olímpicos, nas palavras de um dos fundadores e principais lideranças do movimento da época, o ex-velocista e medalhista olímpico, Lee Edwards Evans, era “onde você consegue atingi-los [autoridades brancas] com maior força”. Em termos mais claros, a recusa em participar da Olimpíada, tratava-se de utilizar estrategicamente o evento internacional no qual os Estados Unidos realizavam a sua “propaganda esportiva e política”, para expor ao mundo a falsa imagem de que o país era uma sociedade que assegurava oportunidades iguais para brancos e negros. (HARTMANN, 2003,p.55). Por mais que o movimento defendesse uma causa nobre, no entanto, para proceder ele esbarrava em uma enorme barreira. Para que o boicote fosse, de fato, concretizado, era preciso que os atletas negros fizessem o maior sacrifício de suas vidas: renunciar ao sonho de participar dos Jogos Olímpicos. Tanto Smith como Evans mostravam-se dispostos a isso. Evans, por exemplo, declarou que

as Olimpíadas é algo que eu sonho em participar desde que eu aprendi a correr pela primeira vez. Mas se a porta... para a liberdade do povo negro... pode ser aberta pela minha não participação, então eu não irei participar (in HARTMANN, 2003,p.54).

Smith também seguia na mesma linha de pensamento:

Eu daria meu braço direito para participar [dos Jogos Olímpicos] e conquistar uma medalha de ouro, mas... eu estou disposto a não apenas desistir dos jogos, como da minha vida também, se isso for necessário para abrir a porta da qual a opressão e a injustiça sofrida pela população negra nos EUA fosse aliviada (in HARTMANN, 2003,p.54).

O problema, contudo, era que nem todos os atletas se mostravam dispostos a abandonar o sonho de suas vidas. Assim, após várias reuniões organizadas pelos desportistas afro-estadunidenses junto com ativistas da causa negra, além de uma enorme pressão - para não dizer perseguição - do governo dos EUA na época, o boicote aos Jogos Olímpicos de 1968 não foi colocado em prática e os atletas, incluindo Smith, viajaram ao México para disputar a competição. Entretanto, isso não era um sinal de que o movimento havia fracassado. Pelo contrário, mais do que lutar contra o preconceito racial dentro do país, “A Revolta do Atleta Negro” serviu para alavancar o orgulho negro dentro da comunidade afro-estadunidense, como fica ilustrado nas seguintes palavras de Evans:

Bastante militância estava surgindo nas comunidades negras. Nós paramos de nos referir como de cor ou negro. Nós somos pretos ou não somos pretos. Um corte de cabelo afro era uma demonstração de nacionalismo preto. 1967 foi o primeiro ano em que senti orgulho de a minha cor de pele ser preta (HARTMANN, 2003,p.45).²⁰⁶

“A Revolta do Atleta Negro” ainda tinha uma carta na manga para ser jogada. Ao disputar a prova dos 200 metros rasos, Smith não apenas foi o vencedor da corrida como também foi o primeiro homem a derrubar a marca dos 20 segundos, chegando no tempo de 19s83. O recorde, todavia, ficaria em segundo plano na história. Na época, após a corrida, os competidores se dirigiam aos vestiários para esperar que a cerimônia da entrega das medalhas estivesse pronta. Nos vestiários, a portas

²⁰⁶ Nos EUA e em outros países de língua inglesa, o termo “nigger” (“negro” em tradução livre) possui um caráter pejorativo e, em compensação, o termo “black” (“preto” em tradução livre) é socialmente aceito. No Brasil, no entanto, é ao contrário, o termo “negro” é socialmente aceito e já o termo “preto” possui um caráter preconceituoso.

fechadas, ele junto com o seu compatriota John Wesley Carlos, conhecido apenas como John Carlos, que ficou em terceiro lugar, discutiam a ação que impactaria o mundo e se tornaria um dos principais símbolos da causa negra. De acordo com Hartmann, Smith pegou um par de luvas pretas e deu a da mão esquerda para Carlos, ficando com a da direita. Em seguida, explicou ao seu compatriota o que pretendia fazer e disse as seguintes palavras: “O hino nacional [estadunidense] é uma música sagrada para mim. Isso não pode ser desleixado. Tem que ser limpo e abrupto”. O recordista olímpico também entregou um broche escrito “Olympic Project for Human Rights” para o australiano Peter George Norman, segundo colocado na prova, que usou para mostrar solidariedade à causa. Estava na hora. Os três subiram no pódio. O hino nacional começou a tocar e a bandeira dos EUA subia pelo mastro. Enquanto isso, Smith erguia o seu punho direito vestindo a luva preta e Carlos seu punho esquerdo vestindo o outro par da luva. Era o gesto tradicional dos Panteras Negras, ou, de maneira mais ampla, do movimento *Black Power*, cuja expressão no campo esportivo era justamente o “Olympic Project for Human Rights”. Suas cabeças e seus olhares estavam para baixo. Os atletas, sem dizer nenhuma palavra, davam a mensagem. Ela era clara. E, diante dessa cena, o planeta ficava de boca aberta e pasmo (2003, p.5). A seguir imagens do tweet de Player’s Tribune mostrando o gesto dos Panteras Negras feito por Tommie Smith e John Carlos no pódio na Olimpíada de 1968:



207

Após a cerimônia da entrega de medalhas, o recordista olímpico deu uma breve, mais impactante, explicação do gesto realizado por ele e Carlos no pódio (Smith, conforme Hartmann, depois disso não falaria mais publicamente sobre o gesto por mais de 20 anos):

Meu braço direito erguido representou o poder da América negra. O braço esquerdo erguido de Carlos representou a união da América negra. Juntos eles formaram um arco de união e poder. O cachecol preto no meu pescoço representou o orgulho negro. As meias pretas sem os tênis representou a pobreza negra na América racista. A totalidade do nosso esforço foi a recuperação da dignidade negra (in HARTMANN, 2003, p.6).

O gesto dos Panteras Negras feito por Smith e Carlos no pódio inspira gerações até hoje. Atletas das mais diversas nacionalidades, especialmente após a

²⁰⁷ Imagem retirada do Twitter de Players Tribune. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/playertribune/status/1317178504786698240>.

onda de manifestações antirracistas que tomou conta do esporte após a morte de George Floyd em 2020, continuam a erguer os seus punhos fechados para o alto. O então jogador do Manchester United, o meia francês Paul Labile Pogba, por exemplo, em uma de suas publicações contra o racismo no Instagram apareceu com o punho direito erguido.²⁰⁸ Já aqui no Brasil, um dos ídolos do Internacional, Taison Barcellos Freda, conhecido apenas como Taison, enquanto atuava pelos Colorados (como o Internacional também é conhecido) comemorava os seus gols fazendo o tradicional gesto dos Panteras Negras. A seguir imagem da publicação de Taison celebrando um gol:



Não à toa, “A Revolta do Atleta Negro” é considerado um marco não apenas no esporte como também na luta por igualdade racial. Nas palavras de Hartmann,

(...) nunca antes (e para constatar nunca desde então) tanto atleta afro-americano sentiu a necessidade de falar, de forma clara e consciente, sobre os problemas de preconceito e

²⁰⁸ Imagem de Paul Pogba com o punho cerrado para cima disponível no link a seguir: <https://www.instagram.com/p/CA5c1ILIDDj/>.

²⁰⁹ Imagem retirada do Instagram do jogador Taison. Disponível no link a seguir: <https://www.instagram.com/p/CZ0FafwrGiE/>.

discriminação racial tanto dentro do esporte como fora (2003, p.XIII).

O movimento iniciado e liderado por Kaepernick, em 2016, voltando agora para o contexto das manifestações contra o racismo de 2020, teria o mesmo impacto e poder simbólico do gesto realizado em 1968. Ele retomava e apoiava em uma longa tradição de contestação no esporte estadunidense, protagonizada por atletas negros. Para o chefe do Departamento de Estudos Africanos e Afro-americanos da Brandeis University, Chad Williams, em entrevista ao *The New York Times*, o gesto de se ajoelhar era “algo simples e claro” (demonstrado na publicação de LeBron James na imagem abaixo). Ainda conforme Williams, “sua simplicidade lhe concedeu um poder simbólico, e como nós vimos agora, seu poder persiste”. De fato, persistia. Apesar de estar fora dos gramados por tanto tempo, a história de Kaepernick era reconhecida por parte dos fãs de gerações diferentes. Um manifestante de 32 anos de Minneapolis, por exemplo, afirmou que o ato de se ajoelhar do ex-quarterback era “uma maneira poderosa e pacífica de dizer que nós não estamos de acordo com o que vem acontecendo”. Já outro manifestante, este de 19 anos, disse que “ele fez o que muitos outros atletas não fariam”.²¹⁰ Contando cada vez mais com o apoio dos setores mais progressistas da sociedade, os atletas, especialmente do futebol americano, voltaram a se ajoelhar durante a execução do hino nacional. Isso obrigou, por assim dizer, a NFL a respaldar os protestos. Em um vídeo postado no Twitter, o comissário da referida entidade esportiva, Roger Goodell, sem mencionar o nome de Kaepernick, pediu desculpas públicas aos jogadores afro-estadunidenses por não escutar as suas demandas. Além disso, disse que apoiava as manifestações pacíficas e disse que ações - não mencionou quais -, deveriam ser tomadas contra o racismo e a violência policial. O vídeo, apesar de protocolar, teve a sua importância, pois estimulou que mais jogadores participassem dos atos antirracistas nas partidas.²¹¹ A seguir imagem da publicação de LeBron James no Instagram mostrando a importância do gesto de se ajoelhar:

²¹⁰Kneeling, fiercely debated in the NFL, resonates in protests, por Kurt Streeter, *The New York Times*, 5 de junho de 2020.

²¹¹ As Trump rekindles NFL fight, Goodell sides with players, por Ken Belson, *The New York Times*, 5 de junho de 2020.



Se, por um lado, a mensagem do comissário teve este ponto positivo; por outro lado, ela foi recebida com ressalvas. Por mais que a NFL sinalizasse uma mudança de direção na sua política de lidar com o racismo, os jogadores, de maneira geral, permaneciam céticos quanto a isso. Em um vídeo postado também no Twitter, os atletas diziam que os slogans de marketing antirracistas promovidos pela Liga eram vazios. Eles exigiam mais ação: “Nós precisamos mudar corações, não apenas responder à pressão”.²¹³ Além do mais, a principal queixa dos jogadores era que o comunicado da NFL não mencionava Kaepernick e queriam que ele retornasse aos gramados. O então jogador do New England Patriots, Devin McCourty, por exemplo, deu a seguinte declaração: “Ele [Kaepernick] foi o único cara que fez alguma coisa, e quando você sai e fala de protestos pacíficos, isso começou com esse cara”. Curiosamente, ou até misteriosamente, quem também endossou o coro pelo volta do quarterback foi Donald Trump. Em entrevista ao jornalista Scott Thuman, do programa ABC7, ele disse: “Se ele merece retornar, ele deveria retornar. Ele tem habilidade para jogar, começou muito bem na NFL e depois caiu de produção. Ele foi ótimo em seu ano de estreia, muito bom em seu segundo ano e depois acredito que tenha

²¹² Imagem retirada do Twitter de LeBron James. Disponível no link a seguir: https://www.instagram.com/p/CAq3fpCgyve/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=invalid&ig_rid=6122452b-3c80-417e-83a0-9fae09d3b9e0

²¹³ NFL season kicks off with players’ protesting racism, por Ken Belson, The New York Times, 10 de setembro de 2020.

acontecido alguma coisa”.²¹⁴ O cinismo na última frase do líder da extrema-direita estadunidense era revoltante. O que aconteceu, na realidade, era que, como visto anteriormente, Kaepernick não mais jogaria profissionalmente futebol americano em virtude da pressão política exercida pelo republicano aos donos dos times que eram seus partidários. À vista disso, em 2019, o ex-quarterback firmou um acordo milionário com a NFL, após alegar que as franquias o rejeitavam por causa de seu protesto.²¹⁵

Se os pés de Kaepernick não tocavam mais os gramados; a sua voz ecoava cada vez mais forte nos estádios, inclusive de outras modalidades esportivas. Na National Women Soccer League (NWSL - Liga Nacional de Futebol Feminino dos Estados Unidos), as jogadoras do Portland Thorns e North Carolina Courage se ajoelharam durante a execução do hino nacional estadunidense. Segundo as atletas, o ato foi para protestar contra a “injustiça racial, brutalidade policial e contra o racismo sistêmico contra os negros e as pessoas de cor na América”.²¹⁶ Já a então jogadora do Utah Royals, Tzilarra Lanae King, criticou publicamente o dono de sua equipe, Dell Loy Hansen, após uma entrevista em que ele afirmou que se sentia “pessoalmente desrespeitado” com a decisão de seu time de boicotar um jogo após a morte de Jacob Blake, como vimos anteriormente, mais uma vítima da violência policial. No Twitter, King escreveu as seguintes palavras:

*Mensagens sobre inclusão e diversidade estão em completa contradição com um dono que se recusa a entender a relevância de manifestações de jogadores pela igualdade racial.*²¹⁷

No basquete, os joelhos dos atletas também tocaram o chão. As equipes, tanto do feminino quanto do masculino, se ajoelharam antes de iniciar as partidas. Além disso, as entidades que comandam o basquete nos EUA, em solidariedade – ou talvez

²¹⁴ Crítico dos protestos contra o racismo, Trump diz que Colin Kaepernick merece retornar à NFL, GloboEsporte.com, 17 de junho de 2020.

²¹⁵ The NFL embraces progressive action, but not yet Kaepernick, por Ken Belson, The New York Times, 12 de junho de 2020.

²¹⁶ NWSL players kneel for anthem as League returns to field, por Molly Hensley-Clancy, The New York Times, 26 de junho de 2020.

²¹⁷ Players have been kneeling for months. Now what?, por Miriti Murungi, The New York Times, 20 de novembro de 2020.

para evitar qualquer tipo de pressão da sociedade – resolveram não penalizar os atletas que não permanecessem perfilados de maneira correta durante a execução do hino.²¹⁸ A seguir imagem dos jogadores dos Los Angeles Lakers e dos Los Angeles Clippers vestindo camisetas com os dizeres Black Lives Matters e ajoelhados na execução do hino dos EUA:



Já na National Hockey League (NHL - Liga Nacional de Hockey dos Estados Unidos), conhecida historicamente por não se envolver em questões sociais, apesar de sofrer constantemente com casos de racismo, dessa vez, não ficou de fora. Alguns atletas, inspirados, sem sombras de dúvidas no ex-quarterback do San Francisco 49ers, criaram a Hockey Diversity Alliance (Aliança de Diversidade do Hóquei), uma organização independente da NHL que tinha como objetivo combater a discriminação

²¹⁸ How the most socially progressive pro league got that way, por Jonathan Abrams e Natalie Weiner, The New York Times, 16 de outubro de 2020.

²¹⁹ Imagem retirada do Twitter da NBA. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/nbaontnt/status/1289008284960096257>.

racial e qualquer outra forma de intolerância, além de deixar o esporte mais socioeconomicamente inclusivo.²²⁰

Assim como as manifestações após a morte de George Floyd, o ato simbólico de se ajoelhar de Kaepernick não apenas influenciou outros esportes como também ultrapassou fronteiras, sobretudo, na Europa, mais precisamente no futebol. O então jogador do Borussia Mönchengladbach, Marcus Lilian Thuram-Ulien, filho de um dos melhores zagueiros franceses de todos os tempos, Ruddy Lilian Thuram-Ulien, conhecido popularmente apenas como Thuram, por exemplo, comemorou o seu gol contra o Union Berlin, em uma partida válida pela Bundesliga, o campeonato alemão, de joelhos. A família Thuram, é preciso destacar, possui um papel ativo na luta contra o racismo. Thuram pai, além de criar a Fundação Lilian Thuram de Educação Contra o Racismo, chegou a fazer duras críticas ao ex-presidente da França, Nicolas Paul Stéphane Sarkozy, então Ministro do Interior, que após uma visita a uma região periférica chamou manifestantes de “marginais”.²²¹ Tanto na Bundesliga como em outros torneios europeus de futebol, vários outros times, em solidariedade à causa negra, postaram nas suas redes sociais fotos dos jogadores ajoelhados durante os treinos.²²²

Nem todos do mundo do esporte, principalmente nos EUA, via o referido gesto simbólico com bons olhos. Antes de prosseguirmos na análise, contudo, é necessário fazer um adendo. Alguns esportes estadunidenses, especialmente o futebol americano, possuem laços estreitos com a instituição militar e, por conseguinte, com o patriotismo. Dessa maneira, os atletas que escolheram não se ajoelhar durante a execução nacional do hino, não eram necessariamente contrários aos movimentos antirracistas, mas preferiram ficar de pé em respeito aos vínculos militares que tinham com a aludida instituição. A então jogadora de futebol do Chicago Red Stars, Rachel Morgan Hill, para efeito ilustrativo, admitiu que estava em dúvida em qual postura adotar no hino nacional. Na hora H, no entanto, ela escolheu permanecer de pé. No Twitter, ela deixou a seguinte explicação:

²²⁰NHL players form coalition to press for diversity in hockey, por Salim Valji, The New York Times, 8 de junho de 2020.

²²¹ Autor de protesto pela morte de George Floyd, Marcus Thuram herdou do pai, Lilian Thuram, a luta antirracista, por Jamille Bullé, GloboEsporte.com, 01 de junho de 2020.

²²² Soccer's stars find their voice, por Rory Smith, The New York Times, 5 de junho de 2020.

*Escolhi ficar de pé por causa do que a bandeira inerentemente significa para meus membros familiares militares e para mim, mas eu apoio 100% minhas colegas. Eu apoio o movimento Black Lives Matter de todo o coração. Também apoio e farei a minha parte na luta contra a atual desigualdade. Como atleta branca, já passou do tempo de ser diligentemente antirracista.*²²³

Outro atleta que adotou postura semelhante foi o então quarterback do New Orleans Saints e hoje ex-jogador, Andrew Christopher Brees, conhecido popularmente como Drew Brees. Ao ser perguntado se realizaria o gesto de se ajoelhar ele afirmou que “nunca concordaria com alguém desrespeitando a bandeira dos Estados Unidos da América ou o nosso país”. O então quarterback, todavia, não era contra o movimento antirracista dos atletas. Em 2017, em um ato de solidariedade, ele se ajoelhou na lateral do campo ao lado dos seus colegas de time que vinham sendo atacados por Donald Trump. Quando o hino nacional começou, porém, ele se levantou.²²⁴ Apesar do seu lado solidário, o comentário acima do quarterback foi rebatido por alguns jogadores da NFL, inclusive pelos seus próprios companheiros. O seu então colega de time, Malcolm Jenkins, recorreu ao Twitter para deixar a seguinte mensagem:

*Drew Bress, você não entende o quanto os seus comentários são dolorosos e insensíveis. Estou desapontado, magoado, porque enquanto o mundo lhe diz: “Você não vale nada”, que a sua vida não importa, o último lugar que você quer ouvir isso é dos caras em que você vai para a guerra e que você os considera como aliados e amigos. Apesar de sermos colegas, eu não posso deixar isso passar.*²²⁵

²²³ The anthem debate is back. But now it's standing that's polarizing, por John Branch, The New York Times, 4 de julho de 2020.

²²⁴ Kneeling, fiercely debated in the NFL, resonates in protests, por Kurt Streeter, The New York Times, 5 de junho de 2020.

²²⁵ Drew Brees's unchanged stance on kneeling is suddenly out of step, por Ken Belson, The New York Times, 4 de junho de 2020.

A mensagem deixada por Jenkins impactou Drew Bress que, posteriormente, fez uma publicação no Instagram se retratando a respeito de sua fala: “Reconheço que deveria falar menos e escutar mais... e quando a comunidade negra está falando sobre a sua dor, nós todos precisamos ouvir”. Mesmo assim, mantendo-se fiel as suas convicções, na execução nacional do hino estadunidense, ele permaneceu de pé.²²⁶

Já o então quarterback do Cleveland Browns, Baker Reagan Mayfield, tinham uma visão mais agressiva sobre o ato simbólico. Para ele, se ajoelhar no hino provocava mais divisões do que soluções. Em seu Twitter ele deixou a seguinte mensagem:

*(...). Me mostraram que o gesto de se ajoelhar apenas causaria mais divisão ou discussão sobre o gesto, ao invés de ser uma solução para os problemas do nosso país.*²²⁷

Donald Trump, pegando carona nos comentários acima dos dois referidos quarterbacks e se aproveitando da divergência que o ato simbólico gerava, não demorou muito para atacar os jogadores envolvidos na luta contra o racismo. Entretanto, quando Drew Bress, após ser rebatido pelo seu colega de time, se retratou de sua fala, o então presidente soltou a sua fúria pelo Twitter. Em letras garrafais, além de criticar o então quarterback por ter se desculpado, ele deixou a seguinte mensagem: “NÃO AJOELHEM”.²²⁸

O republicano, astuto do jeito que era, usaria o gesto de se ajoelhar para reacender o seu discurso patriótico e estimular a sua base eleitoreira mais fiel e fervorosa. Em entrevista ao programa Fox & Friends, do canal de TV da Fox, ele disse que o ato era “vergonhoso” e caso visse os jogadores “desrespeitando a nossa bandeira e desrespeitando o nosso hino nacional” não assistiria mais aos jogos. Como de praxe, na mesma entrevista, Trump lançou uma de suas falas fantasiosas ao dizer

²²⁶NFL kicks off season with nods to unrest and focus on anthem, por Ken Belson, The New York Times, 13 de setembro de 2020.

²²⁷NFL kicks off season with nods to unrest and focus on anthem, por Ken Belson, The New York Times, 13 de setembro de 2020.

²²⁸Kneeling, fiercely debated in the NFL, resonates in protests, por Kurt Streeter, The New York Times, 5 de junho de 2020.

que nenhum presidente fez mais pela comunidade afro-estadunidense do que ele, “talvez com exceção de Abraham Lincoln [presidente que aboliu a escravidão nos EUA]”. Seu comentário foi refutado por LeBron James que, em uma entrevista coletiva foi curto e categórico: “O jogo continuará sem a audiência dele. Eu posso sentar aqui e falar por todos nós que amamos o jogo de basquete: ‘Nós não nos importamos’”. LeBron, por mais que fosse um líder do movimento antirracista dentro do esporte, não falava por todos. Assim como na NFL, na NBA havia também discordâncias a respeito de se ajoelhar ou não durante o hino. O então jogador do Orlando Magic, Jonathan Judah Isaac, do Miami Heat, Meyers Leonard, e o então técnico e a sua então assistente do San Antonio Spurs, Gregg Charles Popovich e Rebecca Lynn “Becky” Hammon, por exemplo, escolheram permanecer de pé.²²⁹

Trump adotava uma velha estratégia de invocar o orgulho patriótico para jogar seus adversários contra a opinião pública. Na “Revolta do Atleta Negro”, viajando para o passado, vários atletas que defenderam abandonar os Jogos Olímpicos de 1968 pela causa negra foram estigmatizados como antipatrióticos – para não dizer traidores - pelo governo e a grande imprensa estadunidense da época. Tommie Smith, a título de ilustração, quando apenas comentou sobre a possibilidade de boicotar os jogos, foi chamado pela mídia tradicional de “ingrato”, “infantil” e “antipatriótico”. Muitos cronistas de esporte chegaram a afirmar que o time de velocistas dos EUA estaria melhor sem ele (como visto mais acima, Smith não apenas ganhou a medalha de ouro dos 200m rasos, como também quebrou o então recorde mundial). Além do mais, após reproduzir o gesto dos Panteras Negras no pódio, antes mesmo de retornar do México, depois de ter sido junto com John Carlos punido e desligado da delegação de atletas olímpicos, os principais jornais estadunidenses publicaram editoriais condenando a sua postura (HARTMANN,2003,p.10/11/34). Outro esportista que sofreu bastante com esse estigma foi Muhammad Ali. Segundo o professor de história da Purdue University, Randy Roberts, quando Clay se converteu a Nação do Islã e adotou o nome muçulmano de Muhammad Ali, ele passou a ser visto, por forças conservadoras do establishment político, do esporte e da imprensa dos EUA, como o “inimigo da América”. Ao se recusar a servir o exército durante a Guerra do Vietnã,

²²⁹ LeBron James says he doesn't care if Trump shuns NBA over protest, por Marc Stein, The New York Times, 6 de agosto de 2020.

Ali deixava de ser apenas um boxeador e se transformava, nas palavras de Roberts, “um porta-voz político, um símbolo de descontentamento social, político e racial na América”. Com Muhammad Ali, prossegue o autor, “a luta negra por igualdade se fundia com a reação contrária à Guerra do Vietnã” (in GORN,1995,p.42/43). Não demorou muito para que o establishment político e do esporte usassem todos os seus recursos para “abater o inimigo”. Com a recusa de ir à guerra, o boxeador foi penalizado de maneira severa, perdendo o seu título mundial da categoria de peso-pesado e impedido de praticar o boxe nos EUA. Mais tarde, no entanto, ele voltaria a disputar o título mundial contra George Foreman. A luta, realizada em 1974 no Zaire (atual Congo), pararia o mundo todo. Com os especialistas apontando Foreman como favorito, Ali surpreenderia a todos e, graças às suas esquivas e aos seus socos certos, não apenas reconquistaria o título, como se tornaria uma lenda dentro do esporte (in GORN,1995,p.16/17). Sendo assim, Donald Trump, na realidade, ao rotular os jogadores que se ajoelhavam de “antipatrióticos” não estava fazendo nada mais do que reutilizar uma estratégia antiga. Ele, aliás, era mestre em fazer isso. Para se ter uma ideia, nas Olimpíadas de 1972 em Los Angeles, o então presidente dos EUA, o republicano Ronald Reagan, discursou a respeito de como a administração dele conseguiu lidar com problemas domésticos e restabelecer a dominação internacional estadunidense. Em palavras grandiloquentes, Reagan argumentou que estava liderando uma “cruzada nacional” para “make America great again” (“fazer a América grande de novo”). Sim, o mesmo mote de campanha e a mesma frase que, em 2016, seriam utilizados novamente, só que dessa vez por Trump, para vencer o pleito presidencial (HARTMANN, 2003, p.260).

Voltando para 2020. Embriagados pelo patriotismo, a cúpula trumpista se enfurecia toda vez que o joelho de um atleta tocava o chão durante o hino. O então mandatário recusou o convite de arremessar a primeira bola do jogo da equipe de beisebol do New York Yankees após ver na partida anterior dois jogadores do time, Giancarlo Cruz Michael Stanton e Aaron Michael Hicks, se ajoelharem.²³⁰ Já o então vice-presidente, Michael Richard Pence, popularmente conhecido como Mike Pence,

²³⁰Trump backs out of throwing pitch at Yankees game, por James Wagner, The New York Times, 26 de julho de 2020.

abandonou o jogo do time de futebol americano do Indianapolis Colts depois que os times realizaram o ato simbólico.²³¹

Uma parcela considerável da população, todavia, embarcava na onda patriótica. No primeiro jogo da Major League Soccer (MLS - Liga de Futebol dos EUA), que marcava o retorno parcial da torcida após um longo período de estádios vazios por conta da pandemia da COVID-19, conforme o canal de TV BBC, parte dos 3 mil torcedores que estavam presentes vaiaram os atletas que se ajoelharam durante o hino.²³² O mesmo aconteceu no futebol americano. Na partida disputada entre o Kansas Chiefs e Houston Texas, uma parcela dos 17 mil fãs presentes no estádio vaiou os jogadores pelo gesto.²³³ Desse modo, o ato de se ajoelhar durante o hino nacional, deixava de ser um gesto simbólico contra o racismo e passava a ser uma questão político-partidária. Nesse sentido, o que parecia ser uma simples partida de softball,²³⁴ acabou com todas as jogadoras abandonando uma equipe. Durante a execução do hino, no jogo entre USSSA Pride e Scrap Yard Fast Pitch, as jogadoras do Scrap Yard permaneceram de pé. A então dona da franquia, Connie May, através da conta oficial do time, fez um tweet para Trump mostrando como o seu time respeitava a bandeira estadunidense. Quando as jogadoras descobriram o tweet, a reação delas foi rápida e incisiva. Mesmo com a publicação sendo apagada, após uma hora de conversa dentro do vestiário, as atletas decidiram abandonar o Scrap Yard. Em entrevista a então jogadora da equipe, Catherine Leigh Osterman, conhecida como Cat Osterman deu a seguinte declaração:

*Quanto mais falávamos sobre isso [o tweet], mais furiosa eu ficava, então finalmente acabei dizendo: “Chega, não vou usar mais essa camisa”. Fomos usados como peões em uma publicação política e isso não está certo.*²³⁵

²³¹ The NFL embraces progressive action, but not yet Kaepernick, por Ken Belson, The New York Times, 12 de junho de 2020.

²³² Vaías contra protesto antirracista de jogadores marcam primeira partida nos EUA com público no estádio, GloboEsporte.com, 13 de agosto de 2020.

²³³ Silêncio pela justiça social antes de Texans X Chiefs na NFL teve vaías de torcedores, GloboEsporte.com, 11 de setembro de 2020.

²³⁴ O softball é um esporte parecido com o beisebol. Tem praticamente as mesmas regras, as únicas diferenças são o tamanho da bola (no softball é maior), o tamanho do campo (no softball é menor) e a duração do jogo (no softball o tempo é menor).

²³⁵ A softball team's tweet to Trump leads players to quit mid-series, por Natalie Weiner, The New York Times, 24 de junho de 2020.

Apesar dos ataques trumpistas, o vento soprava para outros ares. Se antes, os atletas que ousavam se ajoelhar durante a execução do hino nacional estadunidense sofriam uma sabatina pública a respeito do seu gesto; agora eram aqueles que permaneciam de pé que deveriam dar explicações ao público. Para o professor de história e diretor de Estudos Afro-Americanos da Universidade do Mississippi, Charles Ross, tempos atrás essa mudança de postura da sociedade parecia ser algo impossível, no entanto,

*claramente o que aconteceu na América e em Minneapolis em 25 de maio [de 2020] fundamentalmente mudou as perspectivas das pessoas no que se refere ao racismo neste país.*²³⁶

Sim, mudanças fundamentais aconteceram. Mas, mesmo assim, muito ainda deveria ser feito para quebrar as barreiras seculares do racismo e a luta seguiria sendo árdua, especialmente para aqueles que se encontravam sozinhos dentro da sua modalidade esportiva.

2.5 - Os cavaleiros solitários - Lewis Hamilton e Bubba Wallace

Contra tudo e contra todos. Desde criança, Lewis Carl Davidson Hamilton, conhecido apenas como Lewis Hamilton, quando revelava o seu sonho de ser piloto da Fórmula 1 (F1), escutava de adultos e professores as seguintes palavras: “você jamais irá conseguir se tornar um”. Mas ele nunca desistiu. De origem britânica e humilde, Hamilton não teve uma vida fácil quando era criança. Além do *bullying* que sofria na escola por ser disléxico, questões econômicas quase o impediram de realizar o seu sonho. Com efeito, o seu pai, Anthony Hamilton, teve que trabalhar em quatro empregos para mantê-lo correndo nas pistas. O atual piloto, contudo, superou as barreiras para virar, até o momento, o maior vencedor da história da F1, com sete

²³⁶ The anthem debate is back. But now it's standing that's polarizing, por John Branch, The New York Times, 4 de julho de 2020.

títulos conquistados.²³⁷ Se a barreira econômica havia ficado para trás; por outro lado, havia outro obstáculo que vivia rondando-o: o racismo. E chegara a hora de enfrentá-lo sem subterfúgios. Após a morte de George Floyd, ele se tornou uma liderança no movimento que clamava por mais diversidade na referida categoria automobilística. Entretanto, na batalha contra o racismo e por mais diversidade na F1, Lewis Hamilton era um cavaleiro negro solitário. Em seu Instagram, por exemplo, ele deixou a seguinte mensagem de desabafo:

*Vejo vocês que estão em silêncio, alguns são uma das maiores estrelas, mas mesmo assim permanecem em silêncio em meio à injustiça. Nenhum sinal de ninguém da minha indústria, que obviamente é um esporte dominado pelos brancos. Eu sou uma das únicas pessoas de cor aqui, mas mesmo assim permaneço sozinho.*²³⁸

O seu desabafo, de certa maneira, funcionou. Depois de sua publicação no Instagram, alguns pilotos, dentre eles, Charles Leclerc, então da Ferrari; Daniel Ricciardo, então da Renault; Pierre Gasly, então da Alpha Tauri; Lando Norris e Carlos Sainz, então da McLaren, se juntaram ao maior vencedor da F1 na campanha #BlackOutTuesday (Apagão de Terça-feira), que era um movimento que pregava a desconexão das redes sociais para um dia de reflexão sobre a discriminação racial.²³⁹ Porém, ainda era pouco. Se nas pistas, os carros eram cada vez mais velozes, em compensação, na luta contra o racismo a categoria automobilística caminhava a passos lentos. E Hamilton sabia disso. Em várias oportunidades, ele reclamava da falta de empenho dos dirigentes da F1:

*Não deveria ser eu quem tem que chamar as equipes para o debate. Isso deveria ser anunciado e discutido de cima para baixo. Deveria vir dos poderes superiores que controlam e comandam o esporte.*²⁴⁰

²³⁷ Lewis Hamilton lembra falta de apoio no início da carreira: “Volte para o seu país”, GloboEsporte.com, 19 de novembro de 2020.

²³⁸ Lewis Hamilton is demanding change, por Luke Smith, The New York Times, 7 de agosto de 2020.

²³⁹ #BlackOutTuesday: pilotos e equipes da F1 se juntam em campanha de reflexão sobre racismo, GloboEsporte.com, 02 de junho de 2020.

²⁴⁰ Lewis Hamilton is demanding change, por Luke Smith, The New York Times, 7 de agosto de 2020.

No começo, a categoria mostrou solidariedade à causa negra. Na primeira corrida da temporada, 14 dos 20 competidores se ajoelharam antes da largada. Entretanto, parou por aí. Nas disputas seguintes, o ato simbólico não se repetiu porque alguns pilotos demonstravam receios em realizar o gesto por ser visto como algo controverso em alguns países.²⁴¹ Por mais que houvesse uma inércia, por assim dizer, da F1 em relação ao combate ao racismo, Lewis Hamilton conseguiu conquistar algumas vitórias. Graças a sua insistência, foi lançado o programa We Race As One (Nós Corremos Como Um), que procurava trazer mais diversidade ao esporte. No entanto, a inércia não seria o pior inimigo do piloto. Ao contrário, para lutar contra a discriminação racial na categoria automobilística, ele teria que enfrentar o pensamento retrógrado dos mandatários. Em uma entrevista ao canal de TV estadunidense CNN, o ex-piloto britânico e ex-dirigente da F1, Bernard Charles “Bernie” Ecclestone, ao ser perguntado sobre a campanha We Race As One, afirmou que “os negros são mais racistas do que os brancos”. Na sua resposta, ele disse as seguintes palavras:

*Não acho que isso fará algo de bom ou ruim para a Fórmula 1. Isso fará com que as pessoas pensem o que é mais importante. Penso que é o mesmo para todos. As pessoas devem refletir um pouco e pensar: “Bem, que diabos. Alguém não é igual as pessoas brancas e as pessoas negras devem pensar o mesmo das pessoas brancas”. Em muitos casos, os negros são mais racistas do que os brancos.*²⁴²

Antes de prosseguirmos, devemos realizar uma análise a respeito do argumento acima de Ecclestone. De acordo com Silvio Almeida, a ideia de “racismo reverso”, isto é, um racismo das minorias dirigido às majorias, como no caso em questão o racismo dos negros sobre os brancos, “é absolutamente sem sentido”, uma vez que, apesar de membros de grupos raciais minoritários poderem ser preconceituosos ou praticar algum tipo de discriminação, eles não conseguem impor

²⁴¹ Lewis Hamilton is demanding change, por Luke Smith, The New York Times, 7 de agosto de 2020.

²⁴² “Que m... é essa?”, reage Hamilton à fala de Ecclestone sobre racismo; ex-chefão pode ser banido de GPs, GloboEsporte.com, 26 de junho de 2020.

nenhum tipo de desvantagem social sobre membros de grupos majoritários. A título de ilustração, no mercado de trabalho, brancos, especialmente homens, não perdem o emprego pelo simples fato de serem brancos, ou são “suspeitos” de cometerem algum tipo de delito devido à cor de sua pele. Sendo assim, a alegação de “racismo reverso” é um discurso racista moldado na vitimização daqueles que se sentem lesados pela perda de privilégios, mesmo que estes sejam meramente simbólicos e não se traduzam concretamente no poder de impor regras ou padrões de comportamento. Em outras palavras, a ideia do “racismo reverso” tem como finalidade apenas “deslegitimar as demandas por igualdade racial” (2019,p.52/53/54).

Rápido como nas pistas, voltando agora ao episódio, após a fala do ex-dirigente, Hamilton correu para as redes sociais para demonstrar sua indignação:

É tão triste e decepcionante ler um comentário assim. Bernie está fora do esporte e é de outra geração, mas são comentários errados, ignorantes e sem educação que nos mostram o quanto ainda precisamos evoluir enquanto sociedade para que igualdade real possa acontecer. Agora faz todo o sentido que nada tenha sido feito para tornar o esporte mais diverso ou para lidar com o abuso racial que sofri ao longo da minha carreira. Se alguém que comandou o esporte por décadas tem tamanha falta de empatia pelos problemas fundamentais que nós pessoas negras temos de lidar todos os dias, como podemos esperar que todas as pessoas que trabalham para ele compreendam? Começa no topo. Mas agora chegou o tempo de mudança. Eu continuarei usando minha voz para representar aqueles que não possuem voz e para falar por aqueles que não são representados, criando oportunidades em nosso esporte.²⁴³

Há quem se engane, todavia, que Ecclestone parou por aí. Novamente em outra entrevista, dessa vez ao colunista do jornal britânico *The Daily Mail*, Jonathan McEvoy, ele voltou a falar sobre a discriminação racial:

²⁴³ “Que m... é essa?”, reage Hamilton à fala de Ecclestone sobre racismo; ex-chefão pode ser banido de GPs, GloboEsporte.com, 26 de junho de 2020.

Se uma pessoa negra ou uma pessoa branca forem recusados para um trabalho, você precisa perguntar o motivo. Foi por causa da cor de sua pele, ou porque eles não estavam à altura do trabalho? Isso é o que eu estou falando. As pessoas vão nessas marchas, organizadas por “quase-marxistas” que querem derrubar a polícia, o que seria um desastre para o país. Se você perguntasse à maioria deles o que exatamente eles estavam protestando, provavelmente não saberiam. (...). Não é minha culpa que sou branco, ou que sou um pouco mais baixo que outro homem. Eu era chamado de Tich [algo como pessoa pequena] na escola. Eu descobri que era uma coisa com a qual precisava lidar. As pessoas negras precisam se apoiar umas às outras. [O ex-chefe da McLaren] Ron Dennis, não ficou no caminho de Lewis quando menino. Ele cuidava dele. Willy T. [Ribbs] foi o primeiro homem negro a dirigir um carro de F1, para mim, nos anos setenta. Quando perdi minha habilitação, eu tinha um motorista negro, não porque ele era negro, eu não ligava se era negro ou branco. Agora é meio que moda falar sobre diversidade.²⁴⁴

Ecclestone não estava sozinho. Segundo o sociólogo francês, Michel Wieviorka, o preconceito racista, proibido de ser expresso abertamente nas democracias modernas, é camuflado muitas vezes por outros argumentos que primam, por exemplo, por valores individualistas (2007,p.65), ou então, simplesmente o racismo é minimizado. Justamente o que aconteceu na F1, quando grandes nomes do esporte se posicionaram de acordo com o referido ex-dirigente. O ex-piloto britânico, John Young Stewart, conhecido mais como Jackie Stewart, afirmou que “o problema [do racismo] da F1 não é tão grande quanto parece”. Já o ex-piloto estadunidense, Mario Gabriele Andretti, em entrevista ao jornal chileno *El Mercurio*, também se colocou contra Hamilton:

²⁴⁴ Após críticas de Lewis Hamilton e da F1, Bernie Ecclestone rebate: “Não tenho culpa se sou branco”, GloboEsporte.com, 28 de junho de 2020.

*Eu respeito muito Lewis, mas por que se tornar um militante? Ele sempre foi aceito e conquistou o respeito de todo o mundo. Acho que o objetivo disso é pretensioso. Então sinto isso e ele está criando um problema que não existe. Pintando seu carro de preto, eu não sei o que ele fará. Eu conheci pilotos de diferentes origens e sempre os recebi de braços abertos. No automobilismo, independentemente da cor, você tem que ganhar seu lugar com resultados e isso é o mesmo para todos.*²⁴⁵

Andretti partia do pressuposto da meritocracia, isto é, as conquistas e cargos eram frutos exclusivamente dos méritos de cada indivíduo e, portanto, na visão dele, o não sucesso dos negros dentro da F1 seria apenas pela falta de habilidade deles. Sim claro, dentro das pistas, o discurso da meritocracia pode ser empregado, uma vez que todos os competidores partem em condições iguais para vencer a corrida. Entretanto, o ex-piloto desconsiderou completamente que a F1 é um esporte elitista. Para adentrar neste meio, especialmente para ocupar cargos importantes, como de dirigentes ou pilotos, na maioria das vezes era necessário possuir um grande poder econômico. Isso, de certa maneira, se tornava uma barreira para a entrada de negros dentro da categoria, ou pelo menos nos postos mais altos, já que historicamente eles foram designados a ocuparem posições subalternas na sociedade. Na verdade, o racismo desempenha um papel importante aqui, pois ele normaliza o fato de que a maioria das pessoas negras ganham salários menores, se submetem aos trabalhos mais degradantes e não exercem cargos de mais prestígio social. Sendo assim, podemos dizer com outras palavras que o conceito de meritocracia para justificar a falta de afrodescendentes servia como uma forma de naturalizar a desigualdade racial dentro da F1 (ALMEIDA,2019,p.81/109/181).

Novamente, o maior vencedor da referida categoria automobilística se viu obrigado a recorrer às mídias sociais para rebater as críticas. No seu Instagram ele publicou a seguinte mensagem:

²⁴⁵ Hamilton se diz decepcionado por falas de lendas da F1 sobre racismo na categoria, GloboEsporte.com, 21 de julho de 2020.

*Isso é decepcionante, mas infelizmente é uma realidade que algumas das gerações mais velhas, que ainda hoje têm voz, não conseguem sair do seu próprio mundo para reconhecer que há um problema. Novamente, isso é pura ignorância, mas isso não vai me impedir de continuar lutando por mudança. Nunca é tarde para aprender e espero que esse homem [Mario Gabriele Andretti], pelo qual sempre tive respeito, possa dedicar algum tempo para se educar.*²⁴⁶

A F1 não se mexia, mas Lewis Hamilton sim, pois, como o próprio piloto dissera, “o tempo para chavões e gestos simbólicos acabou”. Em parceria com a Royal Academy of Engineering (Academia Real de Engenharia), ele fundou a Hamilton Commission (Comissão Hamilton), uma organização cujo objetivo é estimular jovens negros a estudarem ciência, tecnologia, engenharia e matemática, para depois empregá-los nas equipes automobilísticas, ou em outros setores da engenharia. A organização do piloto constituía-se como uma política de *affirmative action* (afirmação positiva) e de *equal opportunity policies* (políticas de igualdade das oportunidades) dentro da categoria automobilística. Essas políticas têm como propósito conceder mais oportunidades para as minorias no mercado de trabalho e na educação, fazendo com que, por exemplo, as empresas de mídia e publicidade, destinem uma determinada porcentagem de suas vagas às minorias sociais, e que as universidades levem em conta questões étnicas para a admissão de estudantes ou contratação de docentes (WIEVIORKA, 2007, p.147). Seguindo essa linha, não era de se surpreender que, ao ser perguntado sobre o projeto, Hamilton desse a seguinte declaração:

*Quando olhar daqui a 20 anos, quero ver o esporte que deu para um jovem negro, tímido e da classe trabalhadora tantas oportunidades, se tornar tão diverso quanto o mundo complexo e multicultural em que vivemos.*²⁴⁷

²⁴⁶ Hamilton se diz decepcionado por falas de lendas da F1 sobre racismo na categoria, GloboEsporte.com, 21 de julho de 2020.

²⁴⁷ Lewis Hamilton is demanding change, por Luke Smith, The New York Times, 7 de agosto de 2020.

Importante acrescentarmos que, por um lado, as políticas mencionadas acima, para muitos, são a única maneira para corrigir as desigualdades e injustiças provocadas pelo racismo, assegurando que os grupos minoritários afetados consigam se promover socialmente; por outro lado, aqueles que as rejeitam, especialmente nos EUA, afirmam que elas acabam concedendo direitos particulares a certos grupos, chocando-se, desse modo, com o conceito de meritocracia. Além disso, segundo Wieviorka, essas políticas podem, de certo modo, alimentar entre os brancos

o ressentimento e o racismo de pessoas socialmente privadas ou em queda, que ficam convencidas de estar desamparadas pelo Estado em proveito de minorias que desprezam e odeiam cada vez mais (2007,p.148).

Apesar dessa contracorrente descrita acima e personalizada nas falas de Ecclestone, Stewart e Andretti, as ações de Hamilton para combater a desigualdade racial não parariam, mas sim ultrapassariam o mundo da F1 e adentrariam em outras esferas sociais. De acordo com Wieviorka, a capacidade de mobilização dos grupos vítimas de racismo é extremamente variável; sendo que os mais desarmados, isto é, aqueles “sem condições de penetrar no espaço público e nas mídias” por si mesmos, não conseguem contribuir em nada para demonstrar o ódio e os preconceitos dos quais são vítimas (2007,p.91/92). Se boa parte da comunidade afrodescendente encontrava-se “desarmada”, o referido piloto, em contrapartida, aparecia constantemente nas telas das televisões e nas capas de revistas esportivas. Mais do que isso, ele tinha em suas mãos uma das poderosas – se não a mais poderosa – ferramenta de mobilização social da atualidade: as redes sociais. Com 21 milhões de seguidores no Instagram e 6 milhões no Twitter²⁴⁸, Hamilton divulgava para o seu público uma série de livros, filmes e até petições que promoviam a causa negra. Uma delas, inclusive, pedia que se incluísse nos currículos das escolas a história da cultura negra. O seu ativismo, importante destacar, lhe renderia o título de Embaixador por uma Educação de Qualidade, um dos Objetivos Globais da Organização das Nações

²⁴⁸ The usual ending to an odd Formula 1 season, por Ian Parkes, The New York Times, 11 de dezembro de 2020.

Unidas (ONU).²⁴⁹ Na publicação em que pedia que se ensinasse a história negra nas escolas ele deixou a seguinte mensagem:

*Para a próxima geração, essa educação sobre a história negra deve começar na escola. O currículo global precisa ser atualizado para incluir as lutas e sucessos dos negros ao longo dos séculos, caso contrário, a história está destinada a se repetir.*²⁵⁰

Lewis Hamilton não era o único cavaleiro negro solitário. Em outra modalidade automobilística, a Nascar, o então piloto da equipe Richard Petty Motorsports, Darrell “Bubba” Wallace Jr., encontrava-se na mesma situação. Com a enorme façanha de ser o primeiro piloto afro-estadunidense em 50 anos a conquistar uma das três principais séries da Nascar, Bubba Wallace aproveitou o auge das manifestações antirracistas após a morte de George Floyd para lançar uma nova pintura em seu carro. A pintura remetia à luta da comunidade negra contra a discriminação racial e vinha com os dizeres: “Black Lives Matter”.²⁵¹

Apenas a pintura nova não bastava. Com as ruas estadunidenses gritando por igualdade racial, o piloto finalmente reuniu coragem e força para fazer um pedido a Nascar: banir as bandeiras dos Estados Confederados das arquibancadas das corridas. Em entrevista ao canal de TV estadunidense CNN, ele disse:

*Ninguém deveria se sentir desconfortável quando vai para uma corrida da Nascar. Então começa com as bandeiras confederadas. Tirem-nas daqui. Não tem lugar para elas.*²⁵²

²⁴⁹ Embaixador da ONU pela educação de qualidade, Hamilton revela diagnóstico de dislexia, GloboEsporte.com, 17 de junho de 2020.

²⁵⁰ Hamilton indica filmes, livros e petições e pede que estudem sobre racismo. Veja lista do piloto, GloboEsporte.com, 11 de junho de 2020.

²⁵¹ Bubba Wallace wants Nascar to ban the Confederate flag, por Maria Cramer, The New York Times, 9 de junho de 2020.

²⁵² Bubba Wallace wants Nascar to ban the Confederate flag, por Maria Cramer, The New York Times, 9 de junho de 2020.

De maneira um tanto quanto inesperada, a Nascar demorou apenas dois dias para acatar o pedido. Em um comunicado oficial, a entidade esportiva afirmava que símbolos confederados estavam proibidos de serem exibidos em seus eventos:

*A presença da bandeira confederada nos eventos de corrida da Nascar contrariam nosso comprometimento de fornecer um ambiente receptivo e inclusivo para todos os fãs, competidores e nossa indústria. Reunir pessoas ao redor do amor pela corrida e da comunidade é o que faz os nossos fãs e esporte serem especiais. A exibição da bandeira confederada será proibida em todos os eventos da Nascar.*²⁵³

Mal sabia Wallace que ele havia começado mais um capítulo da “guerra cultural” em curso hoje no mundo, e, particularmente, nos Estados Unidos. Para Wieviorka,

o racismo aparenta-se em muitos aspectos a uma guerra das culturas e das identidades. É, sobretudo, a rejeição, ou o distanciamento da diferença cultural, percebida como ameaçadora. O Outro, desse ponto de vista, definido pelos costumes, pelas tradições, uma alteridade irreduzível, deve ser eliminado, expulso, ou ao menos mantido a distância, posto à parte. (2007,p.52).

Era justamente o que acontecia na Nascar. Como a maioria dos fãs era branco e sulista, as bandeiras confederadas marcavam o território de um grupo identitário e serviam como barreira cultural para manter afastadas das pistas as minorias sociais, especialmente os afro-estadunidenses, ou seja, os Outros que possuíam “incompatibilidade cultural” com os conservadores sulistas brancos. De fato, a título de ilustração, na corrida de Darlington Raceway, na cidade de Florence, na Carolina do Sul, ver pessoas com bonés, camisetas, bandeiras e coolers com o emblema dos

²⁵³ Nascar says it will ban confederate flags, por Michael Levenson, The New York Times, 10 de junho de 2020.

Confederados era algo comum.²⁵⁴ Na tentativa de defender e justificar a exibição desses emblemas, alguns afirmavam que as bandeiras confederadas agora passavam a representar apenas a herança dos estados sulistas e não mais a apologia à escravidão. Entretanto, era inegável dizer que os Confederados possuíam laços fortes com o racismo e despertavam o nacionalismo extremista branco. Em 2015, por exemplo, o massacre de nove afro-estadunidenses na cidade de Charleston, também na Carolina do Sul, foi cometido por um supremacista branco que pousava com bandeiras confederadas em suas fotos.²⁵⁵ Na verdade, esses símbolos ostentados nas pistas de corrida passavam uma clara mensagem: “Caíam fora minorias, a Nascar pertence apenas aos brancos, em especial aos sulistas”. Não à toa, boa parte dos sulistas brancos e o então piloto Raymond J. Ciccarelli se encheram de ira quando as bandeiras supremacistas foram banidas. Em solidariedade aos brancos raivosos, Ciccarelli afirmou que abandonaria a referida categoria automobilística e que venderia a sua equipe:

*Eu poderia me importar menos com a bandeira confederada, mas há pessoas que fazem isso e isso não as torna racistas. Tudo o que você está fazendo é [palavrão] (...) um grupo para atender a outro e não vou gastar o dinheiro que devemos para participar de qualquer política!! Então, tudo está à venda!!*²⁵⁶

Para não perder a oportunidade, LeBron James ironizou o comentário do piloto. Em uma publicação no Instagram, o jogador de basquete escreveu: “Tchau tchau! Posso provavelmente dizer que ninguém irá sentir a sua falta!”.²⁵⁷

Mas não pense que os fãs identificados com os Confederados ficariam apenas bravos. Longe disso, estavam dispostos a mostrar resistência. E ela não tardaria a vir. A primeira corrida, depois de anunciada a expulsão das bandeiras extremistas, foi

²⁵⁴ Bubba Wallace wants Nascar to ban the Confederate flag, por Maria Cramer, The New York Times, 9 de junho de 2020.

²⁵⁵ Bubba Wallace thankful for flag ban, but Nascar fans might not be, por Juliet Macur, The New York Times, 13 de junho de 2020.

²⁵⁶ LeBron detona piloto da Nascar que é contra a proibição de bandeira associada à escravidão, GloboEsporte.com, 12 de junho de 2020.

²⁵⁷ LeBron detona piloto da Nascar que é contra a proibição de bandeira associada à escravidão, GloboEsporte.com, 12 de junho de 2020.

realizada na pista de Talladega Superspeedway, na cidade de Talladega, no Alabama. Considerada por muitos, um dos lugares culturalmente mais sulistas de todos os EUA – para se ter uma ideia, somente em 2020 a cidade elegeu o seu primeiro prefeito negro, o democrata Timothy Ragland, mas, mesmo assim, era repleta de símbolos supremacistas e o racismo ainda era bastante presente²⁵⁸ - Talladega era o palco ideal para que os brancos raivosos demonstrassem a sua revolta. E não deu outra. Nas arquibancadas da pista, eles obedeceram às restrições impostas pela Nascar e nenhuma bandeira que remetia ao extremismo-branco foi vista. Do lado de fora, contudo, o cenário era outro. Para onde quer que você olhasse, os emblemas dos Confederados estavam presentes. Mais ainda, como forma de protesto e para demonstrar poder, uma caravana de três quilômetros de carros, obviamente com o referido símbolo supremacista à mostra, passou em frente à pista. Para completar o ato de fúria sulista branca, por assim dizer, antes da largada, um pequeno avião sobrevoou a pista com a bandeira dos Estados Confederados pendurada e ao lado dela a seguinte mensagem: “Defund Nascar” (mensagem esta, que na tradução ao português pode ser entendida como “corte os fundos da Nascar”, parafraseava, de certa maneira, do movimento “Defund the Police”, que pedia que o financiamento da polícia fosse reduzido e que ganhou forças depois da morte de George Floyd).²⁵⁹ A seguir imagens do tweet mostrando a caravana de carros exibindo bandeiras confederadas antes da corrida:

²⁵⁸ Noose found in Bubba Wallace's garage, por Azi Paybarah e Aimee Ortiz, The New York Times, 22 de junho de 2020.

²⁵⁹ Abiding by the confederate flag ban inside Talladega, grudgingly, por Matthew Teague, The New York Times, 21 de junho de 2020.



260

A guerra cultural começou e os supremacistas foram ao ataque. Segundo Wieviorka, o racismo também

(...) corresponde à resistência de uma identidade cultural que se sente ameaçada pela modernidade ou que não consegue ter acesso a ela, ou nela se manter (2007,p.82/83).

Dessa maneira, o grupo étnico, no caso em questão os brancos sulistas estadunidenses, sentia que a sua identidade cultural encontrava-se “ameaçada” e projetava no Outro, isto é, nos indivíduos que não estavam inseridos dentro de seu grupo étnico, como corruptores “das tradições religiosas ou nacionais” de seu país (2007,p.82/83). Em outras palavras, as bandeiras confederadas significavam aos

²⁶⁰ Imagem retirada do Twitter de Lilian Chan. Disponível no link a seguir: <https://mobile.twitter.com/bestgug/status/1275094093891174401?lang=da>.

sulistas brancos o sentimento de resistência a um mundo cada vez mais globalizado e que, supostamente, ameaça roubar a sua identidade cultural. Nesse sentido, em entrevista ao *The New York Times*, destacaremos a seguir a fala de duas pessoas que ilustram perfeitamente essa ideia de resistência inserida nos sulistas brancos. A primeira entrevistada era a dona da barraca de Hot Dogs (Cachorros-Quentes), Becky McDonald, de 70 anos, que vende há mais de 30 anos lanches nas entradas das pistas da Nascar. Para ela, a referida entidade automobilística estava “expulsando todos os ‘caipiras’”: “Eles [a Nascar] fizeram uma declaração: ‘Nós não precisamos mais dos caipiras’. Bom, vocês se lembram de quem os trouxe até aqui?” Já o segundo entrevistado, em sintonia com McDonald, era o dono da Dixie General Store, uma das lojas que fica nas redondezas do Talladega Superspeedway, Robert Castello, de 68 anos que deu a seguinte declaração: “O declínio da Nascar começou bem antes disso. Começou quando eles tentaram expandir para o norte e transformar o esporte em internacional. Não é. É sulista”.²⁶¹

Curiosamente, segundo o sociólogo britânico-jamaicano, Stuart Hall, a reivindicação da identidade, agora capturada pela extrema-direita, antes era utilizada como bandeira pelos movimentos antirracistas e anticapitalistas (in ALMEIDA,2019,p.189). Mais do que isso, porém, de acordo com Silvio Almeida, a captura da identidade por parte da extrema-direita possibilitou que muitas pessoas passassem

(...) a exigir o direito de ser branco, o direito de não gostar de negros, o direito de ter seu país de volta. Querem seus empregos “roubados” pelos imigrantes, querem se sentir seguros em seu país. Querem, enfim, a “identidade” que lhes foi roubada quando as minorias passaram a ter direitos (2019,p.189/190).

Voltando à Talladega, a corrida ainda reservava uma última surpresa, em especial para o piloto Bubba Wallace. Uma corda com laço pendurado no teto, que remetia a ideia de enforcamento - uma forma cruel como inúmeros negros morreram

²⁶¹ Abiding by the confederate flag ban inside Talladega, grudgingly, por Matthew Teague, The New York Times, 21 de junho de 2020.

durante o período em que a Ku Klux Klan agia impunemente no Sul dos EUA - foi encontrada na garagem de sua equipe. Apesar da corrida já ter sido adiada por conta do mau tempo, o incidente deixou todos apreensivos. Prontamente, o procurador do Distrito Norte de Alabama, John “Jay” Edward Town, se pronunciou sobre o caso e disse que tanto o Departamento Federal de Investigação (FBI - na sigla em inglês), como a Divisão dos Direitos Civis do Departamento de Justiça foram acionados para se juntar à investigação.²⁶²

Após dias esperando, o resultado da investigação comandada pelo FBI finalmente saiu. Bubba Wallace, conforme o órgão investigativo, não foi alvo de um crime de ódio. A corda encontrava-se daquela maneira desde 2019, período em que a pista de Talladega passou por reformas, e era uma forma de abrir a porta da garagem, portanto, não tinha nenhuma relação com os protestos realizados contra o pedido do piloto de banir as bandeiras dos Estados Confederados.²⁶³ A conclusão do FBI seria um alívio para todos, principalmente para Wallace. Mas os ataques a ele não cessariam. Ao contrário, dessa vez partiriam da figura mais importante dos EUA: o então presidente Donald Trump. Sem perder a oportunidade, o republicano, seguindo a sua cartilha bélica de fazer investidas aos seus oponentes no Twitter, cobrou que o piloto se desculpasse publicamente por “criar boatos” contra a Nascar. Além disso, aproveitou para lançar uma de suas clássicas mentiras, ao sustentar, sem mostrar prova alguma, de que a audiência das corridas havia caído por conta do banimento das bandeiras supremacistas. Na referida mídia digital, Trump deixou a seguinte mensagem:

*Bubba Wallace já se desculpou com esses grandiosos pilotos e oficiais da Nascar, que vieram em seu favor, permaneceram ao seu lado e se comprometeram a sacrificar tudo por ele apenas para descobrir que toda a coisa era só mais um BOATO? Isso e a decisão das bandeiras causaram as menores audiências de todas.*²⁶⁴

²⁶² *Noose found in Bubba Wallace's garage*, por Azi Paybarah e Aimee Ortiz, The New York Times, 22 de junho de 2020.

²⁶³ *Talladega noose incident puts spotlight on Nascar's troubles with racism*, por Juliet Macur e Alan Blinder, The New York Times, 24 de junho de 2020.

²⁶⁴ *Trump exige que Bubba Wallace se desculpe por engano em suposto ataque racista na Nascar*, GloboEsporte.com, 06 de julho de 2020.

Na verdade, o que aconteceu foi justamente o contrário do que o então mandatário afirmava, a audiência da Nascar havia aumentado de forma significativa.²⁶⁵ Estereotipado como um esporte só para brancos, muitos afro-estadunidenses possuíam ressalvas em assistir as corridas nas pistas, pois ao mesmo tempo em que ficavam de olho nos carros, tinham que observar os vários símbolos discriminatórios hasteados nas arquibancadas, além de, em algumas ocasiões, serem alvos de piadas e ataques racistas. Entretanto, com a proibição dos emblemas confederados, a Nascar parecia conseguir algo que há muito tempo penava em alcançar, ou seja, atrair a audiência de um público maior, especialmente das minorias.²⁶⁶

Na guerra cultural que, ao que tudo indicava, estava longe de acabar, batalhas importantes foram vencidas pelo lado progressista. Os símbolos dos Estados Confederados não eram um problema exclusivo da Nascar, mas sim, de praticamente todos os estados do Deep South (Sul Profundo) dos EUA. O Mississippi, para efeito ilustrativo, até há pouco tempo, era o último estado a ostentar em sua bandeira o emblema dos Confederados. Entretanto, na onda das manifestações contra o racismo após a morte de George Floyd, a Southeastern Conference (SEC - Conferência do Sudeste dos Jogos Universitários), e a National Collegiate Athletic Association (NCAA - Associação Atlética Universitária Nacional), ordenaram que o Mississippi removesse o emblema de sua bandeira, caso contrário, seria banido dos jogos universitários entre os estados.²⁶⁷ Desse modo, depois de sofrer enorme pressão dos setores sociais progressistas, o então governador do estado, o republicano Jonathon Tate Reeves, finalmente assinou uma emenda para criar uma nova bandeira para a região sem a presença de qualquer símbolo extremista.²⁶⁸ Logo, as resistências dos supremacistas brancos iam desmoronando. Porém, a guerra não estava vencida. Com seu enorme poder de influência e solto por aí, Trump utilizaria qualquer “deslize” de seus opositores para reavivar a sua base fiel e raivosa. Além do mais, o movimento

²⁶⁵ Trump exige que Bubba Wallace se desculpe por engano em suposto ataque racista na Nascar, GloboEsporte.com, 06 de julho de 2020.

²⁶⁶ For black Nascar fans, change would mean feeling at ease at a race, por Andrew Keh, The New York Times, 26 de junho de 2020.

²⁶⁷ SEC warns Mississippi over confederate emblem on state flag, por Alan Blinder, The New York Times, 18 de junho de 2020.

²⁶⁸ Mississippi governor signs law to remove flag with confederate emblem, por Rick Rojas, The New York Times, 30 de junho de 2020.

de atletas contra o racismo esbarraria em outros obstáculos e a extrema-direita lançaria suas ofensivas em outras frentes.

2.6 - A luta é árdua e contínua

Um por um, os muros da discriminação racial eram derrubados pelo movimento de atletas contra o racismo. Mas, ainda assim, havia barreiras a serem superadas. Segundo Michel Wieviorka, uma das condições favoráveis para o racismo encontra-se na crise das instituições que, em muitos casos, permanecem arcaicas, mostrando-se os seus comandantes incapazes de assegurar a modernização do seu gerenciamento (2007,p.104). O argumento do sociólogo refere-se às instituições que regem o funcionamento da sociedade, no entanto, podemos transportá-lo para o mundo esportivo, cujas organizações refletem em grande parte as diretrizes raciais presentes na vida social. Vejamos um exemplo: durante uma comissão parlamentar britânica sobre esportes, ao ser perguntado a respeito da diversidade no futebol, o então presidente da Football Association (Federação Inglesa de Futebol), Gregory Allison Clarke, se referiu aos jogadores afrodescendentes como *“colored people”* (“pessoas de cor”). O termo, já há muito tempo, é considerado como algo pejorativo pela comunidade negra na Grã-Bretanha e em outras partes do globo. Essa, contudo, não seria a única gafe cometida pelo então dirigente na comissão. Anteriormente, ele disse que o baixo número de goleiras na liga feminina inglesa era porque as mulheres “não gostam que chutem a bola tão forte nelas”. Na tentativa de minimizar o incidente, um dos membros da comissão parlamentar, Kevin Brennan, deu a chance de Clarke se retratar do termo que havia empregado. O então presidente da Federação Inglesa de Futebol pediu “desculpas profundas” e justificou-se dizendo que por muitos anos trabalhou nos Estados Unidos onde “era obrigado a usar o termo ‘pessoas de cor’” e que, portanto, “às vezes” tropeçava “nas minhas palavras e me desculpo”. O estrago, no entanto, já estava feito. Antes que pudesse encerrar a sua participação na reunião parlamentar, o comentário de Clarke já havia se espalhado pelas redes sociais, provocando choque, raiva e protestos de boa parte da população. Movimentos antirracistas, dentre eles, a Kick It Out (Chute Pra Fora – na tradução livre), uma organização que luta contra o racismo no futebol britânico, se manifestaram contra o

então dirigente. De fato, a pressão sobre ele era tão grande que, horas depois de usar o termo pejorativo, Clarke perdeu seu emprego.²⁶⁹

O pensamento retrógrado de Clarke, de certa maneira, se refletia nas arquibancadas, ou melhor dizendo, nas mídias digitais. O então atacante do Crystal Palace, Dazet Wilfried Armel Zaha, conhecido apenas como Wilfried Zaha, para efeito ilustrativo, acordou com ataques racistas em seu Instagram. O autor do ataque, um jovem britânico de 12 anos, enviou de forma privada para o jogador, fotos de membros da Klu Klux Klan, de uma antiga embalagem de cereal que possuía uma conotação racista e a seguinte mensagem: “É melhor você não marcar amanhã, seu *** preto. Ou irei à sua casa vestido de fantasma”.²⁷⁰ A seguir imagem das ofensas racistas recebidas por Wilfried Zaha:

²⁶⁹ Greg Clarke, England's F.A. chief, quits after disastrous testimony, por Tariq Panja, The New York Times, 10 de novembro de 2020.

²⁷⁰ Polícia inglesa apreende menino de 12 anos por ameaças racistas a Zaha, do Crystal Palace, GloboEsporte.com, 13 de julho de 2020.



271

Zaha não era um caso isolado. Longe disso, ameaças racistas a jogadores da Premier League, o campeonato de futebol inglês, havia se tornado algo corriqueiro, especialmente quando um deles cometia alguma falha durante o jogo. O então meio-campista do Swansea City, Yan Dhanda, e mais dois atletas que, na época, atuavam pelo Manchester United, Axel Tuanzebe e Anthony Joran Martial, entraram para a lista de jogadores vítimas de insultos discriminatórios após falharem em lances cruciais nas partidas.²⁷² O jogador brasileiro Willian Borges da Silva, conhecido apenas como Willian, também sentiu a ira das ofensivas dos extremistas. No futebol, é comum quando um time contrata um jogador de uma equipe rival, a torcida o receba com certa desconfiança. O brasileiro fez esse caminho, ao deixar o Chelsea para ir a um de seus maiores rivais, o Arsenal. A torcida dos “*Gunners*” (como é conhecido o

²⁷¹ Imagem retirada do Twitter do jogador Zaha. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/wilfriedzaha/status/1282273543208808450?lang=pt>.

²⁷² Soccer isn't blameless in its culture of abuse, por Rory Smith, The New York Times, 12 de fevereiro de 2021.

Arsenal), não esperou muito tempo para vaiá-lo durante as partidas quando o atleta não começou a corresponder dentro de campo. As vaias, algo legítimo dentro das regras do esporte, contudo, deram lugar a atos criminosos de racismo. No Instagram, Willian recebeu mensagens que o chamavam de macaco e, inclusive, uma delas pedia para que ele voltasse “para a selva”.²⁷³ A seguir imagens dos insultos racistas sofridos por Willian:

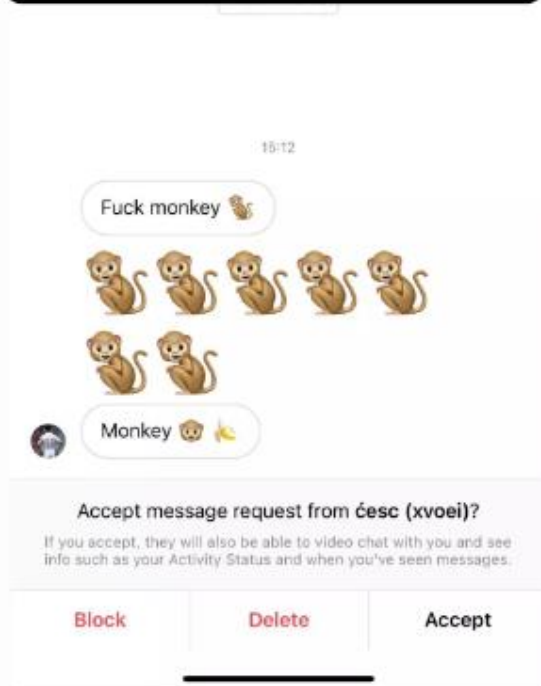


²⁷³ Willian é alvo de racismo nas redes sociais e denuncia: “Algo precisa mudar”, por GloboEsporte.com, 19 de fevereiro de 2021.

One more



Another one



274

²⁷⁴ Willian é alvo de racismo nas redes sociais e denuncia: “Algo precisa mudar”, por GloboEsporte.com, 19 de fevereiro de 2021.

Muitas vezes, o discurso racista se confunde com o discurso nacionalista. Segundo o professor britânico de mídia e estudos culturais, Martin Baker, o racismo pode ser entendido como uma defesa da suposta ameaça que estrangeiros representam sobre a identidade do grupo nacional dominante (in WIEVIORKA,2007,p.35). Essa defesa da identidade nacional travestida de preconceito racial, de acordo com Wieviorka, ganha forças nos períodos de grandes crises econômicas, nas quais o racismo se manifesta naquele indivíduo “que perdeu seu status ou sua posição social ou teme perdê-los, ou quer se proteger dos riscos da queda”. Desse modo, a narrativa construída pela extrema-direita é a de que “o Outro [minorias sociais] está em vias de ganhar pontos enquanto ele se vê em plena queda, ou se sente singularmente ameaçado”. Somado a isso, junta-se às “categorias sociais abonadas, camadas médias ou superiores que tentam sobretudo manter a alteridade à distância”. Para isso, constroem barreiras simbólicas e concretas de segregação, como por exemplo, escolas privadas para que seus filhos evitem contato com alunos provenientes da imigração, ou então, votar a favor de reformas políticas que visem regras mais rígidas a entrada de imigrantes (2007,p.44/45/100). Na realidade, para o filósofo alemão, Peter Sloterdijk, o mundo globalizado de hoje se transformou em um campo de batalha entre os sujeitos que estão dispostos a abrir cada vez mais as fronteiras nacionais e promover os intercâmbios culturais e, em contrapartida, os que desejam fechá-las para preservar a identidade nacional e cultural supostamente ameaçada pela presença do Outro (2012,p.67). O combate dessas duas visões de mundo antagônicas intensificou-se com a plataforma política de “Bill That Wall” (“Construa o Muro”)²⁷⁵ de Donald Trump e o Brexit²⁷⁶ no Reino Unido, que nada mais eram do que movimentos de fechamento das fronteiras e de isolamento do resto do mundo, impedindo a entrada de imigrantes e, dessa maneira, preservando a identidade nacional - como se está última pudesse ser preservada de forma fixa e imutável. No esporte, esses combates caracterizam-se no caso acima de William, quando um de seus agressores o manda “voltar para a selva”, ou seja, o seu lugar não é no Reino Unido e, como visto anteriormente, na Nascar, na guerra cultural

²⁷⁵ No decorrer da campanha presidencial de 2016, Donald Trump prometia aos seus eleitores construiu um enorme muro na fronteira com o México para impedir a entrada de imigrantes no país. Em seus comícios, para agitar a multidão, o republicano puxava o grito de “bill that wall” (“construa o muro”).

²⁷⁶ O Brexit foi o movimento de saída do Reino Unido da União Europeia que ocorreu no dia 31 de janeiro de 2020.

entre Bubba Wallace e forças progressistas contra os fãs da corrida identificados com os Estados Confederados.

Engana-se, contudo, quem pensa que esses movimentos se encontravam apenas no Reino Unido e nos EUA. Muito pelo contrário, o ódio à imigração era o combustível que mantinha aceso o “surto contemporâneo” de “nacionalismos xenófobos e racistas” que assolava a Europa (WIEVIORKA, 2007,p.49). Na Rússia, a título de ilustração, no time do Zenit de São Petersburgo, outro brasileiro, Marcus Wendel Valle da Silva, conhecido apenas como Wendel, foi alvo de insultos discriminatórios na sua chegada ao clube. Nas redes sociais, para demonstrar o seu descontentamento com relação à contratação do atleta, torcedores deixaram os seguintes comentários: “Não existe preto nas cores do Zenit” e “os jogadores de futebol brancos do planeta acabaram? Não quero assistir, não gosto de estar doente. No que vocês transformaram o clube?”. Com o advento das mídias digitais, uma das formas encontradas pela extrema-direita para transmitir o seu discurso de ódio foi por meio de memes divertidos. Pois bem, temos um claro exemplo disso a seguir. Um terceiro torcedor utilizou um desses memes para demonstrar que apenas jogadores de pele branca eram aceitos no time.²⁷⁷ A seguir imagem do meme racista publicado por um torcedor do Zenit:

²⁷⁷ Brasileiro é anunciado pelo Zenit e sofre insultos racistas nas redes sociais, espn.com.br, 6 de outubro de 2020.



278

O globo era disputado por duas forças antagônicas e a internet era um de seus campos de batalha. Se por um lado, retomando o que vimos anteriormente, os atletas e os movimentos sociais usufruíam das redes sociais para disseminar e mobilizar seus seguidores na luta de causas sociais, no caso em questão contra o racismo (SEGURADO in CHAIA, COELHO e CARVALHO, 2015, p. 203); em compensação, para o sociólogo e cientista político, Sérgio Henrique Hudson Abranches, “indivíduos raivosos ou milícias digitais”, escondidos por trás da máscara do anonimato oferecida pela internet, invadiam o mundo virtual para atacar ferozmente aqueles que consideravam como seus adversários (in MELO *et al.*, 2019, p. 19). Nesse sentido, notas, mensagens e hashtags de repúdio não intimidariam os agressores de continuarem propagando o seu ódio pelas mídias digitais. Era preciso tomar uma

²⁷⁸ Brasileiro é anunciado pelo Zenit e sofre insultos racistas nas redes sociais, espn.com.br, 6 de outubro de 2020.

atitude mais drástica. No Reino Unido, ao menos no primeiro momento, o poder público se mantinha inerte diante dos ataques racistas. Então, coube aos atletas, técnicos, juízes e demais representantes da Premier League, da Federação Inglesa e da organização Kick It Out, se juntarem para assinar uma carta endereçada aos chefes-executivos das plataformas sociais Facebook e Twitter, Mark Elliot Zuckerberg e Jack Patrick Dorsey, cobrando-lhes que assumissem a responsabilidade e inibissem de forma mais precisa as mensagens preconceituosas que estavam sendo difundidas em suas plataformas. Em resposta à carta, os executivos contra-argumentaram que as suas redes sociais eram apenas o canal e não a fonte das mensagens e que, portanto, não poderiam fazer muita coisa para impedir os ataques discriminatórios. Argumento este, aliás, usado, de certo modo, pelos próprios dirigentes do futebol, especialmente no Brasil, que justificam a sua inação ao afirmarem que o racismo é um problema da sociedade e não do esporte (**falaremos sobre os casos de racismo no futebol brasileiro no capítulo 3**).²⁷⁹ Revoltado com os ataques e com a impunidade, um dos melhores atacantes franceses de todos os tempos, o ex-jogador Thierry Daniel Henry – este sim - tomou uma atitude drástica: excluiu suas contas de todas as mídias digitais. A seguir a mensagem deixada por Henry antes de apagar as suas contas:

*Olá, pessoal. A partir de amanhã de manhã me retirarei das mídias sociais até que as pessoas que estão no poder sejam capazes de regular suas plataformas com o mesmo vigor e ferocidade que elas fazem atualmente quando são infringidos os direitos. O imenso número de racismo, intimidação e tortura mental para os usuários é muito tóxico para ser ignorado. É preciso haver responsabilidade. É fácil demais criar uma conta, usá-la para intimidar e assediar sem consequências e ainda permanecer anônimo. Até que isto mude, eu desativarei minhas contas em todas as plataformas sociais. Espero que isto aconteça em breve.*²⁸⁰

²⁷⁹ Soccer isn't blameless in its culture of abuse, por Rory Smith, The New York Times, 12 de fevereiro de 2021.

²⁸⁰ Em protesto contra o racismo, Henry desativa redes sociais e dispara: 'É muito tóxico para ser ignorado', espn.com.br, 27 de março de 2021.

O universo eletrônico, contudo, não era o único a abrigar – por assim dizer – o racismo. Na verdade, dentro do espaço da imprensa tradicional a discriminação racial poderia ser encontrada nos jornais que (como visto mais acima no Capítulo 1), em determinados casos, podiam associar ou reforçar “certos comportamentos ou certos atributos negativos a uma origem étnica ou estrangeira” (WIEVIORKA, 2007, p.123/124). Para retratarmos este pensamento, analisaremos a seguir o caso do então atacante guineense e naturalizado espanhol do Barcelona, Anssumane Fati Vieira, popularmente conhecido como Ansu Fati. Em sua coluna no jornal espanhol ABC, o então colunista Salvador Sostres achou apropriado comparar a velocidade do referido jogador no campo de futebol com a de vendedores ambulantes negros que fugiam da polícia no centro de Barcelona. Revoltado – como não poderia ser diferente – com o comentário do colunista, o então companheiro de time, o atacante francês, Antoine Griezmann, pelas redes sociais, saiu em defesa de Fati: “Ansu é um garoto excepcional que merece respeito como qualquer ser humano. Não ao racismo e não à falta de educação”. Além disso, seguindo os passos de Griezmann, torcedores da equipe catalã denunciaram a coluna racista de Sostres.²⁸¹

Com o racismo avançando cada vez mais pelas fileiras da internet e da imprensa, não demorou muito e, de certa maneira era esperado, que a discriminação racial entrasse nas quatro linhas do gramado. Na disputa entre o Paris Saint Germain (PSG), então time de Neymar da Silva Santos Júnior, popularmente chamado apenas de Neymar, contra o Olympique de Marselha, o jogador brasileiro se envolveu em uma discussão acalorada com o então zagueiro da equipe adversária, o espanhol Álvaro González. Na troca de farpas entre os dois, conforme o brasileiro, González o teria chamado de “macaco”. Ainda no decorrer da partida, eles teriam um novo embate. Dessa vez, Neymar acabou agredindo o zagueiro e foi expulso de jogo logo em seguida. Depois da repercussão do confronto entre os dois jogadores, o caso foi parar na Comissão Disciplinar da Liga de Futebol Profissional da França (LFP). Após uma investigação, a entidade esportiva absolveu ambos por falta de “provas convincentes”.²⁸² Neymar, importante lembrarmos, em 2010, quando tinha apenas 18

²⁸¹ Ansu Fati é alvo de racismo de jornal espanhol e Griezmann sai em defesa: “Merece respeito”, GloboEsporte.com, 21 de outubro de 2020.

²⁸² Liga francesa diz que “não há provas convincentes” e absolve Neymar e Álvaro González, GloboEsporte.com, 30 de setembro de 2020.

anos e atuava pelo Santos, em uma entrevista ao *O Estado de S. Paulo*, ao ser perguntado se já tinha sido vítima de racismo, deu a seguinte resposta: “Nunca. Nem dentro nem fora de campo. Até porque não sou preto, né?”²⁸³ O atacante brasileiro, todavia, quando concedeu a entrevista e afirmou que não se reconhecia como afrodescendente, estava começando a dar os seus primeiros passos tanto na vida profissional quanto na vida adulta, portanto, seria injusto, de certa forma, lhe cobrar um posicionamento maduro a respeito de questões sociais naquela época. Agora, no entanto, mudando profundamente a sua postura, depois do episódio em que, segundo o próprio jogador, foi alvo de xingamentos racistas dentro de campo, ele passou a se manifestar de maneira mais ativa no combate à discriminação racial, protagonizando, inclusive, uma das cenas mais emblemáticas no jogo do Paris Saint-Germain (PSG) e Istanbul Basaksehir que, ao que tudo indicava, marcaria uma nova postura mais incisiva dos jogadores de futebol contra o racismo (**falaremos sobre esta partida mais para frente**).

Dito isso, com efeito, podemos recorrer aos pensamentos do psiquiatra antilhano, Frantz Fanon, para analisarmos a resposta do atacante brasileiro na referida entrevista. Para o autor,

(...) o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O preto vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Ora, ele é um preto. E só o perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que está se referindo tanto a ele quanto ao senegalês (2008,p.132).

Assim como os antilhanos, tantos outros brasileiros, apesar de não se reconhecerem como tal em sua terra natal, só irão perceber que são negros, ou melhor ainda, latino-americanos ao se depararem com uma situação discriminatória na qual serão vítimas no exterior, principalmente na Europa ou nos EUA. Desse modo, o argumento de Fanon se aplica também à comunidade branca brasileira, especialmente aquela parcela identificada com ideologias supremacistas. Para se ter

²⁸³ ‘Quero um Porsche e uma Ferrari na garagem’, Sonia Racy, *O Estado de S. Paulo*, 26 de abril de 2010.

uma ideia, de acordo com a antropóloga, Márcia Regina da Costa, o fanzine²⁸⁴ “W.C. Zine”, feito em outubro/novembro de 1986 por um punk (ela não identificou o nome da pessoa), relata a tentativa fracassada dos *skinheads* brasileiros ligados à extrema-direita de fazerem contato com os *skinheads* extremistas europeus. Ao escreverem para a banda supremacista branca inglesa “Four Skins”, a resposta que obtiveram foi um desenho de um pênis e que a banda odiava latino-americanos (2000,p.119/120/121). Diante disso, o autor do fanzine, que se posiciona contra os nazistas e o uso da suástica dentro do movimento, escreve a seguinte reflexão:

Agora que quero fazer uma pergunta para você que leu até aqui: O que você achou do lixo que esses caras têm no cérebro? Eu simplesmente digo: boicotem esses canalhas!!! Não gastem seu dinheiro para encher o bolso ou dar publicidade a esses bastardos! Não faça propaganda daqueles que te cospem na cara! Você é brasileiro, você é latino e não tem por que se envergonhar disso. Esses animais nos consideram lixo por pertencermos a um povo diferente do deles. Não sei como é possível alguns punks e skins aqui do Brasil terem a coragem de usar suásticas em suas roupas. Quando os tipos lá fora olham isso, na certa devem dar risada e nos chamar de otário. [sic] TE LIGA PORRA! (in COSTA,2000,p.121).

Mais recentemente, em 2022, brasileiros bolsonaristas com dupla cidadania portuguesa e que vivem em Portugal, ao se filiarem ao partido da extrema-direita lusitana “Chega” sofreram hostilizações e ataques racistas/xenófobos por parte de seus partidários.²⁸⁵ Nesse sentido, já havia passado da hora dos brasileiros simpatizantes de ideologias supremacistas, pegando emprestadas as palavras do punk acima, se “ligarem”, pois, independentemente de serem brancos ou negros, os latino-americanos serão sempre alvos de agressões preconceituosas dos reacionários europeus e estadunidenses.

²⁸⁴ Uma espécie de revista não-profissional e não-oficial produzida por um fã de determinada cultura.

²⁸⁵ Portugal: Brasileiros se filiam à extrema-direita e reclama de racismo e xenofobia, por Henrique Rodrigues, Revista Fórum, 13 de fevereiro de 2022. Disponível no link a seguir: <https://revistaforum.com.br/global/2022/2/13/portugal-brasileiros-se-filiam-extrema-direita-reclamam-de-racismo-xenofobia-110074.html>.

Voltando para 2020. Após a repercussão do episódio envolvendo Neymar e González, o então presidente da Federação Francesa de Futebol (FFF), Noël Le Graët, ao ser questionado sobre os casos de racismo no futebol francês, em entrevista ao canal RMC, afirmou que a chance disso acontecer era menor do que 1%: “Quando um negro marca um gol, todo o estádio aplaude. O fenômeno do racismo no esporte, e no futebol em particular, não existe ou quase não existe”.²⁸⁶ O argumento do dirigente, obviamente, encontrava-se completamente desconexo com a realidade. Não demorou muito para que um dos nomes mais importantes da seleção francesa, o ex-lateral Patrice Evra, em seu Instagram, rebatasse a fala de Le Graët:

*Há muitos exemplos [de racismo no futebol] e me sinto obrigado a responder a Noël Le Graët. Sinto a obrigação de falar do que acontecia no CT [Centro de Treinamento]. Vocês sabem bem o que acontece no CT! Quantas cartas racistas nós recebemos? Em quantas estava escrito: “Deschamps [ex-jogador e então técnico da seleção francesa], pegue seus macacos e vá para a África?” Quantas cartas assim nós recebemos? Vocês esconderam, mas eu vi algumas. Recebemos até caixas cheias de m...*²⁸⁷

E Evra não parou por aí. Aproveitou o momento para expor como os atletas negros eram tratados na seleção quando uma autoridade pública visitava o CT:

Quando o presidente da França vinha visitar, sabemos que a seleção francesa não é de nenhum jogador, mas sim do povo francês. A gente tinha lugares marcados para se sentar à mesa, e, cada vez que vinha o presidente ou algum político, tudo mudava. Eu me sentava sempre na frente, mas, de repente, me colocavam no final da mesa, junto com Sakho e Sagna. Tinham que mudar a gente. Colocavam Hugo Lloris, Laurent Koscielny e o presidente no meio. Sabíamos qual era a

²⁸⁶ Presidente da federação francesa diz que “racismo não existe no futebol” ao comentar denúncia de Neymar, GloboEsporte.com, 15 de setembro de 2020.

²⁸⁷ Evra rebate dirigente e lembra episódios de racismo na seleção da França: ‘Pegue seus macacos’, espn.com.br, 29 de setembro de 2020.

*regra do jogo. Quando queriam uma foto, colocavam Lloris e Koscielny no lugar de Sakho e Sagna.*²⁸⁸

Não apenas por Evra, a afirmação de Le Graët seria contraposta dentro de campo. No principal torneio eliminatório de clubes europeus e o mais visto do mundo, a Champions League (Liga dos Campeões), aos 14 minutos do primeiro tempo, na disputa entre PSG e a equipe turca de Istanbul Basaksehir, disputado justamente no coração da nação francesa, ou seja, em Paris, os dois times deixaram o gramado. O motivo dos jogadores abandonarem a partida era bem simples: o quarto árbitro, Sebastian Coltescu, foi acusado de se dirigir de forma preconceituosa ao ex-jogador e então assistente técnico do clube turco, Pierre Achille Webó Kouamo. Conforme o relatório do jogo, Coltescu pediu ao juiz principal que expulsasse Webó por reclamação, se referindo a ele como “aquele negro ali”. Furioso, o então assistente técnico partiu em direção ao quarto árbitro para questioná-lo: “Por que você disse negro?”. Rapidamente, um tumulto em torno de Coltescu havia se formado. Outros jogadores, dentre eles, pelo PSG, Neymar, e o então o atacante do Istanbul Basaksehir, Demba Ba, indignados com a situação também cobraram uma resposta do quarto árbitro. Demba Ba lhe perguntou: “Por que quando você menciona um cara negro, você tem que dizer ‘esse cara negro’? Você não diz ‘esse cara branco’. Você tem que dizer ‘esse cara’”. Depois de um bom tempo de discussão com os nervos à flor da pele, tanto o PSG como o Istambul se retiraram de campo para protestar contra a atitude racista do quarto árbitro. Posteriormente, com as duas equipes mostrando que não voltariam atrás em sua decisão, a partida foi adiada.²⁸⁹

O começo de uma revolução. A saída de campo do PSG e do Istanbul Basaksehir marcava, ao menos parecia que seria assim, uma nova postura dos atletas sobre casos de racismo no futebol. Na verdade, por muito tempo e em vários países, o racismo era tratado como algo banal, uma provocação que, de certo modo, estava inserido dentro das regras não escritas do esporte, em especial do futebol **(falaremos sobre os casos de racismo no futebol brasileiro no Capítulo 3)**. A título de ilustração, em 2013, no principal clássico da Turquia, Galatasaray e

²⁸⁸ Evra rebate dirigente e lembra episódios de racismo na seleção da França: ‘Pegue seus macacos’, espn.com.br, 29 de setembro de 2020.

²⁸⁹ Champions League match is suspended by accusation of racism, por Rory Smith, The New York Times, 8 de dezembro de 2020.

Fenerbahçe, no qual Webó atuou defendendo as cores do Fenerbahçe, a lenda do futebol marfinense e, sem dúvida alguma, um dos melhores atacantes africanos de todos os tempos, Didier Yves Drogba Tébily, conhecido apenas como Didier Drogba, então jogador do Galatasaray, foi alvo de insultos racistas da torcida adversária. Nas arquibancadas, os torcedores, além de chamá-lo de macaco, exibiam bananas para ele. Curiosamente, esses mesmos torcedores racistas não hesitaram ao comemorar os dois gols de Webó que garantiram a vitória por 2 a 1 no clássico. Após o duelo, os dois referidos atletas foram convidados para um almoço com o então ministro da Juventude e do Esporte da Turquia, Suat Kilic, para criar campanhas de combate à discriminação racial. Na época, importante ressaltarmos, a postura de Webó foi um pouco mais contida. Em uma entrevista para a imprensa ele deu a seguinte declaração:

*Acho que o melhor é não falar sobre isso. Quanto mais falamos, pior fica. Isso simplesmente não está certo. Sabemos o que é o racismo, mas estamos confortáveis na Turquia.*²⁹⁰

Podemos citar vários outros casos como este acima. Em 2018 na Itália, para não nos restringirmos apenas aos fatos envolvendo Webó, o então zagueiro francês do Napoli, Kalidou Koulibaly, no jogo contra a Internazionale (ou Inter de Milão), chegou a ser expulso por aplaudir ironicamente o juiz que ignorou os seus apelos para que a partida fosse paralisada por causa das ofensas racistas que recebia da torcida adversária. Dois anos antes, em 2016, no futebol português, o atacante do Porto, Moussa Marega passou por situação semelhante. Ao enfrentar o seu ex-time, o Vitória de Guimarães, sempre que pegava na bola, a torcida rival fazia gestos imitando um macaco. Após o jogo, nas redes sociais, Marega desabafou sobre o ocorrido:

Gostaria apenas de dizer a esses idiotas que vêm ao estádio fazer gritos racistas... vá se f... E também agradeço aos árbitros por não me defenderem e por terem me dado um cartão amarelo porque defendo minha cor da pele. Espero nunca mais

²⁹⁰ Ex-atacante, Webó chegou a se reunir com ministro na Turquia por luta contra o racismo, GloboEsporte.com, 9 de dezembro de 2020.

encontrá-lo em um campo de futebol! VOCÊ É UMA VERGONHA!!.²⁹¹

Sim Marega, você estava repleto de razão. O problema, contudo, era que esses “idiotas” encontravam-se espalhados pelo mapa do mundo e não temiam mais serem vistos como racistas. Para retratar o grau da barbárie, em 2020, na semifinal da copa da Ucrânia, torcedores do time da segunda divisão FC Minaj, exibiram uma faixa com a seguinte mensagem: “Free Derek Chauvin” (“Libertem Derek Chauvin”), o policial responsável pela morte de George Floyd. Já os torcedores húngaros do Ferencvaros, no dérby, ou seja, no clássico de Budapeste contra o Ujpest, também em 2020, levaram uma faixa com os dizeres: “White Lives Matter” (“Vidas Brancas Importam” – uma clara objeção ao movimento Black Lives Matter).²⁹² A seguir imagens dos tweets mostrando as faixas exibidas pela torcida do FC Minaj e do Ferencvaros:



293

²⁹¹ Jogo suspenso do PSG marca nova postura em episódios de racismo no futebol; relembre outros casos, GloboEsporte.com, 9 de dezembro de 2020.

²⁹² Informações tiradas do Twitter de Fare. Disponível no link a seguir: <https://mobile.twitter.com/farenet/status/1275009890843492352>.

²⁹³ Imagem retirada do Twitter Fare. Disponível no link a seguir: <https://mobile.twitter.com/farenet/status/1275009713709735938>.



A extrema-direita não destilava o seu preconceito somente nas arquibancadas dos estádios de futebol. Outros esportes, ou melhor dizendo, atletas de outras modalidades esportivas encontravam-se na mira de seu ódio. Para efeito ilustrativo, novamente na França, as imagens do judoca Teddy Pierre-Marie Riner, do corredor Dimitri Bascou e do tenista Michael Jérémy, no Instituto de Esporte, Expertise e Performance (INSEP), foram pichadas com xingamentos racistas, como “singé” (que significa “macaco” em francês) e “negro” (termo considerado pejorativo na França).²⁹⁵ O mesmo aconteceu na Espanha: na cidade de Zaragoza, o carateca Babacar Seck Sakho teve seu mural pichado com insultos discriminatórios e símbolos nazistas.²⁹⁶

O movimento de atletas contra o racismo não poderia ser uma onda passageira. Ao contrário, deveria ser um movimento de luta contínua e persistente,

²⁹⁴ Imagem retirada do Twitter Fare. Disponível no link a seguir: <https://mobile.twitter.com/farenet/status/1275010195727548419>.

²⁹⁵ Atletas que tiveram fotos pichadas com palavras racistas em Paris reagem: “Triste mundo”, GloboEsporte.com, 01 de julho de 2020.

²⁹⁶ Carateca espanhol tem mural em sua homenagem pichado com símbolo nazista e insultos racistas, GloboEsporte.com, 12 de julho de 2020.

pois, como visto acima, a extrema-direita não hesitaria em lançar as suas contraofensivas. Mais do que contínuo e persistente, porém, o movimento dos atletas deveria ser global. Sendo assim, diante da batalha contra a discriminação racial da qual o mundo vivia, nos convém fazer as seguintes perguntas: O que acontecia no Brasil? E os atletas brasileiros se posicionaram na luta antirracista?

Capítulo 3

Brasil: Um Paraíso Tropical e Racial

3.0 - O Capítulo 3

Após percorrermos o mundo, no capítulo 3 iremos abordar o Brasil. Neste capítulo, analisaremos os protestos que aconteceram no País após o levante antirracista que dominou o globo em razão da morte de George Floyd. Além do mais, destacaremos as manifestações realizadas pelos atletas brasileiros das mais diversas modalidades, desde a natação ao futebol, passando inclusive pelo universo do *eSports*, ou seja, dos jogos eletrônicos de vídeo game.

3.1 - Uma nação e seu mito

O Brasil vivia um caos político-social. Assim como no resto do mundo, o País era assolado pela pandemia da COVID-19. Contudo, graças às campanhas anti-máscara e anti-vacina promovidas pelo próprio governo brasileiro, chefiado pelo líder da extrema-direita, ex-militar e então presidente, Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), os números de contágio e mortes pelo vírus encontravam-se fora de controle. Somado a isso tudo, ainda havia nas ruas uma cruzada messiânica de bolsonaristas fervorosos que pediam a volta da ditadura militar (1964-1985) com Bolsonaro no poder.

A ideia do golpe militar se aproximando cada vez mais perto da realidade era assombroso. Entretanto, para muitos, especialmente para a comunidade afro-brasileira, viver no Brasil já era algo assustador. Segundo a cientista política e especialista em segurança pública e políticas em drogas, Ilona Szabó de Carvalho, a pandemia da COVID-19 revelou as desigualdades sociais presentes em solo brasileiro. Os negros, para ela, eram os que tinham mais chances de morrer, seja por

conta do coronavírus ou pela brutalidade policial.²⁹⁷ Sim, assim como nos Estados Unidos, no Brasil, historicamente, os afrodescendentes sofriam com o desamparo do poder público. Apesar do sociólogo francês, Loïc Wacquant, não reconhecer as favelas brasileiras como guetos, é possível dizer que existem certas semelhanças entre as duas áreas urbanas. De acordo com o referido sociólogo, as favelas, por mais que sejam compostas pela sua grande maioria de famílias negras, como ainda possuem residentes de outras etnias e fornecem mão-de-obra barata às camadas mais altas da sociedade, podem ser entendidas como “territórios de regressão econômica e de decomposição operária”. Além do mais, as favelas, através do samba, carnaval, funk e futebol, conseguem estabelecer laços culturais com as demais áreas da cidade, ao passo que os guetos (como vimos anteriormente no Capítulo 1) são compostos por afro-estadunidenses e caracterizam-se principalmente pela forte segregação, formando verdadeiramente um universo à parte do resto da cidade, com suas redes comerciais, seus órgãos de imprensa, suas igrejas, suas sociedades de assistência mútua, seus locais de distração, sua vida política e cultural próprias. Em outros termos, em oposição às favelas que ainda mantém certos laços sociais e culturais com as demais camadas da sociedade, os guetos estadunidenses encontram-se segregados em todos os níveis possíveis, tanto espacial como também em relação ao contato com outros grupos sociais (2008,p.18/22/84).

Uma vez colocadas as diferenças, podemos agora ressaltar as semelhanças. Novamente retomando o que vimos no Capítulo 1, ainda segundo Wacquant, posteriormente aos anos 60, os guetos se tornaram uma espécie de “território-vazadoiro”, onde encontravam-se os membros mais necessitados da comunidade afro-estadunidense, ou seja, aqueles que dependiam de alguma assistência social para sobreviverem. Entretanto, a partir da década de 1980, a ajuda governamental em todas as suas esferas (federal, estadual e municipal) sofreu cortes orçamentários significativos. Apesar dos esforços das forças comunitárias locais para suprir o recuo do Estado, esta política ocasionou a ruína das estruturas sociais dos guetos, mergulhando essas áreas urbanas em desemprego estrutural e violência estrutural do tráfico de drogas. Por conseguinte, os guetos se transformaram em zonas de

²⁹⁷ CARVALHO, Ilona Szabó de. Artigo: “Vidas Negras Importam”. Folha de S. Paulo, 3 de junho de 2020.

descivilização e “deserto organizacional”. Esse processo foi denominado por Wacquant como a passagem do “gueto comunitário” para o “hipergueto” (2008,p,24/25/35/36/55). Em resumo, o “hipergueto”, cujo ponto de partida foi a retração das esferas públicas, se formou a partir da soma de três aspectos fundamentais, a saber,

a despacificação do cotidiano evidenciada em taxas excessivas de violência pessoal; a desdiferenciação social que conduz à desertificação organizacional; e a informalização da economia (2008,p.11).

A política de retração, no entanto, não deve ser compreendida como o abandono do poder público sobre essas áreas. Na verdade, o que ocorreu nos guetos foi a substituição da “mão esquerda” do Estado, simbolizada, de acordo com o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, pelos sistemas públicos de educação, saúde, seguridade e habitação; pela “mão direita” do Estado, isto é, a polícia, as cortes e o sistema prisional (in WACQUANT,2008,p.94). Em outras palavras, a rede de assistência provida pelo Estado de bem-estar social foi retirada, e agora a única “face” do poder público que se fazia presente nos guetos era a vigilância e as incursões violentas do aparato repressivo do Estado-penal (WACQUANT,2008,p.11/59/60). Nas favelas brasileiras, em especial as do Rio de Janeiro, o cenário não era muito diferente. Em muitas delas, a população carioca vivia sob as rédeas de Estados-paralelos comandados por milícias ou facções criminosas que viravam o juiz, o júri e os executores das ordens e das normas a serem seguidas. A administração pública, por sua vez, só chegava aos moradores desses locais ocasionalmente por meio das investidas das forças de segurança, que na maioria das vezes, mais espalhava o terror do que servia propriamente para combater com eficácia o crime e restaurar a paz. Para ilustrar o quadro da retração do Estado no Rio de Janeiro, demonstraremos, conforme um estudo inédito realizado pelo Grupo de Estudos de Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (UFF) em conjunto com o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), e em parceria também com aplicativo Fogo Cruzado e as plataformas Pista News e o Disque-Denúncia, divulgado no dia 19 de outubro de 2020, a paisagem assombrosa que se encontrava a capital fluminense: 57,5% do território da cidade estava nas mãos das milícias, 15,4% sob

controle do tráfico, 25,2% territórios em disputa e apenas 1,9% não estava sob influência de nenhum grupo criminoso.²⁹⁸

Para piorar o cenário, a violência da polícia aumentou com Bolsonaro na chefia do País. Com um dos slogans de campanha “bandido bom, é bandido morto”, o então presidente, nas palavras de Ilona Szabó de Carvalho, concedeu uma “licença para matar” aos policiais brasileiros, estes que já matavam mais do que em qualquer outro lugar do mundo. Para se ter uma ideia, ainda conforme Ilona, nos três primeiros meses de 2020, a polícia paulista estatisticamente matou 1 pessoa a cada 8 horas, e no Rio de Janeiro, em abril de 2020, a estatística era 1 pessoa a cada 4 horas, sendo que 4 mortos eram crianças.²⁹⁹ Uma dessas crianças, aliás, era o jovem João Pedro Matos Pinto, de 14 anos. Enquanto brincava na sua casa, localizada no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, ele foi alvejado por 70 projéteis disparados por policiais durante uma operação.³⁰⁰ Com essa estatística macabra, ficava evidenciado de que as forças de segurança brasileira eram, de certa forma, uma máquina de assassinato. Para o cientista político, Silvio Almeida, em entrevista ao site *GloboEsporte.com*,

*no Brasil, os negros são maioria e para manter a desigualdade social que existe no Brasil, o Estado tem que ser muito mais violento do que o Estado americano. O racismo sempre é um flerte com a morte. Mais do que um flerte com a morte, o racismo é um casamento com a morte. A morte é o último estágio.*³⁰¹

Flertar com a morte era - ou ao menos parecia ser - uma das prioridades do então governo de extrema-direita que se instalou no País. A cúpula bolsonarista, em especial o seu líder, eram fervorosos defensores da liberação das armas de fogo que,

²⁹⁸ Milícias controlam 57% do território da cidade do Rio de Janeiro, diz pesquisa, *cnnbrasil.com.br*, 19 de outubro de 2022.

²⁹⁹ CARVALHO, Ilona Szabó de. Artigo: “Vidas Negras Importam”. Folha de S. Paulo, 3 de junho de 2020.

³⁰⁰ MAGNOLI, Demétrio. Artigo: “De King a Floyd, meio século perdido”. Folha de S. Paulo, 6 de junho de 2020.

³⁰¹ Nós falamos, mas vocês nos ouvem? Lázaro Ramos e atletas relatam luta contra o racismo, por Dayana Natale, Elton de Castro, Felipe Ruiz, Guilherme Pereira e Levi Guimarães Luiz, *GloboEsporte.com*, 7 de junho de 2020.

segundo eles, serviriam como “garantia de vida aos cidadãos de bem”.³⁰² O ápice da apologia das armas, todavia, viria na gravação de uma reunião ministerial realizada no meio da pandemia da COVID-19. Na reunião, Bolsonaro explicou a importância das armas para a liberdade do cidadão e para impedir que uma ditadura fosse instaurada no Brasil:

*Por isso que eu quero, ministro da Justiça [Sérgio Fernando Moro] e ministro da Defesa [General Fernando Azevedo e Silva], que o povo se arme! Que é a garantia que não vai um [sic] filho da puta aparecer para impor uma ditadura aqui! Que é fácil impor uma ditadura! Fácilimo! [sic] Um bosta de um prefeito faz uma bosta de um decreto, algema, e deixa todo mundo dentro de casa. Se estivesse armado, ia para a rua. E se eu fosse ditador, né? Eu queria desarmar a população, como todos fizeram no passado quando queriam, antes de impor a sua respectiva ditadura. Aí, que é a demonstração nossa, eu peço ao Fernando e ao Moro que, por favor, assine essa portaria hoje que eu quero dar um [sic] puta de um recado pra esses bostas! Por que eu tô armando o povo? Porque eu não quero uma ditadura! E não dá pra segurar mais! Não é? Não dá pra segurar mais.*³⁰³

A fala de Jair Bolsonaro nos conduz até a letra da canção da banda O Rappa, “Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)”:

A minha alma tá armada
E apontada para a cara
Do sossego
Pois paz sem voz
Paz sem voz

³⁰² Bolsonaro volta a defender liberação de armas: ‘É garantia da vida dos cidadãos de bem’, Getulio Xavier, Carta Capital, 20 de abril de 2022.

³⁰³ Bolsonaro defendeu população armada para ir às ruas contra decretos de prefeitos e governadores, Marina Oliveira, uol.com.br, 22 de maio de 2020. Disponível no link a seguir: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-defendeu-populacao-armada-para-ir-as-ruas-contradecretos-de-prefeitos-e-governadores/>.

Não é paz, é medo

Na música, O Rappa mostra como o racismo, a pobreza e a violência regem o cotidiano brasileiro. Mais do que isso, porém, a banda denuncia o discurso da “falsa paz” propagado pelos que estão no poder para manter as coisas como estão e fazer com que os indivíduos aceitem passivamente e calados as discriminações e as injustiças raciais e sociais que ainda marcam a sociedade.³⁰⁴ No caso acima, o ex-militar disseminava a falsa ideia de que as armas assegurariam a democracia e trariam paz ao povo, quando, obviamente, a liberação delas produziria o efeito contrário, ou seja, - com o perdão do trocadilho - seria um gatilho para que ele conseguisse se perpetuar no poder por mais tempo e pudesse silenciar de vez as minorias e seus opositores. Bolsonaro, importante destacar, por várias vezes já havia ameaçado os grupos sociais minoritários. Durante o Simpósio Cidadania Cristã realizado na Igreja Batista Central, em Brasília, conforme a revista *Carta Capital*, por exemplo, ele fez o seguinte discurso: “Respeitemos as minorias, mas as leis são para que eles se mantenham na linha, não nós, que já estamos na linha”.³⁰⁵

Sem paz e nem voz. Recorrendo às palavras do escritor romeno e vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1986, Elie “Elias” Wiesel, “o carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio” (in KON, SILVA e ABUD, 2017p.40). De fato, se os afro-brasileiros, com visto mais acima, morriam cada vez mais pelas mãos da polícia, sob o ponto de vista da alta cúpula bolsonarista, estava na hora de fazer a segunda tarefa do carrasco: calá-los. E, na tentativa de cumpri-la, eles usariam as instituições públicas das quais tinham controle, mais precisamente, procuraram desvirtuar a finalidade da Fundação Palmares, órgão cujo objetivo é - ou pelo menos era até Bolsonaro assumir a Presidência - promover a cultura afro-brasileira.

Para o antropólogo brasileiro-congolês, Kabengele Munanga, por mais que a ciência tenha derrubado as teses racistas, o racismo, de certa maneira, não recuou,

³⁰⁴ Música Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero), Carolina Marcello, Cultura Genial. Disponível no link a seguir: <https://www.culturagenial.com/musica-a-minha-alma-de-o-rappa/#:~:text=Significado,-A%20música%20surge&text=Evidenciando%20os%20desequilíbrios%20de%20uma,o%20silêncio%20e%20a%20discriminação.>

³⁰⁵ Em culto, Bolsonaro diz que ‘minorias’ devem ‘se manter na linha’ e volta a insinuar fraude em eleições, Carta Capital, 5 de outubro de 2021.

(...) o que mostra que a racionalidade em si não é suficiente para que todas as pessoas possam abrir mão de suas crenças racistas. Em outros termos, os racistas são movidos por outra racionalidade, que não é necessariamente científica (in KON,SILVA e ABUD,2017,p.33).

Pois bem, não há dúvidas de que era tudo, menos a racionalidade, que guiava a cabeça do então presidente da Fundação Palmares, Sérgio Nascimento de Camargo. A presença de negros e outras minorias em espaços de poder devem ser vistas com bons olhos. Entretanto, o racismo não se limita à representatividade, ou melhor dizendo, nas palavras dos autores de *Black Power: The Politics of Liberation*, Charles Vernon Hamilton e Kwame Ture, “visibilidade negra não é poder negro”, isto é, uma pessoa negra ocupar um cargo de liderança, não significa que ela esteja no poder e que a instituição deixará de atuar de maneira racista (in ALMEIDA, 2019,p.110). No caso da Fundação Palmares, a representatividade fugiu completamente do seu propósito. Ao invés de atenuar o racismo, serviu para propagá-lo. De acordo com Almeida, nem sempre uma pessoa colocada na posição de comando lutará por igualdade racial ou sexual do grupo minoritário ao qual pertença. Na verdade, boa parte das pessoas parte da falsa premissa de que as minorias pensam de forma homogênea e que, portanto, não podem divergir entre si (2019,p.112/113). Sendo assim, ao colocar alguém como Camargo que ia de encontro aos pensamentos da grande maioria dos afro-brasileiros, Bolsonaro tinha como objetivo constrangê-los, silenciá-los e impedi-los de ascender politicamente. De fato, o plano do ex-militar era perverso: ele fazia o racismo partir de um negro para os outros negros. Para se ter uma ideia, em determinado momento, o então presidente da referida fundação chamou, conforme o jornal *O Estado de S. Paulo*, o movimento negro de “escória maldita”. Em um áudio vazado, ele reclamava a respeito do sumiço do seu celular corporativo: “Quem poderia? Alguém quer me prejudicar (...). O movimento negro, os vagabundos do movimento negro. Essa escória maldita”. Não foi a primeira vez, todavia, que Camargo deu declarações pejorativas sobre a

comunidade negra. Em outro determinado momento, ele chegou a afirmar que a escravidão foi “benéfica para os descendentes de escravos”.³⁰⁶

Bolsonaro seguia à risca a cartilha de Donald Trump. Se nos Estados Unidos, o republicano (como vimos no Capítulo 1) procurava impedir a ascensão social dos afro-estadunidenses e estigmatizar os movimentos negros, principalmente o Black Lives Matter, como terroristas, no Brasil tal política não seria diferente. Ao contrário, com Camargo continuando a ocupar o cargo da Fundação Palmares depois das barbaridades que disse, isso estava claro. Mais do que isso, caso restasse alguma dúvida sobre a plataforma nefasta do líder da extrema-direita brasileira com os afro-brasileiros, basta recordamo-nos de dois exemplos emblemáticos de como ele e seu núcleo político procuravam dismantlar políticas de ascensão social. Na eleição presidencial de 2018, quando ainda era candidato, durante uma entrevista à TV Cidade Verde, do Piauí, o ex-militar afirmou que a adoção de cotas nas universidades era “equivocada” e que ações afirmativas eram “coitadismo”.³⁰⁷ Mais tarde, agora como mandatário do País, o seu então ministro da educação, Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, como último ato antes de deixar o ministério e se mudar (para não dizer se refugiar) para os EUA - a esta altura Weintraub estava sendo investigado por disseminação de fake news e ataques aos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) depois que foi flagrado em uma reunião ministerial afirmando que por ele “botava esses vagabundos todos na cadeia, começando no STF” - assinou uma portaria que acabava com o incentivo de cotas a negros, indígenas e pessoas com deficiências em cursos de pós-graduação. A portaria, contudo, após enorme pressão da sociedade, seria revogada rapidamente.³⁰⁸

As organizações negras da sociedade civil, no entanto, resistiam, inscrevendo-se no amplo movimento de protesto antirracista que se difundia pelo mundo. E, assim como ocorrera nos EUA, segundo a pesquisadora, mestre em filosofia política e

³⁰⁶ Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de ‘escoria maldita’, Folha de S. Paulo, 3 de junho de 2020.

³⁰⁷ Bolsonaro diz que política de cota é ‘equivocada’ e que política de combate ao preconceito é ‘coitadismo’, G1.globo.com, 24 de outubro de 2018. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/24/bolsonaro-diz-ser-contrario-cotas-e-que-politica-de-combate-ao-preconceito-e-coitadismo.ghtml>

³⁰⁸ MEC revoga portaria que acabava com incentivo a cotas para negros, indígenas e pessoas com deficiência na pós-graduação, G1.globo.com, 23 de junho de 2020. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/23/mec-revoga-portaria-que-acabava-com-incentivo-a-cotas-para-negros-indigenas-e-pessoas-com-deficiencia-na-pos-graduacao.ghtml>

coordenadora da coleção de livros *Feminismo Plurais*, Djamila Taís Ribeiro dos Santos, era chegado o momento da branquitude brasileira se mobilizar na luta contra o racismo.³⁰⁹ De fato, com Bolsonaro implementando as suas políticas de extrema-direita e seus simpatizantes ameaçando tomar o poder à força, não apenas a branquitude, mas os setores progressistas como um todo deveriam agir e se posicionar em relação ao terror de Estado. E as ações irromperam nas ruas.

Mesmo com a pandemia da COVID-19 fora de controle, atos em defesa da democracia e contra o governo de Jair Bolsonaro foram convocados nas principais capitais do País. Posteriormente, graças à onda de protestos que tomou conta do mundo depois da morte de George Floyd, a pauta antirracista foi incorporada aos atos. As manifestações não tinham uma liderança única. Alguns movimentos sociais, como a Frente do Povo Sem Medo, liderado pelo ativista e agora político, Guilherme Castro Boulos, comunicaram que iriam participar dos protestos. O que chamava mais atenção era que quem realmente estava na linha de frente das passeatas, no primeiro momento, eram as torcidas livres, coletivos de torcedores antifascistas e integrantes de torcidas organizadas, dentre elas, as duas principais do estado de São Paulo, a Gaviões da Fiel (Corinthians) e a Mancha Alviverde (Palmeiras).³¹⁰ A Gaviões da Fiel, importante ressaltar, já possuía um histórico de luta a favor da democracia. Em 1979, quando o Brasil encontrava-se sob o domínio das garras da ditadura militar, em um jogo contra o Santos, os gaviões estenderam nas arquibancadas do estádio do Morumbi a seguinte faixa de oposição política ao regime: “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”. Mais tarde, eles marcaram presença na marcha pelas Diretas-Já realizada em janeiro de 1984 na Praça da Sé, em São Paulo (FLORENZANO, 2009, p. 416/417). A seguir imagens do tweet mostrando os gaviões no ato antirracista de 2020 e do tweet da Gaviões da Fiel lembrando a faixa estendida no Morumbi em 1979:

³⁰⁹ RIBEIRO, Djamila. Artigo: “A era da inocência acabou”. Folha de S. Paulo, 5 de junho de 2020.

³¹⁰ Convocação para atos pró-democracia ganha força, mas ideia divide grupos; por Joelson Tavares, Folha de S. Paulo, 3 de junho de 2020.



SCCP News
@sccpnews

...

Emerson Osasco, diretor dos Gaviões da Fiel, teve seu contrato rescindido do emprego. O motivo da rescisão foi sua participação no protesto do último domingo



@UOLEsporte

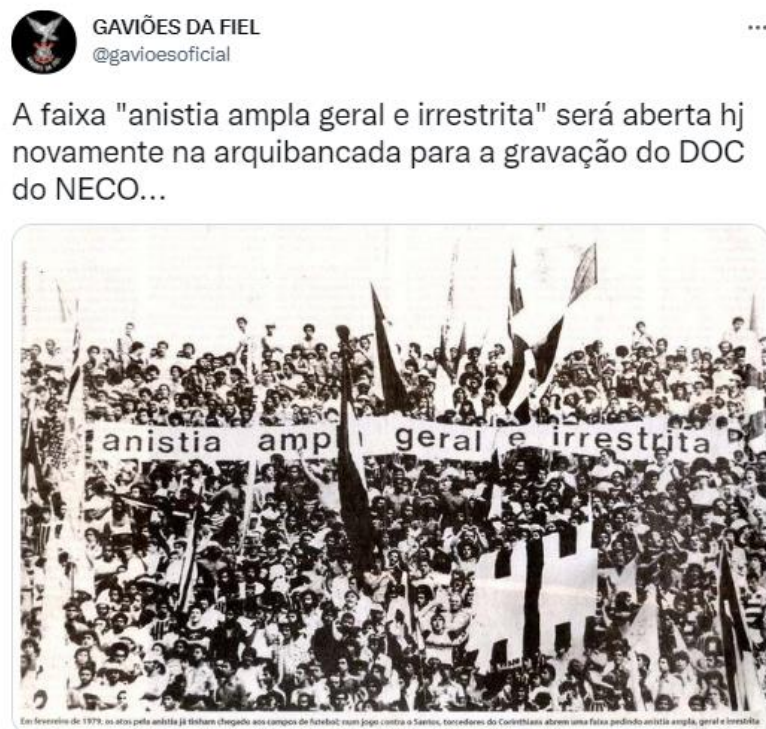


5:05 PM · 7 de jun de 2020 · Twitter for Android

9 Retweets 1 Tweet com comentário 257 Curtidas

311

³¹¹ Imagem retirada do Twitter SCCP News. Disponível no link a seguir:
https://twitter.com/_sccpnews/status/1269722272547442688.



312

Como dizia a nota publicada pela Frente do Povo Sem Medo: “Não é possível lutar por democracia sem combater o fascismo, o racismo e as opressões”.³¹³ Sim, realmente, o referido movimento social estava coberto de razão. O problema era que as forças progressistas, ou pelo menos aquelas comprometidas com os pilares da democracia, não encontravam-se completamente alinhadas. Não obstante o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e coletivos negros aderirem aos atos programados para acontecer em várias partes do Brasil, a ideia de construir uma frente ampla contra o bolsonarismo, parecida com o clima de Diretas Já que tomou conta do País em 1984 para derrubar a Ditadura Militar, ia por água abaixo. Agremiações, tais como, Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Cidadania, Rede e Partido Social Democrático (PSD), além da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio de comunicados, se colocaram contrários às manifestações, para evitar o contágio do coronavírus.³¹⁴ Para completar, não entendendo, pelo menos neste momento, a mobilização que o cenário político-social

³¹² Imagem retirada do Twitter da Gaviões da Fiel. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/gavioesoficial/status/636654827955748864>.

³¹³ Convocação para atos pró-democracia ganha força, mas ideia divide grupos; por Joelson Tavares, Folha de S. Paulo, 3 de junho de 2020.

³¹⁴ Grupos contra Bolsonaro vão às ruas, mas sem frente ampla, Joelson Tavares, Folha de S. Paulo, 7 de junho de 2020.

pedia, uma das principais e mais importantes figuras políticas brasileiras, o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011 - PT),³¹⁵ apesar da posição do seu partido de participar das passeatas, disse que não era nenhuma “Maria vai com as outras” e que se recusava a marchar ao lado de pessoas que apoiaram o impeachment de Dilma Vana Rousseff (PT), citando inclusive, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003 - Partido da Social-Democracia Brasileira - PSDB).³¹⁶ (Importante ressaltar que, posteriormente, em uma das reviravoltas que a vida proporciona, FHC - como também é conhecido o Fernando Henrique Cardoso - no decorrer das eleições presidenciais de 2022 declarou seu voto a Lula que, por sua vez, recebeu o apoio do “companheiro” de braços abertos).³¹⁷ Somado a isso tudo, com a polarização cada vez mais acirrada, ainda havia o risco de violência. Em São Paulo, para efeito ilustrativo, para evitar potenciais conflitos entre manifestantes pró e anti-Bolsonaro, o então governador paulista, João Agripino da Costa Doria Jr, conhecido popularmente apenas como João Doria (PSDB), intermediou um acordo entre ambas as partes para evitar que as marchas fossem realizadas ao mesmo tempo e no mesmo local.³¹⁸

Mesmo diante deste racha político e do risco da violência, os protestos em favor da democracia e contra a desigualdade racial aconteceram Brasil afora. Em São Paulo, o ato organizado por membros do movimento negro e coletivos de torcedores antifascistas e setores das torcidas organizadas foi deslocado para o Largo da Batata, já que na Avenida Paulista simpatizantes de Bolsonaro exibiam faixas pedindo intervenção militar. Discursando para os manifestantes na capital paulistana, Guilherme Boulos justificou o motivo das passeatas:

Ninguém queria estar na rua agora. Todo mundo queria estar em casa se protegendo [da COVID-19]. O problema é que criou-se uma escalada fascista no

³¹⁵ Mais tarde, depois de vencer uma eleição acirrada contra Jair Bolsonaro em 2022, Lula voltaria pela terceira vez a assumir a Presidência do Brasil no dia 1 de janeiro de 2023.

³¹⁶ Atos anti-Bolsonaro têm aglomerações e gritos contra o racismo, Bruno B. Soraggi, Fábio Zanini, Daniel Carvalho, Renato Machado e Italo Nogueira, Folha de S. Paulo, 8 de junho de 2020.

³¹⁷ FHC anuncia apoio a Lula no segundo turno, Matheus Moreira, g1.com, 5 de outubro de 2022.

³¹⁸ Grupos contra Bolsonaro vão às ruas, mas sem frente ampla, Joelmir Tavares, Folha de S. Paulo, 7 de junho de 2020.

*Brasil. Por isso essas manifestações têm que acontecer.*³¹⁹

Elas ocorreram conforme requisitava Boulos e tiveram papel importante para conter a estratégia golpista acionado pelo grupo instalado no poder central. Entretanto, no que diz respeito à denúncia do racismo estrutural, se compararmos com as marchas que se sucederam em outras partes do mundo, especialmente nos EUA, as do Brasil não tiveram o efeito esperado. Enquanto no referido país tropical os protestos contra o racismo e pró-democracia ocorreram praticamente apenas nos finais de semana,³²⁰ nos EUA (como vimos no Capítulo 1), as pessoas ocuparam as ruas por dias consecutivos. Isso sem falar que as adesões aos atos, de certa maneira, foram baixas. De acordo com o criminalista, José Luis Oliveira Lima, e a advogada e cofundadora do Instituto Formação Antirracista, Camila Torres Cesar, a sociedade brasileira era “acostumada, conformada, acomodada” com os inúmeros assassinatos de negros. Para se ter uma ideia, ainda na visão de ambos, ao contrário de George Floyd, no caso do jovem João Pedro (mencionado mais acima),

*(...) não houve nada remotamente parecido com marchas a exigir o fim de uma política ultrajante de ataques sistemáticos, avalizados pelo Estado contra grupos marginalizados. A verdade é que, além da família e amigos da comunidade de João Pedro, do movimento negro e das raras entidades, o resto do Brasil optou por não se indignar. E não é a primeira vez.*³²¹

Obviamente, a explicação para que boa parte da população não se mobilizasse, pelo menos ativamente, na luta antirracista não encontrava-se no argumento apresentado pelo então ministro da Economia, Paulo Roberto Nunes Guedes, conhecido popularmente apenas como Paulo Guedes. Para ele, só não

³¹⁹ Atos anti-Bolsonaro têm aglomerações e gritos contra o racismo, Bruno B. Soraggi, Fábio Zanini, Daniel Carvalho, Renato Machado e Italo Nogueira, Folha de S. Paulo, 8 de junho de 2020.

³²⁰ Atos contra e a favor de Bolsonaro se repetirão em SP, e a Paulista terá rodízio, Carolina Linhares, Folha de S. Paulo, 13 de junho de 2020.

³²¹ LIMA, José Luis Oliveira e CESAR, Camila Torres. Artigo: “E no Brasil, vidas negras importam?”. Folha de S. Paulo, 15 de junho de 2020.

houve “quebra-quebra” (como ele chamou as manifestações que aconteciam pelo mundo contra o racismo) no Brasil porque o governo implementou e pagou rapidamente o auxílio emergencial de R\$ 600 às pessoas afetadas pela pandemia da COVID-19. Nas palavras dele, nos EUA

(...) houve um pretexto, uma fagulha, o tiro que foi esse problema do assassinato do jovem negro [George Floyd], mas a verdade é que a comoção social estava preparada porque não foi só um protesto por racismo. Estão quebrando loja, estão tirando coisa de armazém, assaltando loja de grife. Quer dizer, aquilo é uma explosão social. E aqui não houve, exatamente porque nós tivemos essa prudência de jogar todas as camadas de proteção social.³²²

Deixemos de lado a afirmação de Paulo Guedes, pois o auxílio emergencial providenciado pelo governo bolsonarista se mostrou insuficiente para proteger as pessoas mais necessitadas da pandemia.³²³ Na verdade, outras causas foram responsáveis para que os protestos contra o preconceito racial no Brasil não tivessem o mesmo impacto do que os dos EUA. A primeira delas, sem dúvidas, podemos atribuir ao descontrole da pandemia da COVID-19 que assolou a nação. Com o número de casos crescendo de maneira desenfreada e os hospitais ficando cada vez mais abarrotados, havia um temor, pelo menos entre parte dos brasileiros, em relação à transmissão do vírus. Em segundo lugar, com os ânimos cada vez mais acirrados nas ruas, era grande o risco de confrontos entre os grupos pró e contra Bolsonaro nas passeatas. Dessa maneira, com medo do contágio da pandemia e da violência, uma parcela significativa da população seguiu as recomendações de determinados partidos e organizações (como visto mais acima) e resolveu protestar dentro de suas casas. Obviamente, uma manifestação online, por mais que o mundo de hoje em dia encontra-se cada vez mais conectado pelas redes sociais, ainda não possui o mesmo impacto de uma manifestação presencial, uma vez que ocupar as ruas e

³²² Guedes afirma que auxílio emergencial evitou ‘quebra-quebra’, Bernardo Caram, Folha de S. Paulo, 13 de junho de 2020.

³²³ Auxílio emergencial é insuficiente para manter trabalhador em casa, diz pesquisa, Ricardo Balthazar, Folha de S. Paulo, 13 de junho de 2020.

determinados pontos da cidade é um ato simbólico e uma demonstração de poder político. Além disso, em compensação, do outro lado, os bolsonaristas – ou ao menos os mais fervorosos - não temiam a violência e muito menos a infecção do coronavírus. O então presidente, inclusive, em diversas ocasiões, menosprezou os riscos que a COVID-19 poderia causar, chamando-a de “gripezinha”,³²⁴ pedindo às pessoas para encararem a pandemia como “homem pô, não como moleque”³²⁵ e deixar de ser um “País de maricas”.³²⁶

Mais do que isso, porém, a principal causa para que os atos antirracistas no Brasil não tivessem tanta mobilização social como em outras partes do globo, especialmente em comparação com os EUA, se dá por conta do mito da “democracia racial brasileira”. Na década de 1970, segundo a historiadora e antropóloga, Lilian Moritz Schwarcz, mesmo sob forte censura do regime militar, o movimento negro já se mobilizava para conquistar ou assegurar os seus direitos. No dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, organizações culturais, entidades negras e representantes de vários estados, se reuniram para fundar o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), que mais tarde se tornaria o Movimento Negro Unificado (MNU), cujo objetivo era lutar pela democracia, denunciar o racismo e criar formas para combatê-lo. O regime militar não tardaria para lançar a sua contraofensiva sobre o movimento. Primeiro, adotaram a velha tática de prender em massa militantes e jovens negros. Em segundo, buscaram sistematicamente esvaziar a pauta contra o racismo, estigmatizando os ativistas como meras cópias dos movimentos negros estadunidenses. Entretanto, a contraofensiva mais efetiva por parte da ditadura militar brasileira viria com a contrapropaganda, ou melhor dizendo, com a reativação da “democracia racial brasileira”, mito formado no

³²⁴ 2 momentos em que Bolsonaro chamou a covid-19 de ‘gripezinha’, o que agora nega, [bbc.com](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536), 27 de novembro de 2020. Disponível no link a seguir: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>.

³²⁵ Bolsonaro diz que é preciso ‘enfrentar vírus como homem e não como moleque’, Adriana Ferraz, Estado de S. Paulo, 29 de março de 2020. Disponível no link a seguir: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/29/bolsonaro-diz-que-e-preciso-enfrentar-virus-como-homem-e-nao-como-moleque.htm>.

³²⁶ Brasil tem de deixar de ser ‘país de maricas’ e enfrentar pandemia ‘de peito aberto’, diz Bolsonaro, G1.com, 10 de novembro de 2020. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>.

País nos anos 30 do século XX e cuja narrativa foi sendo atualizada ao longo do tempo.³²⁷

O tal mito, de acordo com antropólogo, Kabengele Munanga, proclamou o Brasil como um paraíso racial, onde brancos, negros, índios e as demais “raças” vivem em suposta harmonia, sem preconceitos e discriminação. A única discriminação que assola a nação é de ordem socioeconômica, mas esta atinge todos os brasileiros e não se baseia na cor de pele do indivíduo. Em palavras mais poéticas, o mito afirma

(..) que somos um povo mestiço – ou seja, nem branco, nem negro e nem índio -, uma nova “raça” brasileira, uma raça mestiça. Quem vai discriminar quem, se somos todos mestiços? (in KON, SILVA e ABUD,2017,p.38).

À primeira vista, por mais simples que pareça ser, esse discurso tinha um efeito perverso sobre a comunidade afro-brasileira: manter a sociedade inerte em relação à luta antirracista. Na realidade, a “democracia racial brasileira” correspondia ao discurso do daltonismo racial dos EUA (como visto anteriormente no Capítulo 1), ou seja, passava a falsa ideia de que o racismo no País tinha sido superado e que, portanto, não havia mais a necessidade de combatê-lo, pois afinal de contas, “quem vai discriminar quem, se somos todos mestiços?”. Esta crença se reforçava ainda mais com as “peculiaridades do racismo à brasileira”. Ao contrário de outros lugares em que o racismo foi explícito, institucionalizado e oficializado, como no caso dos Estados Unidos com as Leis Jim Crow (visto também no Capítulo 1), na Alemanha com o surgimento do nazismo e na África do Sul com o *apartheid*, no Brasil, o racismo se desenvolveu de forma implícita, quer dizer, não se materializou em leis segregacionistas. A ausência de leis discriminatórias – ou ao menos aquelas em que o preconceito racial não era tão evidente - fazia com que os brasileiros não se considerassem racistas quando se comparavam aos estadunidenses, sul-africanos e aos alemães nazistas. Mais agravante ainda, o referido mito utilizava-se de símbolos

³²⁷ SCHWARCZ, Lilian Moritz. Artigo: “Por que os brancos precisam ser antirracistas”, Folha de S. Paulo, 14 de junho de 2020.

da identidade nacional, tais como, a música, a dança, a culinária, religião e personalidades negras para sustentar a sua tese. Se os brasileiros escutavam música negra, como o samba, se aceitavam as religiões africanas, como o candomblé e a macumba, se tinha negros bem sucedidos, como os jogadores de futebol, em especial o Pelé, isto eram provas suficientes para afirmar que o Brasil não era um país preconceituoso: “Não somos racistas, os racistas são os outros!” (MUNANGA in KON,SILVA e ABUD,2017,p.37/38/39). De fato, durante anos, o mito cumpriu com eficácia o seu objetivo, pois a referida nação tropical como um todo, mais precisamente as suas instituições, praticamente não se mobilizaram em prol da causa negra. Para se ter uma ideia, foi apenas em 20 de novembro de 1995, sob a presidência de FHC, que o poder público reconheceu pela primeira vez que os negros foram e ainda são vítimas de discriminações (VIEIRA,2017,p.55). No pronunciamento realizado no Palácio do Planalto, o então presidente deu a seguinte declaração:

Sou comprometido pessoalmente com os estudos da questão negra no Brasil. Escrevi dois livros sobre a matéria, na época em que se mantinha a ideia de que, no Brasil, não havia um problema negro e que não havia discriminação racial. Com o professor Florestan Fernandes e com Otávio Ianni, sob a inspiração de Roger Bastide, fizemos pesquisas que mostraram o oposto: havia preconceito, havia discriminação. E para que pudesse se concretizar o ideal de democratização do Brasil implicaria que os que lutam pela democracia e pela liberdade assumissem também a luta em favor da igualdade racial (in VIEIRA,2017,p.55).

O reconhecimento do governo brasileiro no que diz respeito à existência do preconceito racial em relação aos afrodescendentes era positivamente impactante. Entretanto, de certa maneira, ele era tardio e isso gerava um problema. Por mais que tivesse sido reativada e, posteriormente, transformada em ideologia oficial pela ditadura militar, a crença da “democracia racial brasileira” ainda conquistava o coração e a mente dos brasileiros. Mais ainda, tendo como uma de suas principais estrelas a seleção brasileira, a falsa imagem de o Brasil ser um país racialmente

harmonioso era espalhada para outras nações. Em 1997, por exemplo, pouco depois do pronunciamento de FHC, segundo o então jornalista da revista esportiva *Lance!*, João Carlos Assumpção, o time nacional seria utilizado pelo governo da África do Sul como símbolo de união entre os negros e os brancos. Jogadores como Ronaldo Fenômeno, Romário e Zé Roberto representariam os negros, e Dunga, Leonardo e Taffarel os brancos e mensagem da propaganda governamental era a seguinte: “Eles juntaram suas forças e foram campeões mundiais. Por que não fazemos o mesmo? Negros ou brancos, somos todos sul-africanos (...)” (in VIEIRA, 2017, p.39) **(o racismo no futebol brasileiro será abordado mais para frente).**

Não à toa, em 2020, depois do caso de João Alberto Silva Freitas, um homem negro de 40 anos, que foi espancado até a morte depois de se desentender com os seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul,³²⁸ Jair Bolsonaro recorreu ao mito da “democracia racial brasileira” para explicar que não existia racismo no País e que aquilo não passava de um caso isolado:

O Brasil tem uma cultura diversa, única entre as nações. Somos um povo miscigenado. Brancos, negros, pardos e índios compõem o corpo e o espírito de um povo rico e maravilhoso. Em uma única família brasileira podemos contemplar uma diversidade maior do que países inteiros.

Foi a essência desse povo que conquistou a simpatia do mundo. Contudo, há quem queira destruí-la, e colocar em seu lugar o conflito, o ressentimento, o ódio e a divisão entre classes, sempre mascarados de “luta por igualdade” ou “justiça social”, tudo em busca de poder (...).

(...). Não nos deixemos ser manipulados por grupos políticos. Como homem e como Presidente, sou

³²⁸ Homem negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre, G1.com, 20 de novembro de 2020. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>.

*daltônico: todos têm a mesma cor. Não existe uma cor de pele melhor do que as outras. Existem homens bons e homens maus. São nossas escolhas e valores que fazem a diferença.*³²⁹

Bolsonaro e seu núcleo político não apenas evocavam o referido mito em seus discursos para refutar o racismo em solo brasileiro, mas também procuravam escrever novas páginas sobre ele. Para Silvio Almeida

(...) achar que no Brasil não há conflitos raciais diante da realidade violenta e desigual que nos é apresentada cotidianamente beira o delírio, a perversidade ou a mais absoluta má-fé (2019,p.197).

Delírio, perversidade e má-fé. Sem dúvidas, essas eram as palavras que norteavam a política bolsonarista em relação aos negros. O ápice dessa política veio com a criação do movimento “Minha Cor é o Brasil”, no qual, conforme a reportagem do site de notícias *Uol*, apoiando-se na ideia da meritocracia, tinha como finalidade justamente negar ou relativizar a existência do racismo. A tese da meritocracia no País, segundo Almeida, constitui-se como um discurso racista, pois ela acarreta na “conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial”. Isto significa que, além, de certo modo, legalizar a desigualdade, a miséria e a violência, a meritocracia se colocava como uma espécie de obstáculo para a criação e a implementação de políticas efetivas contra a discriminação racial e a ascensão social dos afro-brasileiros, uma vez que “se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance [para sair da pobreza]” (2019,p.82). Com efeito, podemos afirmar que a meritocracia no Brasil nada mais era do que o discurso do *american dream* (visto anteriormente no Capítulo 1) à brasileira, ou seja, a “raça” não era mais um fato determinante para se obter ou não sucesso; agora a referida nação tropical era uma terra cheia de oportunidades e só quem trabalhasse arduamente conseguiria elevar seu patamar social. De fato, os bolsonaristas se mostravam dispostos a levar essa ideia adiante.

³²⁹‘Sou daltônico: todos têm a mesma cor’, diz Bolsonaro sem citar morte no RS, Portal Uol, 20 de novembro de 2020. Disponível no link a seguir: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/11/20/bolsonaro-ignora-racismo-no-brasil-sou-daltonico-todos-tem-a-mesma-cor.htm>.

Por pouco, o movimento “Minha Cor é o Brasil” não chegou a realizar um evento para disseminar a sua propaganda política. Não se sabe exatamente por quais motivos, porém, as enxurradas de críticas que vieram depois da divulgação do evento contribuíram para que ele fosse cancelado.³³⁰

Por incrível que pareça, contudo, a iniciativa de oficializar a negação do racismo no Brasil, de certa forma, não partiu dos partidários do ex-militar. De acordo com Munanga, em 2010, portanto, antes da onda bolsonarista surgir, o então partido Democratas (DEM), questionou a constitucionalidade das políticas de cotas na Universidade de Brasília (UNB). Na audiência pública conduzida pelo STF, nos dias 3 e 5 de março daquele ano, o então senador, presidente da Comissão de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e relator do Estatuto da Igualdade Racial, Demóstenes Lázaro Xavier Torres, argumentou que durante o período da escravidão não houve violência sexual contra a mulher negra e, caso tivesse ocorrido, foi algo consentido pelas próprias vítimas. E os absurdos de sua fala não pararam por aí. Afirmou que os traficantes de escravos não praticaram nenhuma violência contra a humanidade, uma vez que, foram os próprios africanos que venderam seus irmãos. Além disso, para completar a falsidade histórica que apresentava, Torres não podia deixar de negar a existência do racismo estrutural no País. Para piorar a insanidade da situação, ao ver uma reportagem da *Folha de S. Paulo* que rebatia as falas do então senador, o jornalista e agora - vejam como as coisas são - colunista do referido veículo paulista, Demétrio Martinelli Magnoli, saiu em defesa do parlamentar, sustentando que o que a *Folha de S. Paulo* havia feito era delinquência jornalística, amnésia ideológica, falsificação da história, manipulação e ignorância, e que o parlamentar nada disse que não fossem fatos verdadeiramente históricos (MUNANGA in KON,SILVA e ABUD,2017,p.36).

Bolsonaro, obviamente, pegaria carona nas fala de Torres e repetiria a falsidade ideológica sobre o tráfico de escravos. Durante a corrida presidencial de 2018, em uma entrevista ao programa da TV Cultura, Roda Viva, o então candidato a presidente afirmou que “os portugueses nem pisavam na África. Foram os próprios

³³⁰ Evento bolsonarista sobre a inexistência do racismo é criticado e suspenso, uol.com.br, 15 de julho de 2022. Disponível no link a seguir: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/15/evento-bolsonarista-sobre-inexistencia-do-racismo-e-criticado-e-suspenso.htm>.

negros que entregavam os escravos”.³³¹ O tráfico transatlântico de escravos, importante ressaltar, foi considerado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como uma das maiores tragédias da história da humanidade. Além do mais, ainda segundo Munanga,

(..) o que está em julgamento não são os traficantes ocidentais, árabes e africanos, mas sim a própria instituição da escravidão em si, independentemente da origem “racial” dos traficantes. Negar a responsabilidade histórica dos países que participaram do tráfico por causa da participação africana seria como negar a responsabilidade do regime nazista no Holocausto, por causa da colaboração de certos países europeus e da traição de alguns judeus (in KON,SILVA e ABUD,2017,p.37).

Negar ou exaltar o racismo, no entanto, não era uma peculiaridade brasileira. Na história, o que não faltava eram exemplos de apologia a teorias que buscavam colocar os afrodescendentes em um plano inferior. O vencedor do Prêmio Nobel de Física de 1956, o londrino William Bradford Shockley, propôs esterilizar os negros para evitar a transmissão de seus “genes inferiores”. Já em 1994, a obra literária produzida pelo psiquiatra estadunidense, Richard Julius Herrnstein, e pelo cientista político, Charles Murray, *The Bell Curve* (A Curva Bell), apresentava a tese de uma inteligência superior dos brancos sobre os negros (in WIEVIORKA,2007,p.27). Não à toa, Franz Fanon argumentava que

(...) a inteligência também nunca salvou ninguém, pois se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio (2008,p.43).

Seguindo em frente. A grande mídia - seja de forma consciente ou inconscientemente - também desempenhou um papel fundamental para a

³³¹ Portugueses nem pisavam na África, diz Bolsonaro sobre escravidão, Gêssica Brandino Gonçalves, Folha de S. Paulo, 31 de julho de 2018.

desmobilização da pauta negra na sociedade brasileira. Segundo Almeida, os veículos de comunicação, especialmente por meio das telenovelas, enraizaram nos brasileiros a imagem de que as mulheres negras tinham uma vocação natural para o trabalho doméstico, que os homens afro-brasileiros eram criminosos ou pessoas profundamente ingênuas e que era um mero aspecto cultural negros e mulheres trabalharem mais, porém, em compensação, receberem os piores salários (2019,p.65/169). Quem seguia essa mesma linha de raciocínio era o historiador e pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ricardo Pinto dos Santos. Para ele, nos periódicos, exceto os produzidos pela própria comunidade negra, entre o final do século XIX e começo do século XX, em especial dos das cidades de Porto Alegre e Salvador, eram raras as reportagens que dignificavam ou apresentavam os negros de maneira positiva (2020,p.127/128). Assim sendo, embora extensa, é importante destacarmos abaixo uma matéria realizada em 1904, pelo jornal produzido pela comunidade negra porto-alegrense *O Exemplo*. O jornalista responsável pela matéria, que assina como Antônio Candido, desabafa a respeito de como os afro-brasileiros eram retratados pelos outros periódicos:

Ora, se a boa educação cabe em toda parte, como diz o ditado, não cabe com certeza nas colunas dos jornais que se apresentam como o painel onde se reflete o retrato polido de quem se arroga ter o critério preciso para julgar que pela cor da pele não se pode avaliar nem classificar as qualidades dos indivíduos; pois parece que há a velada intenção de nos enxovalhar por termos escapado das garras ferozes do sanhudo cativo que, pelo martírio, glorificou aos nossos avós.

Não me venham dizer que, com isto fomento o ódio de raças: alto lá! Se não me desculpa lançar mão dessas frivolidades para provar que sou igual as outras pessoas; porque não censurar esses senhores redatores que são todos cheios de nós pelas costas, que trabalham ao lado de rapazes nossos símiles, que não escarapinham por dá cá aquela palha, por que sabem o

quanto valem; porque não censurar esses senhores redatores, quando, sendo o nosso idioma tão rico de adjetivos para definir os sentimentos pessoais, alimentam no entretanto o preconceito de cores com este estilo rústico:

[Candido cita a seguir um trecho de uma notícia reproduzida por outro jornal] *O crioulo Manoel Carneiro dos Santos, aproveitando-se da ocasião em que Gregório Jorge, proprietário da casa de fazendas e miudezas, sita à Rua Voluntários da Pátria n. 193, achava-se no interior do prédio, penetrou em seu estabelecimento e furtou um par de calças. O larápio foi preso em flagrante pelo agente n. 75 que o levou ao posto onde o major Louzada enviou ao coronel João Leite.*

Porque desde o começo da notícia, não disseram o larápio Manoel Carneiro?... Para saber-se da cor do indivíduo que cometeu a má ação? Não, porque no mesmo número do jornal, em fato idêntico, vinha a seguinte notícia, onde não se fica sabendo a cor dos larápios:

Se o crioulo quer dizer de cor preta, só há, para nós, uma vantagem nesta seleção, e é esta: saber-se pela cor da pele a tendência dos indivíduos para o crime; pois enquanto na primeira notícia se vê um crioulo, se conta na segunda dois ladrões incolores! (...) (in PINTO, 2020, p.128/129/130/131).

Voltando ao contexto de 2020. Nas palavras da jornalista e colunista da *Folha de S. Paulo*, Flávia Lima, após a morte de George Floyd, a imprensa brasileira mostrou “imagens de breve comoção e pouco interesse em fomentar o debate [sobre o racismo]”. Mais do que isso, aos poucos, o enfoque dos meios de comunicação deixavam de ser o racismo estrutural e passava a ser os episódios de violência, como

saques de lojas e os embates entre alguns manifestantes e as forças policiais, que ocorriam nos protestos.³³² Essa mudança de enfoque, podia ser atribuída ao retrato do quadro de profissionais das redações dos grandes veículos jornalísticos. Para se ter uma ideia, na *Folha de S. Paulo*, em 2020, dos 200 colunistas que trabalhavam no jornal, apenas 10 eram pessoas afrodescendentes.³³³ Sem sombra de dúvidas, se tivessem mais “Antônios Candidos” nas redações o enfoque não mudaria, ou seja, permaneceria no racismo estrutural que matava diariamente negros e negras. O canal de TV GloboNews também apresentava quadro deficitário em relação aos profissionais afro-brasileiros. Não à toa, para amenizar as duras críticas que receberam da audiência após transmitirem um debate sobre o preconceito racial apenas com pessoas brancas, a emissora organizou um de seus principais programas, o “Em Pauta”, apenas com jornalistas negros. Antes de ceder espaço ao seu colega Heraldo Pereira, o tradicional apresentador, Marcelo Cosme, abriu o programa fazendo um mea culpa com a seguinte declaração:

*No Em Pauta de ontem, os jornalistas que dividiram comigo a cobertura, de alto nível, eram todos brancos. Eu estaria mentindo se eu dissesse que foi um acidente. A Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos profissionais negros que tem, em frente às câmeras e por trás delas, profissionais de altíssimo nível, que comandam, alguns, a apresentação de telejornais aqui na GloboNews e na TV Globo, e continuará buscando ampliar essa diversidade. Mas, por razões históricas e estruturais de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tanto quanto o desejado.*³³⁴

A principal concorrente da GloboNews, o canal de TV CNN, também não passou impune diante das críticas. Ao ser convidada para um dos programas da

³³² Sim, somos racistas, por Flavia Lima, *Folha de S. Paulo*, 7 de junho de 2020.

³³³ Sim, somos racistas, por Flavia Lima, *Folha de S. Paulo*, 7 de junho de 2020.

³³⁴ GloboNews faz autocrítica inédita sobre brancos discutindo racismo e escala só negros para o Em Pauta, *Folha de S. Paulo*, 3 de junho de 2020. Disponível no link a seguir: <https://telepadi.folha.uol.com.br/globonews-faz-autocritica-inedita-sobre-brancos-discutindo-racismo-e-escala-so-negros-para-o-em-pauta/>.

emissora, a ex-consulesa francesa no Brasil e jornalista, Alexandra Baldeh Loras, advertiu que um meio de comunicação que se propõe a promover um debate sobre o racismo conduzido pelo âncora William José Waack,³³⁵ também deveria procurar trazer mais especialistas negros para abordar o tema de maneira mais aprofundada e sob uma ótica antirracista.³³⁶

Enquanto o mundo acordava para a luta antirracista, o Brasil, ao que tudo indicava, ainda despertava lentamente sobre esse tema. Se a sociedade brasileira como um todo, porém principalmente a parte branca, ainda não tomava consciência da importância de se mobilizar contra o racismo, restava saber qual seria a postura adotada pelos atletas brasileiros diante dessa situação.

3.2 - Atletas vão à luta

Não ficaram calados. Assim como em outras nações, especialmente nos EUA (como visto no Capítulo 2), os atletas brasileiros dos mais variados esportes também se mobilizaram contra a discriminação racial. Como não poderia ser diferente, uma das primeiras a se manifestar contra o racismo foi a então jogadora de vôlei do Sesi-Bauru, Tiffany Pereira de Abreu. Sendo a primeira transsexual a atuar profissionalmente no Brasil, Tiffany sabia muito bem o que era sentir na pele o preconceito. Dessa maneira, ela recorreu às redes sociais para deixar a seguinte mensagem na luta contra a injustiça racial: “Todas as vidas são importantes, a luta pela igualdade, pelo respeito e pela cidadania por um País mais democrático e igualitário é constante”.³³⁷

O ex-velocista e medalhista de bronze no revezamento 4x100m na Olimpíada de Pequim, na China, em 2008, Sandro Viana, também se manifestou. Nas suas mídias digitais ele deixou a seguinte mensagem:

³³⁵ Enquanto trabalhava no Grupo Globo, o jornalista William Waack foi flagrado, pouco antes de entrar no ar em uma transmissão em frente à Casa Branca, realizando um comentário racista. Ao reclamar de alguém buzinando na rua, ele teria dito as seguintes palavras: “É preto, isso é coisa de preto”. (William Waack é acusado de racismo após divulgação de vídeo, Revista Veja, 8 de novembro de 2017. Disponível no link a seguir: <https://veja.abril.com.br/cultura/william-waack-e-acusado-de-racismo-apos-vazamento-de-video/>)

³³⁶ Sim, somos racistas, por Flavia Lima, Folha de S. Paulo, 7 de junho de 2020.

³³⁷ Primeira trans do vôlei brasileiro, Tiffany se posiciona contra o racismo, GloboEsporte.com, 4 de junho de 2020.

*Acompanhando hoje as manifestações contra o racismo estrutural que chegam ao Brasil motivadas pela morte brutal do trabalhador George Floyd nos EUA. O racismo estrutural (forma mais moderna do racismo) mutila milhões e deixa prejuízos irreparáveis à sociedade e tem que ser combatido. Sigo palestrando e defendendo o direito de cada um dentro o bem comum. Inspirado na luta de meus familiares e ancestrais, ciente que chegou a minha vez de fazer frente a esse mal que nunca vencerá.*³³⁸

A ex-ginasta Daiane Garcia dos Santos, ou apenas Daiane dos Santos, é uma multicampeã. Duas medalhas de prata e três de bronze em Jogos Pan-Americanos, 16 medalhas em Copas do Mundo de Ginástica, sendo 9 delas de ouro e - como se não bastasse tudo isso - se tornou a primeira brasileira a conquistar o ouro em uma edição do Campeonato Mundial com apenas 20 anos de idade.³³⁹ Porém, a maior conquista dela, sem dúvidas, foram suas ações no combate ao preconceito racial. Segundo Silvio Almeida, juridicamente, se calar diante de um ato de racismo pode não tornar o indivíduo culpado, no entanto, o seu silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo, pois, afinal de contas, não basta repudiá-lo, para mudar a sociedade é preciso atitudes e adoção de práticas antirracistas (2019,p.51/52). A ex-ginasta sabia muito bem disso. Em entrevista ao site *GloboEsporte.com*, ela enfatizou que a luta pela justiça racial não era apenas dos negros, mas sim de todos:

Esse tipo de preconceito, além de outros, como os homofóbicos, acontece pela falta de educação e empatia. Infelizmente acontece todos os dias, não só no esporte, por situações que eu passei, como ser perseguida, mas em todos os casos. Algumas pessoas veem e não fazem nada. [Combater]] O preconceito

³³⁸ Medalhista olímpico, Sandro Viana reforça protesto antirracista: “Esse mal nunca vencerá”, *GloboEsporte.com*, 31 de maio de 2020.

³³⁹ Daiane dos Santos comenta sobre luta contra racismo: “Precisamos educar melhor nossos filhos”, por Denise Santiago, *GloboEsporte.com*, 2 de agosto de 2020.

*racial é uma responsabilidade de todos nós, parte do princípio da educação, precisamos educar melhor os nossos filhos. O mesmo respeito que você quer, tem que querer para o próximo também. Essa luta não é só dos negros, ou dos LGBTs.*³⁴⁰

Se na ginástica Daiane dos Santos fazia suas acrobacias pela causa negra, na natação quem largou na frente contra o racismo foi Etienne Medeiros. Considerada por muitos a melhor nadadora do Brasil de todos os tempos, sendo a primeira brasileira a conquistar uma medalha de ouro em um campeonato mundial e nos Jogos Pan-Americanos, ela, em entrevista ao site *GloboEsporte.com*, falou a respeito da discriminação racial na natação:

*O racismo sempre existiu. Eu faço parte de um esporte que é totalmente elitista. Eu faço parte de um esporte que a gente não vê negros nadando. E isso aflorou muito para as pessoas. As pessoas estão em casa, tentando enxergar empatia, tentando ver algo de bom na sociedade, mas o racismo veio para bater de frente. Veio para dizer - você, agora que está sentado em casa, sem os seus privilégios de ir ao shopping, sem os seus privilégios de fazer o que você quer... agora, vê o que acontece.*³⁴¹

Posteriormente, em outro dado momento, convidada para uma *live*, isto é, uma transmissão ao vivo realizada nas mídias digitais do Comitê Olímpico do Brasil, mediada pela jornalista e escritora Eliana Alvez Cruz, Etienne novamente falou da falta de oportunidades que as pessoas afro-brasileiras tinham na natação:

A natação não é nem um pouco acessível. A minha representatividade era meu irmão [Jamison]. Os únicos negros da nossa equipe eram eu e ele. Até hoje

³⁴⁰ Daiane dos Santos comenta sobre luta contra racismo: “Precisamos educar melhor nossos filhos”, por Denise Santiago, *GloboEsporte.com*, 2 de agosto de 2020.

³⁴¹ “Eu faço parte de um esporte que a gente não vê negros nadando”, afirma Etienne Medeiros, por Lucas de Senna, *GloboEsporte.com*, 25 de julho de 2020.

eu não vejo mais negros chegando. Hoje eu carrego um peso que é muito importante, não só na nataação.³⁴²

Etienne, contudo, não ficou restrita apenas às palavras. Se as entidades que administram a nataação ficaram omissas diante deste fato, a nadadora, por sua vez, não. Desse modo, ela passou a liderar um projeto que busca fundar uma associação para ensinar nataação às crianças carentes. Além disso, em suas redes sociais, ela deixou a seguinte mensagem para conscientizar ainda mais a população brasileira da importância da luta antirracista:

Estou engasgada, estou triste sobre esse movimento todo que está acontecendo aí sobre a injúria racial, as pessoas tentando aprender o que é o racismo - porque só a gente que passa na pele sabe o que é isso. Eu fico bem assustada , até um pouco com fobia. Essa rede social é muito boa, mas ela dá bastante medo. Ontem fiquei bem assustada com a quantidade de pessoas postando uma hashtag gringa [referindo-se a hashtag Black Lives Matter] com a tela preta para mostrar apoio ao movimento.

O movimento está aí há muito tempo. As pessoas negras falam - geralmente não são os brancos que falam. É muito louco, porque diante de tudo isso que a gente está vivendo, no meu nicho como esportista, eu não recebi nenhuma mensagem de pessoas querendo dialogar ou conversar sobre. É bem impactante porque o fato não é só compartilhar, sacou?

Então galera, vá em busca de educação, de conhecimento, não só reposte. Tem a hashtag Marielle

³⁴² Etienne Medeiros cita pouca representatividade na nataação: “Não vejo negros chegando”, GloboEsporte.com, 19 de agosto de 2020.

*presente, hashtag João Pedro presente e vocês estão botando hashtag gringa. É assustador. Paz!.*³⁴³

A ex-jogadora de vôlei, Camila Barreto Adão, também se posicionou a favor da luta contra o racismo. O seu ativismo, na verdade, vem de berço. Ela é filha do ex-jogador de futebol e também militante da causa negra, Cláudio Adalberto Adão, conhecido popularmente apenas como Cláudio Adão. Atualmente morando nos EUA e se aventurando no mundo da moda, a ex-jogadora de vôlei, não deixou de se manifestar a respeito dos protestos que vinham ocorrendo tanto no país onde agora mora como em sua terra natal. Em suas redes sociais, ela deixou a seguinte mensagem:

*Eu vi esse momento chegar no Brasil impulsionado pelo que está acontecendo aqui, e eu fico feliz porque eu acho que o Brasil e os Estados Unidos são bem diferentes. Eu acho que o racismo no Brasil é muito mais velado, muito mais estrutural. As pessoas aqui, principalmente a comunidade negra, são muito mais conscientes da luta. O racismo é muito mais escancarado, então eu estou muito feliz que no Brasil as coisas estão começando a mudar, as empresas estão começando a se posicionar, dizer que não é “mimim”. Não, tipo: a gente está mexendo, as estruturas estão balançando.*³⁴⁴

Tomando de empréstimo as palavras de Camila, as estruturas estavam balançando. Entretanto, isso não significava que a batalha contra a discriminação racial não seria árdua. Longe disso, assim como nos EUA, no Brasil havia uma contracorrente disposta a manter, por assim dizer, as estruturas de poder inalteradas. A Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), por exemplo, em 2020, após a jogadora de vôlei de praia, Carolina Salgado Collett Solberg, conhecida popularmente apenas como Carol Solberg, ao término da partida que valia a medalha de bronze do torneio

³⁴³ “Engasgada”, Etienne Medeiros desabafa após campanha: “No Brasil, o racismo é velado”, GloboEsporte.com, 3 de junho de 2020.

³⁴⁴ Do vôlei para a moda, filha do craque Claudio Adão carrega no sangue a luta contra o racismo, por João Gabriel Rodrigues, GloboEsporte.com, 13 de julho de 2020.

Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia, encerrar uma entrevista ao vivo concedia ao canal *SporTV* dizendo: “Fora Bolsonaro”, emitiu uma nota de repúdio contra o gesto da atleta. Para piorar, na nota a entidade utilizou o termo “denegrir” que, atualmente, é considerado como algo de cunho racista.³⁴⁵ Além disso, importante lembrar que, durante o período de campanha eleitoral de 2018, a própria CBV, em seu Instagram, publicou uma foto da seleção masculina de vôlei em que os jogadores Maurício Luiz de Souza e Wallace Leandro de Souza, aparecem fazendo o número “17” com as mãos em apoio ao então candidato Jair Bolsonaro.³⁴⁶ A seguir texto da nota de repúdio emitida pela CBV:

A Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), vem, através desta, expressar de forma veemente o seu repúdio sobre a utilização dos eventos organizados pela entidade para realização de quaisquer manifestações de cunho político.

O ato praticado neste domingo (20.09) pela atleta Carol Solberg durante a entrevista ocorrida ao fim da disputa de 3º e 4º lugar da primeira etapa do Circuito Brasileiro Open de Vôlei de Praia – Temporada 2020/2021, em nada condiz com a atitude ética que os atletas devem sempre zelar.

Aproveitamos ainda para demonstrar toda nossa tristeza e insatisfação, tendo em vista que essa primeira etapa do CBVP OPEN 2020/2021, considerada um marco no retorno das competições dos esportes olímpicos, por tamanha importância, não poderia ser manchada por um ato totalmente impensado praticado pela referida atleta.

Por fim, a CBV gostaria de destacar que tomará todas as medidas cabíveis para que fatos como esses,

³⁴⁵ Fabiana defende direito de manifestação política de atletas e critica CBV por usar termo racista, *GloboEsporte.com*, 21 de setembro de 2020.

³⁴⁶ #EleNão, Carol Castro e Rodrigo Martins, *Carta Capital*, 26 de setembro de 2018.

*que denigrem a imagem do esporte, não voltem mais a ser praticados.*³⁴⁷

Carol não seria a única a protestar. Em solidariedade a ela, a jogadora de vôlei, Fabiana Marcelino Claudino, fez uma publicação para defendê-la e criticar a postura da confederação de vôlei pela nota de repúdio:

*Difícil entender o que aconteceu. Vamos por partes. Primeiro, denegrir é uma palavra de cunho racista e JAMAIS deveria ser usada em qualquer situação. Estamos lutando dia após dia contra atos racistas, fazendo campanhas educativas e protestos, então seria ótimo repensar o uso de certos termos. Com isso já deixo a dica de além de denegrir não usem “lista negra”, “mulata”, “mercado negro”, “a coisa tá preta”, “serviço de preto”, entre outras mais. Segundo, vivemos (ainda) em um país DEMOCRÁTICO, onde atletas ou qualquer ser humano pode expressar suas convicções, desde que elas não sejam ofensivas, criminosas ou que falem com respeito. Temos que ter muito cuidado com a censura ou flerte com a volta dela, precisamos estar atentos aos nossos direitos enquanto cidadãos. Portanto, não foi muito feliz a nota escrita pela CBV. Eu como atleta preta, que muito conquistei e representei esse país em todo mundo, não posso me calar diante das coisas que vejo. Sempre vou apoiar a democracia, as liberdades individuais e especialmente todo apoio à causa contra o racismo estrutural e diário que ainda insistimos em conviver achando “normal”. #blacklivesmatter #vidaspretasimportam #liberdade.*³⁴⁸

³⁴⁷ CBV repudia fala de Carol Solberg contra Bolsonaro e promete medidas, Lance!, 20 de setembro de 2020.

³⁴⁸ Fabiana defende direito de manifestação política de atletas e critica CBV por usar termo racista, GloboEsporte.com, 21 de setembro de 2020.

Se havia atletas, ainda mais no vôlei, no time do movimento antirracista, havia também quem estivesse do outro lado da rede, isto é, no time que buscava freá-lo. Uma delas era a então comentarista de política da Jovem Pan e ex-jogadora de vôlei - medalhista de bronze com a seleção brasileira na Olimpíada de 1996, em Atlanta, Estados Unidos - Ana Paula Henkel. Defensora fervorosa de pautas ultraconservadoras, a ex-jogadora, em algumas oportunidades, se manifestou contrária às manifestações que estavam ocorrendo nos EUA após a morte de George Floyd. Em uma postagem nas suas mídias digitais, pegando carona no discurso bélico e infundado de Donald Trump, ela deixou a seguinte mensagem: “O que está acontecendo nos EUA não é mais protesto, é terrorismo doméstico. E a Antifa vai afundar o Black Lives Matter”.³⁴⁹ Em outro momento, no referido meio de comunicação em que trabalhava, Ana Paula fez o seguinte comentário a respeito dos atos contra o racismo que vinham acontecendo no Brasil:

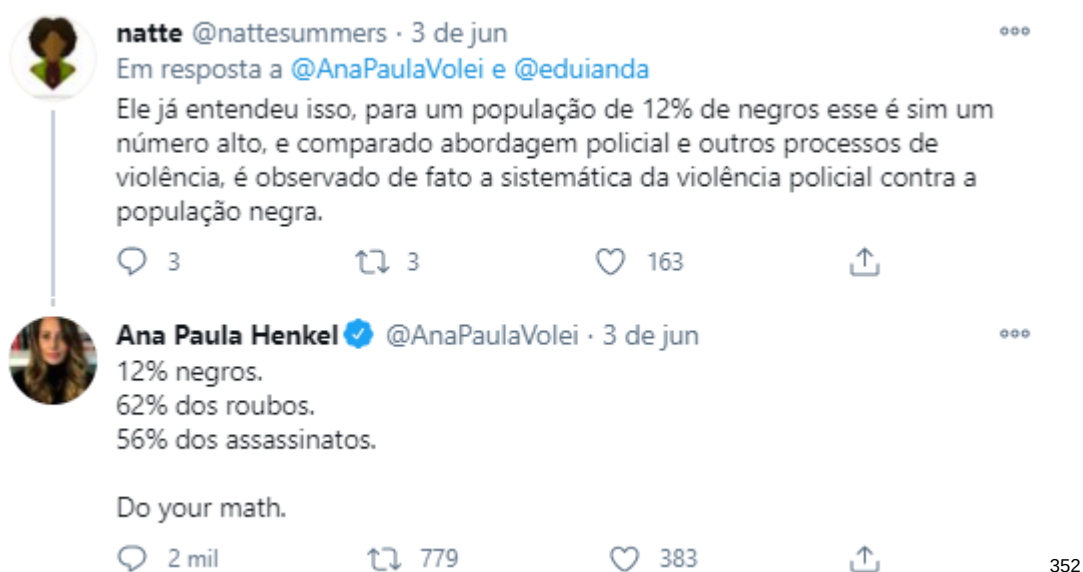
Existe uma tentativa de trazer esse movimento para o Brasil levando não apenas a desculpa, a bandeira do racismo, para trazer violência para as cidades, mas uma agenda marxista, de violência, que enaltece justamente o racismo. Hoje em dia, se você chama todo mundo de racista, homofóbico, nazista, ninguém é (...).

*(...). Dentro das eleições do Brasil vai ter muito político se agarrando nessa agenda para literalmente tacer fogo no Brasil, porque existe a importação da violência também. Não são vidas negras que importam, mas sim vidas negras que possam ser usadas para agendas políticas e ideológicas, como acontece nos Estados Unidos.*³⁵⁰

³⁴⁹ Ex-jogadora de vôlei Ana Paula é acusada de racismo nas redes sociais, Lance.com, 5 de junho de 2020. Disponível no link a seguir: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/jogadora-ana-paula-acusada-racismo-nas-redes-sociais.html>

³⁵⁰ ‘Querem levar bandeira do racismo para trazer violência’, diz Ana Paula sobre protestos por João Alberto, Jovem Pan, 24 de novembro de 2020. Disponível no link a seguir: <https://jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is/querem-levar-bandeira-do-racismo-para-trazer-violencia-diz-ana-paula-sobre-protestos-por-joao-alberto.html>

Há quem se engane, todavia, que esta seria a fala mais polêmica de Ana Paula. Segundo o professor e especialista em direito antidiscriminatório, Adilson José Moreira, o racismo simbólico “designa construções culturais que estruturam a forma como minorias raciais são representadas”. Dessa maneira, se por um lado, a branquitude encontrava-se ligadas à construções que representavam a superioridade moral; por outro lado, a negritude estava associada à aspectos negativos, tais como, a escuridão, a falta de caráter e a degradação moral (2019,p.47/48/49). E foi isso que a referida ex-jogadora de vôlei fez. Em resposta a um comentário que recebeu em uma de suas redes sociais, ela relacionou a comunidade afro-estadunidense à crimes e assassinatos.³⁵¹ A seguir imagem da publicação de Ana Paula associando os negros à crimes e assassinatos:



Não demorou muito para que viessem declarações repudiando o comentário da medalhista olímpica. O mais notório deles, sem dúvidas, partiu da também ex-jogadora de vôlei, Maria Isabel Barroso Salgado,³⁵³ conhecida popularmente como

³⁵¹ Isabel diz em carta que Ana Paula “presta desserviço” no combate ao racismo, GloboEsporte.com, 6 de junho de 2020.

³⁵² Isabel diz em carta que Ana Paula “presta desserviço” no combate ao racismo, GloboEsporte.com, 6 de junho de 2020.

³⁵³ Isabel Salgado integrava o time de transição do governo Lula (que venceu as eleições de 2022 contra Bolsonaro). Entretanto, no dia 16 de novembro de 2022 a ex-jogadora de vôlei faleceu por conta da Síndrome Aguda Respiratória do Adulto (SARA). Reportagem: Morte de Isabel Salgado foi causada por doença pulmonar; entenda a SARA, síndrome que afetou ex-jogadora, Mariana Pagno, g1.com, 17 de novembro de 2022. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/11/17/morte-de-isabel-salgado-foi-causada-por-doenca-pulmonar-entenda-a-sara-sindrome-que-afetou-ex-jogadora.ghtml>

Isabel Salgado, que publicou em seu Instagram uma carta endereçada a Ana Paula. Na carta, lembrando os seus bons tempos de jogadora de vôlei, por assim dizer, ela "deu uma cortada" nos comentários da então comentarista da Jovem Pan. Embora extensa, importante destacar a seguir parte da carta escrita por Salgado a Ana Paula:

Ana Paula, depois de ver algumas de suas postagens, tive vontade de te responder. Como nunca tive paciência para redes sociais, fui deixando passar. De mais a mais, não há como esquecermos o fato de que as redes estão aí para dar voz a todos: muitas pessoas fantásticas e muitos.... Esse é o preço da chamada democracia digital – que sempre deve ser debatida, é claro -, mas vamos ao que interessa no momento. Antes, preciso admitir também que sempre me senti constrangida quando lia as suas postagens.

É que o seu nome está ligado ao vôlei, esporte que pratiquei durante muitos anos e, infelizmente, muitas pessoas generalizam esse tipo de fala e me perguntam se as jogadoras de vôlei são, na sua maioria, de extrema-direita. Nesses momentos, eu sempre tento explicar que você está longe de representar um perfil do vôlei feminino brasileiro. E que, na verdade, o vôlei, assim como a maioria dos campos profissionais e atividades, não pode ser enquadrado em algum perfil ideológico. Explico, também, para essas pessoas, que talvez pelo fato de você ter se casado com um americano branco, você tenha sentido a necessidade de se alinhar a uma branquitude, que tem como uma de suas características principais a incapacidade de perceber o seu lugar de privilégio, uma branquitude que naturaliza o lugar de poder branco e torna a supremacia branca uma norma. Afinal, sabemos que ser imigrante por essas bandas daí não é muito fácil, ainda mais com um biótipo latino.

*Durante o período colonial, o psiquiatra Frantz Fanon explicou bem o surgimento e a formação desse desejo de identificação com o opressor entre muitos colonizados. Trata-se de uma neurose que o leva a um comportamento adoecido e alienado, por não conseguir lidar com a realidade que o cerca. A história nos ensina que o colonialismo acabou, mas ela também nos mostra que ele permanece com roupas neocoloniais. O vídeo que postou da jovem negra é exemplar de como permanece essa alienação. Temos aqui no Brasil um exemplo caricatural desse comportamento desequilibrado: o diretor da fundação Palmares. Por isso, te sugiro prestar atenção ao que está acontecendo à sua volta. Existem muitas pessoas que permanecem nesse estágio, tentando apenas apagar suas origens não brancas.*³⁵⁴

Salgado, não apenas rebateu as falas de Ana Paula como também entrou de corpo e alma na luta contra a discriminação racial. Ao lado de um dos maiores defensores da democracia que o esporte brasileiro já teve, o ex-jogador e ídolo do Corinthians, Walter Casagrande Júnior, criaram juntos o movimento Esporte pela Democracia. Composto por atletas, ex-atletas, dirigentes, artistas e jornalistas, o movimento tem como objetivo defender o

*(...) direito supremo à vida, a uma sociedade justa e igualitária, antirracista, o respeito das individualidades e o valor do coletivo em nome do bem-estar social e da dignidade para todos.*³⁵⁵

E o movimento apareceu na hora certa, pois os ataques racistas se propagavam em todas as categorias de esporte, inclusive, na mais recente modalidade esportiva em que o entretenimento é o principal ator do palco.

³⁵⁴ Isabel diz em carta que Ana Paula “presta desserviço” no combate ao racismo, GloboEsporte.com, 6 de junho de 2020.

³⁵⁵ Manifesto completo do Esporte pela Democracia disponível no link a seguir: <https://esportepelademocracia.com/wp/>.

3.3 O jogo é contra o racismo

Hora de pausar o videogame, deixar o controle de lado e ir à luta. De uma maneira um tanto quanto surpreendente, as manifestações antirracistas após a morte de George Floyd adentraram em um universo voltado ao lazer e a um público jovem. Pela primeira vez na história, empresas ligadas ao *eSports*, isto é, os esportes eletrônicos passaram a se mobilizar na batalha pela justiça racial.³⁵⁶ As desenvolvedoras de jogos Epic Games e Infinity Ward, por exemplo, lançaram comunicados oficiais contra o racismo.³⁵⁷ Já a Pokémon Company, responsável pela gestão da marca de desenho animado e jogos de videogame Pokémon, deu um passo além e doou US\$ 200 mil (mais de R\$ 1 milhão conforme a cotação da época) para organizações que buscam combater o preconceito racial (dos US\$ 200 mil doados, metade foi destinada ao movimento Black Lives Matter dos EUA).³⁵⁸ Por mais que, à primeira vista, não passassem de atos protocolares, podemos compreender que os posicionamentos públicos das empresas dos jogos digitais em prol da causa negra era um passo notável, uma vez que, seguindo à risca a lógica do mercado, muitas delas procuram adotar uma postura neutra ou alheia às questões sociais.

Mais importante do que as companhias, contudo, eram os jogadores do universo dos jogos eletrônicos se posicionarem. E eles não apenas fizeram isso. Eles foram à luta também. No torneio internacional ESL One Cologne do jogo de tiro de primeira pessoa “Counter-Strike: Global Offensive (CS:GO)”, as equipes semifinalistas, Chaos e Liquid, possivelmente inspiradas pelos atletas estadunidenses, sobretudo do basquete, juntas fizeram um pedido e conseguiram

³⁵⁶ “Definição de eSports: “Os eSports ou esportes eletrônicos referem-se a competições de jogos eletrônicos nas quais os atletas, que fazem parte de uma estrutura profissional, são assistidos por uma audiência presencial e/ou online, através de diversas plataformas de stream online ou na TV. Quatro pilares fazem a engrenagem dos eSports rodar: os jogadores, as empresas de games eletrônicos, as ligas e as plataformas de streaming”. O que são eSports? Como surgiram e os principais jogos competitivos, Bruna Campos de Menezes, GloboEsporte.com, 1 de agosto de 2020.

³⁵⁷ Fortnite: Epic Games cita luta contra o racismo e adia Temporada 3, GloboEsporte.com, 4 de junho de 2020.

Call of Duty: Infinity Ward promete medidas para combater racismo e ódio, GloboEsporte.com, 4 de junho de 2020.

³⁵⁸ Pokémon Company doa mais de R\$ 1 milhão para combate ao racismo, GloboEsporte.com, 3 de junho de 2020.

adiar a competição “para trazer atenção ao que realmente importa e protestar contra o racismo sistemático e a brutalidade policial que assola o país [EUA]”.³⁵⁹

Assim como nos EUA, no Brasil não seria diferente. Os profissionais do eSports também se apresentavam dispostos a combater a discriminação racial. Um dos primeiros a se manifestar foi o jogador do jogo League of Legends (LoL), Francisco Natanael Braz do Espírito Santo Mirando, conhecido popularmente pelo apelido de “fNb”. Em sua participação no podcast “Early Game”, do site *GloboEsporte.com*, ele falou sobre a alienação dos jogadores profissionais de videogame em relação às questões sociais:

*Acredito que só 20% dos jogadores profissionais não estão na bolha. E acho que 20% eu ainda estou chutando alto. A grande maioria vive dentro dessa bolha e, quando essas notícias que chocam o mundo acontecem e temos que nos posicionar, acredito que muitos não se posicionam porque não sabem como lidar, porque não acompanham as notícias do dia a dia e coisas assim.*³⁶⁰

A bolha precisava ser furada. Segundo o professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP, José Moura Gonçalves Filhos, muitas vezes, “o racismo se faz de racistas sonolentos” (in KON, SILVA e 2017,p,144), quer dizer, das pessoas, especialmente aquelas inseridas nas camadas mais elevadas, que podem até apresentar convicções antirracistas, no entanto, não possuem consciência dos mecanismos de dominação racial que regem a sociedade. Mais do que isso, por mais que as causas do racismo, nas palavras do sociólogo francês, Michel Wieviorka, possam ser “camufladas, não detectáveis aparentemente”, os seus “efeitos são tangíveis” (2007,p.32). Sim, eram tangíveis e cruéis. Logo, parafraseando o argumento acima de José Moura Gonçalves Filhos, estava mais do que na hora de despertar os sonolentos do mundo dos games, pois, à medida que eles dormiam a

³⁵⁹ ESL Cologne: Chaos protesta contra racismo nos EUA, Liquid apoia e semi é adiada, *GloboEsporte.com*, 27 de agosto de 2020.

³⁶⁰ fNb fala sobre posicionamento e racismo no Early Game: “Só 20% dos jogadores não estão na bolha”, *GloboEsporte.com*, 4 de junho de 2020.

extrema-direita ia avançando e casos de discriminação racial contra brasileiros iam se tornando cada vez mais recorrentes. A título de ilustração, o jogador profissional do jogo de futebol Fifa, da equipe do Cruzeiro, Josaci Senna, conhecido popularmente pelo apelido de “Senna do Boné”, foi um dos primeiros a sofrer com as ofensivas preconceituosas nas redes sociais. De forma privada, um perfil chamado “ELRRABOOO”, ao que tudo indicava argentino, mandou uma mensagem chamando-o de “macaco”³⁶¹ (importante ressaltar que dentro do jogo Fifa, há cosméticos antirracistas para tentar inibir a propagação de mensagens discriminatórias)³⁶² (**os ataques racistas dos argentinos contra os brasileiros será discutido mais para frente**). A seguir imagens do ataque racista sofrido por Josaci Senna:



363

³⁶¹ Jogador de eSports do Cruzeiro sofre ofensa racista de rival, e clube se manifesta na internet, GloboEsporte.com, 23 de novembro de 2020.

³⁶² FIFA 21: EA contraria Justiça e bane usuário após caso de racismo, Bruno Povoleri, GloboEsporte.com, 4 de março de 2021.

³⁶³ Imagem retirada do Twitter do jogador de eSports Senna do Boné. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/SennadoBone/status/1330587310384181254?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1330587310384181254%7Ctwgr%5E2f81099e32f2fadd11811443a5dd6b2709f3ae5c%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fd-18547448262965274677.ampproject.net%2F2301181928000%2Fframe.html.

A ira dos racistas não pararia por aí. De acordo com Wieviorka,

o racismo é sempre uma violência, na medida em que constitui uma negação daquele que é a sua vítima, uma alteração da humanidade da qual é portador (2007,p.71).

Portanto, mesmo que não cause nenhuma consequência sobre a integridade física da vítima, o racismo é, sobretudo, uma violência simbólica, pois visa atingir a moral da pessoa e colocar entraves que prejudiquem a sua vida social, política e econômica (WIEVIORKA,2007,p.71). Sendo assim, além de Senna, outros *streamers*, ou seja, criadores de conteúdo digital encontravam-se sob a mira de ataques de grupos supremacistas que visavam, através da intimidação e de insultos que pudessem abalar o psicológico, prejudicar ou até mesmo acabar com a carreira de seus alvos. O *streamer*, Victor “El Mito”, por exemplo, seria uma dessas vítimas, porém, ao contrário do seu companheiro de profissão, dessa vez, os insultos partiram, ao que tudo indicava, de seus compatriotas. Enquanto jogava “Free Fire”, um jogo de *battle royale*,³⁶⁴ durante uma *live* transmitida pelo YouTube, os agressores utilizaram o “SuperChat” (ferramenta que através de doações em dinheiro permite mandar recados ao *streamer* e que fica visível para todos que estão assistindo) para atacá-lo. Dessa maneira, realizando doações em pequenos valores, mensagens como “macaco” e “preto” apareceram na transmissão do “El Mito”. Em tom de desabafo, após o caso, a mãe do criador de conteúdo digital, Juliana Ferreira de Souza, deu a seguinte declaração: “Eu sempre peço que entrem nos perfis de todos aqueles que cometem atos racistas e denunciem, pois precisamos tirar a arma deles, que é a internet nesses casos”.³⁶⁵

Os jogadores profissionais de “Free Fire”, aliás, pareciam ser o alvo preferencial dos racistas para destilar o seu veneno. O *gamer*, isto é, o jogador de videogame, Gustavo “One9”, recebeu mensagens, em forma de áudios, preconceituosas em suas mídias digitais. Ao que parecia pelo tom de voz, era um

³⁶⁴ Gênero de jogos em que os jogadores lutam entre si para ser o último sobrevivente.

³⁶⁵ Free Fire: El Mito é alvo de racismo durante live, GloboEsporte.com, 27 de janeiro de 2021.

jovem que havia mandado os áudios.³⁶⁶ Caso semelhante aconteceu com outro jogador. João Marcos Pereira, conhecido popularmente como João “JM777”, depois de ser rebaixado com a equipe de jogos eletrônicos do Flamengo na Liga Brasileira de Free Fire (LBFF 4) - o equivalente ao campeonato brasileiro de futebol - recebeu insultos racistas de um torcedor do próprio time rubro-negro. A identidade do agressor não foi revelada, no entanto, “JM777” publicou uma postagem mostrando os ataques que sofreu.³⁶⁷ A seguir imagens dos insultos racistas recebidos por Gustavo “One9” e João “JM777”:



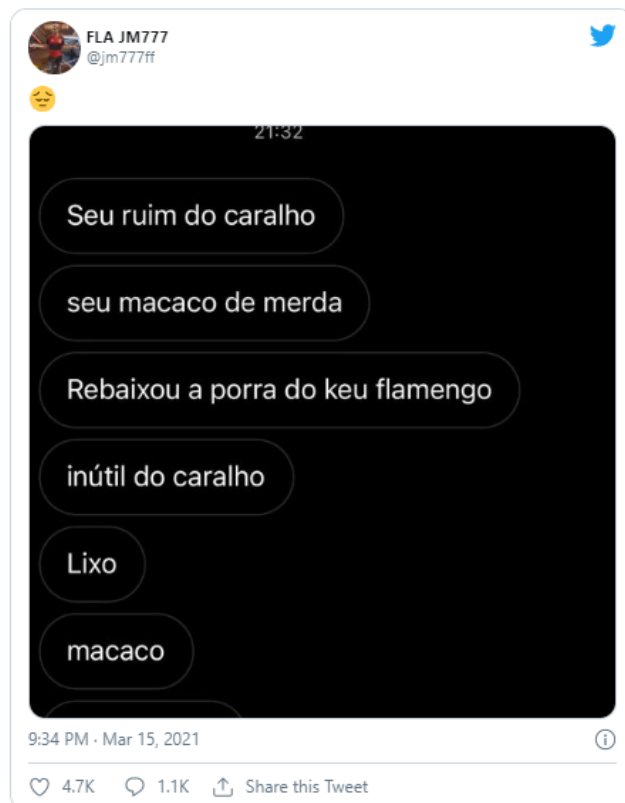
368

³⁶⁶ Free Fire: one9, da FURIA, sofre racismo após farpas à LOUD; entenda, por Rafael Tartaglia, 6 de março de 2021.

³⁶⁷ LBFF 2021: JM777, do Flamengo, sofre racismo após rebaixamento, GloboEsporte.com, 16 de março de 2021.

³⁶⁸ Imagem retirada do Twitter de mds Rafa. Disponível no link a seguir:

https://twitter.com/meudeusrafaa/status/1368303358839320582?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1368303358839320582%7Ctwgr%5E1e2f5d74b5a7c036cc9f7b8fcb4



369

No universo do *eSports*, os homens não eram os únicos a sofrerem com as investidas preconceituosas. A *streamer* Maria Clara Lombardi, conhecida pelo apelido de Maria Russa, também não escapou da ira dos supremacistas. Enquanto jogava o jogo de tiro em equipe “Rainbow Six Siege”, durante uma transmissão ao vivo, membros do time adversário, por meio do chat do jogo, começaram a ofendê-la com conotações discriminatórias. O mais impressionante, ou melhor dizendo, revoltante era que Maria Russa estava jogando de forma recreativa, ou seja, não estava participando de nenhum campeonato ou algo do tipo. Em outras palavras, os ataques a ela foram simplesmente gratuitos, sem qualquer justificativa (não que ataques racistas tenham justificativa). No dia seguinte ao episódio, a *streamer* publicou uma postagem denunciando os agressores e, como não poderia ser diferente, recebeu

d7434ad19c5cf%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fd-12532913672289307148.ampproject.net%2F2301181928000%2Fframe.html.

³⁶⁹ Imagem retirada do Twitter jogador de Sports JM777. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/jm777ff/status/1371620941713838081?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etwtembed%7Ctwterm%5E1371620941713838081%7Ctwgr%5Ea2e26632365049eb2bac8109c67e668ef670eeaa%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fd-34836165524214911452.ampproject.net%2F2301181928000%2Fframe.html.

apoio da comunidade dos *games*.³⁷⁰ A seguir imagem da postagem de Maria Russa denunciando os ataques racistas que sofreu:



371

As ofensivas racistas mais ferozes, no entanto, foram direcionadas para outra *streamer*. Ana Beatriz “Preta” Souza mal podia suspeitar que encontrava-se no centro da fúria de um grupo anônimo supremacista. Integrantes desse grupo, com nicknames, isto é, nomes de contas, preconceituosos, invadiram a *live* de “Preta” para

³⁷⁰ R6: ex-jogadora e streamer, Russa sofre ataques racistas durante live, GloboEsporte.com, 27 de novembro de 2020.

³⁷¹ R6: ex-jogadora e streamer, Russa sofre ataques racistas durante live, GloboEsporte.com, 27 de novembro de 2020.

insultá-la. Como se não bastasse as ofensas, os agressores resolveram dar um passo a mais: ordenaram que a *streamer* gravasse um vídeo na qual diminuísse a sua “raça” e crença (ela é umbandista), caso ao contrário, ela seria atacada mais vezes por eles e outras agremiações supremacistas. A investida contra “Preta”, importante ressaltar, não foi um ataque amador, longe disso, foi muito bem arquitetada, pois não somente a atacaram no chat da Twitch (plataforma que transmite as *lives*), como também utilizaram o chat do jogo LoL que ela jogava. Em entrevista ao *GloboEsporte.com*, “Preta” contou que abandonou a *live* por um momento para chorar, porém, conseguiu se recompor e voltou a transmissão. Além disso, ela desabafou sobre o caso:

*Os ataques foram bem mais fundos. Eles falaram da minha religião, falaram da minha cor. Eu ironizei todos eles e continuei minha live. Eu sempre fui aberta na minha stream [canal de transmissão]. Sempre falei sobre minha religião e sobre como algumas pessoas se sentem representadas com uma mulher negra crescendo na plataforma.*³⁷²

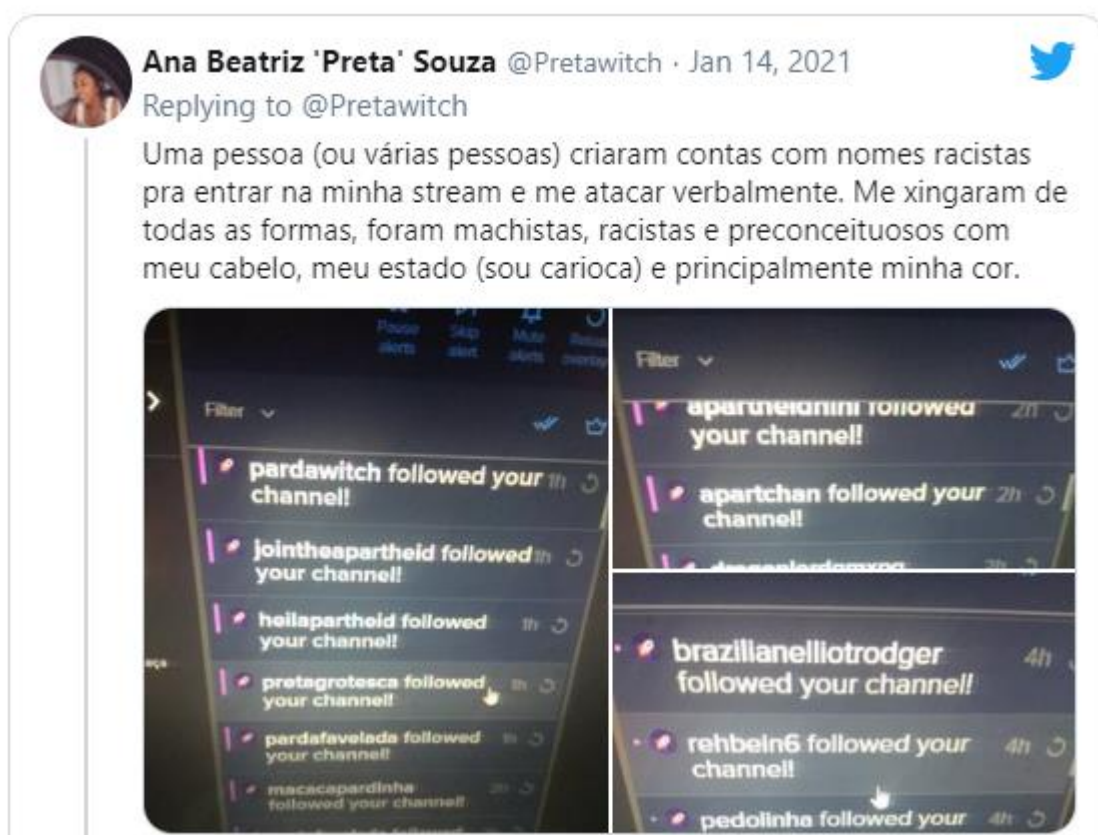
Segundo o professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP, José Moura Gonçalves Filho,

(...). A humilhação de um negro é praticada de modo nunca destinado apenas a ele. O ataque a “um negro” é sempre um ataque “aos negros”. O ataque racista deve valer a muitos, a todos os negros. É um ataque exemplar, contra um grupo, e que representa os interesses do grupo atacante (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p.148).

Sem dúvidas, por mais que os ataques fossem concentrados em “Preta”, eles poderiam valer para toda a comunidade afro-brasileira. Entretanto, se por um lado, os racistas destilavam o seu ódio; por outro lado, os cidadãos comprometidos com os pilares democráticos de igualdade racial não tardariam a dar a resposta. Com a

³⁷² Twitch: Streamer sofre racismo, intolerância religiosa e recebe ameaças, por Luiz Queiroga, *GloboEsporte.com*, 14 de janeiro de 2021.

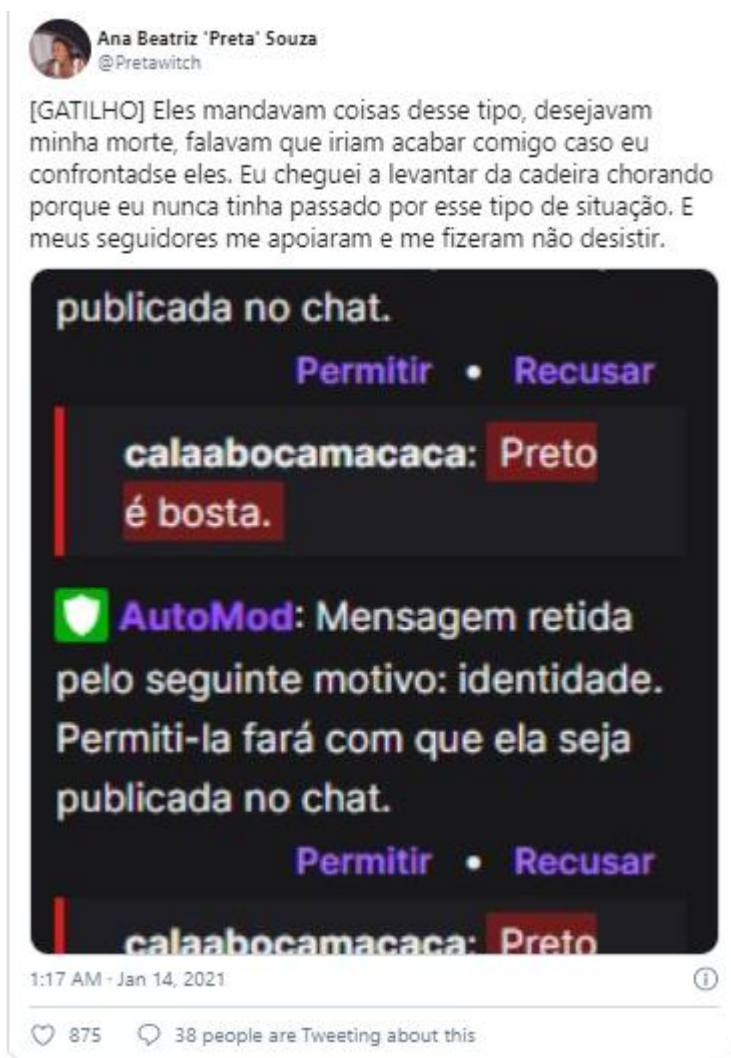
repercussão do caso acima, pessoas e movimentos, dentre eles, o coletivo negro de criadores de conteúdo digital, “Wakanda Streamers”, saíram em defesa da *streamer* nas redes sociais.³⁷³ A seguir imagem das publicações de Ana Beatriz “Preta” denunciando os insultos racistas que sofreu:



374

³⁷³ Twitch: Streamer sofre racismo, intolerância religiosa e recebe ameaças, por Luiz Queiroga, GloboEsporte.com, 14 de janeiro de 2021.

³⁷⁴ Imagem retirada do Twitter de Beatriz “Preta”. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/Pretawitch/status/1349570816015540229?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Eetweentembed%7Ctwterm%5E1349571394120675331%7Ctwgr%5E6ba6c7d45a2f23c55bcab383b0eabd573ccd4d86%7Ctwcon%5Es2_&ref_url=https%3A%2F%2Fd-3160385643439814350.ampproject.net%2F2301181928000%2Fframe.html.



375

Todas as frentes deveriam estar em alerta. A batalha contra o racismo era travada em todas as modalidades esportivas. Os atletas - aqueles compromissados em lutar por uma sociedade mais justa e igualitária - sabiam que esta era uma partida que eles não poderiam perder. Dessa maneira, era imprescindível que o esporte mais popular do Brasil não ficasse em silêncio diante desse cenário todo. Estava na hora de expulsar o racismo para fora dos gramados.

³⁷⁵ Imagem retirada do Twitter de Beatriz "Preta". Disponível no link a seguir: https://twitter.com/Pretawitch/status/1349570816015540229?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Eetweetembed%7Ctwterm%5E1349571394120675331%7Ctwgr%5E6ba6c7d45a2f23c55bcab383b0eabd573ccd4d86%7Ctwcon%5Es2_&ref_url=https%3A%2F%2Fd-3160385643439814350.ampproject.net%2F2301181928000%2Fframe.html.

3.4 História, represálias e lutas no futebol brasileiro

O futebol está na cabeça, no coração e no pé dos brasileiros. Ele é capaz de parar a nação e fazer com que milhões de pessoas se emocionem - de alegria ou de tristeza - ao mesmo tempo. Entretanto, se o preconceito racial se confunde com a história do País, com o futebol não poderia ser diferente. De acordo com o historiador e pesquisador Ricardo Pinto dos Santos, o racismo foi emblemático e determinante desde a chegada até a consolidação do referido esporte no Brasil (2020,p.42). Pior ainda. O constante sucesso de jogadores negros mascara a discriminação racial impregnada no esporte bretão (como o futebol também é conhecido). Segundo o sociólogo e professor da Faculdade de Educação da UFRJ e criador e coordenador do Laboratório de Pesquisa em Desigualdade e Diversidade de Corpo, Raça e Gênero (LADECORGEN), José Jairo Vieira, antes

(...) se perguntarmos aos participantes de um bate-papo imaginário numa mesa de bar sobre a existência do racismo no futebol, a resposta mais esperada é que o racismo não existe, e darão vários exemplos de excelentes jogadores negros que atuam em vários times, em vários países e sobretudo em várias posições (2017,p.12).

Este tipo de pensamento, no entanto, encontra-se hoje sob questionamento. Sim, por mais que alguns tentassem negar, a discriminação racial era figura carimbada no mundo do futebol e, no primeiro momento, quem começou a desmascará-la foram as arquibancadas. Em resposta a ameaça do golpe, com as consequências conhecidas, inclusive, o recrudescimento do racismo, conforme os repórteres do site de notícias de esporte *GloboEsporte.com*, Pedro Cruz e Gustavo Pêna, ao longo dos anos, o número de membros de grupos antifascistas presentes nas torcidas passaram a crescer de forma significativa.³⁷⁶ Mais do que conquistarem novos integrantes, esses coletivos de torcedores passaram a organizar atos em prol da democracia e da causa negra. Na capital de São Paulo, como visto mais acima,

³⁷⁶ Torcedores de Remo e Paysandu superam rivalidade e se unem em movimento pró-democracia, por Pedro Cruz e Gustavo Pêna, *GloboEsporte.com*, 1 de junho de 2020.

setores mais progressistas das torcidas organizadas dos clubes paulistas se uniram e tomaram as ruas. A mesma cena se repetira na cidade de Belém, capital do Pará: deixando para trás uma histórica e fervorosa rivalidade, grupos antifascistas do Paysandu e Remo, a PSC Antifa - Frente 1914 e RemoAntifa, caminharam lado a lado pelas ruas da cidade clamando por justiça racial. Segundo um dos membros da PSC Antifa - Frente 1914, Midi Flores, em entrevista ao referido site de notícias de esporte, a manifestação se dava porque

*a democracia está ameaçada desde a eleição da chapa Bolsonaro/Mourão. Eles representavam o retrocesso, discurso de ódio contra os setores que sofrem opressão, exaltação a torturadores. Hoje, temos o aprofundamento disso, o descaso com a vida da população durante a pandemia, desrespeito com profissionais da imprensa, ameaças direta de fechamento das instituições democráticas.*³⁷⁷

Rivais nas arquibancadas, mas unidos nas ruas. Assim como Flores, o membro do grupo AntifaRemo, Thiago Braga, possuía a mesma linha de pensamento. Para ele, em entrevista ao mesmo veículo de comunicação, hoje em dias, as

*pessoas não escondem mais seu preconceito, ao contrário, o exibem com orgulho e a todo momento atentam contra a democracia e suas instituições, como o Congresso Nacional e o STF. É inadmissível que um chefe do Executivo [Jair Bolsonaro] apoie o fechamento destas instituições, mas ele o faz abertamente e nada acontece.*³⁷⁸

A aliança entre torcidas adversárias, todavia, não se limitou apenas a São Paulo e Belém. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, torcedores dos três principais times do estado, Atlético-MG, Cruzeiro e América-MG, se reuniram na Avenida Afonso

³⁷⁷ Torcedores de Remo e Paysandu superam rivalidade e se unem em movimento pró-democracia, por Pedro Cruz e Gustavo Pêna, GloboEsporte.com, 1 de junho de 2020.

³⁷⁸ Torcedores de Remo e Paysandu superam rivalidade e se unem em movimento pró-democracia, por Pedro Cruz e Gustavo Pêna, GloboEsporte.com, 1 de junho de 2020.

Pena, mais precisamente na Praça da Liberdade, para defender a democracia e protestar contra a injustiça racial. A passeata terminou com os torcedores ocupando um dos cartões postais mais famosos da capital mineira, a Praça Sete.³⁷⁹ A seguir imagem das torcidas do Atlético-MG, Cruzeiro e América-MG realizando a passeata:



380

Mais do que juntar torcedores rivais, as marchas promovidas pelos grupos antifascistas escancarou que o esporte, neste caso específico, o futebol e a política são coisas inseparáveis. Segundo o filósofo, Silvio de Almeida, em sua participação no podcast Ubuntu Futebol Clube, do site *GloboEsporte.com*, ao

falar de esporte é falar de algo que é desenvolvido em determinadas condições sociais e econômicas. A gente não pode retirar o esporte das reflexões que nós fazemos sobre política, economia, sobre cultura de uma

³⁷⁹ Torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro se unem em ato contra o racismo e a favor da democracia, *GloboEsporte.com*, 7 de junho de 2020.

³⁸⁰ Imagem retirada do Twitter O Tempo. Disponível no link a seguir: https://twitter.com/otempo/status/1269656548885901313?ref_src=twsrc%5Etfw.

*maneira geral. O futebol é influenciado por todas as transformações no campo da economia, da política e da cultura. Assim como o racismo faz parte desse processo.*³⁸¹

Se viajarmos no tempo, aliás, descobriremos que o futebol brasileiro e a política possuem laços estreitos. No decorrer do golpe de 1964, quando João Belchior Marques Goulart (1961-1964), ou apenas João Goulart, era deposto do cargo de presidente para a entrada do militar Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967), mais conhecido como Castello Branco, nas palavras do ex-jogador e ídolo da torcida palmeirense que atuou pelo clube alviverde nas décadas de 1960 e 1970, Olegário Toloi de Oliveira, conhecido popularmente pelo apelido de Dudu, o futebol funcionou como uma

(...) válvula de escape para que o povo se acalmasse, se tranquilizasse e mostrasse que estava havendo uma paz no Brasil todo, que não havia guerra nem nada (in FLORENZANO,2009,p.25).

Posteriormente, ao se instalarem no poder, os militares, de acordo com o antropólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), José Paulo Florenzano, acreditaram que poderiam manipular o esporte bretão como uma espécie de “arma ideológica”, capaz de

(...) apaziguar e narcotizar as camadas populares, proporcionando-lhes a válvula de escape necessária para contra-arrestar a repressão política e as tensões geradas no mundo do trabalho (2009,p.25).

Dessa maneira, o regime autoritário convertia a modalidade esportiva mais popular do País, isto é, o futebol em um mecanismo de propaganda ideológica que, melhor do que qualquer outro meio de comunicação, imagem ou discurso, funcionaria

³⁸¹ Ubuntu Esporte Clube: filósofo Silvio de Almeida debate o racismo estrutural no futebol, GloboEsporte.com, 5 de agosto de 2020.

para conquistar de forma direta e intensa os corações e as mentes dos brasileiros. Não à toa, o futebol, conforme a crença dos detentores do poder da época, constituía-se no *ópio do povo* (FLORENZANO,2009,p.25/71).

Se, do ponto de vista da ditadura militar, o referido esporte poderia ser entendido como o *ópio do povo*, da perspectiva dos setores do campo progressista ele poderia se revelar em um instrumento capaz de despertar as massas para a luta em prol da democracia. Durante a vigência do regime militar, ascendia uma classe de atletas-politizados, ou seja, jogadores que almejavam ampliar a atuação do seu campo social através de outras práticas culturais e do diálogo com outros atores políticos. Sendo assim, um dos atletas que mais se destacou nesta nova categoria que emergia dos gramados foi o então centroavante, José Reinaldo de Lima, ídolo da torcida do Atlético-MG, que defendeu as cores do time durante os anos de 1970 e a primeira metade dos anos 1980. Conhecido popularmente como Reinaldo e apelidado de Rei do Mineirão, o atleta, além de se envolver na luta antirracista (**como veremos mais para frente**), também se engajaria na luta política. Após uma entrevista concedida em 1978 ao semanário *Movimento*, ele se tornaria uma das principais figuras do esporte a se colocar publicamente contra o regime militar. Na entrevista, Reinaldo argumentou da seguinte maneira:

Eles [os militares] fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar [a Anistia] vai acontecer mais cedo ou mais tarde porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas ideias e caminhos diferentes. [Quanto à assembleia constituinte enfatizava] que em tudo o povo tem que ter participação. [E mais ainda:] o povo tem direito de votar e escolher seus governantes (in FLORENZANO,2009,p.120/121).

Não tardou muito para que o regime militar lançasse a sua reprimenda contra o então atacante do Galo (como carinhosamente o Atlético-MG é chamado pela sua torcida). No primeiro momento, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) – atualmente Confederação Brasileira de Futebol (CBF) -, ameaçou cortá-lo da seleção

brasileira que se preparava para disputar a Copa do Mundo da Argentina de 1978. Entretanto, ele não se deixaria intimidar. Ao contrário, determinado, Reinaldo viria a simbolizar uma nova classe de jogadores que, na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, combinaria a condição de atleta com a de cidadão (FLORENZANO,2009), quer dizer, atletas que estavam dispostos a não apenas batalhar pela bola dentro de campo, mas sim a lutar lado a lado com o povo por práticas de liberdade que levariam a sociedade brasileira a um caminho mais democrático e justo. Em palavras mais poéticas, os jogadores, além de usarem a sua magia com os pés para driblar os adversários e encantar os torcedores; passavam também a utilizar a sua voz para despertar as massas e mobilizá-las contra a opressão da ditadura. Com efeito, podemos aplicar nesta situação aquele velho ditado: “o feitiço se virou contra o feiticeiro”, pois os militares que pretenderam usar o futebol como uma arma ideológica para “narcotizar” o povo e mantê-lo alheio à política, viram-no sendo transformado em um instrumento de mobilização popular justamente para demovê-los do poder.

Ao falarmos de política, democracia e futebol no Brasil, contudo, não podemos deixar de citar um dos movimentos mais revolucionários esportivos que aconteceu: a Democracia Corinthiana. O movimento que emergia dentro dos muros do Parque São Jorge (sede do Corinthians) não se limitava apenas a discutir questões internas de sua equipe, longe disso, tinha um olhar voltado aos problemas sociais e políticos da sociedade brasileira. Em 1982, por exemplo, Walter Casagrande Jr. e Wladimir Rodrigues dos Santos, popularmente conhecido apenas pelo seu primeiro nome, se filiaram ao PT, que na época caracterizava-se como uma das principais forças de oposição à ditadura militar. A partir de novembro daquele ano, nas camisas de jogo do Corinthians eram colocadas mensagens de cunho político. Mais tarde, quando as eleições foram restabelecidas no País, para incentivar a população a ir às urnas a equipe alvinegra entrou em campo com a seguinte mensagem em suas camisas: “Dia 15 Vote”. Posteriormente, em setembro de 1983, durante uma crise econômica que assolou a referida nação tropical, em um gesto de solidariedade aos desempregados que em protestos acampavam no gramado do Parque Ibirapuera em frente à Assembleia Legislativa, Casagrande, representando o movimento corintiano, dou uma quantia em dinheiro arrecada pelos jogadores e, por meio da imprensa, endereçou a seguinte mensagem às autoridades: “Nós vamos apoiá-los até quando eles permanecerem aqui”. O ápice da Democracia Corinthiana, todavia, viria meses

depois, mais precisamente no dia 14 de dezembro, no Morumbi, na final do Campeonato Paulista de 1983, contra o São Paulo. O time do Parque São Jorge conquistaria o bicampeonato estadual que há tempos não vencia. Entretanto, o título de campeão, de certa forma, ficou em segundo plano. Ao entrar no campo, diante de um público de quase 90 mil torcedores, os atletas do Timão (como o Corinthians é apelidado carinhosamente pela sua torcida) estenderam a seguinte faixa: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia” (FLORENZANO,2009,p.261/263/402). A seguir imagem do tweet do Corinthians mostrando os jogadores da Democracia Corintiana entrando com a faixa “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”:



Diante desta imagem não resta dúvidas, o futebol e a política andavam lado a lado. Mais do que isso, a modalidade esportiva mais popular do Brasil poderia ser

³⁸² Imagem retirada do twitter do Corinthians. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/corinthians/status/1435396220508323842>.

compreendida como um dos campos de batalha da luta entre duas ideologias antagônicas. De acordo com Florenzano,

(...) o futebol, pela sua visibilidade nos meios de comunicação, pela centralidade que ocupava na cultura brasileira, devido à capilaridade que possuía na sociedade, convertia-se no palco onde se dramatizava o embate hegemônico envolvendo visões de mundo contrastantes (...) (2009,p.345).

Até os dias de hoje, o esporte bretão é palco deste embate hegemônico. Mais recentemente, no pleito presidencial de 2018, jogadores brasileiros de renome aderiram abertamente à candidatura de Bolsonaro, dentre eles, Felipe Melo, Jadson, Diego Souza, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, Lucas Moura, Carlos Alberto, Roger, Edmundo, Cafu, Dagoberto e Falcão (do futsal). Além do mais, o time inteiro do Athletico-PR (com exceção do então zagueiro Paulo André) entrou em campo vestindo camisetas com um dos slogans de campanha do capitão: “Vamos todos juntos por amor ao Brasil”.³⁸³ O apoio não ficava restrito às quatro linhas de campo. Nas arquibancadas, integrantes de torcidas organizadas, de uma maneira ou de outra, se declararam apoiadores do então presidenciável. No metrô de São Paulo, por exemplo, um grupo de palmeirenses entoou o grito de guerra: “Ô bicharada, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar [sic] viado”.³⁸⁴ Grito semelhante, seria cantado em Belo Horizonte pela torcida do Atlético-MG contra o seu maior rival: “Ô cruzeirense, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar [sic] viado”.³⁸⁵

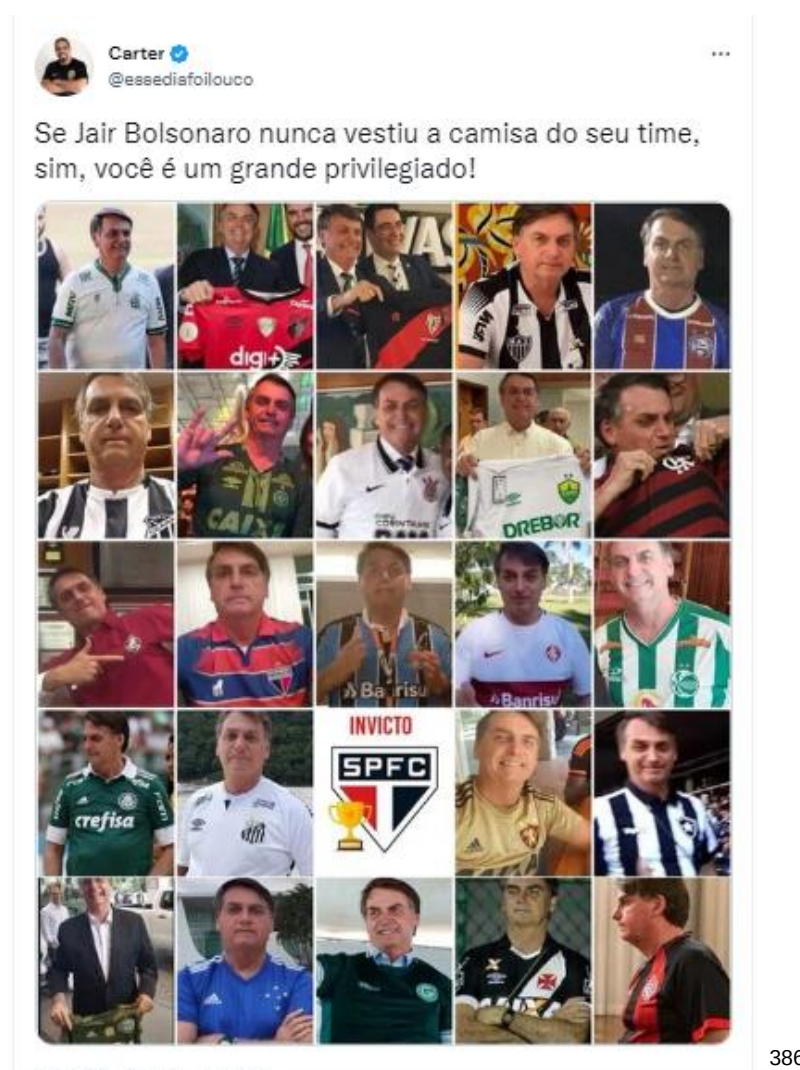
Bolsonaro sabia muito bem que podia utilizar-se do futebol para angariar a simpatia de boa parte da população. Não à toa, quando assumiu a cadeira de presidente, comparecia sempre que possível a algum jogo e – por mais que afirmasse que torcia pelo Palmeiras – usava camisas de clubes de Norte a Sul do Brasil. Ele, na verdade, recorria a uma velha estratégia usava na época da ditadura militar por Emílio

³⁸³ Apoio de esportistas a Bolsonaro continua gerando polêmica, Lance!, 5 de novembro de 2018. Disponível no link a seguir: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/jogadores-atletas-causam-polemica-declarar-voto-bolsonaro-veja-lista.html>.

³⁸⁴ Contra a violência política, Maria Laura Conineu, Veja, 17 de outubro de 2018.

³⁸⁵ #EleNão, Carol Castro e Rodrigo Martins, Carta Capital, 26 de setembro de 2018.

Garrastazu Médici (1969-1984) que, na função de mandatário do País, para conquistar os corações e as mentes dos brasileiros, tanto do homem rural quanto do homem das metrópoles, exibia-se como um presidente-torcedor, se tornando figura marcada nos estádios espalhados em solo brasileiro (FLORENZANO,2009,p.59). A seguir imagem de um tweet mostrando alguma das camisas de futebol vestidas por Bolsonaro:



386

Bolsonaro usava a capilaridade do futebol para conquistar as massas, porém, em contrapartida, os torcedores que estavam do lado do campo progressista passaram a também usar o esporte bretão como meio para combater as políticas do

³⁸⁶ Imagem retirada do twitter de um usuário cujo nickname (nome da conta) é Carter. Disponível no link a seguir: <https://twitter.com/essediafoilouco/status/1487108456188452868?lang=pt>.

então mandatário e lutar pela manutenção da democracia e, por conseguinte, por uma sociedade racialmente mais igualitária. Para o membro da torcida RemoAntifa, Thiago Braga, as manifestações lideradas pelas torcidas antifascistas desconstruíram a

*(...) narrativa [que futebol e política não se misturam]. O futebol é um movimento popular de grande apelo social, em especial no Brasil, que movimenta as massas. Dentro das torcidas existe todo tipo de diversidade e a política é inerente ao ser humano. É impossível dissociar uma coisa da outra. O futebol tem o poder de transformar a sociedade, assim como a política. E conscientizar os torcedores é preciso, para que o preconceito seja abolido das arquibancadas.*³⁸⁷

A união faz a força. Deixando a rivalidade futebolística de lado, como vimos anteriormente, torcedores, pelo menos aqueles comprometidos com os pilares da democracia, de diversos clubes se juntaram para lutar contra a discriminação racial. Dessa maneira, estava mais do que na hora dos jogadores, pelo menos aqueles que também compartilhavam os ideais da democracia, vestirem a camisa do time antirracista. E, de fato, alguns vestiram. Um dos primeiros a se colocar em prol da causa negra foi o então meio-campista do Grêmio Jean Pyerre Casagrande Silveira Corrêa, conhecido apenas como Jean Pyerre. Reforçando a onda dos protestos que aconteciam ao redor do mundo, em suas redes sociais, ele publicou a foto de uma criança segurando o cartaz com a seguinte mensagem: “Am I next?” (“Eu sou o próximo?”).³⁸⁸ Quem se juntou a Jean Pyerre foi o então atacante do Palmeiras, Wesley Ribeiro da Silva, conhecido popularmente apenas como Wesley. Também através das mídias digitais, o jogador publicou a imagem de uma manifestação ocorrida no Brasil, na qual se podia ver um cartaz com a frase: “Vidas negras e faveladas importam”.³⁸⁹ A então jogadora do Atlético de Madrid, Ludmila da Silva, conhecida apenas como Ludmila, também não deixou de se manifestar sobre o tema.

³⁸⁷ Torcedores de Remo e Paysandu superam rivalidade e se unem em movimento pró-democracia, por Pedro Cruz e Gustavo Pêna, GloboEsporte.com, 1 de junho de 2020.

³⁸⁸ Gremistas Thiago Neves e Jean Pyerre engrossam coro contra o racismo, GloboEsporte.com, 1 de junho de 2020.

³⁸⁹ Palmeiras e jogadores se manifestam contra o racismo: “Vidas negras importam”, GloboEsporte.com, 1 de junho de 2020.

Nas suas redes sociais, ela publicou uma imagem que associava a morte de George Floyd a do menino João Pedro.³⁹⁰A seguir imagem da publicação de Wesley:



O posicionamento mais incisivo, todavia, partiu de dois jogadores que se encontravam em times fora dos holofotes da grande imprensa esportiva nacional. Os então zagueiros do Treze, Carlos Breno Barroso Calixto, e do Campinense, Victor Melo Costa, conhecido como Vitão, como bons zagueiros que são, entraram de sola contra a ideia de que jogadores não deveriam se posicionar sobre temas sociais³⁹². A seguir imagem da publicação de Carlos Breno Barroso Calixto e do comentário de Victor Melo Costa nela:

³⁹⁰ Há quase quatro anos no Atlético de Madrid, Ludmila lembra início: “Chorava e queria ir embora”, Gabriela Dantas, 2 de outubro de 2020.

³⁹¹ Imagem retirada do Instagram de Wesley Ribeiro. Disponível no link a seguir: <https://www.instagram.com/p/CA5YEKwHB-y/>.

³⁹² Zagueiros rivais dentro de campo se unem nas redes sociais contra o racismo e a favor da democracia, Pedro Alves, GloboEsporte.com, 1 de junho de 2020.



393

Não se observava, contudo, posicionamentos mais militantes dos demais jogadores. De um modo geral, as manifestações se limitavam a postagens nas redes sociais e mesmo assim com mensagens desprovidas de um tom mais crítico. Isto nos conduz para a seguinte questão: afinal de contas, por que os atletas de futebol brasileiros não se engajavam como os atletas estadunidenses? O medo de desagradar dirigentes, patrocinadores e a opinião pública como um todo se torna um empecilho para que muitos atletas não se manifestem sobre temas sensíveis ao debate público. De acordo com o ex-jogador e então comentarista do grupo Globo, Ednaldo Batista Libânio, popularmente conhecido como Grafite, em entrevista ao podcast “Fala, Minha Joia”, do site *GloboEsporte.com*,

é difícil jogadores tomarem posição numa causa. A partir do momento que estou fazendo gol, rendendo, eu posso me posicionar, mas basta eu começar a não render que aquilo vai se voltar contra mim. “Grafite não tá fazendo gol, porque ele tá focado na causa do racismo”. Existe isso no futebol. Eu vi pessoas cobrando Neymar por causa disso, mas, da mesma maneira que Neymar tem que ser mais incisivo, eu entendo o lado

³⁹³ Zagueiros rivais dentro de campo se unem nas redes sociais contra o racismo e a favor da democracia, Pedro Alves, *GloboEsporte.com*, 1 de junho de 2020.

*dele. Porque isso pode ser jogado contra ele, caso ele não jogue bem.*³⁹⁴

Segundo o pesquisador e líder do Observatório da Discriminação Racial do Futebol, Marcelo Medeiros Carvalho, realmente existia esse medo, pois uma vez que o atleta pensava em se posicionar ia “lembrar da história de jogadores que foram silenciados”.³⁹⁵ No esporte bretão brasileiro, no entanto, já havia jogadores que enfrentaram publicamente, ou melhor dizendo, dentro de campo as represálias impostas por um sistema que procura a toda maneira bloquear as manifestações antirracistas. Como esquecer, por exemplo, das comemorações de gols com o punho cerrado de Reinaldo. O ex-atacante do Atlético-MG, como vimos anteriormente, foi um dos primeiros a se colocar abertamente contra a ditadura militar. E mais do que isso. Foi também um dos primeiros jogadores brasileiros a incorporar em suas comemorações um protesto contra o racismo. Em entrevista ao *GloboEsporte.com*, ele conta que o gesto nas suas comemorações de gol foi inspirado nos movimentos estadunidenses antirracistas:

*Comecei a comemorar os gols com o punho cerrado. Era uma alusão ao movimento Black Power dos Panteras Negras, dos pretos norte-americanos. Eu queria dar maior visibilidade a esse movimento aqui no Brasil, onde existe um racismo covarde, um racismo velado. Tanto na sociedade, como no esporte.*³⁹⁶

A seguir imagem do Reinaldo comemorando um de seus gols com o punho cerrado:

³⁹⁴ Grafite, sobre o racismo: “A gente está acostumado com coisas bizarras, que deveria vomitar”, *GloboEsporte.com*, 5 de junho de 2020.

³⁹⁵ Antirracismo no futebol: por que os atletas no Brasil não repetem o movimento das ligas americanas, por Dayana Natale, *GloboEsporte.com*, 20 de novembro de 2020.

³⁹⁶ Nós falamos, mas vocês nos ouvem? Lázaro Ramos e atletas relatam luta contra o racismo, por Dayana Natale, Elton de Castro, Felipe Ruiz, Guilherme Pereira e Levi Guimarães Luiz, *GloboEsporte.com*, 7 de junho de 2020.



397

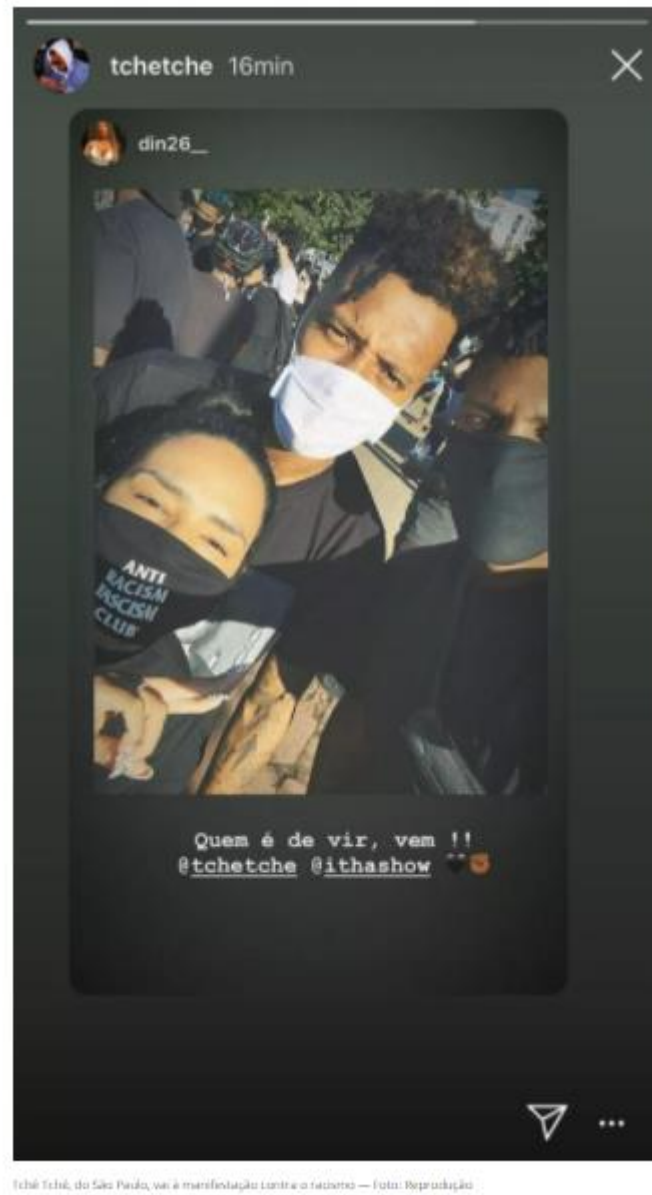
Os punhos cerrados de Reinaldo não ficariam esquecidos na história. Assim como o craque do Atlético-MG, no contexto de 2020, o então jogador do São Paulo, Danilo das Neves Pinheiro, conhecido popularmente pelo apelido de Tchê Tchê, também não se amedrontaria com as possíveis críticas e, como um bom volante, se mostrou disposto a dar um “carrinho” no racismo. O referido jogador não se limitava apenas às mídias digitais. Ao contrário, chegou inclusive a participar de um ato antirracista na capital paulista. Em entrevista ao site *GloboEsporte.com*, mostrando as tatuagens de Martin Luther King e Malcolm X que tem nas pernas, ele explicou os motivos que o levaram a se engajar na causa negra:

Vim de uma origem muito humilde. Sei o que é ser negro, o que é entrar no shopping e as pessoas olharem tipo: “o que ele está fazendo aqui?” Muitas vezes o direito de sonhar nos é tirado. Porque quando a gente é criança, a gente planeja, tem vários sonhos,

³⁹⁷ Imagem retirada do Instagram de Reinaldo. Disponível no link a seguir: https://www.instagram.com/p/Cf_UpXtOLJL/.

*mas ao meu ver, o que é vendido é que não temos essa condição.*³⁹⁸

A seguir imagens de Tchê Tchê no ato antirracista:



Tchê Tchê, do São Paulo, vai à manifestação contra o racismo — Foto: Reprodução

399

³⁹⁸ Nós falamos, mas vocês nos ouvem? Lázaro Ramos e atletas relatam luta contra o racismo, por Dayana Natale, Elton de Castro, Felipe Ruiz, Guilherme Pereira e Levi Guimarães Luiz, GloboEsporte.com, 7 de junho de 2020.

³⁹⁹ Tchê Tchê, do São Paulo, vai a manifestação contra o racismo na capital paulista, GloboEsporte.com, 7 de junho de 2020.

Tchê Tchê não era o único. Sabendo da força de influência que os atletas tinham na sociedade, a então lateral esquerda do Corinthians, Suellen Serra Rocha, em entrevista ao referido site de notícias de esporte, destacava a importância de militar em prol do movimento negro:

Foram mais de 300 anos de escravidão e até hoje um negro é morto a cada 23 minutos. As crianças se inspiram em jogadores. Elas têm jogadores como heróis e, por isso, é importante o posicionamento.⁴⁰⁰

Não há dúvidas que no País encontravam-se jogadores dispostos a romperem a barreira do silêncio. Porém, o medo de enfrentar a opinião pública contrária às pautas que reivindicavam não era o único motivo para que os atletas deixassem de se manifestar, especialmente em relação ao preconceito racial. Na verdade, havia algo mais profundo. De acordo com Carvalho, nunca é simples para um negro falar de racismo, pois para isso deve-se lembrar de “acontecimentos traumáticos”, no qual em muitos casos ele ou alguma outra pessoa negra foi “humilhada, desumanizada, tratada como um objeto associado a algo ruim, feio ou violento (...)”. Logo, nas palavras do coordenador do Observatório da Discriminação Racial, no Brasil, onde o racismo constitui-se como algo naturalizado era

(...) um pouco desumano desejar que de um dia para outro negros e negras que foram silenciados, oprimidos e que sofreram diversos tipos de represálias tenham opiniões elaboradas para expor em suas redes sociais. Afinal, não basta se posicionar, é preciso ter conteúdo para se comunicar sobre o tema.⁴⁰¹

Falar do racismo, portanto, não era apenas um dever dos negros. Os brancos tinham que ser cobrados pela falta de comprometimento na luta antirracista. Para o escritor e poeta, Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo Cuti,

⁴⁰⁰ “Se tiver um branco e um negro, acusação um negro”, diz Marinho, em campanha contra o racismo, Aluísio Gonzaga, Elton de Castro, Gustavo Rotstein, Lucas de Senna e Thiago Gouveia, GloboEsporte.com, 5 de julho de 2020.

⁴⁰¹ CARVALHO, Marcelo Medeiros de. Artigo: Mais do que cobrar posição dos atletas negros, é preciso entender seu silêncio. Folha de S. Paulo, 8 de junho de 2020.

(...) racismo não é só tema de negro. Os brancos estão envolvidos até o mais recôndito da alma (para os que acreditam em alma – podemos dizer subjetividade, para os descrentes). Só que não admitem, em sua maioria. (...). (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p.209).

Alguns jogadores brancos, atendendo ao chamado da comunidade negra, postaram na internet publicações antirracistas. Entretanto, envolvido de corpo e alma com a causa, o então meio-campista do Flamengo, Everton Augusto de Barros Ribeiro, conhecido popularmente como Everton Ribeiro, não se limitou apenas a publicações protocolares. Por meio de suas redes sociais, o jogador começou a abordar de maneira crítica questões relacionadas com a discriminação racial. Em entrevista ao *GloboEsporte.com*, ele destacou a importância dos atletas de se posicionarem na luta antirracista:

*Temos voz para isso. Temos uma população que nos vê como exemplo. Temos a mídia para ser utilizada em grandes causas. Primeiro, temos que nos preparar e conhecer a causa que vamos abordar. É preciso se posicionar sabendo o que está falando e não só por estar em evidência. É aprender para ter argumentos.*⁴⁰²

O engajamento social de Everton Ribeiro não era de agora. O seu então companheiro de time, Diego Ribas da Cunha, o apresentou ao projeto do Grupo Cultural AfroReggae, que atua nas favelas do Rio de Janeiro. Com a série de manifestações antirracistas deflagradas no mundo a partir do epicentro localizado nos EUA, Everton concedeu espaço nas suas mídias digitais para que o coordenador do referido projeto, William Reis, pudesse promover debates com personalidades negras para discutir ações de combate ao racismo. Para Reis, o gesto do jogador foi de extrema importância para que mais pessoas se envolvessem em prol da causa negra:

⁴⁰² Everton Ribeiro sem filtro: na volta das entrevistas do Flamengo, capitão vai do futebol ao racismo, *GloboEsporte.com*, 10 de junho de 2020.

*Historicamente, as pessoas do esporte que se posicionaram a favor de uma luta que tivesse desigualdade sofreram represálias, e de forma alguma ele recuou. Ele tinha muito mais a perder do que ganhar. Mas o mundo é outro. Mesmo ele sendo uma pessoa branca, é importante, porque está dando a influência dele para que as pessoas negras tenham visibilidade e falem do racismo.*⁴⁰³

O gesto de Everton Ribeiro poderia ser retratado no argumento a seguir da psicanalista Maria Beatriz Costa Carvalho Vannuchi:

Somos todos, brasileiros, tanto brancos como negros ou de qualquer outra coloração, afetados [sem dúvidas, em proporções desiguais,] pelos crimes do passado e os atuais (...) (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p.67).

Em outras palavras, Ribeiro era um patriota. Não no sentido deturpado bolsonarista que pregava o ódio contra imigrantes e minorias sociais, mas sim no sentido de que como branco, membro de uma camada social elevada e, sobretudo, como jogador e representante de um time tão popular quanto o Flamengo (a maior torcida do Brasil)⁴⁰⁴ ele sabia da importância de se colocar a respeito de questões sociais, em especial sobre a luta antirracista:

*A gente tem que entender que temos privilégio. Entender que, entrar em um estabelecimento e não ser olhado com desconfiança é um privilégio. A partir daí, a gente pode direcionar o conhecimento para tentar ajudar. Usar a força da mídia que o futebol me dá, para usar a favor da luta contra o racismo.*⁴⁰⁵

⁴⁰³ Lives e visitas a favelas: como Everton Ribeiro se aproximou do AfroReggae e deu voz contra o racismo, Felipe Schmidt, GloboEsporte.com, 11 de junho de 2020.

⁴⁰⁴ Pesquisa mostra Flamengo e Corinthians como as maiores torcidas do Brasil; veja o ranking, GloboEsporte.com, 19 de julho de 2022.

⁴⁰⁵ Everton Ribeiro sobre o papel do branco na luta antirracista: “Tem que entender que temos privilégio”, GloboEsporte.com, 4 de julho de 2020.

De fato, cada vez mais os atletas se manifestavam contra o racismo. Entretanto, conforme Carvalho, a responsabilidade de se posicionar não deveria recair inteiramente sobre os ombros dos jogadores, já que estes seriam “a parte mais frágil do processo”. As federações, em especial a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e os clubes precisavam agir também.⁴⁰⁶ Antes, contudo, de entrarmos no mérito dos clubes e federações, é importante realizarmos a seguinte indagação: Será que os atletas ainda são “a parte mais frágil do processo?”.

A história, de um modo geral, nos conta que os jogadores, de acordo com a psicóloga, professora da Universidade de São Paulo (USP) e colunista da *Folha de S. Paulo*, Katia Rubio, “tinham corpos, mas não voz”, ou seja, possuíam uma projeção na sociedade, porém não participavam das decisões referentes ao esporte e muito menos das questões maiores relacionadas à sociedade. Entretanto, ao longo do tempo, esse panorama foi sendo alterado. Hoje em dia, ainda segundo Rubio, os atletas se tornaram o canal de comunicação para muitas mensagens, sejam elas não apenas de caráter comercial, mas também de caráter social e humanitário. Em vista disso, os jogadores deixavam para trás a percepção de serem uma parte isolada da sociedade e viravam porta-vozes de causas sociais.⁴⁰⁷ Na verdade, os atletas, principalmente os estadunidenses, deram ao mundo uma lição muito valiosa. Se isolados, os jogadores sofriam represálias e eram silenciados pelo sistema; unidos eles eram bem mais fortes do que qualquer entidade ou liga esportiva. Basta lembrarmos das ações que ocorreram depois da morte de George Floyd. Na NFL, a liga de futebol americano, por exemplo, apesar da norma que proibia qualquer manifestação política, da maioria dos donos das franquias apoiarem Donald Trump e do caso de Colin Kaepernick (visto no Capítulo 2); os jogadores se juntaram e, não apenas voltaram a se ajoelhar nos gramados na execução do hino nacional dos EUA em forma de protesto, como também realizaram diversas ações de cunho político-social que impactaram o resultado final da eleição presidencial de 2020. Já na NBA, os atletas por iniciativa própria paralisaram o andamento da temporada para protestar contra mais uma morte de um afro-estadunidense ocasionada pelas forças policiais.

⁴⁰⁶ Antirracismo no futebol: por que os atletas no Brasil não repetem o movimento das ligas americanas, por Dayana Natale, GloboEsporte.com, 20 de novembro de 2020.

⁴⁰⁷ A potência da voz dos atletas, por Katia Rubio, Folha de S. Paulo, 13 de junho de 2020.

E, para não ficar restrito apenas aos EUA, no futebol, os atletas do PSG e o Istanbul Basaksehir (como visto também no Capítulo 2) abandonaram o campo de jogo na Champions League após um ato racista cometido pelo quarto árbitro. A partir desses exemplos, portanto, era possível afirmar que se os atletas caminhassem na mesma direção, eles tinham o potencial de jogar luz e influenciar qualquer tema social, sem serem impedidos por qualquer entidade esportiva.

Não obstante o poder de moldar a sociedade que os jogadores possuíam, ainda sim, como bem cobrava Carvalho, era fundamental que equipes e entidades esportivas atuassem na luta antirracista. Ao que tudo indicava, pelo menos em um primeiro momento, ainda que de forma tímida, a gestão que comandava o futebol brasileiro buscava se engajar mais em pautas sociais. O ex-jogador e então vice-presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Mauro da Silva Gomes, conhecido apenas como Mauro Silva, para efeito ilustrativo, defendeu abertamente que os jogadores se manifestassem no combate ao preconceito racial. Para ele, em entrevista à *Folha de S. Paulo*,

*quando o atleta se posiciona, sem dúvida ele contribui. É o legado que pode deixar. Todos os atletas serem sensíveis a isso e fazerem a sociedade ser melhor é também o objetivo do esporte. Você tem um papel social que tem de cumprir.*⁴⁰⁸

Sim, não há dúvidas de que os atletas têm um papel social a desempenhar. Isso não exclui, porém, a necessidade dos órgãos esportivos de cumprirem o seu papel social também. Para se ter uma ideia, conforme um levantamento realizado pelo site *GloboEsporte.com*, em 2019, quase metade dos atletas negros que atuavam nas séries A, B e C do campeonato brasileiro sofreram com ataques racistas, sendo que 92,4% dos casos aconteceram dentro dos estádios.⁴⁰⁹ Já um estudo mais aprofundado, dirigido pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, em 2020, aponta que os casos de racismo cresceram um pouco mais de 50% em relação ao

⁴⁰⁸ Cartola com perfil de volante, Mauro Silva controla ansiedade de atletas, *Folha de S. Paulo*, 28 de julho de 2020.

⁴⁰⁹ Antirracismo no futebol: por que os atletas no Brasil não repetem o movimento das ligas americanas, por Dayana Natale, *GloboEsporte.com*, 20 de novembro de 2020.

ano de 2018. Dos 82 casos analisados pelo observatório, 38 foram direcionados para jogadores e oito fazem parte da torcida. E, pior ainda, apenas 10% dos casos analisados pela pesquisa sofreram algum tipo de punição.⁴¹⁰ Segundo Michel Wieviorka,

todos os países democráticos dispõem de um arsenal que permite um tratamento legislativo, regulamentar e judiciário do racismo, todos dispõem de recursos repressivos que permitem combater o fenômeno, ao menos em suas expressões mais flagrantes (2007,p.145).

Além do mais, continua o autor, os Estados também possuem a capacidade para implementar políticas que não visem apenas a proibir e punir ações discriminatórias, mas sim de “tomar o problema a peito e reduzir o impacto e a progressão” do racismo (2007,p.145). Por mais que Wieviorka falasse a respeito dos órgãos públicos estatais que regem a sociedade como um todo, podemos transportar o argumento acima para a esfera esportiva. Com efeito, a CBF e as demais federações que comandam o futebol brasileiro dispõem de um amplo “arsenal” para combater o preconceito racial. Entretanto, elas simplesmente não implementavam - pelo menos não em sua total capacidade - esse arsenal. Não adiantava nada, portanto, Mauro Silva dizer que os atletas têm um legado social a ser deixado, se na hora de agir, as entidades mantinham impunes as agressões racistas cometidas dentro do ambiente futebolístico. Já que, se por um lado, os jogadores tinham a capacidade de jogar o holofote sobre qualquer problema social; por outro lado, apenas as federações detinham o poder de punir os infratores. A falta de punição, aliás, para Carvalho, era um dos principais pontos para que casos de discriminação racial continuassem a ocorrer:

As pessoas não acreditam que vai haver punição e muitos não acabam nem denunciando. É preciso que

⁴¹⁰ Relatório mostra aumento de 52% nos casos de racismo no futebol brasileiro, mas só 10% são punidos, Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 20 de novembro de 2020. Disponível no link a seguir: <https://observatorioracialfutebol.com.br/relatorio-mostra-aumento-de-52-nos-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-mas-so-10-sao-punidos/>.

*a gente possa dar mais visibilidade aos casos e proteção às vítimas.*⁴¹¹

O esporte bretão era marcado pelo preconceito racial. Desse modo, segundo a pesquisadora sobre racismo no futebol, Roberta Pereira da Silva, era importante que os negros tivessem uma rede de apoio dentro do referido esporte.⁴¹² Se a CBF e as federações caminhavam a passos lentos para fornecer suporte aos jogadores; os times, por sua vez, agilizavam-se em serem mais firmes no combate à discriminação racial. Nas categorias de base do Corinthians, a título de ilustração, por conta da paralisação das atividades devido à pandemia da COVID-19, o Núcleo Educacional Social Psicológico (Nesp) do Departamento de Formação de Atletas das categorias sub-14, sub-15, sub-16 e sub-17 do time alvinegro paulista, escolheram a temática do racismo para discutir semanalmente com as suas jovens promessas. As conversas, que eram realizadas via aplicativo de mensagens, abordavam casos tanto do passado quanto do presente, e, além disso, tinham como objetivo valorizar os ídolos negros que passaram pelo clube.⁴¹³

Felizmente, o Corinthians não era apenas o único time a jogar em prol da causa negra. O Cruzeiro, no Dia da Consciência Negra, realizou uma campanha em parceria com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol com frases racistas riscadas em suas camisas.⁴¹⁴ Já o Fortaleza, ao invés do habitual número, colocou um alvo nas costas nas camisas dos seus jogadores afrodescendentes.⁴¹⁵ E o Santa Cruz, através das suas redes sociais, divulgou uma nota dizendo que parte do lucro dos produtos oficiais comercializados em suas lojas seria destinado às entidades que

⁴¹¹ Relatório mostra aumento de 52% nos casos de racismo no futebol brasileiro, mas só 10% são punidos, por Elton de Castro, 20 de novembro de 2020.

⁴¹² “Se tiver um branco e um negro, acusão um negro”, diz Marinho, em campanha contra o racismo, Aluísio Gonzaga, Elton de Castro, Gustavo Rotstein, Lucas de Senna e Thiago Gouveia, GloboEsporte.com, 5 de julho de 2020.

⁴¹³ Base do Corinthians estimula debate sobre racismo, e garoto “troca likes” com Casagrande, por Marcelo Braga, GloboEsporte.com, 22 de agosto de 2020.

⁴¹⁴ Dia da Consciência Negra: veja as manifestações dos clubes brasileiros nas redes sociais, GloboEsporte.com, 20 de novembro de 2020.

⁴¹⁵ Em campanha contra racismo, jogadores negros do Fortaleza usam camisa com “alvo”, GloboEsporte.com, 2 de dezembro de 2020.

lutam contra o racismo e a homofobia.⁴¹⁶ A seguir imagem da campanha antirracista do Fortaleza:



As ações não pararam por aí. Conforme uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2020, o Brasil atingiu o índice de maior número de pessoas mortas pelas mãos da polícia. Ao todo, das 6.416 mortes ocasionadas por agentes de segurança pública, 78,% eram vítimas negras.⁴¹⁸ Assim sendo, diante desta paisagem aterrorizante, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, em parceria com times, jogadores e personalidades afro-brasileiras se juntaram para promover a campanha #PoderiaSerEu, cujo objetivo era justamente conscientizar a população a respeito do assassinato constante de negros que vinham ocorrendo em solo brasileiro.⁴¹⁹ A seguir manifesto oficial da campanha #PoderiaSerEu:

⁴¹⁶ Campanha do Santa Cruz destina parte de recursos para combate ao racismo e homofobia, GloboEsporte.com, 12 de dezembro de 2020.

⁴¹⁷ Em campanha contra racismo, jogadores negros do Fortaleza usam camisa com “alvo”, GloboEsporte.com, 2 de dezembro de 2020.

⁴¹⁸ N° de mortos pela polícia em 2020 no Brasil bate recorde; 50 cidades concentram mais da metade dos óbitos, revela Anuário, Cíntia Acayaba e Thiago Reis, G1.com, 15 de julho de 2021. Disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/15/no-de-mortos-pela-policia-em-2020-no-brasil-bate-recorde-50-cidades-concentram-mais-da-metade-dos-obitos-revela-anuario.ghtml>.

⁴¹⁹ #PoderiaSerEu: jogadores participam de campanha que alerta para o genocídio de negros, Rafael Honório, GloboEsporte.com, 22 de junho de 2020.

A bala perdida que invariavelmente encontra um corpo negro poderia abreviar a minha vida, a vida de algum familiar meu, de algum amigo ou amiga, ou de qualquer pessoa que tem a pele preta. E nós estamos aqui para denunciar o genocídio da população negra. Nós estamos aqui para dizer que não queremos ter nossa vida interrompida. Que não queremos chorar a vida de quem se vai de forma inesperada e abrupta.

Não queremos mais ouvir que quem morreu estava no lugar errado na hora errada, que tinha antecedente, que foi um acidente ou um engano.

Vidas Negras Importam! Então, lembre-se: eu poderia não estar aqui se uma dessas balas que não são perdidas tivesse encontrado meu corpo.

Nunca esqueça que #PoderiaSerEu.⁴²⁰

Enquanto o movimento antirracista se intensificava no futebol brasileiro; por outro lado, a contracorrente racista insistia em dar as caras. Ataques e gestos discriminatórios tornavam-se mais comuns no cenário futebolístico do País. Uma das vítimas desse tipo de agressão foi o então atacante do Santos, Mário Sérgio Santos Costa, popularmente conhecido pelo apelido de Marinho. No jogo do campeonato estadual paulista, em 2020, entre Santos e Ponte Preta, o então jornalista da Rádio Energia 97 FM, Fabio Benedetti, ao comentar a expulsão de Marinho na partida disse que falaria as seguintes palavras de reprimenda ao jogador “você está na senzala”. A fala de Benedetti nos remete aos tempos da escravidão. Segundo a psicanalista, Maria Beatriz Carvalho Vannuchi, a servidão forçada da população negra brasileira, que durou oficialmente até 1888 - o Brasil foi a última nação a abolir a escravidão - acarretou políticas de desenraizamento, dessocialização e despersonalização dos escravos. Por mais que já se tenha passado mais de 100 anos desde o fim da escravatura e as leis não permitam mais a desumanização dos negros, “algo de

⁴²⁰ #PoderiaSerEu: jogadores participam de campanha que alerta para o genocídio de negros, Rafael Honório, GloboEsporte.com, 22 de junho de 2020.

estranho permanece projetado neles” (in KON, SILVA e ABUD,2017,p.64/65). Na verdade, de acordo com o pesquisador Ricardo Pinto dos Santos, o fim da abolição não proporcionou a tão sonhada ascensão social e econômica dos afro-brasileiros. Longe disso, a submissão e a deferência continuaram ditando as relações entre brancos e negros. Ou seja, os afrodescendentes haviam conquistado a liberdade, mas ainda não eram reconhecidos como cidadãos (2020,p.48/53). Em outros termos, a abolição da escravidão não significou o fim do racismo. Ao invés disso, a discriminação racial, como demonstrado na fala acima do jornalista, encontrava-se viva no imaginário e no cotidiano brasileiro. Mesmo assim, este ato racista não podia passar impune. Rapidamente, tanto a equipe de comunicação do time praiano, como também o próprio Marinho em suas redes sociais, publicaram postagens repudiando a conduta do jornalista. O atacante, em um vídeo gravado, aparece chorando e dizendo a seguinte mensagem:

(...) Quando acontece com a gente, a gente sente mais. E eu brigo toda hora. Por isso brigo pela causa, porque quando passamos na pele é horrível. E não podemos deixar isso passar. Eu sei quem eu sou, sei o valor que tenho. E aí, eu fico pensando, porque antigamente eu não tinha voz ativa, aí passavam despercebidas todas essas coisas (...). E a justiça não pune esses caras preconceituosos, vermes.⁴²¹

Posteriormente, no programa “Bem, Amigos!”, do SportTV, do grupo Rede Globo, o jogador voltou a falar sobre o racismo e de que como algumas pessoas tentam minimizar o tema:

Quando o Hamilton faz isso, o Lebron faz isso lá nos EUA, eles têm muito respeito. Se no Brasil você vai fazer é muito mimimi, “Nutella” [gíria que possui o significado de “frescura”], isso e aquilo. Mas eu vou defender a bandeira porque muita gente passa por isso e não tem voz ativa. Não ligo para o que vão falar de

⁴²¹ Santos se manifesta após fala de comentarista sobre Marinho: “Não basta não ser racista”, GloboEsporte.com, 31 de julho de 2020.

*mim. O importante é eu saber, olhar para o próximo, pessoas que passam por isso diariamente, sofrem com isso nos empregos e não podem falar, senão vão ser mandadas embora.*⁴²²

Mal sabia Marinho que, mais tarde, ele se encontraria novamente no meio de um comentário preconceituoso. A relação entre Brasil e Argentina no futebol pode ser definida em uma palavra: rivalidade. Seja em duelos de seleções, seja em disputas entre uma equipe brasileira e argentina, o que não faltam são ingredientes para apimentar essa rivalidade. De acordo com Ricardo Pinto dos Santos, “nada se compara a uma partida entre brasileiros e argentinos”. De fato, há rivalidade é tanta que em aproximadamente metade dos jogos entre as seleções de ambos os países houve confusão (2012,p.19). O problema, contudo, é quando a tradicional provocação futebolística entre brasileiros e argentinos dá lugar ao racismo. Segundo o professor e especialista em direito antidiscriminatório, Adilson José Moreira, o humor pode ser utilizado pelas pessoas racistas para hostilizar as minorias raciais sem perder a cordialidade e, desse modo, não aparecerem como racistas (2019,p.95/96). O confronto entre Boca Juniors e Santos pela Taça Libertadores de 2020 nos proporciona um exemplo. Travestido de tom de brincadeira, o então atacante da equipe argentina, Ramón Darío Ábila, ou apenas Ábila, comentou que trocou a camisa com Marinho ao final da partida, algo habitual no mundo do futebol, ironizando, porém, as denúncias de racismo:

*Troquei com Marinho, com o negro, porque o conheço. Bom, com o moreno, porque agora se você diz “negro”, te denunciam. É carinhosamente. Se quem diz “negro” sou eu, o que resta para os outros, não?.*⁴²³

Também de forma irônica, o jornal argentino *Diario Olé* publicou a declaração de Ábila com um *emoji* de risada, gerando críticas negativas no Brasil. Aliás, este mesmo periódico, devemos lembrar, já havia realizado uma capa bem preconceituosa

⁴²² Marinho cita Hamilton e Lebron e protesta contra racismo: “Muita gente ainda crítica” GloboEsporte.com, 28 de setembro de 2020.

⁴²³ Ábila, do Boca, ridiculariza denúncias de racismo ao relatar troca de camisas com Marinho, GloboEsporte.com, 10 de janeiro de 2021.

a respeito dos jogadores brasileiros. Em 1996, quando o time nacional estava prestes a enfrentar a Argentina, eles estamparam a seguinte manchete: “Que vengan los macacos” (“Que venha os macacos”).⁴²⁴ O *Olé*, no entanto, não seria o primeiro jornal argentino a cometer esse tipo de atrocidade. Em 1920, segundo o historiador Marcel Diego Tonini, após disputar o Campeonato Sul-Americano no Chile, ficando em terceiro lugar e sem contar com nenhum atleta negro, o Brasil viajou à Argentina para jogar um amistoso beneficente com a seleção local. A partida, por conta de uma chuva torrencial que acontecia em Buenos Aires, acabou sendo adiada. Entretanto, no dia do jogo, o diário *Crítica* publicou uma crônica intitulada: “*Monos em Buenos Aires: un saludo a los ‘ilustres hospedes’*” (“*Macacos em Buenos Aires: uma saudação aos ‘ilustres hóspedes’*”) (2016,p.80/81). De fato, no país portenho havia uma longa tradição de se dirigir aos brasileiros com ofensas racistas. De acordo com o jornalista e cronista, Mario Leite Rodrigues Filho, conhecido popularmente apenas como Mario Filho, a CBD (atualmente CBF), nas viagens para a Argentina – o jornalista em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* não revela precisamente o período – o Brasil levava apenas atletas brancos para evitar que os brasileiros fossem chamados de “macaquitos”: “Assim a torcida de Buenos Aires, que gostava de chamar os brasileiros de ‘macaquitos’, não podia nem abrir a boca. Não veria um preto (...)”. Importante ressaltar, todavia, que esta não era apenas uma peculiaridade, por assim dizer, argentina. Em Montevideu, capital do Uruguai, a torcida da casa também usava o mesmo termo pejorativo para ofender os jogadores afro-brasileiros (2010,p.145). A seguir imagens das publicações do jornal argentino *Diario Olé* e do diário *Crítica*:

⁴²⁴ Ábila, do Boca, ridiculariza denúncias de racismo ao relatar troca de camisas com Marinho, GloboEsporte.com, 10 de janeiro de 2021.

Os insultos racistas, todavia, não partiam apenas dos “*hermanos*” (apelido dado pelos brasileiros aos argentinos). Pelo contrário, jogadores brasileiros eram vítimas de preconceito de seus próprios compatriotas. Segundo Adilson José Moreira,

chamar uma pessoa negra de macaco significa emitir a mais perniciosa forma de ódio: é dizer que ela não pode ser vista como um ser humano. Uma sociedade que permite a circulação de discursos que negam a humanidade de um grupo de pessoas permite que eles possam ser discriminados, segregados e exterminados porque propaga a ideia de que eles não são merecedores de empatia (2019,p.171).

O discurso de ódio contra os atletas afro-brasileiros era disseminado por todo o País. Depois de marcar o segundo gol na vitória de 2x1 na partida do primeiro jogo da final do campeonato estadual do Paraná, sobre o maior rival, o Coritiba, o então atacante do Athletico-PR, Maycon Vinícius Ferreira da Cruz, conhecido popularmente pelo apelido de Nikão, foi alvo de ataques racistas nas suas redes sociais. Chamado de “macaco” por dois indivíduos, o atacante rebateu as agressões que sofreu:

É inacreditável e de uma mediocridade sem tamanho o tipo de coisa que leio a cada instante nas redes sociais. Nós, pretos, não somos julgados pelo nosso desempenho, mas pela cor da nossa pele (...).

(...) Se você não enxerga um problema aí, alguma coisa tá errada. Chega de ser julgado pela minha cor, pelo povo que eu represento. E é aquilo que o Mano Brown falou, depois que inventaram a desculpa, nunca mais morreu ninguém.⁴²⁷

A seguir imagem da publicação de Nikão mostrando os ataques racistas que recebeu:

⁴²⁷ Após gol e título, Nikão reage a agressão racista nas redes sociais: “Mediocridade sem tamanho”, Fernando Freire, 6 de agosto de 2020.



Jogadores não seriam os únicos alvos. O ex-árbitro e então comentarista da Rede Globo, Paulo César de Oliveira, também esteve na mira dos preconceituosos. No jogo do campeonato brasileiro, em 2020, entre Fluminense e Corinthians, que terminou em vitória de 2x1 para a equipe carioca, após opinar a favor da marcação de um pênalti para o Tricolor das Laranjeiras (como o Fluminense também é conhecido), Paulo César foi chamado de “macaco sem vergonha” nas redes sociais por um telespectador. Sem perder tempo, o ex-árbitro prestou queixa à polícia.⁴²⁹ A seguir imagem do ataque racista sofrido por Paulo César de Oliveira:

⁴²⁸ Imagem retirada do Instagram do jogador Nikão. Disponível no link a seguir: https://www.instagram.com/p/CDkA9UUpuzn/?utm_source=ig_embed&ig_rid=1e31a92e-c64f-4a2c-98c8-81e19f94289a.

⁴²⁹ Paulo César de Oliveira sofre injúrias raciais em rede social e registrará ocorrência: “Inaceitável”, GloboEsporte.com, 16 de setembro de 2020.



O caso que ganhou mais notoriedade, contudo, seria protagonizado pelo então meio-campista do Bahia, Juan Pablo Ramírez Velásquez, conhecido como Índio Ramírez, e o então meio-campista do Flamengo, Gerson Santos da Silva, conhecido popularmente apenas pelo seu primeiro nome. No jogo válido pelo campeonato brasileiro de 2020, no estádio Maracanã, durante uma discussão envolvendo vários atletas de ambas as equipes, Ramírez teria dito a seguinte frase para Gerson: “Cala a boca negro”. Por mais que o árbitro da partida, Flavio Rodrigues de Souza, tenha relatado o ocorrido em sua súmula, o então meia do Bahia não foi expulso. Após o

⁴³⁰ Paulo César de Oliveira sofre injúrias raciais em rede social e registrará ocorrência: “Inaceitável”, GloboEsporte.com, 16 de setembro de 2020.

término da disputa, o então atleta rubro-negro denunciou Ramirez pela sua conduta e a CBF solicitou à Procuradoria do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), que abrisse imediatamente uma investigação sobre o caso.⁴³¹

Tão grave quanto à suposta frase preconceituosa de Índio Ramírez, foi a atitude do então técnico do Bahia, Luiz Antônio Venker Menezes, conhecido popularmente como Mano Menezes, que, em resposta às acusações de Gerson, ainda dentro de campo, declarou que o jogador estava de “malandragem”.⁴³² No programa “Bem, Amigos!” do canal SporTV, do Grupo Globo, o jornalista e comentarista, Paulo César Vasconcellos, conhecido também pelo apelido de “PC”, criticou a postura do treinador:

Em nenhum momento ele [Mano Menezes] chega e diz: “É, houve isso”. Sempre coloca na condicionante. Ninguém vai relatar episódio de injúria racial sem ter acontecido. É similar a uma mulher quando denuncia estupro. Ela não vai inventar estupro. O que tivemos ontem foi aquele episódio em que todo mundo se diz não-racista. Mas aí vem o teste. A prova. E geralmente, na prova, o brasileiro é reprovado. Porque são nos atos, nas ações, nas palavras que você vai mostrar se você é um antirracista. Dizer é fácil, todo mundo diz há séculos. O Brasil tem essa ideia de que aqui foi uma democracia racial, e ainda em que para as novas gerações essa ideia não vai vigorar. O que vimos ontem no Maracanã foi um episódio lamentável de uma semana tristíssima, porque no meio da semana, não nos esqueçamos, o menino Luiz Eduardo, de 11 anos, foi vítima de injúria racial [o caso será abordado mais para frente]. A prática do racismo está se tornando cada vez mais comum. A

⁴³¹ CBF solicita ao STJD investigação sobre denúncia de racismo feita por Gerson, do Flamengo, GloboEsporte.com, 20 de dezembro de 2020.

⁴³² Flamengo promete apoiar Gérson na esfera criminal e levar caso ao STJD: “Temos que banir o racismo da nossa sociedade”, GloboEsporte.com, 20 de dezembro de 2020.

*única diferença em relação a épocas anteriores é que a resposta está sendo muito ativa.*⁴³³

De fato, na prova antirracista os brasileiros sempre falhavam. O argumento apresentado acima por “PC” pode ser ilustrado na pesquisa a seguir. Conforme um estudo realizado pelo jornal *Folha de S. Paulo* e pelo Instituto Datafolha, em 1995, 89% dos entrevistados diziam que o racismo existia no Brasil. Em contrapartida, apenas 10% afirmavam que conheciam pessoas que discriminavam ou que eles próprios teriam sido vítimas de preconceitos. Entretanto, esta não seria a contradição mais acentuada. Ao serem perguntados se não se importariam que seus filhos ou filhas se casassem com pessoas negras, boa parte demonstrou que não via com bons olhos o casamento interracial, isto é, entre pessoas brancas e negras (MUNANGA in KON, SILVA e ABUD, 2017p.34/35). Em vista disso, pode-se dizer que muitos brasileiros possuíam orgulho de ser um povo mestiço, até a mestiçagem bater na sua porta.

Voltando ao episódio de racismo envolvendo Gerson e Ramírez. A postura de Mano Menezes, todavia, seria vista com certa complacência por outros ex-jogadores, mais precisamente por Alexandre da Silva Mariano, conhecido popularmente como Amaral, e Marcos André Batista Santos, conhecido pelo apelido de Vampeta. Em entrevista à TV Gazeta, Vampeta comentou o caso do Gerson e mencionou uma conversa que teve com Amaral:

Esse final de semana eu estava em Sorocaba, em um evento com o Amaral, e a gente estava voltando no carro. Ele falava assim para mim: “Vampeta, está muito chato esse negócio na bola de qualquer coisinha [ser racismo]... Pô, você me chama de negão, de macaco, esses negócios assim”. Eu estava vendo o jogo, e o Gerson é meio esquentadinho com tudo. Ele joga muito, muito mesmo, merece uma oportunidade na

⁴³³ “Bem, Amigos” debate caso Gerson, e PC Vasconcellos cobra postura antirracista: “Dizer é fácil”, GloboEsporte.com, 21 de dezembro de 2020.

*Seleção, mas eu não vi, e sendo reprisado, para tanta...
Negro, não sei o quê, no calor do jogo.*⁴³⁴

Após a sua fala ser ponderada pelos jornalistas presentes no programa, Vampeta tentou se explicar, reforçando o fato de que não apoiava atos discriminatórios:

*Não estou defendendo essas causas, não, pelo amor de Deus. O cara chegar assim no restaurante: “Ôh, seu preto, me dá...”. Mas, no futebol, eu jogo bola no Vila Maria, e lá tem de tudo: coreano, boliviano... “Toca a bola, Bolívia. Alemão, toca a bola. Chinês...”. E aí? Em São Paulo, chamam a baianada de baiano, no Rio todo mundo é Paraíba. “Toca a bola, negão”. Pô...*⁴³⁵

Obviamente, nem Vampeta e Amaral pretendiam fazer qualquer apologia ao racismo. É importante, contudo, analisarmos o argumento acima apresentado por ambos. De fato, nos campos de futebol, especialmente nos de várzea (também conhecidos como “peladas”) os jogadores, principalmente os afrodescendentes eram “agraciados” com apelidos. Aliás, o que não faltava eram apelidos: Somália, Negrete, Fumaça e o tradicional “negão” eram comuns de serem escutados nas várzeas do Brasil.⁴³⁶ Entretanto, precisamos entender o que há por trás dessas alcunhas. Segundo Adilson Moreira, o racismo recreativo possui um caráter estratégico, pois encobre a hostilidade racial por meio do artifício do humor. Assim sendo, o racismo recreativo, ao colocar piadas discriminatórias como meras formas de humor e que, portanto, não expressam desprezo aos negros, referendam as diferenças de status entre os grupos raciais, propaga a falsa premissa da irrelevância do racismo no País e mantém os indivíduos que contam essas piadas como pessoas comprometidas com o tratamento racial igualitário (2019,p.149/150/151). Logo, os apelidos dados aos afrodescendentes nas “peladas”, nada mais era do que uma forma de expressão do

⁴³⁴ Torcida cobra Cruzeiro após postagem de Pottker sobre caso de injúria racial com Gerson, GloboEsporte.com, 21 de dezembro de 2020.

⁴³⁵ Torcida cobra Cruzeiro após postagem de Pottker sobre caso de injúria racial com Gerson, GloboEsporte.com, 21 de dezembro de 2020.

⁴³⁶ Grafite, Fumaça, Somália, Robinho como o racismo recreativo se propaga no esporte, Elton de Castro e Lucas de Senna, GloboEsporte.com, 12 de março de 2021.

racismo sem que os brancos perdessem o ar da cordialidade. Aliás, conforme pondera Munanga, o gesto “carinhoso” de receber o apelido nunca era retribuído, uma vez que não se escutava nenhum negro chamar o outro de “brancão”. Desse modo, o único jogador que não tinha nome próprio nos campos de várzea era o afro-brasileiro (in KON, SILVA e ABUD,2017,p.39/40).

Vampeta e Amaral, todavia, não eram os únicos a terem essa linha de raciocínio. Segundo o escritor e poeta, Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo Cuti, lembrar o sofrimento que traz o racismo dói tanto que motivou alguns negros a negarem, eles próprios, que o racismo existe e os atinge. Entretanto, para manter essa falsa consciência, eles terão sempre que elaborar um novo esforço psíquico de autoenganação (in KON, SILVA e ABUD,2017,p.206). Quem pretendia se enganar era o então atacante do Cruzeiro, William de Oliveira Pottker, ou apenas William Pottker. Em suas redes sociais, ele publicou a fala de Vampeta com um *emoji* de “palminhas”. Boa parte da torcida mineira, no entanto, ao ver a publicação, acabou reprovando a postura de Pottker. Muitos, inclusive, chegaram a pedir o afastamento do atacante à diretoria. Na tentativa de amenizar o caso, a Raposa (como é conhecido o Cruzeiro), por meio de suas mídias digitais, realizou uma postagem antirracista. Porém, era tarde demais. A torcida pedia uma postura mais rígida do clube em relação ao atleta.⁴³⁷

Além de William Pottker, o técnico multicampeão, Vanderlei Luxemburgo da Silva, também possuía visão semelhante. Para ele, em entrevista ao jornal *Estado de S. Paulo*, o ato de Ramírez contra Gerson nada mais era do que uma tentativa de desestabilizar o adversário, algo que supostamente fazia parte da cultura do futebol:

Eu discuto muito no futebol, que é a minha área. Acho que os atos de racismo no futebol são provocados e eu achava que deveriam ser deixados de lado. Dão muito prestígio, muito moral à maneira como se trata o racismo no futebol. Nada mais é do que uma bobagem, ao meu ver. Aquilo, sim, que o cara fez é racismo puro.

⁴³⁷ Torcida cobra Cruzeiro após postagem de Pottker sobre caso de injúria racial com Gerson, GloboEsporte.com, 21 de dezembro de 2020.

*Mas no futebol o cara brincar com o outro, gozar o outro para desestabilizar o camarada, dizer que aquilo ali é ato de racismo, não sei. Mas é uma discussão longa.*⁴³⁸

Desestabilizar o adversário fazia parte do jogo. Racismo não. Uma parte significativa da sociedade brasileira, contudo, caracterizada acima pela fala de Luxemburgo, ainda considera “ofensas raciais como ‘piadas’, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial” (ALMEIDA,2019,p.76). Segundo Moreira, por serem compreendidos como uma mera expressão do humor, muitos atos discriminatórios acabam adquirindo um caráter benigno. Várias decisões judiciais, aliás, se sustentaram neste argumento para impedir que ações claramente preconceituosas fossem punidas. Logo, muitas empresas para se defenderem de acusações de discriminação, afirmam que “os incidentes em questão são apenas brincadeiras que não podem ser interpretadas como ofensa à honra pessoal” (2019,p.118/119). Com este tipo de pensamento imperando, de certa maneira, na sociedade, não é surpreendente, como vimos mais acima, que boa parte dos casos de racismo que aconteceram dentro da esfera do futebol não sofressem qualquer tipo de punição por parte dos órgãos reguladores do esporte.

A atitude do Bahia, porém, não seria nada complacente com o preconceito racial. Longe disso, a equipe baiana já contava com um núcleo de ações afirmativas cujo intuito era justamente promover bandeiras de causas sociais. Dentre os projetos do Esquadrão de Aço (como o Bahia foi apelidado pela sua torcida), podemos citar o “Não tem jogo sem demarcação”: campanha que homenageava os povos indígenas e pedia o reconhecimento de suas terras; “Levante Bandeira”: campanha LGBTQIA+ que lutava contra a homofobia; “Me Deixe Torcer”: campanha contra os casos de machismo e assédio dentro dos estádios; e “Consciência Negra”: campanha contra o racismo, na qual o time homenageou 20 personalidades negras em suas camisas no mês da consciência negra (novembro).⁴³⁹ Assim sendo, o Bahia não agiria fora dos

⁴³⁸ Luxemburgo questiona o que é racismo no futebol: ‘Atos são provocados, achava que deveriam ser deixados de lado’, ESPN.com, 4 de junho de 2020.

⁴³⁹ Bahia mostra através de frequente ações sociais que não é só futebol; lembre, por Thatiane Marques, torcedores.com, 21 de outubro de 2019. Disponível no link:

seus princípios no caso Gerson. O clube, por meio de uma nota oficial, divulgou que Ramírez havia negado veementemente as acusações, no entanto, afastou o jogador mesmo assim, até o término das apurações, e destacou que, em casos desta natureza, “é indispensável, imprescindível e fundamental que a voz da vítima seja preponderante”.⁴⁴⁰ Posteriormente, o juiz da 36ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Marcel Laguna Duque Estrada, determinou o arquivamento do inquérito policial do caso.⁴⁴¹ Porém, o episódio não havia acabado. Gerson sabia que estava mais do que na hora de atuar no time antirracista. O jogador procurou o seu staff pessoal para encontrar uma maneira de usar a sua imagem para combater a desigualdade racial. Assim como o seu então companheiro de equipe, Everton Ribeiro, ele pretendia disponibilizar as suas redes sociais para que artistas negros prestassem depoimentos dos casos de racismo pelos quais já passaram.⁴⁴²

Entretanto, se quem encontrava-se constantemente sob as luzes dos holofotes da grande mídia sofriam com a discriminação racial; imagina aqueles que viviam na sombra do anonimato. De acordo com Kabengele Munanga,

o racismo é um fenômeno presente em diversas sociedades contemporâneas, latente na cultura, nas instituições e no cotidiano das relações entre seres humanos. No entanto, há pessoas que não o enxergam ou preferem não vê-lo (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p.33).

Sim, o preconceito era algo presente no cotidiano de muitos. Os jogadores do sub-23 do Paysandu. George do Nascimento, conhecido pelo apelido de George Pitbull, e Valdemir da Silva, mais conhecido pelo apelido de Debu, não apenas enxergavam o racismo, como o sentiam na pele. Durante o trajeto na volta de um

<https://www.torcedores.com/noticias/2019/10/bahia-mostra-atraves-de-frequentes-aco-es-sociais-que-nao-e-so-futebol-relembre>.

⁴⁴⁰ Bahia afasta Ramírez e diz que voz da vítima é preponderante em casos de racismo, GloboEsporte.com, 21 de dezembro de 2020.

⁴⁴¹ Ministério Público pede, e juiz decide arquivar inquérito de racismo de Ramírez, do Bahia, Raphael Zarko, GloboEsporte.com, 9 de abril de 2021.

⁴⁴² Mensagem de Neymar e projetos para combater o racismo: Gerson quer ser voz além de inquérito policial, Cahê Mota, GloboEsporte.com, 22 de dezembro de 2020.

treino de ônibus, uma viatura da polícia interpelou o veículo público e obrigou os dois jovens a descerem para serem revistados. Conforme George, em entrevista ao *GloboEsporte* do Pará, um dos policiais lhe revelou que a abordagem foi realizada por conta de uma denúncia anônima de uma mulher que estaria no transporte coletivo com eles. Entretanto, esta não era a primeira vez que isso teria acontecido com o jogador. Longe disso, era algo quase que habitual:

*Não foi a primeira vez que isso me aconteceu, mas, graças a Deus, eu sempre me mantive bem calmo durante essas situações. Também não devo nada, então não tenho porque ficar nervoso ou algo desse tipo, mas é uma sensação de humilhação, que te faz ficar com muita vergonha. As pessoas te olharem diferente, te julgarem pela aparência, pela cor que você é.*⁴⁴³

Por mais que fosse algo recorrente na vida de George, o atleta sabia que esse tipo de episódio deveria cessar. Não à toa, ainda em entrevista ao referido programa esportivo, ele não deixou de externar a sua indignação:

*Atualmente a gente vem mostrando muito sobre racismo na televisão, nas redes sociais. Mesmo assim as coisas não mudam, mesmo assim aumentam os casos de racismo no futebol, no trânsito, em qualquer lugar que seja. A minha visão é que as autoridades, as forças maiores, tinham que se pronunciar sobre isso, ter uma pena que seja cumprida, porque já existe [pena], mas a gente vê muita coisa acontecer e ninguém é penalizado, não acontece nada. A gente discute, comenta, mas passam um ou dois dias e tudo “volta ao normal” de novo e ninguém é penalizado.*⁴⁴⁴

⁴⁴³ Volante do Paysandu denuncia racismo na saída de treino e desabafa: “Dá uma certa revolta”, por Pedro Cruz e Bruno Amâncio, *GloboEsporte.com*, 28 de outubro de 2020.

⁴⁴⁴ Volante do Paysandu denuncia racismo na saída de treino e desabafa: “Dá uma certa revolta”, por Pedro Cruz e Bruno Amâncio, *GloboEsporte.com*, 28 de outubro de 2020.

Este não seria um acontecimento isolado, e sim o oposto, o que não faltava eram episódios de racismo nas categorias de base de futebol Brasil afora. O caso que mais chocou o País, todavia, aconteceu no município de Caldas Novas, no interior de Goiás. Em um vídeo que circulou pela internet, após um jogo da categoria sub-11 entre Uberlândia Academy e Instituto S.E.T., o jogador do primeiro time, Luiz Eduardo, de apenas 11 anos de idade, aparece sentado no gramado aos prantos. Em meio às lágrimas que escorriam do seu rosto, o garoto contava do ataque racista que havia sido vítima: “O cara falava assim: [sic] ‘Fecha o preto aí, ó! Aí eu aguardei para falar no final com os pais. Falou um ‘tantão’ de vezes”. Segundo Moreira, vítimas de mensagens depreciativas raciais sofrem danos psicológicos significativos e também físicos. No momento em que a pessoa está recebendo os ataques, a sua pressão sanguínea aumenta, o seu padrão de respiração muda e ela pode desenvolver comportamentos agressivos. Além disso, há consequências de danos posteriores, tais como, baixa autoestima, diminuição da aspiração pessoal e comportamentos depressivos (2019,p.173). Não à toa, o garoto encontrava-se aos prantos no gramado. Por sorte, ele não estava desamparado. Além do vídeo, nas redes sociais, o time de Uberlândia também publicou uma nota de repúdio sobre o ocorrido e informou que registrou um Boletim de Ocorrência (BO) na Polícia Militar. O treinador do Instituto S.E.T., Lázaro Caiana de Oliveira, acusado de cometer as agressões verbais, negou veemente as acusações e também publicou um vídeo nas mídias digitais com a sua família para se defender.⁴⁴⁵

Mais do que abordagens policiais rotineiras e ofensas verbais, o racismo revelava-se para os negros em todos os meios. Na verdade, as estruturas hierárquicas do futebol imitavam as estruturas de poder na sociedade. De acordo com Wieviorka, por mais que nas instituições o racismo esteja desqualificado politicamente, interdito por lei e desacreditado aos olhos da classe científica, caso não haja ações para promover os negros, estes continuarão ocupando, em sua grande maioria, postos subalternos economicamente e politicamente, e continuarão sofrendo as discriminações em relação à moradia e educação (1998,p.32). No esporte bretão não seria diferente. Para Silvio Almeida, em entrevista ao podcast “Ubuntu

⁴⁴⁵ ‘Fecha o preto aí, ó!’: garoto de MG diz em vídeo que sofreu injúria racial em jogo entre escolinhas em Goiás, GloboEsporte.com, 18 de dezembro de 2020.

Esporte Clube”, do site *GloboEsporte.com*, se por um lado, os negros eram reverenciados pelas conquistas e pelos talentos que demonstraram dentro de campo; por outro lado, fora dele, nos cargos de confiança e de administração, a presença negra era rara - para não dizer inexistente:

*(...) o futebol vai reproduzir essa lógica. No futebol você tem essa divisão social, racial do trabalho. Os negros são aqueles que estão no campo, aqueles que estão na quadra. Eles são aqueles que vão oferecer o espetáculo do ponto de vista da sua composição. Entretanto, não serão essas mesmas pessoas que vão dirigir. Não são essas mesmas pessoas que vão cuidar da organização.*⁴⁴⁶

De fato, o futebol reproduzia essa lógica. E não era apenas nos cargos administrativos. Dentro das quatro linhas, segundo Vieira, nas posições que exigiam características como liderança, inteligência, controle emocional e habilidade para tomar decisões sob pressão, eram escolhidos majoritariamente jogadores brancos. Já em compensação, naquelas outras posições em que eram requeridas características de força, velocidade, alta emotividade e bons instintos eram preferidos os jogadores negros (2017,p.25). Além do mais, uma das posições que por muito tempo ficou renegada aos afro-brasileiros era a de goleiro. Tudo começou na Copa do Mundo de 1950, na derrota amarga para o Uruguai em pleno Maracanã lotado que custaria o título mundial para a seleção brasileira. A partida foi apelidada de “Maracanaço” (junção da palavra Maracanã com fracasso) e a derrota recaiu, de maneira injusta, quase que por completo nos ombros do então goleiro Moacyr Barbosa Nascimento, conhecido apenas como Barbosa. Conforme a análise dos críticos da época, o goleiro teria falhado no segundo gol dos uruguaiois – quando o jogo estava empatado por 1 a 1. De lá para cá, perdurou o estigma de que todo goleiro negro na hora decisiva falha. Para se ter uma ideia, o humorista, Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho, conhecido popularmente como Chico Anysio, ao comentar sobre a titularidade de Nelson de Jesus da Silva, conhecido no mundo do futebol pelo

⁴⁴⁶ Ubuntu Esporte Clube: filósofo Silvio de Almeida debate o racismo estrutural no futebol, *GloboEsporte.com*, 5 de agosto de 2020.

apelido de Dida, no gol do Brasil na Copa do Mundo de 2006, afirmou que não tinha confiança em goleiro afro-brasileiro: “O último foi Barbosa, de triste memória da seleção brasileira”. Curiosamente, Chico Anysio era vascaíno, time pelo qual Barbosa jogou e fez parte de uma das gerações cruzmaltina mais vitoriosas de todos os tempos, o famoso “Expresso da Vitória”, que brilhou nos gramados nas décadas de 1940 e 1950. Outro que também mantinha vivo no imaginário esse estigma era o ex-jogador, Edílson da Silva Ferreira, conhecido popularmente pelo apelido de Edílson Capetinha. Ao falar sobre o então goleiro do Palmeiras, Jaílson Marcelino dos Santos, ou então apenas Jaílson, ele disse que goleiros negros eram mais propensos a falhar.

447

Fora de campo, mais precisamente na função de técnico, os afro-brasileiros também não eram bem-quistos. Quando o Flamengo contratou o técnico português, Jorge Fernando Pinheiro de Jesus, conhecido mais apenas como Jorge Jesus, e depois da sua passagem brilhante pelo rubro-negro carioca, conquistando uma Copa Libertadores e um Campeonato Brasileiro no mesmo ano - algo então inédito - a pauta da grande imprensa era que os treinadores estrangeiros deveriam ter mais oportunidade no futebol brasileiro. Curiosamente, no entanto, em nenhum momento, pelo menos não da maneira como abordaram a questão do técnico estrangeiro, os grandes meios de comunicação esportivos debateram a falta de oportunidades concedidas aos treinadores negros. Conforme um levantamento realizado pelo jornalista e comentarista Paulo Vinícius Coelho, conhecido pelas suas iniciais “PVC”, dos 12 times mais tradicionais do Brasil, apenas três, Vasco, Botafogo e Cruzeiro, tiveram maior número de técnicos negros do que estrangeiros. A título de ilustração, Celso Juarez Roth, ou apenas Celso Roth, que conquistou a primeira Copa Libertadores pelo Internacional, foi um dos três técnicos negros que o Colorado teve até então em toda a sua história; em contrapartida, o clube gaúcho já teve 14 estrangeiros. Se olharmos para as agremiações paulistas, o cenário se mostrava igual: Corinthians e Santos foram as equipes que mais deram oportunidades para treinadores negros, 8 para o Timão e 6 para o time praiano; por outro lado, Palmeiras

⁴⁴⁷ Estigma racista do goleiro negro persiste desde a derrota na Copa de 1950, Bruno Rodrigues, Folha de S. Paulo, 16 de julho de 2020.

e São Paulo deixam a desejar neste quesito, enquanto o Alverde concedeu 3 oportunidades, o Tricolor deu apenas 2.⁴⁴⁸

No mundo futebolístico, para o sociólogo José Jairo Vieira, a condição de ter sido um jogador de sucesso facilitava a ascensão do ex-atleta para o cargo de técnico. Entretanto, isso não se refletia para os afro-brasileiros, uma vez que a quantidade de treinadores negros era muito pequena em comparação com os atletas afrodescendentes de sucesso. Assim sendo, não havia dúvidas que existia algum tipo de obstáculo discriminatório que restringia a promoção de negros para este cargo de comando (2017,p.116). De fato, para efeito ilustrativo deste argumento, em 2019, havia apenas dois técnicos afro-brasileiros em todo o Campeonato Brasileiro: Roger Machado Marques, então comandante do Bahia, e Marcos Aurélio de Oliveira, conhecido popularmente como Marcão, então interino que foi efetivado pelo Fluminense. Antes de se enfrentarem, tanto Roger quanto Marcão, em entrevista à revista *Lance!*, fizeram questão de enfatizar os muros raciais que ainda são erguidos no futebol aos negros. Marcão disse que estudou e se capacitou para ser treinador e teve como influência os técnicos que teve ao longo de sua carreira como jogador:

(...) Só tive boas referências na minha carreira. E acho que minha experiência de jogador ajuda bastante nisso, mas o futebol se renovou. Evoluiu para outros conceitos. Outro dia vi uma palestra do Marcelo Bielsa onde ele falou que existem mais de 100 táticas de jogo para aplicar. Fui estudar. Me qualificar. Me aprofundar nisso. Trabalhar ao lado de treinadores renomados e promissores me deu mais conhecimento. E em nenhum momento sofri preconceito por isso. Pelo contrário, só recebi incentivos e elogios com os profissionais que trabalhei. Espero que essa chance que o Fluminense me deu, seja duradoura o suficiente para provar que o comando técnico de um time não dependa

⁴⁴⁸ Xenófobo ou racista? Paulo Vinícius Coelho, Folha de S. Paulo, 12 de junho de 2020.

*de cor, mas sim de competência e preparação do profissional.*⁴⁴⁹

Roger, por sua vez, afirmou que, dentro de campo, o esporte bretão é um dos espaços mais democráticos que há. Entretanto, fora dos gramados, há questões que precisam ser revistas e reformuladas:

*O fato de sermos negros não deveria ser relevante diante dos desafios que temos. A cor da pele não poderia balizar o conhecimento de ninguém. Sigo acreditando que dentro do campo de jogo, o futebol é o esporte mais democrático e inclusivo que conheço, entretanto, fora das quatro linhas há muito o que ser debatido e resolvido. Eu, Marcão e muitos outros, estamos no mercado não como excludentes e sim como agregadores de conteúdo e valor.*⁴⁵⁰

Marcão e Roger, de fato, eram dois agregadores, no entanto, as estruturas futebolísticas eram excludentes, especialmente para os negros. Um exemplo que ilustra perfeitamente isto é o do ex-jogador e ídolo do Flamengo, Jorge Luís Andrade da Silva, conhecido mais apenas como Andrade. Em 2009, o rubro-negro encontrava-se em crise. Comandado pelo então treinador Alexi Stival, conhecido pelo apelido de Cuca, a crítica esportiva apontava que as chances de título dos cariocas eram quase nulas e que o time brigaria para não cair. Depois de um empate sofrível dentro do Maracanã contra o Barueri por 1 a 1, Cuca foi mandado embora. Sem rumo, a diretoria rubro-negra colocou Andrade para comandar o time por um momento. Após dois jogos à frente da equipe, veio a surpresa, ele seria efetivado como treinador. E o improvável aconteceu. Em uma das arrancadas mais inesperadas de toda a história do campeonato brasileiro, o Flamengo conquistou o título e Andrade se tornava o primeiro técnico negro a levantar a taça do Campeonato Brasileiro. A alegria do ídolo flamenguista à frente do time, contudo, duraria pouco. Segundo o psicanalista Frantz Fanon, o afrodescendente quando ocupa uma posição de comando não pode cometer

⁴⁴⁹ Com os dois únicos técnicos negros da Série A, Fluminense e Bahia se enfrentam, neste sábado, no Maraca, por Gabriel Rodrigues, Lance!, 12 de outubro de 2019.

⁴⁵⁰ Com os dois únicos técnicos negros da Série A, Fluminense e Bahia se enfrentam, neste sábado, no Maraca, por Gabriel Rodrigues, Lance!, 12 de outubro de 2019.

nenhum deslize, senão ele e os demais membros da comunidade negra são condenados. Fanon, a título de ilustração, cita a profissão de médico:

(...) Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito (...) (2008,p.109).

Assim como o médico, o técnico negro também não poderia errar. E, não foi diferente com Andrade. Logo no começo da temporada seguinte, com uma combinação de maus resultados e uma nova crise interna, ele seria demitido e, desde então, misteriosamente, não encontraria espaço em nenhum clube de ponta.⁴⁵¹ O ídolo rubro-negro não era o único a sofrer com o preconceito racial. Na verdade, os males do racismo sempre estiveram presentes na história do futebol brasileiro. Nos primórdios do esporte bretão no País, o treinador Gentil Alves Cardoso se destacava pelos seus métodos diferenciados. Quando treinava o pequeno time carioca do Bonsucesso, como se fosse um professor, ele colocava os jogadores sentados nas cadeiras em uma espécie de sala de aula e desenhava no quadro negro as táticas que seriam utilizadas pela equipe no jogo. Para Mario Filho, Cardoso era um revolucionário para o seu tempo: “nunca se vira nada parecido: um treinador ensinando futebol, como se futebol fosse coisa que se ensinasse” (2010,p.190). Não à toa, de acordo com Vieira, ele se tornaria o primeiro técnico negro a assumir o comando da seleção brasileira. Entretanto, não tardou muito para a discriminação racial dar as caras. Pouco antes de começar o mundial de 1958, de maneira repentina, ele foi substituído pelo então comandante do São Paulo Futebol Clube, Vicente Ítalo Feola. Nas palavras do historiador estadunidense, Robert M. Levine:

Gentil Cardoso, conhecido como Moço Preto, foi um dos poucos atletas negros que, perto do fim de sua

⁴⁵¹ Há 10 anos Andrade assumia o Flamengo rumo ao hexa: “Diziam que íamos brigar para não cair”, Gustavo Garcia, GloboEsporte.com, 23 de julho de 2019.

vida, publicamente, apontou o preconceito racial como impedimento em sua carreira futebolística, e que continuou como treinador depois de se aposentar como jogador (LEVINE,1982,p.33 in VIEIRA,2017,p.77).

(...) Mas quando foi substituído, no último momento, como dirigente da Copa do Mundo de 1978 por [Vicente] Feola, técnico do São Paulo Futebol Clube, Cardoso queixou-se amargamente, dizendo que a “discriminação baseada na raça (no Brasil) é um fato escondido pela hipocrisia” (LEVINE,1982,p.34 in VIEIRA,2017,p.77/78).

Se antes, recorrendo às palavras de Cardoso, a discriminação racial escondia-se atrás da máscara da hipocrisia; agora no contexto de 2020, ao que tudo indicava, ela não fazia mais questão de usar máscara nenhuma para aparecer. Roger Machado, desta vez como treinador do Grêmio, se depararia frente a frente com as garras do ódio. No jogo disputado pelo Campeonato Brasileiro da Série B, em 2022, contra o Operário-PR, em Ponta Grossa, Paraná, ele foi alvo de insultos racistas da torcida rival. Para agravar ainda mais o episódio, durante as ofensas disparadas pelos torcedores do Operário, os nomes de sua filha e esposa foram mencionados.⁴⁵² Na entrevista coletiva depois da partida, Roger denunciou o ocorrido e ressaltou o racismo estrutural que ainda rege a sociedade brasileira. A barbárie, contudo, não acabaria por aí. Ao comentar as falas do então comandante do Tricolor Gaúcho (como o Grêmio também é conhecido), o então jornalista da Rádio Gaúcha, Adroaldo Guerra Filho, conhecido mais pelo seu apelido de “Guerrinha”, afirmou que ele deveria “ficar quieto sobre as falas dele” e que “se não tem técnico ou dirigente negro é por causa da competência”. Por fim, acrescentou a sua arguição a seguinte frase: “Que tem muito cara chato, mas tem preto que tem alma mais branca que a minha”.⁴⁵³ Diante deste cenário, não restava dúvidas de que o racismo manifestava-se cada vez mais

⁴⁵² Grêmio: Roger devolve xingamentos à torcida após ofensas à esposa e filha, Uol.com.br, 27 de abril de 2022.

⁴⁵³ Jornalista faz comentários racistas após entrevista de Roger Machado, Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 26 de agosto de 2022. Disponível no link a seguir: <https://observatorioracialfutebol.com.br/jornalista-faz-comentarios-racistas-apos-entrevista-de-roger-machado/>.

de forma direta e Roger, em entrevista a agência de notícias Agence France-Presse (AFP), em sua concepção, tinha bem nítido quem era o responsável por isso:

Os indivíduos [racistas] que estavam escondidos [porque a sociedade os reprimia] se sentem autorizados a se manifestar segundo as posturas e ponto de vista do líder da nação [Bolsonaro, porque estes] são convergentes. Temos que resistir, porque a sua intenção é que retrocedamos, e isso não podemos permitir.⁴⁵⁴

Resistir ao passado. Foi isso que a comunidade afro-brasileira e os setores progressistas e democráticos da sociedade fizeram ao longo de quatro anos de presidência de Jair Bolsonaro. Claramente, o ex-militar no poder simbolizava o retrocesso. Mais precisamente, ele buscava fazer o País caminhar para trás na época – considerada por ele como gloriosa – da ditadura militar. Não à toa, quando o término do seu mandato se aproximava, juntamente com a nova eleição presidencial que estava por vir, desde a redemocratização da nação, a ideia de um novo golpe militar nunca esteve tão perto de ser concretizada. Brasil afora, como visto anteriormente, as ruas das grandes cidades se transformaram em campos de batalha ideológicos. De um lado, os apoiadores fiéis e fervorosos de Bolsonaro mostravam-se dispostos a sacrificar tudo pelo seu líder, inclusive a liberdade. Por outro lado, os setores progressistas e democráticos viam-se obrigados a enfrentar de peito aberto as ameaças do capitão.

Assim sendo, ao contrário do que vimos em outros países, nos quais os atos tiveram como pauta única a luta contra o racismo, no Brasil, por conta deste contexto político, o carro-chefe das manifestações acabou sendo a manutenção da democracia e, por conseguinte, a pauta antirracista foi sendo incorporada. Na verdade, é inimaginável pensar em uma sociedade democrática sem que a luta contra o preconceito racial esteja presente, ainda mais em uma nação como a brasileira em

⁴⁵⁴ AFP: “Com Bolsonaro há uma autorização para o racismo”, diz Roger Machado, por Rodrigo Almonacid. Publicado na Folha de S. Paulo, 28 de abril de 2022.

que há um enorme abismo social e racial a ser resolvido. De acordo com as autoras Marcia Campos Eurico e Rachel Gouveia Passos,

Para o avanço da luta antirracista é fundamental que a apreensão das relações étnico-raciais seja pautada nos espaços das diversas políticas sociais e nas interações cotidianas. A educação para as relações étnico-raciais e as ações, o combate ao preconceito e à discriminação étnico-racial, bem como a responsabilização das instituições e sujeitos pela prática do crime de racismo, são pilares da luta democrática” (2022,p.134).⁴⁵⁵

Com Bolsonaro no poder, no entanto, os pilares da democracia estavam sendo abalados. Historicamente, verdade seja dita, os negros encontravam-se constantemente sob a mira do aparato repressivo do Estado. Entretanto, com o ex-militar no poder, como vimos anteriormente nas palavras de Ilona Szabó de Carvalho, os policiais tinha uma “licença para matar”. Para tornar a paisagem ainda mais sombria à comunidade negra, além do agravamento da violência, programas de assistência pública que visavam a ascensão social dos negros eram desmantelados em nome da meritocracia, esta encarnada no movimento bolsonarista “Minha Cor é o Brasil”, cujas finalidades eram relativizar ou negar a existência de racismo no País e manter os afro-brasileiros nos postos subalternos da sociedade. Dessa maneira, a soma da violência com o desmantelamento de políticas públicas e mais as falas discriminatórias do então mandatário, autorizava, conforme argumentou Roger acima, os racistas a destilarem o seu veneno publicamente, sem temer as consequências de seus atos. E, de fato, eles fizeram isso. Ao longo do capítulo, pudemos constatar que o racismo não poupou ninguém: atletas de elite a desconhecidos; categorias de base aos principais torneios nacionais; jogadores e juízes, todos, de uma maneira ou de outra, sofreram as dores do preconceito racial. Por isso, os atletas brasileiros, conforme colocado pelo manifesto oficial do movimento *Esporte pela Democracia*, não podiam ficar em silêncio

⁴⁵⁵ EURICO, Marcia Campos; PASSOS, Rachel Gouveia. Artigo: Democracia e Lutas Antirracistas. Publicado em Revista Em Pauta (revista da URJ), 6 de junho de 2022.

*(...) diante daquilo que testemunhamos. Precisamos colocar aqui a nossa voz e a nossa indignação, como cidadãos, convocando o legado de honestidade e bravura do esporte em nome do país que queremos e merecemos como Nação: um Brasil justo, igualitário, progressista e, acima de tudo, pactuado com a democracia e o respeito absoluto por TODAS as vidas.*⁴⁵⁶

Assim como nos EUA, no Brasil, emergia um grupo de atletas que, indo além das suas performances dentro do esporte, estavam dispostos a usarem as suas vozes para lutar pela democracia e por uma sociedade racialmente mais justa. Pois, afinal de contas, para ser um “cidadão de bem” é preciso ser antirracista.

⁴⁵⁶ Manifesto oficial do movimento Esporte pela Democracia. Disponível no link a seguir: <https://esportepelademocracia.com/wp/>.

Conclusão

Punhos Erguidos

Dia 20 de abril de 2021. As ruas das cidades dos Estados Unidos estavam novamente tomadas por multidões. Lojas e empresas de grandes metrópoles, tais como, Los Angeles, Indianápolis e Nova York protegiam as suas fachadas com tábuas de madeira. As tropas da Guarda Nacional estavam em prontidão para agir novamente.⁴⁵⁷ Por mais que pareça, o cenário não era de guerra. Longe disso, novos tempos estavam chegando.

Cercado por arames farpados e vigiado pela Guarda Nacional, os olhos dos estadunidenses estavam voltados para o Tribunal Distrital de Saint Paul, em Minnesota. Lá dentro, sentado em uma das cadeiras do tribunal e vestindo macacão laranja, encontrava-se o pivô da revolta que abalou o mundo: o ex-policial Derek Chauvin, responsável pela morte brutal de George Floyd. Após horas de julgamento, os militantes antirracistas dos EUA e - por que não dizer o mundo – se encheram de alegria. Capturado pelas lentes das câmeras de televisão e transmitido ao vivo em rede nacional, o juiz Peter A. Cahil lia o veredito do julgamento de Chauvin. Não podia ser diferente. A justiça havia sido feita. Culpado: essa era a sentença que recai sobre os ombros do ex-policial.⁴⁵⁸ As pessoas vibravam. Uma mulher, que acompanha a transmissão do julgamento na loja de conveniências onde Floyd realizou a sua última compra, ao ouvir o veredito gritava com lágrimas caindo do seu rosto: “We matter, we matter” (“Nós importamos, nós importamos”). Em alguns bairros de Minneapolis, em tom de comemoração, pessoas batiam panelas nas janelas ou saiam buzinando de carro pelas ruas. Quem estava em frente ao tribunal erguia os punhos fechados para cima e gritava: “culpado”. O mesmo grito foi ecoado em outras grandes cidades pelo

⁴⁵⁷ National Guard troops are called to U.S. cities as the jury deliberates in the Chauvin trial, Andrés R. Martínez, The New York Times, 20 de abril de 2021.

⁴⁵⁸ Derek Chauvin is found guilty of murdering George Floyd, Tim Arango, Shaila Dewan, John Eligon e Nicolas Bogel-Burroughs, The New York Times, 20 de abril de 2020.

país afora.⁴⁵⁹ Se há um ano, a raiva e a indignação tomavam conta dos EUA; agora era a esperança e o sentimento de justiça que movia as pessoas a irem às ruas.

A história é repleta de reviravoltas e de personagens inusitados. Quem iria imaginar que, um homem, de 46 anos, desempregado, pai de cinco filhos, sem participar de qualquer causa ativista, sairia de casa em uma tarde para realizar uma compra em uma loja de conveniência qualquer e acabaria por se tornar um símbolo de uma revolução que clamava por justiça e igualdade racial. Se o dono da loja não tivesse suspeitado da nota em dinheiro; se quem atendesse o chamado da ocorrência fosse outro policial e se não houvesse testemunhas dispostas a confrontar, a filmar e a divulgar as imagens da barbárie que acontecia na calçada; bem provável que George Floyd passaria despercebido na história da humanidade. Porém, melhor do que um roteiro de filme de cinema, com cenas de tristeza e desamparo no começo, e com um *plot twist* de esperança e justiça no final, não há dúvidas de que a morte dele se tornou um marco na história dos Estados Unidos e do globo.

Não era um ponto fora da curva. Ao contrário, o corpo sem vida de Floyd estendido no chão da calçada, como visto no Capítulo 1, era o retrato do dia a dia vivido pelos negros nos EUA. Ao longo dos anos, boa parte da comunidade negra foi condicionada a viver de forma segregada da vida social do resto do país, isto é, foram obrigados, de certa maneira, a ocuparem as moradias precárias dos guetos; a frequentarem um sistema educacional deficiente; a serem marginalizados no mercado de trabalho (muitos não conseguiam empregos e quando conseguiam era para ocupar postos subalternos); a viverem sob as garras da violência (abordagem truculenta da polícia ou as guerras provocadas pelas facções criminosas que se instalavam nos guetos) e, por conta disso, diariamente eram mortos ou encarcerados; e ver a assistência social provinda dos órgãos públicos cada vez mais ficarem escassas. Em outras palavras, a promessa do *american dream*, onde qualquer um poderia ser bem-sucedido na Terra Prometida (os EUA) desde que trabalhasse duro para isso, era o verdadeiro pesadelo aos olhos dos afro-estadunidenses. O pesadelo se tornou ainda mais assustador, por assim dizer, quando o líder da extrema-direita, Donald Trump, chegou ao poder carregando consigo uma agenda política reacionária e um discurso

⁴⁵⁹ 'We Matter': A moment of catharsis after the Derek Chauvin verdict, Shaila Dewan e Julie Bosman, The New York Times, 20 de abril de 2021.

de ódio voltado às minorias sociais, sobretudo aos negros, culpados, na visão de Trump, pelas mazelas da nação. Para piorar, somado a isso tudo, veio a pandemia da COVID-19 que acarretou em uma enorme crise sanitária e econômica em escala global. Por conseguinte, os afro-estadunidenses, sob uma perspectiva ampla, eram os primeiros da fila a perderem os empregos, a serem contaminados e, conseqüentemente, mortos em razão do vírus. Diante desse cenário todo, não era de se surpreender que a raiva e a indignação da comunidade negra transbordassem ao ver um de seus filhos implorando em vão pela sua vida enquanto era assassinado sem piedade pelo aparato repressivo do Estado.

A morte de Floyd foi o estopim de uma revolta. Só que dessa vez, não eram só os negros que se revoltavam. Por dias, sob o risco do contágio do coronavírus e retomando as forças proposta pelo Movimento dos Direitos Civis dos anos de 1960, multidões, compostas por negros, brancos, homens, mulheres e crianças, marchavam pelas ruas de peito aberto pedindo o fim da repressão policial e do racismo. Em termos mais poéticos, os punhos fechados se erguiam novamente para o céu e a bandeira da causa negra defendida por Martin Luther King voltava a tremular com força nos mastros. Minneapolis, o começo de tudo e uma cidade acostumada a ficar distante dos holofotes, se transformava no principal palco de um levante antirracista que viajou para além das fronteiras estadunidenses e chegou em outros países: França, Inglaterra, Japão, Quênia, Austrália, dentre outras tantas nações espalhadas pelo mundo, viram seus povos clamarem por uma sociedade racialmente mais justa.

O levante antirracista não apenas viajou pelo globo, como também adentrou o universo do esporte. No Capítulo 2, vimos que os atletas entraram de corpo e alma na luta contra o racismo. Eles perceberam que não bastava impulsionar *hashtags* nas mídias sociais, era preciso agir. Assim sendo, esportistas, das mais diversas modalidades, se juntaram às multidões nas passeatas para lutar contra o preconceito racial. Não apenas nas ruas, mas passos importantes foram dados dentro das quadras e dos campos. Os jogadores, confrontando os dirigentes das ligas, em forma de protesto, se ajoelhavam durante a execução do hino nacional estadunidense e, quando mais um negro foi morto pelas mãos das forças policiais, rapidamente paralisaram os jogos. Mais do que isso, de maneira inédita, as arenas esportivas, cumprindo uma demanda dos atletas, foram transformadas em locais de votação.

Logo, no acirrado pleito presidencial de 2020, essa iniciativa dos jogadores foi de suma importância para que o democrata Joe Biden - que por mais que tenha as suas falhas, representava o lado progressista - vencesse, em uma disputa apertada, o republicano ultraconservador Donald Trump.

No automobilismo, mais precisamente na Fórmula 1 (F1) e na Nascar, vimos o racismo se mascarar com o discurso da meritocracia e do nacionalismo. Em um esporte altamente elitista, Hamilton teve que superar as barreiras raciais colocadas pelos dirigentes e outras figuras de destaque da F1 para promover políticas de ações afirmativas que visavam que mais afrodescendentes adentrassem e alcançassem postos elevados dentro do referido esporte. Bubba Wallace, por sua vez, travou de peito aberto uma batalha contra uma tradição secular sulista estadunidense que insistia em exibir símbolos confederados de cunho discriminatório. Graças à sua coragem e aos seus esforços, o piloto conseguiu banir os emblemas dos Estados Confederados das pistas da Nascar e possibilitou que mais membros de grupos sociais minoritários, principalmente os negros que antes, em sua grande maioria, se sentiam inibidos de irem por conta da ostentação dos símbolos racistas, agora pudessem frequentar as pistas.

Já o esporte mais popular do mundo: o futebol, não poderia ficar alheio à luta antirracista. A escalada de intimidações e ataques preconceituosos contra os jogadores negros nas redes sociais, especialmente quando estes erravam em lances capitais da partida, e a inação de dirigentes para combater esse tipo de crime era assombroso. Não demoraria muito para que o racismo entrasse em campo. O episódio mais emblemático ocorreu na disputa da Champions League, na França, entre o time da casa Paris Saint-Germain (PSG) e a equipe turca Istanbul Basaksehir, quando o quarto árbitro foi acusado de se dirigir de forma discriminatória ao ex-jogador e então assistente técnico do Istanbul, Pierre Achille Webó Kouamo. De forma inusitada, os atletas de ambos os clubes abandonaram o jogo em protesto. Enquanto os poderosos que comandavam o futebol, para justificar a sua falta de combate, afirmavam que o racismo era um problema da sociedade e não do esporte, e que, portanto, não poderiam fazer muita coisa a respeito, dentro de campo, os jogadores provavam o contrário.

Por fim, depois de percorrermos o mundo, chegamos ao Brasil. No Capítulo 3, analisamos o cenário brasileiro e os protestos contra a discriminação racial que emergiram após a repercussão do caso George Floyd. O País, assim como os EUA, era assolado brutalmente pela pandemia da COVID-19. Os números de contágio e mortes provocadas pelo vírus encontravam-se fora de controle, fruto de campanhas nefastas anti-máscaras e anti-vacinas defendidas pelo então governo de extrema-direita chefiado por Jair Bolsonaro. Acrescentando a isso, a cúpula bolsonarista ainda flertava com a ideia de um golpe militar e pregava a violência policial, com o slogan “bandido bom é bandido morto”. Desse modo, as forças de segurança brasileira - que, verdade seja dita, já matavam em grande escala antes do ex-militar assumir o poder - se tornaram uma espécie de máquina de assassinato, cujo alvo preferencial era os negros. Além das balas cuspidas pelos revólveres dos policiais, por trás da cortina de fumaça dos discursos da meritocracia e da falsa democracia racial, a comunidade negra também era alvejada pela política de desmantelamento de programas sociais. Era preciso reagir. Ao contrário do que ocorreu em outros países, no Brasil, devido ao contexto político em que um golpe militar emergia no horizonte, a pauta principal dos protestos foram a manutenção da democracia e, posteriormente, a causa antirracista foi incorporada. Entretanto, devemos salientar novamente que democracia e a luta contra o racismo são complementares. Nas palavras da ministra do Ministério da Igualdade Racial do governo democrático eleito em 2022, Anielle Francisco da Silva, mais conhecida como Anielle Franco, irmã da vereadora carioca, Marielle Francisco da Silva, popularmente conhecida como Marielle Franco, assassinada em 2018, “combater o racismo e o fascismo parte – também – da luta por justiça, reparação e democracia”.⁴⁶⁰ Logo, não existe democracia sem igualdade racial e vice-versa. Além disso, nas manifestações ocorridas no País, um ponto peculiar chamava a atenção. No primeiro momento, quem encontrava-se na linha de frente dos atos eram coletivos antifascistas de torcedores e setores progressistas das torcidas organizadas dos times de futebol. Mais do que nunca, não obstante ainda a resistência de alguns formadores de opinião em admiti-lo, o esporte e a política andavam lado a lado. Assim sendo, atletas das mais diversas modalidades, incluindo

⁴⁶⁰ Leia a íntegra o discurso da ministra Anielle Franco, Portal Uol, 11 de janeiro de 2023. Disponível no link a seguir: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/11/leia-integra-discurso-ministra-anielle-franco.htm>.

o universo do *eSports*, ou seja, dos jogos eletrônicos, que normalmente fica alheio às questões sociais, passaram a se posicionar firmemente em prol da causa negra.

O futebol brasileiro também vestiu a camisa e entrou em campo contra o preconceito racial. Historicamente, assim como no resto da sociedade brasileira, o racismo pautou a hierarquia do esporte bretão. Em campo, nas funções em que a liderança era primordial, majoritariamente os brancos as ocupavam e, em contrapartida, naquelas em que se exigia a força física eram delegadas aos negros. Fora das quatro linhas, a mesma situação se seguia. No principal torneio do País, o Campeonato Brasileiro, eram poucos os times que concediam oportunidades aos treinadores negros que, por sua vez, tinham que provar a cada partida que eram capazes de comandar suas equipes. Entretanto, jogadores e técnicos que encontravam-se do lado democrático e antirracista, passaram a erguer as suas vozes contra as injustiças raciais. Além do mais, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, em parceria com clubes e entidades futebolísticas, lançou campanhas, como por exemplo, a #PoderiaSerEu, para promover a causa negra. De fato, essas vozes e campanhas se faziam mais do que necessário, pois uma contracorrente racista, autorizada, de certo modo, pela postura de Bolsonaro, ainda se fazia presente nos estádios. Atletas de elite, jogadores das categorias de base, árbitros e treinadores passaram a ser alvo do discurso de ódio propagado pela extrema-direita e, na maioria das vezes, esses ataques não recebiam qualquer tipo de punição. Estava na hora de dar um basta nessa situação. A regra do jogo precisava ser mudada: o respeito deveria imperar e os racistas deveriam ser expulsos.

Punhos fechados e erguidos para cima, pois a luta contínua. Segundo Michel Wieviorka, “o racismo pertence ao presente da humanidade, e não somente ao seu passado” (1998,p.11). De fato, nas palavras da ministra, Anielle Franco,

(...) após quase quatrocentos anos de escravidão negra, e 133 anos de uma abolição que nunca foi concluída, a população brasileira ainda enfrenta múltiplas faces do racismo que gera condições desiguais de vida e de morte para pessoas negras e

*não negras no País. Isso não pode ser esquecido e nem colocado de lado.*⁴⁶¹

Por isso, não podemos parar de agir. Devemos criar e implementar fórmulas que sejam capazes de combater com eficácia o preconceito racial. Para a pesquisadora, Djamila Ribeiro, a melhor alternativa para enfrentar as desigualdades impostas pelo racismo é através de políticas públicas de ações afirmativas, tais como, investir na valorização da estética negra; ampliar o acesso da população negra a uma educação de qualidade; rechaçar o epistemicídio, ou seja, prestigiar a produção não-branca; aumentar o número de afrodescendentes nas redações dos jornais; e lutar contra a violência policial sobre a comunidade negra (2019,p.27/28/43/61/62/79/80/93/94). Além disso, a principal pauta da discussão não deveria ser sobre o posicionamento moral e individual das pessoas, mas sim as ações que elas tomam ou deixam de tomar para defrontar o racismo estrutural. Como constatado anteriormente, o preconceito racial é uma invenção dos brancos, portanto, a branquitude deveria reconhecer o seu lugar de privilégio. De acordo com Ribeiro, “não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação” (2019,p.13/14/35/36). Em outros termos, recorrendo aos pensamentos da ativista estadunidense, Angela Yvonne Davis, mais conhecida como Angela Davis, “numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.⁴⁶²

O embate hegemônico entre duas visões de mundo encontrava-se a todo vapor. Se sob uma perspectiva, o lado progressista consolidava a sua luta contra o racismo; sob outra perspectiva, a extrema-direita, ao longo do tempo, vem conquistando os corações e as mentes de uma parcela significativa da população mundial. Movimentos ultraconservadores, como por exemplo, o Brexit no Reino Unido, ou simbolizados nas figuras de Donald Trump nos EUA, Viktor Orbán na Hungria, Jair Bolsonaro no Brasil e Marine Le Pen na França, chegaram ao poder com discursos de ódio contra minorias sociais e imigrantes (destes, Le Pen foi a única

⁴⁶¹ Leia a íntegra o discurso da ministra Anielle Franco, Portal Uol, 11 de janeiro de 2023. Disponível no link a seguir: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/11/leia-integra-discurso-ministra-anielle-franco.htm>.

⁴⁶² Frase disponível no link a seguir: <https://www.sintrajusc.org.br/20-de-novembro-dia-da-conscincia-negra/>.

a não ganhar a eleição, no entanto, ela chegou duas vezes em segundo lugar e é inegável dizer que hoje ela carrega consigo um número expressivo de seguidores). Sendo assim, mais do que nunca, é imprescindível que o discurso antirracista seja transformado em ações. O esporte, por mais que – assim como as demais esferas da sociedade – ainda apresente problemas relacionados ao preconceito racial, através da mobilização dos jogadores que alcançaram conquistas relevantes com as suas campanhas, se provou ser uma peça-chave na luta contra a discriminação racial.

Sim, sem dúvidas, graças aos atletas e ao clamor popular vindo das marchas antirracistas espalhadas pelo mundo, a causa negra avançou nesses anos. Entretanto, a luta antirracista não poderia abandonar as ruas, quadras e campos, pois o destino reservaria novos embates com a extrema-direita. Nas palavras do ex-goleiro, Mario Lucio Duarte Costa, conhecido popularmente pelo apelido de Aranha (apesar de falar especificamente sobre o futebol seu argumento pode ser transportado para outras áreas),

(...) os tempos são outros e, por vezes, acreditamos que tanto um quanto o outro [preconceito e racismo] abandonaram as quatro linhas do campo de futebol, mas, aqui e ali, somos apresentados aos dois, que resistem teimosamente nas multidões barulhentas das arquibancadas (...) (2021,p.107).

Aranha, aliás, falava com propriedade. Em 2014, quando defendia as cores do time do Santos, durante um jogo em Porto Alegre contra o Grêmio, o ex-goleiro foi alvo de xingamentos racistas. Movido pelo sentimento de revolta, ele parou o jogo e cobrou que o árbitro tomasse uma atitude a respeito das agressões verbais sofridas da torcida adversária. Posteriormente, nos tribunais esportivos, o Grêmio foi eliminado de forma sumária da competição. Mais do que a punição à equipe porto-alegrense, contudo, Aranha havia jogado luz sobre o problema racial que o País sofria (COSTA,2021,p.109/110). O ex-goleiro estava coberto de razão. Passados anos de seu episódio, pegando as suas palavras emprestadas, o racismo teimosamente insistia em dar as caras, tanto dentro como fora do Brasil. Começemos com os casos de fora. Em 2022, ao longo de toda a principal competição de clubes da América

Latina, a Taça Libertadores, atos de discriminação racial, cujos alvos preferências eram os brasileiros, foram acontecendo em praticamente toda rodada. Na Argentina, a título de ilustração, um torcedor do River Plate atirou bananas à torcida do Fortaleza e todas que estavam à sua volta riram. No Equador, no jogo entre Emelec e Palmeiras, os palmeirenses que estavam na arquibancada foram chamados de macacos pelos equatorianos. A mesma cena se repetiria no Chile com os flamenguistas em duelo disputado contra a Universidad Católica.⁴⁶³ Dentro dos estádios brasileiros, o ódio aos afrodescendentes também era visto. Na cidade de Bragança Paulista (interior de São Paulo), torcedores do time argentino Estudantes imitaram macacos para provocar os que apoiavam o Red Bull Bragantino. E no estádio do Corinthians, a Neo Química Arena, na capital paulistana, a mesma coisa acontecia: torcedores do Boca Juniors faziam gestos de macacos aos corintianos.⁴⁶⁴

Há quem se engane, contudo, que eram apenas os vizinhos latino-americanos que cometiam atos preconceituosos. Pelas lentes das câmeras dos celulares, brasileiros eram flagrados fazendo gestos discriminatórios. No jogo entre São Paulo e Fluminense, pelo campeonato brasileiro de 2022, disputado no Morumbi, por exemplo, torcedores são-paulinos foram filmados imitando macacos em direção à torcida do tricolor carioca.⁴⁶⁵ Posteriormente, no estádio da Arena da Baixada, na cidade de Curitiba, capital do Paraná, foi a vez dos são-paulinos serem os alvos. Uma torcedora do Athletico-PR foi vista imitando um macaco e, segundo relatos de alguns torcedores, bananas foram atiradas no setor visitante.⁴⁶⁶ No ano anterior, em 2021, na final da Copa do Brasil contra o Atlético-MG, torcedores do Furacão (como é conhecido o Athletico-PR) já haviam sido denunciados por cometerem gestos racistas similares em direção à torcida rival.⁴⁶⁷

⁴⁶³ Libertadores racista das Américas, Rodrigo Mattos, Portal Uol, 29 de abril de 2022. Disponível no link a seguir: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2022/04/29/libertadores-racistas-das-americas.htm>.

⁴⁶⁴ Libertadores racista das Américas, Rodrigo Mattos, Portal Uol, 29 de abril de 2022. Disponível no link a seguir: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2022/04/29/libertadores-racistas-das-americas.htm>.

⁴⁶⁵ Novo vídeo mostra outro torcedor em gesto racista durante São Paulo x Fluminense, GloboEsporte.com, 18 de julho de 2022.

⁴⁶⁶ Gesto racista de torcedora do Athletico-PR deve gerar punições ao clube, por Gabriel Coccetronbe, Portal Uol, 1 de agosto de 2022. Disponível no link a seguir: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2022/08/01/gesto-racista-de-torcedora-do-athletico-pr-deve-gerar-punicoes-ao-clube.htm>.

⁴⁶⁷ Torcedores do Athletico protagonizam atos de racismo na Arena da Baixada na final da Copa do Brasil; veja vídeos, por Letícia Paris, Alexandre Senechal e Guilherme Moreira, GloboEsporte.com, 16 de dezembro de 2021. Disponível no link a seguir: <https://ge.globo.com/pr/futebol/times/athletico->

Das arquibancadas ao gramado. Na disputa entre Internacional e Corinthians, valida também pelo Campeonato Brasileiro de 2022, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o então volante da equipe gaúcha, Edenílson Andrade dos Santos, conhecido popularmente apenas pelo seu primeiro nome, acusou o então lateral do alvinegro paulista, Rafael Antônio Figueiredo Ramos, mais conhecido como Rafael Ramos, de ter lhe chamado de “macaco” durante a partida. Mais tarde, o caso foi levado ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) e o lateral foi absolvido por unanimidade.⁴⁶⁸

O episódio mais assustador, no entanto, aconteceria na Espanha. O então jovem atacante brasileiro do Real Madrid, Vinicius José Paixão de Oliveira Júnior, popularmente conhecido como Vinicius Júnior ou Vini Júnior, encontrava-se no centro da mira da fúria dos racistas. Tudo começou no programa esportivo espanhol “El Chiringuito de Jugones”, da TV Mega. O empresário e convidado do programa, Pedro Bravo, ao comentar sobre as danças de Vini Júnior nas celebrações de seus gols - maneira tradicional de comemoração de muitos brasileiros - afirmou que o jogador deveria respeitar os adversários e “deixar de fazer macaquice”:

*Você tem que respeitar o adversário. Quando você faz um gol, se quer dançar, que vá ao sambódromo no Brasil. Aqui [na Espanha] o que você tem que fazer é respeitar os companheiros de profissão, e deixar de fazer macaquice.*⁴⁶⁹

A partir daí iniciou-se uma escalada de investidas preconceituosas contra o atacante. No clássico madrileno entre Atlético de Madrid e Real Madrid, válido pelo Campeonato Espanhol de 2022, torcedores “colchoneros” (como é conhecido o Atlético de Madrid) se reuniram em uma das entradas do estádio Metropolitano e

pr/noticia/torcedores-do-athletico-protagonizam-atos-de-racismo-na-arena-da-baixada-na-final-da-copa-do-brasil-veja-videos.ghtml.

⁴⁶⁸ Rafael Ramos, do Corinthians, celebra absolvição no STJD em caso com Edenilson: “aliviado”, GloboEsporte.com, 13 de setembro de 2022.

⁴⁶⁹ Vinicius Junior é alvo de fala racista em programa de TV esportiva na Espanha, por Léo Lopes, cnnbrasil, 11 de setembro de 2022. Disponível no link a seguir: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/vinicius-jr-e-alvo-de-fala-racista-em-programa-de-tv-esportivo-na-espanha/>.

entoaram cânticos racistas contra Vini Júnior.⁴⁷⁰ Meses depois, também pelo Campeonato Espanhol, foi a vez da torcida do Valladolid dirigir ataques discriminatórios contra ele, chamando-o inclusive de “negro de merda” e “macaco”.⁴⁷¹ O pior, no entanto, estava por vir. Em 2023, novamente a torcida do Atlético de Madrid protagonizou uma cena de ódio. Antes da partida contra o Real Madrid, válido desta vez pela Copa do Rei, em uma das pontes da capital espanhola, eles penduraram um boneco vestido com a camisa de Vini Junior e com uma corda amarrada pelo pescoço para simular um enforcamento, modo pelo qual vários negros foram assassinados durante os tempos de escravidão. Além disso, estenderam nas grades da ponte uma faixa com os dizeres “Madrid odeia o Real”.⁴⁷²

Esta, todavia, não era a primeira vez que um boneco negro era enforcado no universo do futebol. No dia 28 de abril de 1996, na curva Sul do estádio Bentegodi, na cidade de Verona, na Itália, ultras (como os torcedores organizados são chamados na Itália) do Hellas Verona, durante o clássico contra o Chievo Verona, para protestar contra a possível contratação do então atacante holandês, Maickel Ferrier, – que seria o primeiro afrodescendente a jogar no time – amarraram uma corda no pescoço de um boneco de pano de cor preta vestido com a camisa da equipe e que trazia a seguinte mensagem em inglês: “*negro go away*” (“preto vai embora”). Para completar a dramaticidade da cena teatral aterrorizante protagonizada na arquibancada, dois torcedores ainda estavam caracterizados com os típicos trajes brancos usados pelo grupo supremacista estadunidense da Ku Klux Klan. Como consequência da manifestação dos ultras do Hellas Verona, a diretoria do clube desistiu da contratação de Ferrier.⁴⁷³

⁴⁷⁰ Atlético de Madrid condena racismo da torcida contra Vinicius Júnior, GloboEsporte.com, 20 de setembro de 2022. Disponível no link a seguir: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/09/20/atletico-de-madrid-condena-racismo-da-torcida-contravini-junior.ghtml>.

⁴⁷¹ Vinicius Júnior sofre insultos racistas e condena LaLiga: “Segue sem fazer nada”, GloboEsporte.com, 31 de dezembro de 2022. Disponível no link a seguir: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/12/31/vini-junior-sofre-insultos-racistas-em-valladolid-x-real-madrid-veja.ghtml>.

⁴⁷² Torcida do Atlético de Madrid simula enforcamento de Vini Junior, GloboEsporte.com, 26 de janeiro de 2023. Disponível no link a seguir: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/01/26/torcida-do-atletico-de-madrid-simula-enforcamento-de-vini-jr-antes-de-classico-com-real-madrid.ghtml>.

⁴⁷³ FLORENZANO, José Paulo. Artigo: A Babel do Futebol: Atletas interculturais e torcedores ultras; publicano na Revista de História, nº163, p.149/174, 2010.

Voltando para o contexto da década de 2020. Os episódios descritos acima demonstram que não se tratava mais da tradicional provocação futebolística entre adversários. O futebol estava sendo utilizado como ferramenta para que nacionalistas e supremacistas pudessem destilar o seu ódio pela sociedade. Nos casos da Taça Libertadores, os torcedores argentinos, por exemplo, poderiam muito bem terem optado pela velha troca de farpas entre quem é melhor, Maradona ou Pelé, Messi ou Neymar, ou então, simplesmente se gabarem por conquistarem mais a referida taça sul-americana do que os times brasileiros. Entretanto, eles escolheram o caminho do crime e, para agravar ainda mais a situação, se sentiam imunes a qualquer tipo de punição. Para se ter uma ideia, mesmo quando foi preso por imitar um macaco em direção aos corintianos, um dos torcedores do Boca Juniors, depois de pagar a fiança e voltar ao seu país de origem, ironizou a sua detenção nas redes sociais.⁴⁷⁴

Claramente, somente notas protocolares de repúdio se mostravam cada vez mais insuficientes para impedir o avanço do ódio no futebol e no esporte de modo geral. É preciso implementar campanhas antirracistas eficazes nas arenas esportivas e punições severas aos indivíduos flagrados cometendo atos preconceituosos. Doravante, o movimento de atletas contra o racismo tem que se fazer presente e o seu principal desafio é não deixar arrefecer a iniciativa com o tempo, pois, sem sombras de dúvidas, a um risco cada vez maior que ideologias nacionalistas e supremacistas voltem a liderar e, conseqüentemente, nos guiem para um retrocesso social. E isso não vale apenas para o Brasil ou a América Latina, mas sim para o mundo todo.

A luta contra o racismo continúa. A nossa pesquisa, contudo, se encerra por aqui. Para finalizá-la, destacaremos a seguir as sábias palavras da filha de George Floyd, Gianna Floyd, então com apenas 6 anos de idade, que, em cima dos ombros do ex-jogador de basquete e amigo da família, Stephen Jackson, disse: “O papai mudou o mundo”.⁴⁷⁵ Sim Gianna, seu pai mudou o mundo. E mudou para melhor.

⁴⁷⁴ Libertadores racista das Américas, Rodrigo Mattos, Portal Uol, 29 de abril de 2022. Disponível no link a seguir: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2022/04/29/libertadores-racistas-das-americas.htm>.

⁴⁷⁵ “O papai mudou o mundo”, diz filha de George Floyd, Carta Capital, 3 de junho de 2020.

Bibliografia

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. ed. São Paulo: Feminismos Plurais, 2019.
- ARANHA, Mario. *Brasil Tumbeiro*. ed. Campinas, São Paulo: Mostarda Editora, 2021.
- CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. 2ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol II O poder da identidade*. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHAIA, Vera; COELHO, Cláudio; CARVALHO, Rodrigo de. *Política e Mídia: estudo sobre a democracia e os meios de comunicação no Brasil*. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2015.
- COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. ed. São Paulo: Musa, 2000.
- FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. ed. São Paulo: Educ FAPESP, 2009.
- GORN, Elliott J. *Muhammad Ali the people's champ*. ed. Illinois, Estados Unidos: The University of Illinois Press, 1995.
- HARTMANN, Douglas. *Race, culture, and the revolt of the black athlete: the 1968 olympic protests and their aftermath*. ed. Chicago, Estados Unidos: The University of Chicago Press and London, 2003.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. ed. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.
- KEYSSAR, Alexander. *O direito de voto: a controversa história da democracia nos Estados Unidos*. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- MELO, Carlos; MENDES, Conrado Hüber; LOUZANO, Paula; MORICONI, Gabriela; QUINALHA, Renan; REIS, Daniel Aarão; SALLES, João Moreira; SOLANO, Esther; SPEKTOR, Matias; STARLING, Heloisa M.; SINGER, André; VENTURI, Gustavo.

Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MILLER, Patrick B.; WIGGINS, David K. *Sport and the color line: Black athlete and race relations in twentieth century America.* ed. Nova York, Estados Unidos: Routledge, 2003.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo.* ed São Paulo: Feminismos Plurais, 2019.

PINTO, Ricardo. *História, conceitos e futebol: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889-1912).* ed. Curitiba: Appris, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista.* ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Entre “rivals”: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924).* ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica.* ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

TAYLOR, keeanga-Yamahtta. *#Vidas negras importam e libertação negra.* ed. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

TONINI, Marcel Diego. *Dentro e fora de outros gramados: historias orais de futebolistas brasileiros negros no continente europeu,* 2016. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VIEIRA, José Jairo. *As relações étnico-raciais e o futebol do Rio de Janeiro: mitos, discriminação e mobilidade social.* ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto.* ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução.* ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.